UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROSANGELA MEDEIRO DA SILVA

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PEDAGOGAS NO INTERIOR DE MATO GROSSO

CÁCERES-MT

2025

ROSANGELA MEDEIRO DA SILVA

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PEDAGOGAS NO INTERIOR DE MATO GROSSO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora professora Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk

CÁCERES-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

S586t Silva, Rosangela Medeiro da.
Trajetórias de professoras pedagogas aposnetadas: Relatos autobiográficos de professoras pedagogas aposentadas. / Rosangela Medeiro da Silva. - Cáceres, 2025.
194f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Educação/CAC-PPGEDU - Cáceres - Mestrado Academico, Universidade Do Estado De Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado".
Orientador: Rosane Duarte Rosa Seluchinesk.

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Mulheres. I. Seluchinesk, Rosane Duarte Rosa. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 371.13

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 31 dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco, às 08 horas, realizou-se por meio de videoconferência do Mestrado em Educação/UNEMAT, no link: https://meet.google.com/xnt-btgm-sgm?authuser=0, a banca de Apresentação Pública de Dissertação de Mestrado do(a) mestrando(a) **ROSANGELA MEDEIRO DA SILVA** intitulada: **"TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PEDAGOGAS NO INTERIOR DE MATO GROSSO"**. *A Banca examinadora foi constituída pela Prof(a). Dr(a). Rosane Duarte Rosa Seluchinesk (Orientadora), pelo Prof. Dr. Nivaldo Alexandre de Freitas (Avaliador Externo), pela Profa. Dra. Ângela Rita Christofolo de Mello (Avaliador(a) Interno(a), pelo Prof. Dr. Adriano Batista Castorino (Suplente Externo(a)* e Prof. Dr. *Jairo Luís Fleck Falcão (Suplente Interno(a).* Após apresentação do(a) discente e arguição dos membros da banca o trabalho foi considerado **APROVADO**, devendo a mestranda proceder às adequações recomendadas pela banca. Ao final foi lavrada a presente ata, que segue assinada por mim, Prof(a). Dr(a). *Rosane Duarte Rosa Seluchinesk* e pelos demais membros da banca examinadora.

Observações da Banca Examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSANE DUARTE ROSA SELUCHINESK
Data: 04/04/2025 11:47:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof(a). Dr(a). Rosane Duarte Rosa Seluchinesk
Orientador(a)
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

gov.br Documento assinado digitalmente
NIVALDO ALEXANDRE DE FREITAS
Data: 01/04/2025 21:58:58-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. Nivaldo Alexandre de Freitas
Avaliador Externo
Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANGELA RITA CHRISTOFOLO DE MELLO
Data: 01/04/2025 22:08:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Profa. Dra. Ângela Rita Christofolo de Mello
Avaliador(a) Interno(a)
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Documento assinado digitalmente
gov.br
ADRIANO BATISTA CASTORINO
Data: 04/04/2025 20:37:46-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. Adriano Batista Castorino
Avaliador(a) Externo(a)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Documento assinado digitalmente
gov.br
JAIRO LUIS FLECK FALCAO
Data: 10/04/2025 00:22:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. *Jairo Luís Fleck Falcão*
Avaliador(a) Interno(a)
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

ROSANGELA MEDEIRO DA SILVA

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PEDAGOGAS NO INTERIOR DE MATO GROSSO

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

_____

Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk (Orientador – PPGEdu/UNEMAT)

_____

Dr. Nivaldo Alexandre de Freitas – (Membro Externo PPGEdu/UFR)

_____

Dra. Angela Rita Christofolo de Mello (Membro Interno – PPGEdu/UNEMAT)

APROVADA EM: ____/____/_____.

Dedico esta dissertação, aos meus pais Joel e Aparecida, por estarem sempre ao meu lado me dando forças para continuar.

Dedico ao meu amado esposo Robson, pelas palavras de conforto e consolo nos momentos de dificuldades. Aos meus irmãos Regiane e Robson, pelo incentivo. A minha cunhada Denise, por me ouvir e acalentar. Sem o apoio de vocês, nada disso seria possível. Amo vocês!

AGRADEÇO

Primeiramente à Deus, fonte de toda força e sabedoria, por ser meu amparo necessário nos momentos de aflição. A cada obstáculo enfrentado, sentia-me mais forte ao clamar por sua ajuda.

Aos meus pais, minha eterna gratidão por estarem ao meu lado em todos os momentos, vocês foram minha principal motivação para continuar.

Ao meu esposo, por me incentivar e compreender minha ausência. Sua paciência e amor foram fundamentais para que pudesse concluir esta etapa.

A minha amiga Gisele, expresso minha eterna gratidão, por ter me incentivado a pleitear a vaga de mestrado. Suas palavras de apoio e incentivo me deram força e o ânimo necessário para continuar.

À minha orientadora, Professora Doutora Rosane Duarte Rosa Seluchinesk, agradeço por sua orientação, suas palavras foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, sem você não conseguiria realizar meu sonho. Obrigada por acreditar em mim!

Aos membros da banca, Jairo Luiz Fleck, Nivaldo de Freitas e Ângela Rita pelas sugestões que contribuíram com a melhoria desta dissertação.

As amizades que fiz no decorrer do mestrado, especialmente, as amigas, Denise, Elda, Mirian e Rosemar. Agradeço imensamente pelo apoio emocional, e pelos momentos de descontração, que tornaram a jornada mais leve. Obrigada pela troca de experiência, pelas risadas e pela companhia. Os momentos que tivemos juntas no decorrer do curso será eternizado em minha memória.

Por fim, o meu muito obrigada a todos que estiveram comigo durante a construção deste trabalho, aqueles que citei os nomes e os demais que me apoiaram direta ou indiretamente. Sem o apoio de vocês, não seria possível.

Deixo neste trabalho, o meu muito obrigada!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o meu melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes”.

Martin Luther King

RESUMO

É inegável a importância do professor no contexto da educação brasileira, na perspectiva de um ator social essencial para o desenvolvimento do país. Além de realizar a mediação do conhecimento, formar para a cidadania, contribuir com a questão relativa à inclusão e diversidade com foco no desenvolvimento pessoal e social para que haja a transformação social, a ação docente auxilia no processo de transformação de vidas. Diante do exposto, a presente pesquisa teve por objetivo analisar como vivem as pedagogas aposentadas, quais foram os desafios enfrentados por elas no decorrer de suas trajetórias como profissionais docentes, envolvendo os processos de formação e atuação como professoras. A pesquisa foi realizada nos municípios de Lambari d'Oeste, Rio Branco e Salto do Céu, localizados a Sudoeste do Estado de Mato Grosso. Metodologicamente, trata-se de um estudo de cunho qualitativo descritivo via pesquisa bibliográfica mediatizada pelo materialismo histórico dialético e pela história de vida, cuja coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas. Como participantes da pesquisa foram escolhidas professoras pedagogas aposentadas que estivessem dispostas a falar sobre suas histórias de vida, suas atuações como docentes e no dado momento, como aposentadas. O embasamento teórico teve como referência Bosi (1994), Soares (2011), Freire (2017), entre outros autores que discutem as questões abordadas neste estudo. As narrativas das professoras demonstram que num primeiro momento, houve o alívio por terem conseguido alcançar um direito, o da aposentadoria, após um longo período de trabalho; aos poucos esse sentimento de alívio, foi sendo substituído por outros: a angústia do tempo livre após uma longa jornada de trabalho, a percepção de que a saúde já não era mais a mesma, a presença da solidão, tornou-se sua maior companhia, uma vez que seus filhos deixam o seio familiar em busca de oportunidades. Por fim, observamos que foi muito importante para as professoras rememorarem as suas trajetórias de vida e o processo pelo qual se tornaram docentes e vivenciaram à docência. Assim como é importante para a pesquisa em educação refletir sobre os enfrentamentos das mulheres que atuam na educação nos mais variados e distantes espaços escolares, também é importante refletir como vivem após a aposentadoria, mesmo porque, a maioria das professoras, hoje aposentadas, tiveram uma vida dedicada a educação.

Palavras-Chave: Educação, pedagogia, mulheres.

ABSTRACT

The importance of teachers in the context of Brazilian education is undeniable, from the perspective of a social actor essential for the country's development. In addition to mediating knowledge, training for citizenship, contributing to issues related to inclusion and diversity with a focus on personal and social development so that there may be social transformation, teaching helps in the process of transforming lives. In view of the above, this research aimed to understand how retired pedagogues live and what challenges they faced throughout their careers as teaching professionals, involving the processes of training and acting as teachers. The research was carried out in the municipalities of Lambari d'Oeste, Rio Branco and Salto do Céu, located in the southwest of the state of Mato Grosso. Methodologically, this is a descriptive qualitative study through bibliographic research mediated by dialectical historical materialism and life history, whose data collection was carried out through semi-structured interviews. Retired female teachers who were willing to talk about their life stories, their work as teachers and, at a given moment, as retirees were chosen as participants in the research. The theoretical basis was based on Bosi (1994), Soares (2011), Freire (2017), among other authors who discuss the issues addressed in this study. The narratives obtained demonstrate that at first, there was relief for having achieved a right, that of retirement, after a long period of work; little by little, this feeling of relief was replaced by others: the anguish of free time after a long workday, the perception that their health was no longer the same, and the presence of loneliness, which became their greatest companion, since their children left the family in search of opportunities. Finally, we observed that it was very important for the teachers to remember their life stories and the process by which they became and experienced teaching. Just as it is important for research in education to know the subjects who work in education in the most varied and distant school spaces, it is also important to know how they live after retirement, especially because most teachers, now retired, had a life dedicated to education.

Keywords: Education, pedagogy, women.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

ALN – Ação Libertadora Nacional

MIR – Ministério da Igualdade Racial

BTDC – Banco de Teses e Dissertações da Capes

R7 – Rede de TV Record

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produções gerais encontradas na Base de dados da Capes

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritores utilizados na pesquisa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **16**

2. O OFÍCIO DE PROFESSOR **24**

2.1 A Compreensão do Fenômeno 24

2.2 Ocupação e profissão: pensando o conceito de profissionalidade 25

2.3 A construção do(no) coletivo docente 27

2.4 A Razão de Ser e Estar Docente 30

3. MULHERES NA EDUCAÇÃO: AS RELAÇÕES DE PODER NAS DESIGUALDADES DE GÊNERO **31**

3.1 Colonialismo no Brasil e na América: As Mulheres e o Imaginário Social 31

3.2 Historicidade da inserção da mulher na educação infantil: O papel social da escola 35

3.3 A Representatividade da Mulher no interior de Mato Grosso 39

3.4 O protagonismo feminino no curso de licenciatura em pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso 52

4. CAMINHOS DA PESQUISA **57**

4.1 Memórias de uma Pedagoga/Pesquisadora 57

4.2. Procedimentos Metodológicos 63

4.3 Pesquisa científica no campo educacional: Balanço de Produção 68

4.4 Lócus da Pesquisa 75

4.4.1 Sujeitos da Pesquisa *76*

4.4.2 Categorias de Análises *77*

5. VIDAS DE PROFESSORA: LEMBRANÇAS DE PEDAGOGAS **80**

5.1 As Narrativas e suas Considerações Epistêmica 80

5.2 Histórias Narradas de Professoras Pedagogas aposentadas 83

5.2.1 Professora Primavera 84

5.2.2 Professora Girassol 87

5.2.3 Professora Amarílis 89

5.2.4 Professora Margarida 93

5.2.5 Professora Gérbera 96

5.2.6 Professora Perpétua 99

5.2.7 Professora Hortênsia 106

6. DESVELANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: MULHERES EM ATUAÇÃO 112

6.1 Práticas Pedagógicas Instituídas Pelas Professoras Pedagogas 154

CONSIDERAÇÕES FINAIS 173

REFERÊNCIAS 176

APÊNDICE 187

1. INTRODUÇÃO

A pedagogia tem desempenhado um papel de fundamental importância ao longo da história da sociedade, mediante o processo de ensino aprendizagem dos indivíduos desde o estágio inicial. Trata-se da materialização de uma das políticas públicas mais complexas, uma vez que:

> O processo de traduzir políticas em práticas é extremamente complexo; é uma alternação entre modalidades. A modalidade primária é textual, pois as políticas são escritas, enquanto que a prática é ação, inclui o fazer coisas. Assim, a pessoa que põe em prática as políticas tem que converter/transformar essas duas modalidades, entre a modalidade da palavra escrita e a da ação, e isto é algo difícil e desafiador de se fazer (Mainardes; Marcondes, 2009, p. 305).

Na perspectiva de uma ciência prática, voltada para aquisição do conhecimento, a pedagogia volta-se para a ação educativa, com o intuito de fomentar procedimentos metodológicos para melhoria da educação ao abordar uma multiplicidade de saberes que possibilitam o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

O conceito de política pública é entendido como "[...] um conjunto de decisões interligadas que são tomadas por um ator ou grupos de atores políticos, envolvendo a definição de objetivos e os meios para alcançá-los em um contexto específico" (Dunn, 1994, p. 70). Essa definição destaca que as políticas públicas consistem em opções coletivas interdependentes, ligadas às decisões dos governos e seus representantes em diversas áreas, como segurança, saúde, educação e assistência social. É evidente que, em qualquer uma dessas áreas, existem várias possibilidades de ações políticas associadas às iniciativas governamentais em andamento, as quais inevitavelmente envolvem conflitos e tensões entre diferentes grupos e atores sociais.

Para Minogue (s/d., p. 5), Políticas Públicas refere-se:

> “[...] o que governos fazem” envolve o todo da vida social, econômica e política, seja prática ou potencialmente. Políticas públicas são [...], não um campo estreito de investigação, embora analistas de políticas possam bem se concentrar apenas em áreas estreitas de todo o campo. Políticas públicas fazem coisas a economias e sociedades, de forma que, em última análise, qualquer teoria explicativa satisfatória de políticas públicas deve também explicar as inter-relações entre Estado, política, economia e sociedade.

É de fundamental importância reconhecermos que o Estado pode impactar significativamente a vida das pessoas, regulando e controlando seus destinos desde o nascimento até a morte por meio de agências governamentais. No entanto, a intervenção estatal não é um fenômeno recente. Já no século XIX, surgiram críticas na Inglaterra em relação ao

aumento da regulação do Estado moderno, que se destacou pelo caráter e pela extensão de sua atuação.

De acordo com a definição proposta por Hofling (2001), o Estado é composto por instituições que viabilizam a ação do governo, que, por sua vez, abrange um conjunto de programas e projetos. Esses elementos, fundamentados na sociedade em geral, delineiam a orientação política de um governo específico durante o período em que ele exerce suas funções.

Nesta direção, é possível compreender que as Políticas Públicas são entendidas como o "Estado em ação" (Gobert; Muller, 2007), ou seja, é o Estado implantando um projeto de governo mediante programas e ações voltadas para setores específicos da sociedade.

Nesse contexto, embora as políticas públicas sejam formuladas e organizadas no âmbito governamental, com base nas ações do Estado, sua efetividade e implementação ocorrem nas escolas e em outras instituições que adotam os programas educacionais. Essas instituições têm a responsabilidade de preparar os alunos para a leitura, a escrita, a inserção no mundo do trabalho e para que possam exercer seu papel na sociedade, desafiando a ordem social vigente e contribuindo para sua transformação.

Para que uma política pública educacional tenha resultados positivos, as instituições devem atuar de maneira eficiente como espaços responsáveis pela educação, tratando todos de forma equitativa e assegurando o acesso de diferentes grupos sociais. Isso é essencial para que esses grupos possam conquistar melhores condições de cidadania.

Ao analisarmos a trajetória da pedagogia, percebemos que a mesma é decorrida da educação informal perpassada de geração em geração no âmbito familiar e religioso, antes mesmo de se tornar um campo de estudo em ciências humanas, como conhecemos na atualidade. A pedagogia está presente nas diversas esferas sociais e é neste contexto, que a atuação do professor é primordial, pois possibilita a construção de conhecimentos para que os alunos desenvolvam suas capacidades físicas, mentais e sociais no espaço educativo.

Diante do exposto, as habilidades dos educandos são aprimoradas por meio da atuação do professor como mediador e facilitador da aprendizagem em sala de aula. A atuação do pedagogo tem como perspectiva ensinar o aluno de maneira dinâmica, para que não se torne um mero reprodutor de informações, mas desenvolva sua capacidade crítica e reflexiva em todas as esferas sociais. Para que o pedagogo alcance tais quesitos, o mesmo precisa se tornar um professor democrático. Sobre esta percepção, Freire (2017), destaca que:

> O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma das tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade

> metódica com que devem se "aproximar" dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a haver com o discurso "bancário" meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (Freire, 2017, p. 28).

Atuando de maneira ampla, o pedagogo se dedica continuamente à busca pelo conhecimento em diversas áreas do saber. Tal atuação se faz necessário para que haja transformação no cenário educacional, o professor precisa desenvolver no espaço educativo métodos de ensino inovadores, com autonomia suficiente para ajustar ou adequar o currículo para que se torne mais inclusivo e capaz de atender a especificidade de cada aluno. Mediante o ensino do pedagogo, os educandos adquirem habilidades cognitivas que contribuirão no desenvolvimento de suas aptidões, tornando-se indivíduos autônomos, criativos e capazes de contribuir na construção de uma sociedade melhor.

O tema da pesquisa é intitulado "Trajetórias de Professoras Aposentadas: Relatos Autobiográficos de Pedagogas no Interior de Mato Grosso", e foi instigado pela importância de conhecer o percurso desenvolvido por um grupo de professoras pedagogas desde os seus processos de formação até a condição de professoras aposentadas.

A relevância deste estudo se deve ao fato de que, ao considerarmos as histórias de vida, podemos identificar os desafios enfrentados por estas mulheres para se consolidarem como profissionais da educação no estado de Mato Grosso. As informações obtidas por meio da investigação levaram a reflexão sobre o que é ser professora num estado, onde de acordo com Seluchinesk (2015), impera uma cultura machista de homens que invisibilizam qualquer atividade feminina, sob a égide da exploração dos seus corpos e mentes, tal qual se pratica a exploração e degradação da natureza. Assim, este estudo possibilitou a escuta dos relatos de mulheres sobre suas próprias histórias. Elas puderam evidenciar um período em que a sociedade patriarcal limitou sua atuação profissional ao espaço da educação como sendo uma das únicas possibilidades de trabalho fora do ambiente doméstico, reforçando a segregação de gênero. As professoras pedagogas que participaram da investigação, ainda que limitadas ao espaço escolar, contribuíram com mudanças importantes mediante suas atuações nas escolas dos munícipios em que residem.

Ao analisarmos o processo histórico da inserção da mulher no curso de Licenciatura em Pedagogia, foi possível constatar que houveram muitos impactos ocasionados por este processo de inserção das mulheres no mundo de trabalho. Essas mulheres não apenas atuaram em sala

de aula, mas lideraram movimentos educacionais que orientaram o processo educativo, proporcionando mudanças significativas nas normas vigentes e promovendo a igualdade de oportunidades.

Além de conhecermos as práticas pedagógicas dessas profissionais da educação, foi possível compreendermos os impactos do período de transição das atividades educativas para a aposentadoria. Essa fase da vida, compreendida como o término de uma carreira, normalmente provoca uma sensação de que haverá um desaceleramento das atividades exercidas pela professora. E que após anos de trabalho, a professora irá descansar junto dos seus familiares. Entretanto, tal intento não tem sido a realidade de muitas professoras, que buscam outras formas de continuar na docência ou mesmo se tornam cuidadoras das crianças e idosos da própria família.

Além disso, muitos educadores alcançam a aposentadoria apresentando sérios problemas de saúde, tanto físico, como mentais, decorrentes de esgotamento psicológico gerado pela entrega absoluta a vida profissional e trabalho árduo durante anos de carreira profissional. Apesar da longa jornada de trabalho, na qual renunciam à sua saúde, dedicando parte de sua vida à educação, essas mulheres frequentemente não recebem o reconhecimento merecido por suas contribuições à educação.

Esta pesquisa não se limitou ao conhecimento das práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras em sala de aula, pois a escuta durante a entrevista, permitiu o acesso às vivências dessas mulheres e consequentemente de como elas entendem a sua condição de mulher, professora e aposentada. A fase da vida que estão vivenciando atualmente representa o início de uma nova jornada repleta de possibilidades para desenvolverem novas e ou velhas habilidades.

Assim, esta pesquisa, teve o propósito de contribuir com o reconhecimento dessas mulheres que são professoras, mas também tem outras atividades que denotam a importância das suas ações educativas para além da sala de aula. Ao narrar suas autobiografias, as professoras se permitiram acessar um mundo complexo do fazer e do ser professor, compreendendo o seu contexto cultural, econômico e ambiental.

O presente estudo tem como objetivo analisar através das histórias de vida, como essas educadoras influenciaram a sociedade onde viveram e vivem. Para tanto, partimos do seguinte problema de pesquisa: Quais práticas pedagógicas as professoras participantes desta pesquisa desenvolveram, qual a sua relevância para a aprendizagem dos alunos, quais os teóricos da educação utilizaram como embasamento para as suas práticas? Por fim, como essas professoras pedagogas aposentadas estão vivendo na atualidade?

Estudos como o de Monteiro (2007), têm se voltado para a busca, o resgate de biografias, histórias de vidas de pessoas que habitam e/ou habitaram os espaços das unidades escolares em todos os níveis, aqui, em particular, com professoras da educação básica, procurando o entendimento da forma pela qual impactaram, contribuíram, por meio do seu trabalho como professoras, uma atividade complexa, exigente, que vai muito além do ato de ministrar aulas para o crescimento social de suas comunidades. Nesta direção, se faz importante indagar: Como essas mulheres se organizaram após o evento da aposentadoria? Quais foram e ainda são os seus projetos pessoais e profissionais?

Embora a aposentadoria represente o término, o fim de uma carreira, é necessário explorar como essas educadoras formularam um novo capítulo em suas histórias de vida. A regra é que a vida de uma professora prossiga após a aposentadoria, mas de uma forma diferente em seu cotidiano, agora livre da obrigatoriedade de cumprir com todos os elementos que compõem o fazer pedagógico de uma professora.

A transição para a aposentadoria oferece oportunidades de explorar interesses pessoais, dedicar tempo à família e participar de atividades que antes eram limitadas pela exigência do compromisso pedagógico. Nesse contexto, é importante examinar como a identidade e o propósito dessas professoras evoluem, como elas continuam a contribuir para a sociedade e como suas experiências enriqueceram o entendimento sobre a prática pedagógica enquanto estavam atuando como professoras da educação básica. Diante do exposto, optamos pela história de vida, com base nos estudos sobre memórias ou lembranças do passado.

No cenário contemporâneo, houve um crescente aumento de memórias de vida em trabalhos acadêmicos, uma vez que o ato de recordar faz emergir lembranças do passado, como salienta Bosi (1994, p. 53). “A lembrança é a consciência do passado. O passado aflora a consciência em forma de lembrança”. Sobre este viés, almejamos analisar as memórias de vida com a perspectiva de resgatar narrativas de mulheres que constituíram os fundamentos da educação na sociedade.

> O narrador está presente ao lado do ouvinte, suas mãos experimentadas no trabalho fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados de sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria a vida humana (Bosi, 1994, p. 90).

No âmbito acadêmico, as narrativas se destacam em sua singularidade como um dos métodos de estudo que mais possibilitam a compreensão dos fenômenos que permeiam a sociedade, pois enriquecem a compreensão do mundo do indivíduo, delineando os diversos

aspectos que traçam seu percurso histórico dentro da esfera social. De acordo com Pereira (2015) as narrativas não são meras construções, pelo contrário, revelam as significações que cada indivíduo atribuiu a si mesmo. Cada pessoa constrói experiências de vida que consideram pertinentes sobre seu entorno, aqui em especial, no espaço educacional. Ouvimos mulheres que se dedicaram grandemente ao outro, não apenas no cuidar e educar, mas no avanço social por meio da sua participação na pesquisa científica.

Os educadores recontam sua trajetória de vida a partir de construções sociais de um determinado período, e suas falas revelam que as decisões e ações foram pautadas no contexto cultural em que estavam inseridos (Wittizorecki; Oliveira; Santos; Molina; (2006). As narrativas autobiográficas dessas professoras estão interligadas às perspectivas de mundo que marcaram o período em que exerceram sua prática pedagógica.

Em seus relatos, o ato de educar evidencia-se como o subsídio para o desenvolvimento da alteridade, em um contexto caracterizado por condutas patriarcais. Nas narrativas dessas mulheres, revelou-se a subjetividade das narradoras, cujas experiências nos interiorizam sobre o passado e nos direcionam ao futuro com a perspectiva de tornar o âmbito escolar um espaço democrático.

Neste sentido, ouvir as professoras pedagogas forneceu subsídios para a delimitação da pesquisa. Ao dar voz a essas educadoras, revelaram-se múltiplas facetas de sua experiência como mães, esposas, donas de casa, professoras, acima de tudo mulheres, que ao longo dos séculos enfrentaram o segregacionismo social.

Trata-se da história de mulheres trabalhadoras, história de mulheres que dedicaram sua vida ao ensino e cuidado com o outro, portanto, merece ser relatada, problematizada em conformidade com Michel de Certeau (1998). Ou ainda conforme Michelle Perrot (2007), dos excluídos da história, de mulheres cuja história é marcada pelo desenvolvimento da educação.

Essas mulheres não desistem de lutar por condições melhores de educação para a comunidade, para si e para suas filhas e filhos em busca de melhoria de qualidade de vida, bem como pela continuidade da história, da memória, de sua identidade e tradições, transmitidas de geração a geração, o que garante a permanência das pessoas e a continuidade da própria comunidade onde elas vivem.

No decorrer de todo o processo histórico da sociedade, as mulheres têm sido compreendidas como seres biologicamente subalternos aos homens, uma percepção de mundo arraigada à sociedade patriarcal que durante séculos, as excluiu dos espaços públicos, impedindo-as de receberem educação formal. As mulheres precisaram lutar arduamente para obterem seus direitos e serem reconhecidas como constituintes da sociedade atual.

Historicamente, o processo de industrialização no Brasil contribuiu significativamente com a inserção da mulher no mercado de trabalho, especificamente na educação básica, devido à falta de mão de obra qualificada e, por apresentarem características provenientes aos anseios maternos, tais como cuidar e educar. Neste sentido, Ferreira (1988), salienta que um dos fatores predominantes para que a mulher estivesse à mercê do predomínio patriarcal foram as suas características advindas da maternidade. Desta forma, ainda que a inserção da mulher como professora pedagoga tenha sido marcada pela tentativa de perpetuar o patriarcado, este foi o despontar para que pudessem desenvolver a sua alteridade em segmentos que não se restringem apenas ao trabalho doméstico.

Ao relatar o processo de formação, atuação e práticas pedagógicas as professoras ressignificaram suas vivências educacionais e o que estas promoveram em suas vidas. Durante as entrevistas eram visíveis os sentimentos provocados pelas recordações das lutas e desafios encontrados durante sua atuação profissional. Tendo em vista que nossa formação acadêmica é também o reflexo do trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras pedagogas, ouvi-las é com certeza mais uma possibilidade de aprendizado.

A pesquisa teve início pela análise bibliográfica, visando reunir embasamento teórico necessário, tendo como ponto de partida, a história de vida de professoras pedagogas aposentadas, considerando seu campo de trabalho e a forma como sua atuação se efetivou.

Nóvoa (2012), na obra intitulada “Vida de professores” ressalta a importância de compreender as experiências pedagógicas dos professores e a busca por sua formação acadêmica. Para o autor, o ato de ensinar é uma atividade complexa que demanda saberes necessários para que a aprendizagem do educando se concretize em sua totalidade.

A obra intitulada “Práticas de Pesquisa Autobiográfica: Letramentos, memórias e Narrativas”, Pereira (2015), reúne um emaranhado de resultados de um projeto de pesquisa. A autora aborda o método de pesquisa autobiográfico como metodologia para compreender e analisar as experiências pessoas. Nesse sentido, a memória e narrativas são analisadas pela autora como fundamentais no método autobiográfico.

Nosso estudo se ancora nas reflexões de Bosi (1994), no livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, no qual a renomada autora nos conduz por uma jornada pela relação entre memória e sociedade, explorando os saberes dos mais experientes.

Na efetivação da pesquisa, utilizamos o método de história de vida, na perspectiva da pesquisa qualitativa pautada nos fundamentos teóricos e abordagem metodológica do materialismo histórico e dialético, decolonialista. Realizamos entrevistas, que permitiram que as professoras pedagogas aposentadas que atuaram na rede municipal e/ou estadual nos

municípios de Lambari D'Oeste, Rio Branco e Salto do Céu, no interior do Estado de Mato Grosso narrassem suas autobiografias. Foram entrevistadas sete professoras que se enquadravam no tema proposto e, após a realização das entrevistas, efetivamos a categorização das informações geradas e analisamos.

A dissertação em tela foi dividida em cinco seções, além desta introdução que apresenta a pesquisa realizada com as narrativas de professoras pedagogas no interior do Estado de Mato Grosso. Na primeira seção apresentamos o ofício de professor, de forma a evidenciar à docência na perspectiva de uma profissão.

Na segunda seção, apresentamos as Mulheres na educação mediante as relações de poder nas desigualdades de gênero e discorremos sobre o colonialismo no Brasil América: As Mulheres e o Imaginário Social, a historicidade da inserção da mulher na educação infantil: o papel social da escola, a representatividade das Mulheres no interior do Estado de Mato Grosso e o protagonismo feminino no curso de licenciatura em pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso

Na terceira seção explanamos o caminho da pesquisa, procedimentos metodológicos, balanço de produção e importância das memórias de vida no curso de formação acadêmica.

Na quarta seção evidenciamos a vida de professoras por meio das lembranças das pedagogas aposentadas via narrativas e suas Contribuições Epistêmicas e das histórias narradas de professoras pedagogas aposentadas.

Na quinta seção desvelamos as práticas pedagógicas mediante mulheres em atuação via práticas pedagógicas instituídas pelas professoras de forma a apresentar a aposentadoria e suas Nuances, sobre o processo de profissionalização docente.

Por fim, apresentamos as considerações finais do para este estudo, na expectativa de poder contribuir com a temática relativas à história de vida de professora pedagogas no estado de Mato Grosso.

2. O OFÍCIO DE PROFESSOR

Nesta sessão objetivamos refletir sobre as articulações que constituem a profissionalidade docente. Para fazê-lo, discutimos a legitimidade da ocupação de ensinar como profissão, bem como o quanto a ausência do espaço coletivo torna essa ocupação frágil para constituir elementos que deem suporte para sua consideração como tal. As reflexões apontam que se estabeleceu uma distinção dos docentes em categorias que, além de promover uma diferenciação de direitos, ajuda a tornar mais difícil a legitimidade da profissionalidade docente, a ser construída em torno de uma coletividade.

Olhar para a docência como uma profissão requer que pensemos em alguns elementos que determinaram, ao longo do tempo, que algumas ocupações fossem consideradas como profissões, são eles: a expertise (treinamento e prática necessários à ocupação), o credencialismo (indicações dadas pelos próprios pares que pertencem à determinada ocupação) e a autonomia (garantida pelos elementos anteriores, na qual os profissionais regulam a sua atividade). Freidson (1998)

Por fim, estabelecemos a importância de a profissão ser constituída pela unidade entre os seus membros, por isso, reiteramos a ideia de que a coletividade é o mecanismo que possibilita não só o fortalecimento da categoria docente, mas a construção de sua própria profissionalidade.

2.1 A Compreensão do Fenômeno

Partindo da ideia de que o pedagogo consiste no profissional da educação responsável pela fase inicial do processo formativo das pessoas, tal fato nos dá pistas sobre como pensar a construção da profissionalidade docente. Se é verdade que o ensino não é de domínio específico do professor, pois se aprende o tempo todo e sem lugar específico (não apenas no espaço escolar), é verdade também que há um conjunto de características que fazem da atividade docente uma profissão, dentre os quais: a intencionalidade (não se pode ensinar o que quer, há objetivos pré-estabelecidos); o corpo de conhecimentos específicos (o domínio dos conteúdos propriamente ditos); o caráter do aprendente (não necessariamente o aluno apresenta demanda por aprender determinado conteúdo neste momento). Freidson (1998)

O ensino é profissão e deve ser reconhecido como tal, pelos seus próprios pares – os professores. A legitimidade do seu fazer se dará à medida que, no coletivo, os professores o estabeleçam para além da vocação. O professor tem o papel fundamental no desenvolvimento social, inclusive o senso comum, até reconhece, mas não necessariamente essa crença resulta

em prestígio social da profissão. O porquê nos intriga e faz com que reflitamos sobre os mecanismos políticos envolvidos no processo de constituição da carreira docente.

A constituição da profissão professor é um processo complexo, dados os desafios que tangem a sua composição e as ações políticas que visam levar ao despedaçamento de sua concretude, por uma categoria unida de professores. Portanto, é importante analisarmos as principais legislações que determinam categorias(s) docentes, o próprio conceito de profissionalidade, com base nas discussões sociológicas de Eliot Freidon (1923); e da necessidade da composição de vieses de identificação dos professores, tendo como base as proposições de Antônio Nóvoa (1997).

2.2 Ocupação e profissão: pensando o conceito de profissionalidade

A etimologia da palavra profissão, de acordo com Houaiss (2009, p. 1557), é "[...] etim. lat. Profission, ônis 'ação de declarar; ação de professar, de ensinar; profissão, mister' ", como nota-se, a origem dessa palavra é latina e que significa professar, sendo o mesmo significado da palavra professor, que de acordo com Houaiss (2009, p. 1556), significa "1 aquele que professa uma crença, uma religião, 2 aquele que ensina, ministra aulas [...]", porém, ser professor é sinônimo de ser profissional?

Estudos desenvolvidos por Eliot Freidson, um sociólogo e médico que teorizou sobre as profissões, tinham como objetivo entender quais eram os elementos que possibilitavam algumas ocupações serem denominadas e terem status de profissão? O estudo desenvolvido por Freidson (1998) apontou que a definição do que é ser profissional vai além da etimologia da palavra, pois é preciso entender como a sociedade se organiza em suas ocupações, bem como o porquê, algumas destas obtêm um prestígio maior que outras, e em quais elementos elas se diferenciam. Portanto de acordo com este autor, evidencia-se que as ocupações, então denominadas como profissões, perpassam por três características básicas e essenciais, sendo essas: a expertise, o credencialismo e a autonomia.

A expertise se refere à competência e ao conhecimento específico, elencados por como uma das características fundamentais para que uma ocupação possa ser reconhecida como uma profissão, pois os profissionais "[...] precisam passar pelo treinamento e pela prática necessária para um desempenho adequado" (Freidson, 1998, p.200).

Além de um conhecimento e práticas específicas, para que o status da ocupação seja garantido, far-se-ão necessárias credenciais que legitimem a atuação em determinado campo, pois, essas por sua vez, são compostas pelos seus próprios pares que pertencem a ocupação.

São eles quem estabelecem o método de certificar, intitular seus especialistas, enfim, regulamentar a profissão, bem como a organização da carreira.

Outrossim, o autor ressalta que o "[...] credencialismo é um artifício institucional fundamental para motivar as pessoas a investir tempo, esforço e a perder ganhos no período de treinamento necessário para a aquisição de tipo específico de expertise" (Freidson, 1998, p.204). Portanto, o credencialismo tem o papel de escudo das profissões - proteger, assim mantendo seu status, confiabilidades perante a sociedade, legitimando seu reconhecimento profissional e por consequência a autonomia.

Dessa forma, as ocupações que detenham uma expertise (conhecimento e competência especializada) e um credencialismo podem ser consideradas profissões, uma vez que:

> [...] a profissão tem um monopólio administrativo ou supervisionar sobre os assuntos práticos associados a seu trabalho: seus membros ocupam as classes organizacionais relacionadas com o estabelecimento de padrões de trabalho, com o direcionamento e a avaliação do trabalho. (Freidson, 1998, p. 207).

Esses são aspectos que garantem a autonomia e prestígio, e por consequência, convertem a ocupação em uma profissão. Portanto, ao partir do pressuposto de que o ensino é uma profissão, pois é uma ocupação que requer habilidades e conhecimentos específicos (expertise), verifica-se, conforme Tardif (2013, p.561), que "[...] o ensino não é mais uma atividade que se executa, mas uma prática na qual devemos pensar, que devemos problematizar, objetivar, criticar, melhorar". Porém, reconhece-se que ainda faltam alguns elementos que possam legitimar o professor com os status social de profissional. Elenca-se que um dos fatores principais é que seus próprios pares – os professores, se reconheçam como profissionais, assim gerando um discurso próprio legitimado entre seus pares, não se permitindo assumir discursos de outros profissionais - os da academia, por exemplo, tese defendida por Nóvoa (1999).

É necessário também que a formação (inicial) de novos professores aconteça entre seus parceiros, profissionais mais experientes - os que detêm a expertise (conhecimento e competência especializada), bem como é necessário compor uma carreira que, de fato estruture e dê condições para essa nova configuração, conforme apontado pelo Holmes Group (1986), mas ainda não vivenciada no século XXI segundo Tardif (2013).

Ao levantar dados sobre a profissionalização dos professores nos últimos 30 anos, Tardif (2013) evidenciou que existem vários obstáculos: baixos salários, pouco recurso, diversificação de papeis (assistente social, psicologas), mercantilização da educação, além de exigências crescentes das políticas públicas que cobram dos professores um comportamento de trabalhadores da indústria, ou seja, os professores devem agir como uma mão de obra flexível,

eficiente e barata. Todos estes elementos dificultam que a docência se torne uma profissão, podendo ainda se configurar como um processo na fase de gestação.

Dessa forma, o autor traz a definição de profissão norte-americana, e ao dialogar com Holmes Group (1986) e Martineau (1999), incorpora elementos que foram identificados em seus estudos, que são necessários para que o ensino possa tornar-se uma profissão, como o "[...] conhecimento científico que sustenta e legitima os julgamentos e os atos profissionais [...]" (Tardif, 2013, p.558). Assim como uma corporação que seja reconhecida, qualificada e composta por membros de seus próprios pares (que possibilite professor avaliar professor), construindo uma carreira docente, tendo um código de ética profissional, assim, garantindo uma autonomia, pois "[...] esses grupos profissionais criam e controlam o conhecimento teórico e prático necessário às decisões, às inovações, à planificação das mudanças sociais e à gestão do crescimento econômico e tecnológico" (Tardif, 2013, p.559). Serão esses passos que valorizará o trabalho docente, melhorando as condições de trabalho, e assim aproximando-a das profissões já consolidadas na sociedade tais como a medicina, engenharia, entre outras.

2.3 A construção do(no) coletivo docente

Nos últimos tempos, muitos são os autores e estudiosos que destacam a abordagem reflexiva sobre a prática como tendência na formação de professores, defendendo modelos de formação continuada, abordando e evidenciando, sobretudo, a valorização dos saberes docentes advindos da formação profissional dos currículos escolares e das experiências adquiridas no cotidiano da prática docente em sala de aula.

Além desta, por meio da mesma premissa, estes teóricos defendem um maior envolvimento dos professores na pesquisa e na reflexão sobre a própria prática docente, considerando o reconhecimento do paradigma de que o professor constrói saberes a partir da análise e reflexão sobre sua própria prática.

Nesta perspectiva, Nóvoa (1997, p. 25) ressalta que a formação do professor não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, e sim por "[...] meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de(re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência".

Diante do exposto, considerando que a educação consiste em um projeto coletivo de produção de saberes que oportuniza a construção de ações que garantem a prática do fazer educativo, age em favor da transformação pessoal e da sociedade, como forma de driblar a

complexidade imposta pela hegemonia do “capitalismo selvagem”, representado por grandes grupos econômicos que, por força da globalização e do neoliberalismo, tentam, a todo custo, imprimir os seus valores hegemônicos: tais considerações não isentam o professor de suas responsabilidades enquanto agente essencial no desenvolvimento do processo de construção da relação ensino-aprendizagem.

A educação por si só tem se mostrado insuficiente para impedir a ação dos muitos interesses do capital e dos que se julgam “senhores do mundo”. Daí a necessidade de o professor inventar novas formas simbólicas e de convivência, assim como: novas relações sociais, de conhecimento, de experiência, com os outros e toda a sociedade, substituindo o educador individual e só, por uma interlocução e rede de educadores que produzam um educador coletivo.

Aí reside a importância da prática colaborativa que, na concepção de Passos (2007, p. 7), possui como dimensão imprescindível da educação superar a “[...] humanidade que temos em direção à humanidade que queremos”. Nesse sentido, esse autor, nos caminhos de Paulo Freire, em relação à forma educativa, afirma que a mesma:

> [...] poderá adquirir muitos outros nomes, a de “uma educação como prática da liberdade” a de “pedagogia da esperança”, “pedagogia da indignação” ou “pedagogia da autonomia”, todas elas, enunciando o caráter emancipatório de sua proposta libertadora, pois será o oprimido, em movimento, que conquistará a própria emancipação e autonomia (Passos, 2007, p.7).

No contexto da educação colaborativa, a emancipação e a autonomia são conquistadas pelos projetos coletivos de educação; sendo possível construir uma mobilização ética com base na justiça e na generosidade dos seres humanos, com a finalidade de construir um mundo onde não domine a supremacia de uns em função da ignorância de outros, mas onde floresça a solidariedade e a participação de todos em tudo o que é necessário para todos, a fim de que a educação aconteça com foco na justiça social e na perspectiva dialógica.

No contexto da educação colaborativa, a convivência, mesmo no contexto do projeto coletivo, não apaga ou anula as diferenças. Ao contrário, ela tenta a capacidade de acolhê-las, deixá-las ser diferentes, viver com elas e não apesar delas. Por entender que essa educação ainda não existe, é importante pensar em ações a serem construídas ao longo do percurso construtivo.

A prática diária do professor, por se tratar de uma prática educativa coletiva, não foge à regra, pois vivencia no seu dia-a-dia conflitos essenciais para a avaliação e continuidade de suas ações.

A educação colaborativa, no contexto de um fazer coletivo deve gerar práticas significativas, capazes de incluir os aspectos necessários ao processo de desinstalação das muitas formas opressivas que perpassam as ações pedagógicas de forma a imobilizar desejos,

sonhos e possibilidades tanto para quem está na condição de aprendente, como para quem está na condição de ensinante.

Neste contexto, o processo de educação formal, encampado e desenvolvido pelo liberalismo, privilegia a competitividade e solapa na prática política as prerrogativas de cidadania que sustentam seu próprio ideário. O espaço da escola, instituído na consolidação do capital, mantém níveis mínimos de conhecimento que garantem o enquadramento social na margem. A escola, portanto, também exerce o papel atribuído por Porto (1987 p.18) de aparelho ideológico para fins de dominação. Contudo, há sempre possibilidades de superação via ações coletivas na perspectiva da colaboração.

Partindo da ideia de que o ato de educar está envolvido numa trama complexa de relações que entrelaçam subjetividades, poderes, intencionalidades, histórias de vidas, cotidianos, emoções, racionalidades, corpos e mais uma série de interações invisíveis e imperceptíveis, compreender essa trama demanda abordagens teóricas abertas, inacabadas e complexas. Nesse contexto, os saberes, construídos no ato de educar, sobretudo, via educação colaborativa, se encontram abertos às constantes mudanças, advindas da própria dinâmica do envolvimento dos atores sociais ali envolvidos.

Enquanto educadores, precisamos ter clareza de que a educação promove a cidadania, emancipação humana, uma cultura democrática e solidária e orienta para a liberdade, para além da liberdade da ideologia liberal e neoliberal. Ela se apresenta como construção coletiva de resistência, de enfrentamento às imposições das políticas educativas oficiais e como negação da negação ao direito à educação.

Ela possibilita o diálogo de saberes e da cultura com os saberes e conhecimentos produzidos e sistematizados socialmente; que se orientam pelas necessidades dos setores populares visando incorporá-los à sociedade, como seres humanos por inteiro. Ela utiliza várias linguagens: silenciosas, lúdicas, artísticas, teatrais, poéticas, científicas, imagéticas. São saberes de uma epistemologia que une ação e reflexão. Saberes que resultam em uma práxis transformadora. É uma educação ontológica, posto que parte da experiência dos seres que refletem sua experiência de vida, muitas vezes oprimida, para propiciar um ser humano que faz uma nova história, transformando sua realidade.

Na perspectiva de uma prática colaborativa e coletiva (Nóvoa, 1997), o diálogo é a condição primordial para que haja uma troca significativa dos saberes e, acima de tudo, a problematização e a superação deles, como forma de cultivar a alegria e a esperança. Em tempos de desesperança e de imposição de tudo que está aí não pode ser mudado, resgatar o diálogo enquanto uma exigência existencial é o mesmo que recriar a vida. Homens e mulheres têm na

sua humanidade a alegria e a esperança como alimento dos sonhos, por isso é preciso criar e objetivar esses valores, sobretudo, na prática docente.

2.4 A Razão de Ser e Estar Docente

Em cada tentativa de construção de um projeto educativo há um aspecto de novidade, algo ainda não experimentado, portanto, carregado de expectativas. No contexto de uma educação pautada em ações colaborativas não é diferente. O resultado da ação dependerá dos anseios e desejos daqueles que se lançam no sentido de construir aquilo que ainda não existe, mas que carrega em si a esperança de novas possibilidades, em prol de experiências significativas.

Sabemos que no que diz respeito à profissionalidade docente, não existem receitas a serem seguidas para podermos desempenhar o papel de um bom professor. Nesse sentido, é desconfortável caminhar no escuro, acostumar-se à ausência de certezas. Mas pelo exemplo das práticas educativas desenvolvidas via espírito colaborativo em um contexto coletivo, pode-se perceber que as incertezas não paralisam a ação coletiva, a luta pela inclusão, pela construção de espaços mais igualitários de reconhecimento e de garantia de direitos. Não destroem a teimosa construção de vínculos solidários de responsabilidade pelo destino comum dos seres humanos, ao contrário, acalenta-os, gera-os como provocações à mutação por um novo mundo possível, a partir de práticas educativas includentes, solidárias e autônomas.

Neste contexto, as ações a serem desenvolvidas pelos professores no dia a dia da sala de aula, via fazer pedagógico que possibilite uma formação autônoma e emancipatória devem fornecer subsídios para que os atores envolvidos no processo de construção de saberes na relação ensino - aprendizagem, tomem consciência de que são sujeitos da sua própria história, e são por isso, por ela, responsáveis. Da mesma forma, a educação é via de mão dupla, pois estabelece uma relação horizontal entre os participantes do processo educativo, rompendo, dessa forma, com a visão tradicional em que apenas um ensina. No dia-a-dia da função docente um deve ensinar o outro? Todos devem ter o diálogo como articulador das ações de ensinar e aprender.

Diante do exposto, podemos afirmar que no contexto educativo é possível a construção de outra realidade possível, que nos leva a declarar que: "Sonho que se sonha só, é só um sonho, mais sonho que se sonha junto é realidade".

3. MULHERES NA EDUCAÇÃO: AS RELAÇÕES DE PODER NAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

O objetivo desta seção consiste em investigar o colonialismo no Brasil América e as relações de poder sobre a perspectiva das desigualdades de gêneros. Para tanto, abordaremos o processo histórico do período colonial, destacando como a cultura patriarcal subjugou as identidades femininas. Na sequência, exploraremos a inserção da mulher no campo educacional, onde a escola se configurou como um importante instrumento para intensificar as desigualdades de gênero. Em seguida, buscamos destacar a representatividade feminina na educação do interior do Mato Grosso e na luta dessas mulheres para obter seus direitos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por fim, analisaremos a presença do gênero feminino na universidade do estado do Mato Grosso, ressaltando a relevância desses espaços para o reconhecimento das mulheres como sujeitos de direitos.

3.1 Colonialismo no Brasil e na América: As Mulheres e o Imaginário Social

Historicamente a mulher ocupa um lugar diferente dos homens, fazendo com que a sua participação na sociedade da forma com que se encontra na atualidade se materialize na perspectiva do resultado de inúmeras lutas e conquistas. Portanto, apresentamos diante desse aspecto histórico o modus operandi social em relação ao gênero feminino, uma vez que, desde a antiguidade, a mulher tem sido controlada e vigiada de acordo com a conduta da cultura regente, a cultura hegemônica dos homens, do patriarcado.

O colonialismo no Brasil e na América é um tema complexo e amplo que precisa ser analisado e compreendido de forma crítica para reescrevermos a história da sociedade, corrigindo erros e paradigmas desenvolvidos pelos nossos antepassados no período colonial que foram determinados para classificar, e escravizar todos aqueles que os colonizadores consideravam não humanos, especificamente, o gênero feminino. Lugones (2014).

Até pouco tempo atrás, o lugar social ocupado pela mulher era de subordinação, inferiorização e violência, tanto física, como psicológica. As práticas de violência que recaiam sobre elas não eram apenas aceitas, mas incentivadas por algumas culturas, que instituíam sistemas para intensificar as desigualdades de gêneros. Essas sociedades não apenas tiravam a liberdade das mulheres, mas também dominavam seus corpos e suas almas através da opressão. Esta violência contra o gênero feminino era consequência do status quo do patriarcado. Lugones (2014).

O dinamismo de subordinação instituído pelo colonialismo na América, não se limitou apenas às desigualdades de gênero. Este sistema homogeneizador e ideológico classificou indivíduos a partir de suas características físicas, como na cor da pele, e na textura do cabelo. As pessoas que não atendessem os padrões exigidos, isto é, que não fossem de descendência europeia, eram inferiorizados e fortemente prejudicados. Lugones (2014).

O colonialismo desempenhou papel central na constituição hierárquica entre burgueses e subalternos. Lugones (2014), ressalta que esse extenso processo de subjetivação colonial, moldou homens e mulheres de acordo com a cultura Européia, resultando na perda de identidade e apagamento desses grupos étnicos, enquanto sujeitos de direitos e responsáveis pela constituição da sociedade brasileira. Além disso, o colonialismo contribuiu com o extermínio de diversas pessoas por serem consideradas inferiores. O legado de discriminação deixado pelos portugueses no passado, continua sendo um desafio na atualidade, para reconhecer e corrigir as injustiças cometidas por eles, com nossos antepassados.

Quando os portugueses chegaram no Brasil impuseram normas e conhecimentos de mundo originários de sua nacionalidade, com o objetivo de homogeneizar a sociedade. Eles desconsideravam os saberes dos povos originários da região, acreditando veemente que não eram possuidores de conhecimento epistêmicos. De acordo com Carvalho; Oliveira; Almeida; Carvalho (2018, p. 108), o colonialismo, "[...] impõe novos conhecimentos que oprimem os conhecimentos locais, inferiorizando as perspectivas que não se originam das mesmas fontes europeias". A sociedade brasileira era fortemente influenciada pela cultura hegemônica, patriarcal e excludente advinda da Europa. Os conhecimentos europeus alteraram a estrutura social, econômica e cultural do Brasil. A visão estereotipada dos portugueses estabeleceu normas segregacionistas, e de inferiorização, contribuindo com as desigualdades sociais. Eles buscaram desenvolver os mesmos processos excludentes que faziam no seu país de origem, especificamente, a forma como tratavam as mulheres europeias.

A vinda dos portugueses para o Brasil foi o divisor de águas na constituição e na mudança de rumo da história da sociedade. Os jesuítas desempenharam papel fundamental nesse processo, eles buscaram evangelizar e desenvolver uma educação com base nos seus parâmetros identitários. Suas ações envolviam a supremacia da cultura europeia e um massacre de todos aqueles que não aceitassem as regras impostas por eles. Lugones (2014), afirma que com a chegada dos portugueses no Brasil, as populações que não fossem assassinadas, deveriam aceitar os processos de homogeneização elaboradas pelos jesuítas, eles tinham como intuito constituir sujeitos disciplinados e incapazes de lutar pelos seus direitos, para servir de mão de obra, e enriquecer o seu país de origem.

Nesse processo, o gênero feminino era estereotipado e inferiorizado pelo homem burguês/branco, considerado o detentor de poder e o único capaz de dominar sobre os demais indivíduos. Ribeiro (1997), ressalta que o direito concedido ao homem para dominar, decorreu de sua posição de senhor da família patriarcal. Considerando que família vem da palavra latina "famulus", que significa escravos domésticos pertencentes a um senhor. As mulheres, crianças, idosos, escravos, bens materiais, eram considerados propriedades do senhor e cabeça da família. Essa dinâmica familiar refletia o poder do gênero masculino como a extensão da sociedade, ele era o ápice da estrutura familiar. Enquanto a mulher era relegada a uma posição de inferioridade na hierarquia social. Durante séculos, ela foi vista como propriedade que deveria submeter-se ao jugo do seu senhor.

A estrutura de poder que recaia sobre a mulher, reflete a complexa relação da sexualidade com o corpo feminino. Os abusos sexuais eram justificados, na medida que a mulher era vista como utensílio, cuja utilidade era satisfazer os anseios do gênero masculino. O gênero feminino não tinha liberdade com o seu próprio corpo, ela deveria reproduzir a linhagem e contribuir com o desenvolvimento da sociedade, evitando o caos. A "mulher europeia não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar e serviço do homem branco europeu burguês" (Lugones, 2014, p.3).

Para os Portugueses as mulheres eram consideradas incapazes de controlar seus impulsos, elas deveriam estar sobre o seu domínio para preservação da sua pureza sexual. Essa perspectiva revela que a relação entre o gênero feminino/masculino, sempre esteve relacionada a sexualidade feminina. A fragilidade atribuída ao gênero feminino e a objetificação do seu corpo, foram aspectos fundamentais para que os europeus classificassem as mulheres como seres biologicamente inferiores aos homens.

As leis que revigoravam no novo mundo eram de invisibilidade das mulheres, grupos étnicos raciais e os povos indígenas originários. Contudo, ser mulher, negra e indígena, era ainda mais difícil, se comparado com as mulheres brancas burguesas, estas, de maneira sucinta, obtinham alguns privilégios. Enquanto, não pertencer a este grupo significava sofrer os mais diversos tipos de abusos e escravidão, podendo, até mesmo ser assassinada se não cumprissem as regras estabelecidas pelo homem ou por sua senhora (branca). Assim, "[...] o feminismo decolonial, uma intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade demonstrando que algumas mulheres sofreram ainda mais com os processos coloniais, as mulheres não brancas, principalmente, foram postas em um lugar ainda mais inferiorizado [...]" (Lugones, 2014, p. 3). As mulheres negras e indígenas vivenciaram um processo ainda mais excludentes, elas tinham

seus direitos e desejos anulados em todo o processo histórico no Brasil/América, onde foram escravizadas e assassinadas.

Essa forma de tratar as mulheres socialmente, ocorreu durante o período colonial. A colonialidade do gênero feminino na América, foi determinante para invisibilizar e silenciar as vozes de todas as mulheres na sociedade, principalmente, as negras e indígenas.

Não podemos refletir sobre a história da sociedade no período colonial com saudosismo, como frequentemente exposto na mídia, livros didáticos, dentre outros meios de divulgação. Nas escolas, os livros didáticos têm estampado a imagem feminina como um ser passivo, dona de casa, escrava negra, ou indígena com o corpo exuberante. Raramente, a mulher é retratada como uma guerreira tribal lutando arduamente para obter seus direitos e do seu povo.

As mulheres por exemplo, sofrerem as piores violências que poderiam vivenciar em suas histórias de vidas. Foram brutalmente agredidas e assassinadas, sendo tratadas como animais selvagens quando lutavam por seus direitos, ou pelo menos, na busca para recuperar um pouco da sua dignidade, roubada pelo homem, branco e burguês. Os jesuítas, pertencentes a este grupo, utilizaram a religião, para disciplinar as mulheres, crianças e homens (negros ou indígenas), com a falsa e dicotômica ideia do poder religioso, como símbolo de superioridade.

> A “missão civilizatória” colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (por exemplo, alimentando cachorros com pessoas vivas, fazendo chapéu com a vagina de mulheres indígenas brutalmente assassinadas). A missão civilizatória usou a dicotomia hierárquica de gênero como avaliação, mesmo que o objetivo do juízo normativo não fosse alcançar a generalização descolonizada dos/as. Tornar os colonizados/as em seres humanos não era a meta colonial (Lugones, 2014, p. 938).

O colonialismo de fato, deixou marcas profundas na identidade de diversos grupos sociais, especificamente, sobre as mulheres. Esses efeitos são evidenciados na errônea percepção que a sociedade tem delas, considerando-as como sexo frágil, passivas e manipuláveis, ou seja, inferior ao homem. Muitas vezes, seus desejos e opiniões são negados ou desconsiderados devido a imaginação epistêmica que o patriarcado tem perpetuado ao longo da história da sociedade. As mulheres sofreram naquele período e tem sofrido ainda na atualidade, por meio da reprodução dos padrões patriarcais e eurocêntricos.

No imaginário da sociedade, persiste a concepção de que alguns indivíduos são superiores aos outros. Este foi um dos legados deixados pelos portugueses, com sua cultura excludente, fazendo com que a sociedade compreendesse as mulheres de acordo com a sua percepção de mundo. Elas deveriam ser vigiadas e protegidas contra os seus próprios instintos

carnais, para se manter pura e casta. Por isso, não poderia estar em lugares públicos a não ser que estivesse acompanhada de algum homem para cuidar dela, ou seja, não tinham o direito de exercer sua autonomia. A mulher é vista como a extensão do gênero masculino, obrigada a aceitar as regras e padrões estabelecidos por eles.

É fundamental lutar pela desconstrução desses estereótipos. A mulher deve ser valorizada e reconhecida como um ser autônomo, de direitos e deveres. O reconhecimento do papel da mulher é essencial para romper com as barreiras impostas pelo colonialismo que limitam o avanço social. Devemos perceber que todos são necessários para a constituição da sociedade, bem como, negros, pardos, povos originários indígenas, mulheres, pessoas com deficiência. Apenas assim poderemos construir uma sociedade em que todos são considerados iguais. Dentre esta perspectiva, à decolonialidade do gênero tem como objetivo dar voz para essas mulheres que foram silenciadas pelos padrões eurocêntricos no passado, e continuam sendo invisibilizadas na atualidade.

3.2 Historicidade da inserção da mulher na educação infantil: O papel social da escola

A presença das mulheres como professoras na Educação Infantil teve grande relevância para o desenvolvimento social, e para transformações culturais, além de contribuir com a restruturação das práticas educativas. Para compreendermos o papel da mulher na educação, e como as desigualdades de gênero foram constituídas na sociedade, é essencial analisarmos os processos que levaram à inserção das mulheres no meio educacional.

Durante o período colonial, as mulheres vivenciaram intensos processos de abusos e desigualdade social. A educação destinada para elas, visava apenas prepará-las para serem boas mães e esposas. Seu papel na sociedade era restrito e condicionado às regras estabelecidas pela cultura regente. Elas viviam em um contexto de segregacionismo social, e eram frequentemente tratadas como propriedade do gênero masculino. De acordo com Ribeiro (1997), a educação feminina no Brasil colônia era improvável se considerarmos as desigualdades de gênero vivenciadas por elas. Além disso, a educação formal era praticamente inexistente para a maioria da população nesse período. Aqueles que tinham acesso ao ensino, sofriam com métodos pedagógicos brutais, que priorizavam a disciplina, e massificação dos indivíduos mais do que sua aprendizagem.

A história da educação no cenário brasileiro, reflete o processo excludente e o apagamento da potencialidade feminina, cuja centralidade era perpetuar os saberes epistêmicos

de uma cultura eurocêntrica/hegemônica. Ribeiro (1997), ressalta que a educação das mulheres no período colonial, instituído pelos jesuítas, era um ato pedagógico coercivo e brutalmente severo. As mulheres deveriam se submeter ao jugo masculino realizando os desejos mais promíscuos, e negar sua própria identidade. Elas não poderiam receber instrução formal, tinham que se conformar com a educação perpassada de geração e geração.

Para perpetuar o patriarcado, a educação se tornou a principal ferramenta de diferenciação de gênero e raça. Durante séculos, o ensino era predominantemente voltado para o sexo masculino, "[...] os alunos eram do sexo masculino e o ensino era exercido principalmente por religiosos (por padres, como os jesuítas) e por homens que estudavam e eram contratados como tutores pelas pessoas que tinham melhores condições financeiras" (Rabelo; Martins, 2001, p. 6168). Neste sentido, o ensino ministrado no período colonial visava a seleção de pessoas, aqueles que atendiam os padrões estabelecidos pela cultura hegemônica, ou seja, o homem branco e do sexo masculino. No entanto, não podemos atribuir somente à escola a culpa pela desigualdade social. Embora a escola tenha desempenhado um papel restritivo neste período, este espaço é imprescindível para o desenvolvimento intelectual, servindo como principal mecanismo para que o indivíduo se aproprie do mundo dos saberes ao ser inserido num contexto de multiplicidade cultural.

Contudo, observa-se que o currículo escolar, tanto no passado, quanto na atualidade tem sido utilizado para perpetuar a desigualdade de gênero na sociedade. O currículo historicamente atribuiu a competência de desenvolver os saberes epistêmicos de apenas uma classe social, a burguesia e o patriarcado. Conforme salienta Silva, (2000, p. 14) "[...] o currículo oficial valoriza a separação entre sujeito e o conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição. Todas essas características refletem as experiências e o interesse masculino". O currículo sincretiza os conhecimentos patriarcais com o intuito de manter o seu domínio na sociedade. A escola é influenciada por essas vertentes que visam a homogeneização dos indivíduos, sua invisibilidade e segregação social, mais do que o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, através de saberes epistêmicos que contribuíram com a desigualdade.

Apesar da instituição escolar predominar o currículo constituído pela classe dominante, a escola é vista como um espaço socializador que integra as diversas multiplicidades presentes em nosso meio social. Ela é responsável por trabalhar a sua função social no desenvolvimento dos aspectos culturais. Este espaço configura-se o pilar fundamental na formação de sujeitos. Além disso, não se restringe a socialização do indivíduo, a escola é o caminho que conduz os alunos à apropriação do conhecimento.

De acordo com Masschelein e Simons (2014, p. 22), a escola é “provedora de caminhos de aprendizagem dentre muitos outros, portanto deve mostrar o seu valor em relação a esses ambientes e caminhos de aprendizagem”. Sendo um espaço democrático, a escola deve respeitar e incluir diferentes etnias, raça, crença e gênero. Para que essa instituição alcançasse esses quesitos essenciais para a inclusão social, houve um intenso processo de lutas e conquistas para garantir a presença da mulher nos espaços educativos.

Com o decorrer da história da sociedade, e por meio do avanço da industrialização no país, houve uma crescente demanda de mão de obra qualificada para apoiar a expansão industrial. A educação desempenhou um papel fundamental no seu processo de crescimento, formando profissionais capazes de atender as necessidades do setor produtivo e apoiar a transformação social. De acordo com Pereira; Felipe; Ferreira (2012, p. 2) “[...] as instituições políticas são influenciadas pelas discussões no século XIX, que tinha como propósito expandir por todos os meios possíveis a instrução das camadas menos favorecidas, a fim de preparar o sujeito para o mundo do trabalho”.

No século XIX, com a industrialização no Brasil, surgiu a necessidade de desenvolver uma educação voltada para preparar homens, para desempenharem o seu papel na sociedade, na busca por promover a ordem e progresso no país. Neste contexto, os homens deixaram de atuar na educação para trabalhar nas indústrias, e as mulheres foram inseridas na educação como professoras primárias, a princípio, com o objetivo de perpetuar o patriarcado. Assim, estariam reforçando a cultura Europeia que carregada ódio, preconceito e discriminação, resultou em diversas atrocidades. Pereira; Felipe; Ferreira (2012).

Inicialmente a atuação da mulher como professora primária era vista como complemento ao trabalho doméstico, desempenhando papéis associados ao gênero feminino, enquanto outras funções, eram especificamente masculinas. De acordo com Telles (2014), o contexto educativo da época exigia que as professoras instruíssem as meninas a serem boas donas de casa, obedientes ao marido e aptas para educar seus filhos. Esse tipo de ensino visava manter as mulheres sobre o domínio masculino, garantindo que a escola transmitisse as regras patriarcais. Ao focar em habilidades como bordados e culinárias, a escola limitava a atuação da mulher, e as desencorajava na sua busca por emancipação. Se a escola restringisse o ensino apenas para meninos, e ofertasse outro tipo de instrução para meninas, elas estariam ocupadas demais com papéis tradicionalmente femininos, para reconhecer seus direitos, e buscar sua emancipação.

Com o decorrer da história, a mulher passa a ocupar papel central, para o desenvolvimento social ao ser inserida no espaço educativo. No entanto, elas enfrentaram

diversos desafios. Sua atuação como professora da educação infantil ocorreu sob coerção e subordinação. “Essa entrada se deu de forma incipiente no final do século XIX, quando o âmbito educacional crescia, sinalizando assim, a necessidade da mulher para educar as crianças pelo fato de atribuir à docência um caráter materno e ao mesmo tempo doméstico” (Stascxak; Santana; Barbosa. 2019, p. 1).

A inserção da mulher na escola ocorreu devido a necessidade da sociedade na época. Observa-se, que mesmo na atualidade, persistem resquícios de feminilização no magistério, com a crença de que as mulheres têm o dom natural para a profissão. Elas foram inseridas no espaço educativo, especialmente na Educação Infantil, como sua função prioritária para educar e cuidar. Essas tarefas que faziam parte das suas atividades diárias no âmbito familiar, passaram a ser formalizadas como sua profissão no contexto escolar. Na realidade, a inserção da mulher na Educação Infantil está fortemente ligada ao imaginário social, que restringe o papel da mulher aos cuidados com os outros, seja na educação, afazeres domésticos, ou trato com o marido.

Por ser dotada de aptidões para cuidar e educar, características estas provenientes aos anseios maternos. Ela foi inserida no ambiente escolar para formar homens que pudessem atuar no setor industrial. Segundo Rabelo; Martins, (2001), a ideia de que o magistério é uma “vocação” feminina está fundamentada na capacidade de procriar e na sua função como mãe. Esse vínculo entre a feminilidade e a tarefa de educar e socializar crianças no período da infância, reforça a crença de que a mulher precisa seguir o seu dom, pelo qual ela nasceu, à docência. A errônea percepção de que a mulher possuía uma vocação natural para o ensino, contribuiu para que continuassem sob o domínio masculino. Entretanto, não foi o único fator para a maior incidência da feminização no magistério. Ferreira (1988), declara que a falta de mão de obra especializada, e o desinteresse dos homens, devido à baixa rentabilidade que a profissão de professor oferecia, foi outro fator que levou os homens a desistirem da profissão. Assim, não restara alternativa, a não ser inserir a mulher no contexto de professora.

Por meio da historicidade da educação, compreendemos que a mulher tem sido preponderante no processo de desenvolvimento societário brasileiro, consequentemente na formação de sujeitos. Seja por meio de projetos de pesquisa, lutas partidárias, reconstrução do projeto político pedagógico, a mulher está inserida nesse espaço contribuindo fortemente com o avanço educacional. A mulher surgiu na educação como o principal mecanismo para consolidação do processo de expansão no desenvolvimento social. Ribeiro (1997), ressalta que com o avanço da industrialização no país, a educação teve um progresso significativo, ainda que em passos lentos. A inserção da mulher na educação contribuiu significativamente com a

inclusão social. Contudo, devemos considerar a feminilização no magistério, não apenas a atuação das mulheres como professoras, que inicialmente esteve ligado ao patriarcado, mas também suas experiências pessoais, como sua conquista profissional, e o caminho para futuras realizações.

Por meio de muitas lutas, as mulheres conseguiram estabelecer seu espaço, e com o tempo, conquistaram diversos direitos. Na atualidade, elas têm deixado seu legado na educação, resultado de movimentos sociais, que têm promovido mudanças e avanços para a melhoria da educação.

É importante destacar que o processo de feminilização no magistério, evidencia a desigualdade de gênero. A sociedade não ofereceu alternativas de trabalho para elas, e se, por um lado, sua inserção na educação foi de extrema significância para o avanço educacional, por outro, foi uma estratégia da sociedade patriarcal para manter o domínio masculino. A crença de que o ambiente escolar era o único espaço adequado para sua atuação, decorreu da ideia de que existem papéis para serem desempenhados pelos homens, enquanto outros, são estritamente femininos. A dicotômica ideia da inclusão de gênero no período industrial, restringiu a atuação das mulheres em determinados segmentos.

Como havíamos ressaltado anteriormente, a inserção da mulher na educação, foi muito importante para o desenvolvimento social. No entanto, é importante notar que, naquele período, sua atuação foi limitada e direcionada a educar meninos para se tornarem homens capazes de governar a sociedade, principalmente, dominar sob as mulheres. A desvalorização do gênero feminino observada naquele período, continua enraizada até hoje. Muitas mulheres são reconhecidas apenas como donas de casa, mães, esposas e educadoras, quando poderiam ter a liberdade para desenvolver sua identidade em espaços de sua escolha, decidindo onde, como e quando atuar. Para que a sociedade se torne realmente inclusiva, é necessário desenvolvermos práticas educativas que visem a liberdade de expressão e de escolhas das meninas, para que não sejam impulsionadas apenas pela cultura.

3.3 A Representatividade da Mulher no interior de Mato Grosso

Ao longo do decorrer de todo processo histórico da sociedade, as mulheres têm lutado arduamente para serem reconhecidas, e valorizadas como autoras da sua própria história. Durante séculos, elas vivenciaram a segregação social, exclusão e abusos cometidos pelo sexo masculino. As regras que regiam a cultura da época eram o silenciamento das vozes femininas e apagamento da sua história de vida. As mulheres precisavam viver à sombra do protagonismo

masculino, enquanto perdiam parte de sua identidade. Michelle Perrot (2007). Neste sentido, iremos apresentar a representatividade feminina na história do Estado de Mato Grosso, e sua relevância para transformações no processo educacional. Nosso objetivo, é destacar como essas mulheres foram reconhecidas por sua força, coragem e capacidade de tornar a sociedade mais justa e igualitária.

Atualmente, as mulheres têm se destacado em diversos setores na vida em sociedade, graças às lutas e movimentos sociais que tem possibilita discussões sobre a igualdade de gênero na sociedade. Com o decorrer dos anos, as mulheres passaram de excluídas, a reconhecidas por sua representatividade, não apenas em nosso estado, mas em todo país e parte considerável do mundo. A representatividade feminina abrange vários segmentos, incluindo cargos comissionados, na política, na educação, agronomia, construção civil, entre outros, demonstrando a competência da mulher para atuar em áreas, anteriormente, considerados exclusivamente masculinas. Apesar dos avanços significativos na ocupação de espaço na sociedade, há um longo caminho a percorrer para alcançarmos verdadeiramente a igualdade de gênero.

Mesmo na atualidade, muitas mulheres enfrentam o desafio de demonstrar sua capacidade em um mercado de trabalho competitivo e masculinizado. Elas precisam lidar com a falta de equidade, enquanto desempenham os papéis de boas esposas, mães, filhas, donas de casa, profissionais e estudantes. Esta longa jornada de trabalho pode levá-las a desenvolver diversos transtornos. No entanto, ao renunciar a algumas dessas atividades, as mesmas são taxadas como negligentes. Para serem reconhecidas por sua competência, as mulheres precisam desempenhar funções consideradas primordiais para o gênero feminino. Tal perspectiva é asseverada por Michelle Perrot (2007, p. 178), ao afirmar que: [...] cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado, até em seus detalhes.

Paralelamente existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis.

De acordo com Perrot (1991), no século XIX e no início do XX, havia uma divisão sexual considerada "harmoniosa", onde os papéis de homens e mulheres eram bem delineados, com funções e espaços específicos atribuídos a cada gênero. Os homens eram encarregados de trabalhos relacionados à madeira e metais, enquanto as mulheres se dedicavam às atividades domésticas e ao cuidado da família, incluindo o manuseio de tecidos. Assim, as tarefas femininas estavam limitadas ao cumprimento das obrigações "naturais" associadas à sua condição, como manter uma casa organizada e adequada para o bem-estar dos filhos e demais familiares.

Historicamente, apesar da persistência da desigualdade de gênero no mercado de trabalho, a representatividade feminina tem aumentado gradualmente nas últimas décadas, principalmente no campo da educação. Dados do censo demográfico IBGE de 2022 mostram que as mulheres representam maior percentual de alfabetização no Brasil, com 93,5%, enquanto os homens alfabetizados são de aproximadamente 92,5%. (Brasil, 2022). O aumento expressivo na porcentagem de mulheres alfabetizadas revela a conquista dos seus direitos, mas também, sinaliza para a importância dos movimentos sociais ao longo dos anos para a constituição de uma sociedade igualitária e democrática. A busca por esses direitos levou muitas feministas às ruas, para que a sociedade brasileira implementasse em sua legislação, os direitos da mulher, inicialmente, concedidos somente aos homens. Em conformidade com o pensamento de Saffioti (1976),

> A organização feminista no Brasil, apesar de ter resultado da importação de ideias que não encontravam muito eco na sociedade brasileira (neste sentido, teria, se tivesse tido pleno êxito desde o início, criado um grande hiato na legislação referente à mulher e as verdadeiras relações sociais que a interiorizavam), inoculou, em boa parcela das mulheres, a aspiração de libertar-se e de emancipar-se através do trabalho, processo este que foi amadurecendo à medida que, efetivamente, iam os elementos femininos penetrando em áreas até então reservadas exclusivamente aos homens. Desde ângulo, sua penetração prematura operou como fator positivo, porquanto permitiu certa concomitância entre o amadurecimento das ideias feministas e o avanço da mulher em determinadas áreas, como o do trabalho fora do lar, da educação, da participação na vida social em geral (Saffioti, 1976, p. 155).

Embora as mulheres estivessem presentes em algumas esferas sociais, especificamente no cenário educativo, atuando direta ou indiretamente, elas passavam despercebidas, mesmo desempenhando papéis de suma importância para o desenvolvimento educacional. Esta realidade começou a mudar quando estas começaram a descobrir seus direitos, e reivindicá-los. É essencial destacar a importância dos movimentos sociais e das camadas populares na luta para obtenção de seus direitos. Freire; Horton (1968), enfatizam que a libertação e emancipação dos subalternizados, só ocorre por meio da participação assídua da população em movimento sociais. Não é possível lutar pelo que não se conhece, a emancipação acontece quando os indivíduos reconhecem sua condição de classe oprimida, e passam a lutar contra as forças que os oprimem. É diante deste contexto que está a importância da educação. É a educação que propicia esse conhecimento e fomenta o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo para que o sujeito se identifique como agente de mudanças e o único ser capaz de conquistar sua própria emancipação.

Em conformidade com o pensamento de Stering (2015), a educação se apresenta como sendo uma parte essencial da vida humana e, ao longo da história, tem sido vista como um meio de transformação e mudança social, desempenhando um papel crucial na formação integral do indivíduo. No entanto, é importante reconhecer que a educação, por si só, não é suficiente para provocar as mudanças necessárias na vida das pessoas que compõem a sociedade. Nesta direção, para que a educação tenha um impacto pleno, deve ser entendida e praticada como um ato de conhecimento, uma ação política, um compromisso ético e uma experiência estética (Freire, 2003).

Neste contexto, o papel desempenhado pelo professor em sala de aula, é primordial na aquisição do conhecimento do aluno, possibilitando que desenvolvam competências, não apenas nos espaços educativos, mas em todos os segmentos. As habilidades dos educandos são aprimoradas por meio da atuação do professor como mediador e facilitador da aprendizagem em sala de aula.

Nesta direção, a atuação do pedagogo tem como perspectiva ensinar o aluno de tal maneira, para que não se torne um mero reprodutor de informações. Para que o pedagogo alcance estes quesitos, precisa se tornar um professor democrático. Sobre esta percepção, Freire (2017), retrata que:

> O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma das tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a haver com o discurso "bancário" meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (Freire, 2017, p. 28).

Para que o professor se torne democrático, sua prática pedagógica não deve se restringir ao curso de formação inicial, mas buscar o conhecimento epistêmico em diferentes áreas do saber. Esses conhecimentos possibilitam que o educador desenvolva métodos de ensino inovadores, adaptando o currículo para que se torne mais inclusivo e capaz de atender as necessidades individuais do aluno. Ao adaptarmos o currículo de acordo com a especificidade do educando, o professor torna sua aula mais acessível e relevante, possibilitando que todos se beneficiem com a educação. Trata-se de uma ação educativa que pode ser desenvolvida e analisada "diante de uma nova percepção de que a chave interpretativa maior de toda e qualquer

política pública, que se refere à educação [...] deve considerar o homem como chave de leitura, compreensão e razão da busca por uma educação plena" (Stering 2015, p.280).

O acesso ao conhecimento epistêmico é libertador, pois desvela práticas segregacionistas, racistas e anticulturais, ajudando o indivíduo a libertar-se da práxis opressiva. O meio acadêmico deve ser o espaço propício para a teorização de fenômenos sociais como a desigualdade de gênero, e essa teorização deve ter como princípio a prática libertadora. Hooks (2013), em consonância com o pensamento de Freire (2025) enfatiza que para a teorização exercer a função de prática libertadora, é necessário abordar temas de cunho social. Tal perspectiva é alcançada por meio do diálogo entre os pares sobre questões relacionadas ao gênero, sexualidade, racismo, preconceito, e a luta dos subalternizados para sua emancipação. Neste sentido, é necessário desenvolvermos uma pedagogia engajada, e uma educação participativa, onde a participação de todos é essencial para o processo educativo e na construção de uma sociedade igualitária.

Antes de analisarmos o papel da mulher na história da educação, especialmente, no meio acadêmico, precisamos primeiramente refletir sobre a percepção da Universidade do Estado de Mato Grosso, (UNEMAT) em relação ao gênero feminino, e como essa instituição compreende a representatividade da mulher na sociedade. Neste contexto, não poderíamos referir à história desta Universidade, sem remetermos ao seu nome "Jane Vanini".

A UNEMAT é considerada um dos principais patrimônios históricos do Estado de Mato Grosso. Esta Universidade tem utilizado de suas atribuições constituintes para lideranças de movimentos sociais na busca por igualdade racial, e de gênero, de tal modo, que essa instituição leva o nome de uma mulher, cuja representatividade não é reconhecida apenas na cidade de Cáceres, mas no nosso país e em outros países. Essa mulher representa para a sociedade a coragem feminina, bem como sua militância política e educacional.

Silva; Amaro; Gomes; (2014), retratam a história de Jane Vanini, como sendo uma mulher determinada e militante. Jane Vanini nasceu e morou na cidade de Cáceres (MT), até meados do ano de 1967. Depois desse período, ela se mudou para São Paulo, dando início a sua militância. E no Estado de São Paulo, Vanini casou-se com Sérgio Capozzi, até então militante. Juntos ingressaram na Ação Libertadora Nacional (ALN). Esse movimento social ficou conhecido por suas ações revolucionárias durante o regime militar no Brasil.

Devido à repressão militar, Vanini e seu esposo foram se refugiar no Chile. Nesse país, eles aderiram ao movimento de La Esquerda Revolucionária (MIR), liderado pelo governo de Salvador Allende. Com o golpe militar de Augusto Pinochet, Jane se tornou mais uma vez clandestina, desta vez, no Chile. Ela e o seu atual marido, o chileno José Carrasco Tapia, foram

perseguidos pelas forças militares. Jane Vanini foi cruelmente assassinada na noite 06 de dezembro de 1974. Vários anos depois, seu corpo foi trazido ao Brasil para ser enterrado por seus familiares. Jane Vanini, ou Gabriela como ficou conhecida no Chile, foi uma revolucionária e militante que lutou arduamente pela constituição de um país democrático. Silva; Amaro; Gomes; (2014).

Outro ícone da representatividade feminina no estado é Lígia Borges Müller Figueiredo. Ela nasceu no ano de 1904. Ligia, representa a conquista feminina pela democratização do Brasil, ao se tornar a primeira mulher a ser eleita prefeita no Estado de Mato Grosso e no país, mais precisamente do município de Rosário Oeste. Isso ocorreu devido sua luta em prol dos mais necessitados, Lígia fazia visitas contantes para a população carente cuidando e suprindo suas necessidades. Silva; Amaro; Gomes; (2014).

Outra mulher que merece destaque na categoria de representatividade feminina no Estado de Mato Grosso é Tereza de Benguela, que liderou o quilombo do Piolho por mais de duas décadas. O quilombo se tornou conhecido por sua pedagogia organizacional. Liderado por uma mulher após o falecimento de seu esposo, Tereza lutou arduamente para manter o quilombo e abrigar pessoas que fugiam da escravatura. Para tanto, era cultivado vários tipos de hortaliças, algodão para fabricação de tecidos, milho, mandioca, dentre outros tipos de alimentos. A organização de Tereza de Benguela foi fundamental para que o quilombo sobrevivesse por tantos anos aos ataques dos capitães do mato e bandeirantes. Segundo notícias do R7 (2021), para o Estado de Mato Grosso, Tereza foi morta, e alguns anos depois, o quilombo foi extinto. R7 (2021).

Essas mulheres representam a voz de muitas, que ainda hoje buscam ser ouvidas. A representatividade feminina e militância de Lígia Borges, Tereza de Banguela e Jane Vanini contribuiu para que outras mulheres ocupassem cargos, que até então, lhes foram negados. Assim, compreendemos que a representação feminina não se limitou ao engajamento social, político e educacional dessas líderes, mas se concretiza em cada mulher que com força, coragem e determinação, lutam para obter o reconhecimento dos seus direitos na sociedade.

Ao analisarmos a representatividade feminina compreendemos que essas e outras mulheres têm lutado arduamente para a construção de uma sociedade melhor. Mesmo que a sociedade tente negar os direitos das mulheres negras como ocorreu em todo o processo histórico no período colonial.

Historicamente, as narrativas sobre colonização, tanto do colonizado quanto do colonizador, foram majoritariamente construídas a partir de uma perspectiva masculina, relegando as mulheres a um papel secundário, quando mencionadas. Embora os estudos

coloniais sob essa ótica possam oferecer algumas percepções sobre as experiências das mulheres nativas, é crucial reconhecer que a colonização afetou homens e mulheres de maneiras tanto semelhantes quanto distintas. As práticas e costumes coloniais resultaram de uma "visão de mundo que valoriza a superioridade absoluta do humano sobre o não humano e do masculino sobre o feminino, além de distinguir entre o moderno e o tradicional" (Oyěwùmí, Oyèrónkẹ́ 2021, p.186).

Os colonizadores faziam distinções claras entre os corpos masculinos e femininos, agindo com base nessas diferenças. Os homens eram o foco das políticas coloniais, o que os tornava mais visíveis. Esses aspectos justificam a necessidade de analisar o impacto colonial sob uma perspectiva de gênero, em vez de simplesmente determinar qual grupo, masculino ou feminino, foi mais oprimido. O processo colonial foi permeado por desigualdades de gênero, visto que os colonizadores, predominantemente homens, utilizaram a identidade de gênero para moldar suas políticas. Perrot (2007).

Portanto, qualquer discussão sobre hierarquia na situação colonial deve levar em consideração não apenas a raça como um fator de distinção, mas também o gênero. As categorias racialmente distintas do colonizador e do nativo devem ser ampliadas para incluir quatro grupos, levando em conta o gênero. Nesse contexto colonial, a hierarquia se apresenta da seguinte forma: homens europeus, mulheres europeias, homens africanos nativos e mulheres africanas, que ocupavam uma posição residual e indefinida, referida como "Outras" (Oyěwùmí, Oyèrónkẹ́ 2021).

As narrativas de mulheres negras, são de lutas e conquistas no decorrer de todo o processo histórico na América/Latina. Ser mulher de cor em uma sociedade patriarcal e hegemônica, fez com que vivenciassem diversos tipos de abusos sexuais, escravidão e exclusão social, deixando marcas profundas e repercutindo na atualidade. Essas mulheres tiveram que superar as barreiras que lhe foram impostas no período da escravatura. Fato é que:

> A colonização nos despiu de nós mesmas, nos fez/faz reféns de seus modelos de vida, epistêmicos e ontológicos, e nos plasma como se fôssemos massa de modelar, fantoches manipuláveis. Por essa razão, passou da hora de rever nossos sentidos colonizados, mudar e extirpar, completamente, esse olhar inferiorizado sobre nós (Cruz; Souza 2022, p.12).

A subalternização do gênero feminino na sociedade, em especial, de mulheres negras, está atrelada a percepção de mundo desenvolvida pelos portugueses no período colonial. A classe dominante classifica indivíduos que por algum aspecto se diferenciava dos tidos

“normais”, e enfoca na diferença como aspectos normativos para rotular indígenas, negros/as e mulheres como seres irracionais ou aberrações.

Lugones (2014, p. 934) enfatiza que “[...] mesmo que nesse tempo a compreensão do sexo não fosse dimórfica, os animais eram diferenciados por machos e fêmeas, sendo macho a perfeição, a fêmea a inversão e deformação do macho. [...] Os/as colonizados/as, todos eram entendidos como aberrações da perfeição masculina”. De acordo com a autora as mulheres simbolizavam a inferiorização da raça humana, ou seja, do sexo masculino, e a dicotômica diferença entre raça/etnia e gênero, justificou as atrocidades cometidas pelos colonizadores.

Em "Escrever Além da Raça", Bell Hooks (2013), aborda como a mídia frequentemente aceita o discurso de raiva e indignação das pessoas negras mais do que aqueles que analisam os mecanismos da supremacia branca. Segundo a autora, essa aceitação ocorre porque tais discursos, ao retratar os negros como "irracionais", reforçam a ideia nos racistas de que seus sistemas de opressão estão funcionando de forma eficaz.

Essa reflexão suscita importantes questões acerca da vida das pessoas negras. Desde a infância, elas são submetidas a uma racialização constante, aprendendo a reconhecer sua cor e, consequentemente, sua identidade. O racismo impõe que, desde cedo, compreendam seu "lugar" na sociedade. A hierarquia racial que organiza os corpos sociais cria uma urgência em ocupar os papéis designados, que muitas vezes são de "outros", "diferentes" e "inferiores". As violências que emanam dessa posição moldam as interações sociais e geram consequências de diversas naturezas, incluindo impactos psíquicos, físicos e econômicos.

A colonialidade busca legitimar a classe social detentora do poder, através da negação da subjetividade e dos direitos do outro, tornando o colonizado objeto de posse do colonizador, gradativamente, este indivíduo experiência o processo de distanciamento de sua identidade, passando a compreender os conhecimentos de mundo do colonizador como mais relevantes que os seus. Estes são padrões eurocêntricos, cuja a centralidade está na busca por constituir uma sociedade hegemônica, estabelecendo condutas a serem seguidas a partir das identidades que cada indivíduo apresenta.

> “Consequentemente, novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos, azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços. Essa distribuição racista de novas identidades sociais [...] como uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial” (Quijano, 2005, p. 119).

Para o autor, a concepção de novas identidades corroborou para a hierarquização no trabalho de indivíduos negros e negras na sociedade.

De acordo com Rezende; Tárrega (2021, p. 229) “[...] o terror psíquico e a violência vividos por homens e mulheres negros durante a travessia do Atlântico eram apenas as primeiras etapas no propósito de destruir a dignidade humana dessas pessoas, eliminando seus nomes, reprimindo a consciência de liberdade e forçando-as a adotar a identidade de escravizado”.

A sociedade tentou interiorizar que as pessoas escravizadas deveriam assumir uma nova identidade, se distanciar da sua cultura, e deixar a sua história de vida em um passado longínquo. Assim, facilmente seriam manipulados e não teriam condições psíquicas de lutar por seus direitos nem ao menos reconstruir-se como pessoas autônomas, capazes de pensar e agir socialmente. Deveriam se submeter aos maus tratos referidos por seus senhores, pois tinham a sua identidade desumanizada.

No período colonial, esses indivíduos eram levados a força em navios negreiros para serem escravizados. As mulheres presenciaram o processo hierárquico por apresentarem características físicas que se difere do sexo masculino, com isto, o valor pago pela mulher negra escravizada era inferior ao do homem. Em suma, a desvalorização do sexo feminino ocorreu por pouco tempo, até serem inseridas no contexto da reprodução. “Além do trabalho doméstico realizado na casa-grande, as mulheres escravizadas também tinham a capacidade reprodutiva como objeto de exploração. Seriam melhor avaliadas ou não conforme a sua fertilidade, pois através da reprodução garantiriam a ampliação da força de trabalho escrava” (Rezende; Tárrega, 2021, p. 233).

Além de se submeter ao trabalho doméstico forçado, Hooks (1994), enfatiza que as mulheres negras eram constantemente abusadas sexualmente para legitimar a lealdade ao seu senhor. Elas vivenciaram a experiência de terem seus corpos subalternizados e dilacerados pelo homem branco. Isto tem acarretado prejuízos na atualidade e em diversos seguimentos como na profissionalização, relacionamentos interpessoais e na percepção do seu corpo. A sociedade tem trabalhado incansavelmente pelo branqueamento, não apenas da pele, mas da alma contribuindo para que muitas mulheres negras desenvolvam uma concepção distorcida de si mesma e sobre a realidade social no qual está inserida.

O trabalho é uma necessidade inerente aos seres humanos, ingressar em uma universidade e se tornar um profissional renomado, faz parte das brincadeiras de faz de conta infantis. No entanto, o percurso para alcançar a profissão desejada pode se tornar um processo árduo para muitos indivíduos, que ainda na infância vivenciaram o preconceito interiorizado nos discursos de professores, livros didáticos e nas práticas pedagógicas.

O preconceito é intensificado nas experiências de mulheres negras que não precisam lidar apenas com as diferenças de gênero, mas com a inferiorização devido seu fenótipo. A

realidade é que muitas mulheres negras não conseguem materializar seus sonhos, pois precisam deixar os estudos para se entrar no mercado de trabalho, na maioria das vezes como trabalhadoras domésticas. Ainda que este trabalho seja digno de respeito e valorização, enfatizamos que mulheres negras como trabalhadora doméstica, escancara a realidade do nosso país, que ao longo do seu processo histórico, se mantém arraigado as velhas concepções de mundo, culminando nas desigualdades sociais. Hooks (1994), ressalta que silenciar em meio as injustiças contra as mulheres negras ou buscar a emancipação negra sem a teria é um ato de cumplicidade para a discriminação racial e de gênero.

Os índices do Brasil, não são aplausíveis, eles demonstram que existem poucas perspectivas de trabalhos para mulheres negras, que não estejam atrelados ao serviço doméstico como limpar, lavar, passar, cozinhar. Bernardino-Costa (2007, p. 25), ressalta que, "[...], o que chama a atenção quando adicionamos a variável racial é a predominância de mulheres negras nesta ocupação: 59,3% das mulheres ocupadas no serviço doméstico são negras, enquanto estas equivalem 47,6% da PEA feminina". Neste sentido, o que constitui a mulher negra como trabalhadora doméstica são as relações de poder estabelecidas na sociedade. Ser mulher em uma cultura patriarcal, por si, estabelece uma relação de desigualdade e segregação social, as hostilidades aumentam ao ser classificada como negra.

Consideramos que a escola é um dos principais mecanismos sociais para efetivar as desigualdades raciais, pois o sistema de ensino busca implementar valores e padrões de apenas uma classe social, a burguesia, sendo este o meio perspicaz para destacar as diferenças em nossa cultura. "Seria através da transmissão da cultura escolar, a partir especialmente do ambiente escolar, com suas regras, valores e padrões de comportamento, que a classe dominante revelaria a violência simbólica sobre alunos de classe popular" (Ferreira, 2013, p. 48). A violência simbólica é representada por Pierre Bourdie, como as relações de poder que se insere na sociedade através da classe dominante sobre os subalternizados. Ao mesmo tempo que impõe padrões culturais para serem seguidos, os naturaliza.

Percebe-se que dificilmente a mulher negra conseguirá progredir no meio acadêmico devido o processo de inferioridade que recebeu desde criança. Ainda que consiga, as desvantagens presentes na vida dessa menina são inúmeras, ao começar pelos conteúdos programáticos apresentados nas escolas, e nos livros de literaturas, que busca configurar a imagem heroica do homem branco e de escravatura da mulher negra. O livro de "literatura reforçou o lugar social de gênero e etnia através da representação da imagem da mulher negra, quando não invisibilizadas, aparecem em imagens nas quais são construídas corpo-objeto ou relacionadas ao passado de escravidão" (Cambraia, Tárrega, 2013, p. 1).

A educação desenvolvida nas escolas tem reforçado estereótipos, meninas negras estão fadadas ao fracasso escolar graças ao sombrio passado de escravidão. Gradativamente, esta menina começa a interiorizar as regras impostas na sociedade, de que o lugar da mulher negra não é nas Universidades, mas no trabalho de doméstico. A partir desta problemática, conseguimos compreender que o estudo não se torna o principal objetivo na vida desta jovem, o que contribui significativamente com a evasão escolar.

Passos (2010, p. 153) salienta que "[...] a construção das desigualdades educacionais, quer seja no âmbito legislativo, quer seja na ausência de condições materiais plenas do exercício de direito, reflete-se até hoje nos indicadores de analfabetismo, de reprovação escolar" [...].

Com o intuito de sanar as desigualdades presentes no meio social, foram desenvolvidas cotas para que estudantes negros obtivessem o direito ao acesso e permanência no ensino superior. De acordo com Vieira (2015, p. 38), "[...] trata-se de uma 'posição' mais avançada em relação à anterior por reconhecer que indivíduos e grupos sociais devem ter reconhecidos seus direitos, inclusive o de acessar ao nível superior". Vieira classifica as cotas como políticas de ações afirmativas que busca minimizar as diferenças ocasionadas pela branquetura.

A presença de negros/as no ensino superior, tem sido de extrema significância para sanar as desigualdades e segregação racial. No entanto, Hooks (1994) salienta que o espaço acadêmico tem inibido esses alunos de desenvolverem sua identidade, fazendo com que se adentre na cultura daqueles que os subalternizaram, oprimindo e o silenciando, essas estudantes não veem outra alternativa a não ser aceitar valores e condutas que não são suas.

É evidente que o "racismo à brasileira" é uma realidade cultural inegável. Dada sua ampla presença em nossa sociedade, seria complicado descartar a categoria "raça" em nossas análises, pois ela serve como uma ferramenta valiosa para a análise socioantropológica, especialmente em relação às dinâmicas de poder. Assim, é importante compreender, como alerta Gonzales (1984), que "desracializar o debate sobre o racismo — um preconceito enraizado em ideologias e culturas — significaria negar essa forma de opressão, buscando neutralizá-la por meio de conceitos alternativos, como o de etnia".

Diante do exposto, é de fundamental importância "[...]enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar [privilegiado] e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados." (Ribeiro, 2017, p.86).

Mesmo que as ações afirmativas para mulheres negras seja um direto reconhecido por lei, a classe dominante busca impor as suas condutas na tentativa de tornar a sociedade hegemônica. O patriarcado tem invisibilizado as mulheres ao desenvolver a segregação racial

no meio acadêmico. Ao entrar nas universidades, as mulheres negras se deparam com trabalhos e publicações desconexas com a sua realidade, ou são inibidas de terem sua teoria publicadas.

> Como ativistas feministas, podemos nos perguntar para que serve uma teoria feminista, que agride as psiques frágeis de mulheres que lutam para sacudir o jugo opressivo do patriarcado. Podemos nos perguntar para que serve uma teoria feminista que literalmente espanca, as expulsa trôpegas e de olhos vidrados do contexto da sala de aula, sentindo-se humilhadas, sentindo-se como se estivessem de pé numa sala de aula ou num quarto em algum lugar, nuas, na presença de alguém que as seduziu ou vai seduzi-las, alguém que as sujeita a um processo de interação humilhante, que as despoja de sentido e valor (Hooks, 1994, p. 90).

Para lutarmos contra as desigualdades de gênero e raça é preciso mais do que discurso moralista, pois isto tem levado a pensar que a inclusão racial tenha ocorrido de fato, em um dado momento.

> Ao processo de inferiorização dos afrodescendentes e de suas contribuições para a formação do país, soma-se a crença de que vivemos em uma democracia racial, na qual não há conflitos ou abismo provocados pela distância que separa brancos e negros no que tange ao acesso dos bens públicos e as oportunidades (Mota, 2021, p.197).

Coadunando comas ideias de Gonzalez, Cruz e Souza (2022) destacam a urgência de:

> [...] descolonizar a nossa visão, para que enxerguemos os desmandos sociais, promovidos pela sociedade androcêntrica capitalista; descolonizar o nosso olfato, a fim de que sintamos o odor pútrido das ações cotidianas do patriarcado; descolonizar o paladar, com o objetivo de experimentar nossas raízes e, assim, expelir, de vez e para sempre, o machismo, o consumismo exacerbado; descolonizar a audição, para que possamos ouvir os gritos das amordaçadas e, por fim, descolonizar o tato para tocar a alma da igualdade de direitos (Cruz; Souza 2022, p.22).

No que tange a errônea percepção do igualitarismo entre raça, etnia ou gênero, resulta no conformismo de grupos sociais em prol de uma sociedade justa e inclusiva. No entanto, a sociedade almejada está longe de ser conquistada, a igualdade só será efetivada se for deixado a dicotômica relação de poder entre classes sociais, superior/inferior, que de um lado oprime, violenta, julga, discrimina e do outro enfraquecido pelas circunstâncias, incorpora valores tidos como necessários para a ordem social.

O racismo dissimulado, também explorado em profundidade na obra de Lélia González (1984), reflete uma formação social brasileira que tem buscado perpetuar o mito da democracia racial. Esse fenômeno ainda influencia a organização da população negra no Brasil. Apesar das graves e violentas consequências da opressão racial, muitas vezes não há um reconhecimento claro desse racismo, o que dificulta a capacidade da comunidade negra de analisá-lo

criticamente. É notável que, mesmo em uma nação que se considera “orgulhosamente” multiétnica, o cenário político seja majoritariamente dominado por homens brancos, que frequentemente “transmitem o bastão” de geração em geração.

Neste contexto, ao pensar sobre os próximos passos para a organização das mulheres negras, é essencial focar em três aspectos que não apenas influenciam as relações étnico-raciais, mas também moldam a estrutura política, tanto no Brasil quanto globalmente: raça, classe e gênero. Essa abordagem tridimensional da condição da mulher negra fundamenta a dinâmica do atual sistema econômico-político de exploração, sugerindo que seu ativismo pode transformar não apenas sua própria situação, mas também provocar mudanças significativas em questões sociais estruturais.

Angela Davis (2016) destaca que, quando as mulheres negras se mobilizam, toda a estrutura política e social se altera. Sua reflexão enfatiza a centralidade da mulher negra na filosofia político-social, reconhecendo a interseccionalidade como uma contribuição crucial das intelectuais para a luta internacional, especialmente no que diz respeito às mulheres negras.

As perspectivas de Lélia González e Angela Davis são, sem dúvida, interligadas em vários aspectos. Ambas partilham uma base comum em suas formulações teóricas: a compreensão de que a população negra na diáspora enfrenta uma condição específica de opressão, que não apenas afeta sua realidade imediata, mas também as estruturas sociais mais amplas.

Salientamos que o engajamento da população em movimentos sociais é crucial para que mais mulheres ocupem cargos de liderança. Conforme salienta Doimo (1995:125), “Trata-se de um dispositivo informal pelo qual se reafirma os laços interpessoais entre os que devotam participação continuada e apresentam ‘disposição para a luta”.

A valorização do papel da mulher é fundamental, pois nossa sociedade possui uma multiplicidade de saberes que vai além dos conhecimentos masculinos. Além disso, as mulheres têm lutado arduamente para constituição de uma sociedade mais justa e igualitária, portanto, devem ser inseridas nesses espaços de poder de fala e tomada de decisão.

É perceptível a crescente conquista do espaço pelas mulheres na sociedade, assim como são evidentes as transformações que envolvem sua participação na sociedade brasileira, transformações que as mulheres no campo da educação não estão imunes, o que nos leva a concordar com Perrot (2012, p. 15), ao afirmar que "a história das mulheres mudou".

> Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida, privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da

> criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. (Perrot, 2007, p. 15).

O século XIX foi determinante para a manutenção da cultura patriarcalista no Brasil, na qual a mulher tinha que prestar contas ao pai, ao marido, enfim, a toda a sociedade e, também ao Estado. O movimento para sua inicial emancipação ocorreu no campo educacional, considerado como segundo lar, e a professora qualificada pelo "instinto" maternal, tão suave e severa quanto na educação de seus próprios filhos.

Uma vez que a participação da mulher no plano social exigiu treinamento e exercício constante, ainda que necessitasse de apoio e vigilância ao longo de décadas, a entrada da mulher na área da educação se deu na perspectiva de sua contribuição no processo de modernização do país, em que a educação de base era promovida pelo Estado, e de forma agradável e facilitada, visto que desenvolvida por mulheres.

3.4 O protagonismo feminino no curso de licenciatura em pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso

Ao analisarmos o processo histórico educacional, percebemos a relevância da mulher na tessitura educativa. Desde o início da história da educação, elas têm contribuído com a aprendizagem dos educandos, especificamente no meio acadêmico, como na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), por meio da oferta de cursos de formação, esta universidade tem contribuído grandemente com o avanço educacional. Esse espaço universitário, tem sido lugar de fala para muitas mulheres silenciadas ao longo do tempo, não apenas para as professoras, mas também, acadêmicas que ingressaram no curso de pedagogia, e nos demais cursos ofertados por essa instituição de ensino. Com isso, as mulheres têm sido fundamentais para o avanço da pesquisa e ciência, desenvolvendo projetos que visam a melhoria de práticas educativas nas escolas.

A UNEMAT é uma instituição de ensino superior com diversos polos localizados nos munícipios do Estado de Mato Grosso, garantindo ensino público e de qualidade para população que, de outra forma, não teria acesso à universidade, se não fosse por meio das ações afirmativas, como adoção de cotas para negros, a faculdade intercultural dos povos originários indígenas, entre outros. A UNEMAT, foi fundada na região de Cáceres, carinhosamente

apelidada pelos moradores, como “Princesinha do Rio Paraguai”, por estar situada às margens do rio Paraguai. Portal da Unemat (2024)[1].

A UNEMAT tem lutado, durante décadas, para fomentar ações que visem a igualdade de gênero. Nesta perspectiva, a maior parte do corpo docente, é formado por mulheres, cuja representatividade ultrapassa os muros que as cercam. Segundo notícias do portal da Unemat (2024), essas mulheres desempenham funções na reitora, secretaria, docência e pró-reitora. Nos cursos de graduação, totalizam 53% no número de mulheres, enquanto no curso de licenciatura em pedagogia, a porcentagem aumenta para 90% das universitárias, do sexo feminino. A representatividade feminina na Universidade do Estado de Mato Grosso, materializa o desejo desta instituição em se tornar um espaço verdadeiramente inclusivo. Possibilitando que mulheres desenvolvam sua autonomia e estejam à frente de tomadas de decisão que implicam diretamente na educação.

Neste sentido, o curso de Licenciatura em Pedagogia tem como princípio formar sujeitos que irão ingressar no mundo do trabalho com o objetivo de desenvolver práticas educativas que visem a transformação social. Esse compromisso, exige que os professores sejam mais do que meros ouvintes, mas atuem como mediador correlacionando o conhecimento empírico com a realidade no qual o aluno está inserido. Portal da Unemat (2024).

Essas características são evidenciadas nas professoras pedagogas, que desde o início da história da educação, tem contribuído com o processo educativo, como tem destacado Almeida (1998, p. 80), “[...] desde o princípio, a vontade feminina de exercer o magistério também incluiu o potencial da competência exigida para o aprimoramento docente fornecido pela prática e experiência”. Ao sair do curso de formação no ensino superior, as pedagogas precisam lidar com diversas demandas sociais, que buscam inibir sua atuação, mesmo assim, elas têm demonstrado sua competência no meio educacional, atuando como mediadoras do conhecimento para o educando.

Ao longo da história da sociedade a pedagogia tem desempenhado um papel de fundamental importância. Como uma ciência voltada para aquisição do conhecimento, tem o objetivo de fomentar procedimentos metodológicos que visam a melhoria da educação, abordando uma multiplicidade de saberes que possibilitam o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

No contexto educativo, a pedagogia concentra-se nos processos de ensino e aprendizagem, contribuindo significativamente com o desenvolvimento intelectual, físico e

[1] https://unemat.br/site/institucional/nossa-hist%C3%B3ria

social do educando. Essa abordagem se concentra no processo de ensino aprendizagem dos indivíduos desde o estágio inicial.

No entanto, as professoras têm enfrentado a cultura vigente do patriarcado que perpetua as desigualdades de gênero no âmbito educativo, tornando esse espaço competitivo, e segregacionista. A escola deveria ser um lugar para respeitar as diferenças e contribuir com o desenvolvimento das multiplicidades de saberes que se fazem presentes em nossa sociedade, e não inibir a alteridade de alguns educandos, especificamente das mulheres.

As desigualdades de gênero se manifestam na educação por meio do currículo escolar, valorizando os saberes masculinos. Esse currículo tem reproduzido estereótipos de gênero, especialmente via materiais escolares, como os livros, mídias, dentre outros, contradizendo o papel fundamental da educação, que deve ser o de respeitar todas as identidades.

A percepção de Silva (2000, p. 92) é a de que, “Um livro didático que sistematicamente apresentasse as mulheres como enfermeiras, e os homens como médicos, por exemplo, estava contribuindo para reforçar esse estereótipo e, dificultando que as mulheres chegassem às faculdades de medicina”.

O currículo escolar, pode implicar na maneira pela qual a sociedade compreende as mulheres. Se reproduzirmos que os homens são superiores e podem assumir cargos de liderança, enquanto as mulheres exercem trabalhos menos qualificados, estaremos, sem dúvidas, disseminando a desigualdade de gênero na sociedade. Nesse contexto, o currículo influencia na desconstrução de identidades. Algumas culturas são silenciadas no meio educacional, deixando de desenvolver sua autonomia, que na teoria, o espaço educativo deveria contribuir para a inclusão de diferentes identidades.

Os estereótipos de gênero presente no currículo escolar, tem contribuído para o desenvolvimento de uma concepção distorcida do curso de pedagogia. Ao pensarmos na professora pedagoga, na maioria das vezes, imaginamos uma senhora passiva, cuja representação nos remete apenas a figura de “tia”.

A percepção de que a educadora, não deve ser reconhecida pelo seu trabalho, mas, por sua figura fraterna, é o arcabouço para desvalorização do curso de pedagogia e consequentemente das professoras pedagogas, podendo obscurecer o seu valor intrínseco tanto no desenvolvimento dos educandos, quanto na constituição da sociedade. De acordo com Almeida (1998), essa desvalorização do curso de pedagogia, acarretada por uma visão distorcida da profissão, privilegia o relativismo e a desintegração do sujeito, deixando de ser reconhecido como alguém capaz de desenvolver nos educandos o pensamento crítico e reflexivo, além de contribuir com o desenvolvimento da sociedade.

Esses atributos do educador não devem ser minimizados, nem tão pouco esquecidos. Neste sentido, as qualidades do professor, que emergem da sua profissão, devem ser reconhecidas no contexto educacional. As pedagogas são profissionais responsáveis por promover ações educativas que visam a integridade do educando, tanto física, quanto intelectual. Freire (2007) assevera que:

> A valorização social da função de professor está fundada no reconhecimento de sua importância para a formação de indivíduos participantes da sociedade dos bens e valores. A respeitabilidade ao professor exige deste, qualificação e responsabilidade no exercício de sua profissão. Não é mais suficiente o discurso romântico da vocação ou as considerações abstratas dos valores do passado, dos tempos em que a professora e o professor eram simples instrumentos dóceis dos poderosos. O engajamento atual da professora ou professor no projeto político e econômico na sociedade, que se torna ambivalente diante das divisões dos seus espaços requer desta clareza de opção e coerência de atitudes para sustentar o sentimento simultaneamente educativo e transformador de sua função (Freire, 2007, p. 21).

É importante compreender que as professoras pedagogas operam num contexto masculinizado, tanto pelo currículo escolar, quanto pela sociedade patriarcal, que inibe sua ação criadora em diversos espaços. Muitas vezes, as mulheres são julgadas como responsáveis pela desvalorização da profissão docente, devido a feminilização no magistério. Fatores como a dificuldade de aprendizagem dos alunos, falta de recursos pedagógicos, ou até mesmo a desvalorização salarial, contribui para essa visão. “A inserção feminina na carreira não promoveu a desvalorização salarial de uma profissão que nunca foi bem remunerada” (Almeida, 1998, p. 79). Ou seja, as professoras frequentemente têm sido julgadas como culpadas pelo fracasso escolar.

O fracasso escolar, embora tenha origens históricas, continua a ser uma realidade no sistema educacional brasileiro, especialmente nas escolas localizadas em áreas periféricas e entre as classes sociais mais desfavorecidas. Contudo, “Podemos entender o fracasso escolar como uma síntese de múltiplas determinações: sociais, educacionais, políticas, econômicas, históricas, que necessita de uma reflexão crítica e uma práxis transformadora, compreendendo a totalidade dos processos envolvidos” (Uliana e Batista 2022, p.72).

Importante se faz destacar que a responsabilidade do professor vai além da mera transmissão de conhecimentos. É fundamental que ele reconheça a importância de sua função, que é intrinsecamente política e formadora. Um docente que compreende seu papel na sociedade não se limita ao ensino; ele tem consciência do tipo de aluno que deseja formar, dos desafios que enfrentarão e do mundo em que viverão. Ele assume a responsabilidade por moldar novas identidades e pela transformação que a educação pode propiciar.

Nesse contexto, é essencial que todos se envolvam nas questões relacionadas ao fracasso escolar. As autoridades, em particular, devem implementar ações que garantam uma distribuição mais equitativa de recursos para a educação e as escolas, além de incentivar o envolvimento do aluno, do professor e da família nesse processo.

Na realidade, os órgãos governamentais falham na disponibilidade de recursos, buscando enfraquecer a educação, ao desenvolver uma percepção distorcida da profissão docente. Este método coercivo tem sido utilizado pela burguesia para impedir que o conhecimento chegue nas camadas populares.

Acreditamos que, por meio de ações colaborativas e de uma atenção ao contexto social e econômico em que o aluno está inserido, o investimento em políticas públicas educacionais pode fazer a diferença. É fundamental que as políticas públicas valorizem a educação, reconhecendo a importância dos educadores ao proporcionar melhores condições de trabalho, salários justos, oportunidades de especialização, além de materiais adequados e redes de suporte abrangentes.

4. CAMINHOS DA PESQUISA

O objetivo desta seção é apresentar a trajetória de vida da pesquisadora, demonstrando que sua vida profissional e pessoal se entrelaça com o tema de estudo escolhido. Serão exploradas as motivações que impulsionaram a pesquisadora a se dedicar a temática específica, bem como a relevância desta pesquisa para a sociedade acadêmica.

Em seguida, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados, sendo de abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios decoloniais e materialismo histórico e dialético, de abordagem etnográfico. Também serão apresentadas as publicações encontradas no banco de dados, de Publicações de Teses e Doutorados que serviram como base para pesquisa.

Na sequência, discorreremos sobre os lócus da pesquisa, que foi delimitado nos municípios de Salto do Céu, Rio Branco e Lambari D´Oeste, cidades denominadas como rota das águas.

4.1 Memórias de uma Pedagoga/Pesquisadora

> A menina não sabia por onde começar a tecer o bordado, resolveu pelo que lhe chamou mais atenção, uma linha verde brilhante. Depois dos primeiros pontos, foi surgindo um capim alto e aos poucos um lindo jardim. Obedecendo delicadamente a sincronia de suas mãos, ela aprendeu o caminho, manhãs, após manhãs tecia, uma borboleta, um louva-a-deus. Com esmero, tecia pela linha do inseto voando através de suas asas até que em certo ponto, ela pousa entre as flores do jardim (Colasanti,1979).

Por meio do conto “Além do Bastidor”, a autora Marina Colasanti (1979), narra a história de uma menina, cujos primeiros passos no mundo dos bordados são de incertezas. Diante das adversidades, ela ousa dar o primeiro ponto, impelida pelo verde brilhante e, revela-se um mundo de cores e formas, onde floresce um jardim. Nesse tecer minucioso entre as linhas do bordado, a protagonista descobre não apenas a complexidade da arte, mas também o significado profundo que reside em cada ponto, levando-a a adentrar em sua própria obra.

Ao imergir na leitura deste conto, encontrei uma similaridade entre a minha atuação como pesquisadora e o tecer da personagem da história. Entendi que todo início é marcado pelas incertezas, entretanto ao longo do processo, as dúvidas são sanadas mediante o delinear da pesquisa. Entendendo que o conhecimento é um caminho contínuo, pois “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a refazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (Freire, 1997, p. 79). Assim, foi nesta perspectiva que decidi enfrentar os desafios na busca pelo conhecimento. Optei por iniciar minha pesquisa dialogando com professoras pedagogas aposentadas, reconhecendo em seus relatos, não apenas fontes de informação, mas também narrativas que viriam a delinear os contornos da pesquisa.

À medida que me envolvia com suas histórias, voltei ao período de infância, no qual as experiências vividas neste período moldaram profundamente minha jornada acadêmica, uma vez que a minha infância foi permeada por venturas e desventuras em um sítio, localizado no município de Lambari D'Oeste. Como todas as crianças, amava as brincadeiras de faz de conta, sendo que este universo, me propiciava a liberdade de estar em lugares distantes, onde o único limite era a imaginação.

Com o passar do tempo iniciei o período de escolarização, a partir de então, a menina sonhadora que sou precisava vivenciar outra realidade. Ela encontrou muros que passaram a fazer parte da sua vida e a impediram de continuar as brincadeiras que a faziam se sentir livre. A escola que tem como obrigatoriedade alfabetizar a criança, acaba por esquecer que elas carregam consigo um mundo inteiro, repleto de dúvidas, certezas, medos e ansiedades.

Enquanto a professora insistia no Bê-á-bá, eu distraidamente olhava, pela janela da sala de aula, os pássaros sobrevoando os arbustos e árvores e, em mim nascia um desejo imenso de voar, de ter asas e assim ir para outro lugar bem longe dali. Mas havia algo que me impedia, então eu me voltava para o quadro e copiava a lição, pois a professora ameaçava apagar o quadro.

O tempo passou vagorosamente, e não restava nenhuma alternativa a não ser permanecer em silêncio observando e refletindo sobre aquele novo ambiente tão isolado do mundo. Os professores daquela instituição não conseguiam compreender o que poderia haver de errado com a menina que insistia em olhar pela janela. Eles queriam apenas que ela adentrasse no mundo da leitura e escrita. Meus pais foram chamados na escola por diversas vezes, mas nada resolvia os conflitos internos da menina, que permanecia em silêncio no fundo da sala, mais perto da possibilidade de olhar para fora da sala de aula.

Era terrível passar um longo período apenas copiando os numerais ou vogais expostos na lousa sem conseguir compreender o real sentido dos números, das vogais e do alfabeto. O tempo foi passando e não era alfabetizada como os demais alunos, por diversas vezes, ignorada no cantinho da sala de aula, ao lado da janela. Pois não incomodava as outras crianças, ficava ali inerte até tocar o sinal, e ir para casa, lá poderia me sentir livre outra vez.

Um evento que marcou profundamente a minha história de vida naquela instituição de ensino, especificamente no terceiro ano do ensino fundamental, foi o fato de que um professor me reprovou porque eu não conseguia entender o que ele fazia na sala de aula. A forma como ele me tratava sempre com indiferença e a aplicação de uma prova final de surpresa, fez com que eu não conseguisse a nota necessária para ser aprovada. Mesmo estando ali fisicamente, eu não era vista e nem compreendida como sujeito de direitos para receber uma educação que

sanasse, ou pelo menos minimizasse o déficit de aprendizagem que eu apresentava. A falta de uma formação adequada do professor e a pouca sensibilidade para as minhas dificuldades de aprendizagens ocasionaram minha reprovação.

No ano subsequente, retornei novamente ao terceiro ano, e acabei encontrando os mesmos desafios. No entanto, diferenciando-se dos demais educadores, a nova professora observou que a menina que ocupava o cantinho esquecido da sala de aula era alguém que precisava de ajuda. Sua postura firme e determinada foi central para que eu dominasse as habilidades de leitura e escrita, nivelando-me com os demais colegas de classe. Foi através da altivez daquela professora que minha história de vida ganhou novo significado, pois eu queria ser uma mulher igual a ela quando me tornasse adulta.

Entendi que poderia desenvolver as habilidades cognitivas como os demais alunos, mas para isso, precisava dar o primeiro passo para ir em busca da concretização dos meus sonhos. Nunca mais reprovei na escola e minhas notas melhoraram significativamente. Após concluir o período de escolarização, comecei a ler vários livros e assistir a videoaulas de cursos preparatórios almejando ingressar em uma universidade pública.

O desejo de cursar o ensino superior, especificamente licenciatura em pedagogia, teve sua origem e influência de minha mãe. Desde a infância, ouvia ela dizer que o seu maior sonho era ser pedagoga, mas devido às circunstâncias da vida, não conseguiu realizar o seu desejo. Como não foi possível realizar o sonho, passou a projetá-lo nas filhas. Minha mãe morava em um pequeno sítio localizado no município de Glória de Dourados, a 81 km de distância de Dourados, no Estado de Mato Grosso do Sul. Meus avós tiveram sete filhos, sendo dois homens e cinco mulheres. Minha mãe, desde pequena, foi levada a trabalhar na roça e, por ser dedicada no manejo com a terra, foi considerada um dos peões do meu avô.

A dona Aparecida Medeiros, mais conhecida como Cida, conseguiu frequentar a escola somente até o quarto ano do ensino fundamental, pois a escola onde ela e seus irmãos estudavam não oferecia níveis mais avançados de escolarização, por isso tiveram de ir para outra escola muito distante do lugar onde moravam. Minha mãe relata que sentiu uma tristeza profunda, ao ouvir que não poderia mudar para outra cidade para ela estudar, pois seu pai não poderia ficar sem um dos seus peões.

Apesar de considerar tal atitude segregacionista, eu não posso tecer uma crítica ao meu avô, ele foi levado pela sua condição de homem, chefe de uma família patriarcal, que devia cuidar e decidir o destino dos filhos. Do mesmo modo que o seu pai, e o pai do seu pai e sucessivamente, acreditavam em uma concepção de mundo, onde jaziam arraigadas as vivências que tiveram quando criança, ele também exerceu sobre a minha mãe o seu poder. E

neste contexto, assim como as outras mulheres, a minha mãe também não teve outra escolha senão aceitar o destino escolhido pelo pai e sacralizado pela sociedade patriarcal, na qual as mulheres são consideradas menos inteligentes e assim não precisavam estudar, bastava ler e escrever.

O tempo foi passando e minha mãe se casou com o meu pai, Joel Medeiros, e então como ela sempre desejava ensinar, passou a alfabetizá-lo, posto que ele havia frequentado a escola só até o segundo ano do ensino fundamental, entretanto não sabia nem mesmo escrever o seu nome. Assim, a educadora sufocada pela ideia de que não precisava estudar, apenas trabalhar, passou a ensinar seu próprio esposo em casa. Ela trouxe, entre os objetos do seu enxoval, um livro velho no qual ela aprendera a ler, e por isso o guardava como uma relíquia. Foi com este livro que meu pai aprendeu a ler e escrever e, minha mãe vivenciou a docência, ainda que informalmente. A leitura possibilitou a ele conhecer placas de trânsito, anúncios, realizar transferências bancárias, tirar sua carteira de motorista, ou seja, graças aos esforços de minha mãe, meu pai passou a ser uma pessoa com autonomia.

Minha mãe continuou a vivenciar o mesmo contexto de quando criança e assim, ela que ia para roça ao comando do pai dela, agora acompanhava o marido no trabalho da roça. Todos os dias, seus sonhos de ser professora se perdiam em meio à plantação de algodão, mas tanto ela, como meu pai, nutria a expectativa de proporcionar um futuro diferente aos seus filhos. Meus pais lutaram ardentemente para que construíssemos uma história diferente da que eles vivenciaram.

Vi na minha mãe, a força e a bravura de uma mulher, que mesmo na sua fragilidade e limitação feminina, não desistiu de conquistar a autonomia financeira. Ela e meu irmão enfrentaram o calor intenso, devido ao trabalho no canavial. Acredito que a dureza daquele serviço contribuiu para que repetisse diversas vezes: “não quero esse futuro para vocês, estudem para seguirem outro caminho. Meu maior desejo é que vocês sejam professoras da educação infantil”. Essas palavras ecoavam, impulsionando-nos a lutar por nossos objetivos e a valorizar a educação como um meio de transformação não apenas social, mas principalmente pessoal.

Apartir dos incentivos familiares, eu aprendi a priorizar a educação, me dedicando com afinco para prosseguir nos estudos.

Tal inspiração materna, me instigou a desenvolver um fascínio pela educação e pelo potencial transformador da pedagogia. Como já mencionado, me dediquei ao máximo e assim fui me preparando para o vestibular.

No segundo semestre de 2012, decidi fazer o vestibular da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), pleiteando uma vaga no curso de Licenciatura em Pedagogia. Para

minha surpresa, conquistei a tão almejada vaga. Durante o curso busquei aproveitar cada instante, dando o meu máximo, pois sabia o valor dos estudos e o quanto meus pais renunciaram a si mesmos para que eu transitasse na vida acadêmica. Apesar de ter que renunciar a algumas coisas, compreendi que tal esforço valeria a pena quando estivesse formada e pudesse escolher o meu trabalho

Dentre as muitas experiências vivenciadas na universidade ao longo da realização do curso de pedagogia, compreendi a importância, enquanto educadores, de aprimorarmos nossos conhecimentos para mediar o processo de construção do conhecimento dos alunos de acordo com a sua necessidade. Não se trata de fazer milagres, contudo, de permitir que cada criança desenvolva o seu potencial diante de sua capacidade que é mediatizada pela sua realidade e história de vida.

Ao concluir a graduação em Licenciatura em Pedagogia, senti o desejo de aprimorar meus conhecimentos, visando contribuir com a aprendizagem de crianças que necessitam de atenção especial. A partir de então, resolvi escrever uma monografia a respeito das dificuldades de aprendizagem no meio educacional, cuja temática foi “Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar”. No ano subsequente, adentrei nos estudos de duas pós-graduações, sendo a primeira em Psicopedagogia e a outra em Neuropsicopedagogia. Não o bastante, busquei ingressar no curso de graduação, na área de Inclusão de Alunos com Deficiência, concretizando meu compromisso com o ensino justo e igualitário.

As experiências até então vivenciadas levaram-me a compreender que a busca pelo saber é uma jornada incessante. Havia algumas indagações que precisavam ser sanadas. Compreendi que era hora de voltar para a instituição que me abriu a porta do conhecimento, a UNEMAT, e por isso fui em busca do Mestrado em Educação.

O interesse pelo Mestrado em Educação, surgiu a partir do curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia, ao observar os educandos que estavam cursando, sentia o profundo desejo de continuar fazendo parte desta instituição. No entanto, morava a quase 100 km de distância e não tinha condições financeiras para custear os gastos que teria no decorrer dos semestres. Outro fator que me levou a desistir foi a percepção de que não era capaz o suficiente de ser aprovada no mestrado e consequentemente cursar as disciplinas. O tempo foi passando, mas continuei nutrindo o desejo de cursar o mestrado.

Ao receber uma mensagem referente à inscrição da disciplina para aluno especial, vislumbrei aquela oportunidade e deixando de lado todas as dúvidas, decidi inscrever-me. O semestre que cursei como aluna especial contribuiu para que tivesse plena certeza que estava no caminho certo, deveria segurar com todas as minhas forças a oportunidade. Em outubro,

submeti meu projeto de pesquisa e, para minha imensa alegria, fui aprovada. Neste processo, tive o privilégio de contar com a experiência da Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk, para delimitarmos o tema de pesquisa "Trajetórias de professoras aposentadas: relatos autobiográficos de pedagogas no interior de Mato Grosso".

Nesta perspectiva, vislumbrei a possibilidade de reencontrar algumas das minhas primeiras professoras que me guiaram no caminho rumo à alfabetização, em especial a professora que me direcionou no processo de conhecimento e contribuiu significativamente para que prosseguisse nos estudos.

O desejo em pesquisar a temática "Trajetórias de professoras aposentadas: relatos autobiográficos de pedagogas no interior de Mato Grosso", resulta de experiências pessoais e profissionais. Durante três anos, atuei como professora na sala multifuncional em uma escola estadual no Município de Lambari D´Oeste-MT, ocasião em que me deparei com realidades distintas, e esta experiência levou-me a questionar o meu trabalho como educadora. Percebi a necessidade de buscar uma formação ainda maior para lidar com as diferentes realidades que transitam no espaço educativo.

Conforme salienta Nóvoa (2012), o professor desempenha papel crucial na educação enquanto agente de transformação, mas para que se concretize é necessário que se torne o precursor de sua própria formação como o preparo para a investigação e inovação. Foi na atuação como professora, que entendi a necessidade de aprender mais para então poder contribuir de modo mais significativo com a aprendizagem dos educandos, independentemente de suas limitações. Foi neste contexto que reconheci a complexidade da atividade docente que, para ensinar, também precisa em todos os tempos, aprender. Por essa razão, a proposta de estudar as histórias de vida das professoras tornou possível acessar e dialogar com aprendizagens de mulheres professoras, mães, esposas, donas de casa e tantas outras faces de pessoas que fazem a educação em lugares tão interioranos.

Tal estratégia de estudo foi fundamental para compreendermos as realidades vivenciadas pelas educadoras, na perspectiva de desvelar quem são as professoras que fazem a educação da população desta parte do estado de Mato Grosso de forma a contribuírem na formação do povo brasileiro. Quais são as ideias, conhecimentos, sentimentos, desejos e sonhos destas mulheres que carregam livros didáticos e produzem ou reproduzem saberes nas antigas lousas (quadro negro), já desbotadas pelo tempo e ou de vidro, para as quais precisam retirar do próprio salário para comprar os tão cobiçados pincéis para quadro branco.

Ao relatar minha história de vida como professora pedagoga, percebi que o método autobiográfico, é também uma oportunidade de dialogar com a percepção de que o ato de educar

é um processo que exige resiliência e conhecimento de mundo dos variados elementos que permeiam a sociedade, pois são inúmeras barreiras que precisam ser desvencilhadas pelos educadores. Como afirma Freire (2017), o ato de ensinar demanda saberes necessários à prática docente, pois sem esses saberes, torna-se quase impossível que professores desempenhem bem o seu papel. E, é a partir da identificação dessa necessidade, que se desenvolve a reflexão crítica sobre o papel do docente e o quanto a interação com seus alunos interferem no cotidiano da sociedade na qual se encontram inseridos, pois, "quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade" (Freire, 2017, p. 26).

Neste sentido, se defende a necessidade de analisarmos a história de vida das professoras pedagogas, bem como suas lutas, desafios e conquistas. Para Dantas; Cardoso, (2017), o conhecimento da história de vida das professoras recria estratégias de ensino. O falar sobre si, é um processo que contribui no reconhecimento do sujeito sobre os pontos negativos do passado e a transformação do futuro. Bueno (2002), ao analisar o uso do método biográfico, fala sobre o quanto é importante o resgate de experiência de ensino, que possam influenciar positivamente os docentes em formação. O conhecimento, adquirido pelo educador por meio do método autobiográfico versa a ressignificação do processo educacional ao transferir um ensino humanizado, crítico e reflexivo, capaz de intervir e contribuir com o desenvolvimento da sociedade.

4.2. Procedimentos Metodológicos

A atuação na educação, seja como docente ou pesquisador, exige um conhecimento dos mais variados elementos que compõem a prática pedagógica. É imprescindível conhecer os processos educativos em sua totalidade. Para isso, o método de pesquisa adotado evidencia o caminho trilhado nesta busca pelo saber.

Neste sentido, a metodologia da pesquisa científica reveste-se de extrema relevância para o pesquisador, constituindo-se um conjunto de procedimentos, cujo objetivo é encontrar respostas para questões específicas. Além de propiciar novos embasamentos científicos que beneficiarão a comunidade acadêmica.

> A metodologia científica é capaz de proporcionar uma compreensão de análise do mundo através da construção do conhecimento. O conhecimento só acontece quando o estudante transita pelos caminhos do saber, tendo como protagonismo deste processo um conjunto de ensino/aprendizagem. Pode-se

> relacionar metodologia com o "caminho de estudo a ser percorrido" e ciência com o saber alcançado" (Garcia, 2015, p 73).

Para efetivação da pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa, pautada nos fundamentos teóricos e abordagem metodológica do materialismo histórico e dialético, decolonial.

A pesquisa qualitativa vai além de aplicar questionário ou fazer entrevista. É a oportunidade em que o estudante precisa ter como base metodologias adequadas ao longo da investigação. Este método de pesquisa exige que o pesquisador se adentre no local da pesquisa, onde "A metodologia qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados (Martins, 2004, p.295). Por essa razão deve haver ética, em relação às pessoas entrevistadas.

A partir do Materialismo Histórico Dialético- MHD, que dispõe de uma ferramenta que permite entender o modo de produção social da existência humana, fundamentada na ideia de que tudo no mundo - incluindo a linguagem, dados estatísticos, imagens e outros elementos

- possui uma existência material e pode ser analisado como um objeto concreto de estudo, em conformidade com o pensamento de Netto (2001):

> [...] para Marx, o objeto da pesquisa (no caso, a sociedade burguesa) tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir. O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo a aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável -, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. (NETTO, 2002, p.22).

A percepção de Gadotti (1990. p. 20) é a de que o método de Marx "[...] está além de um mero procedimento metodológico de análise da realidade: A dialética em Marx não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo". No mesmo parágrafo o autor afirma que "[...] a condição para que o homem se torne homem (porque ele não é, ele se torna) é o trabalho, a construção da sua história. A mediação entre ele e o mundo é a atividade material". Alvarenga (2010) nos afirma que:

> A dialética marxiana não considera o conhecimento sobre a realidade, sobre as relações sociais e naturais que a habitam como produções reificadas, originárias e independentes, cristalizadas em um tempo e espaço imediatos. No entanto, sobretudo ela (dialética material histórica), representa um esforço para ler o mundo e com ele dialogar, mediante grandes e pequenos movimentos que os sujeitos encarnados nele e com ele realizam. (ALVARENGA, 2010, p. 29).

Para Marx, "[...] o método não é um conjunto de regras formais que se 'aplicam' a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para 'enquadrar' o seu objeto de investigação" (NETTO, 2011, p. 52). Esta concepção sobre o método possibilita questionar e superar a rigidez da relação dualista entre sujeito e objeto, homem e natureza, espírito e matéria difundida pelo pensamento ocidental. O método dialético marxiano perpassa toda a sua obra e encontra, no estudo das contradições existentes nas próprias coisas, nas relações sociais, nos próprios sujeitos que formam a comunidade humana, a base de sua exposição. Para Kosik (1995, p. 14):

> [...] o método dialético marxiano compreende um objeto da realidade a ser pensado como "coisa em si" não se manifesta diretamente ao homem, por isso são necessários estabelecer relações, tentar superar a aparência, a pseudoconcreticidade. Não é o sujeito pesquisador que dá movimento ao objeto da pesquisa, ao contrário, esse movimento já existe, cabendo ao pesquisador pensá-lo e, dialogando com ele, produzir conhecimentos.

Na abordagem do materialismo histórico e dialético Danieli; Niedermayer, (2021, p. 532), enfatizam que este método, "[...] pode ser um instrumento para compreender os fenômenos educativos, onde se parte da realidade da educação da escola". Este método de pesquisa irá fomentar a dinâmica das interações educacionais e sociais.

O método de estudo decolonial tem como objetivo, desconstruir regras, padrões e costumes colonialistas na América, visando a valorização de todas as identidades. Além de buscar o reconhecimento de grupos sociais que foram inferiorizados ou aniquilados no período colonial. "No entanto, dadas as mudanças vividas na América Latina na última década, a insurgência social, política, mas também epistêmica de movimentos [...], que estão vinculadas aos projetos e perspectivas de interculturalidade crítica e decolonial" (Walsh, 2009, p. 14), a decolonialidade busca uma abordagem crítica e reflexiva do eurocentrismo na América, para desenvolver projetos com enfoque na decolonialidade.

A fase exploratória consiste em um dos processos mais importante para o pesquisador, pois é nessa etapa que se estabelece a base para a organização do projeto de pesquisa. Trata-se de um instante de levantamento de material, assim como de reflexão crítica e organização das ideias que nortearão os estudos. O levantamento documental, e bibliográfico, segundo Souza, Oliveira e Alves (2021, p.65) "tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas".

Para a organização do projeto de pesquisa realizamos uma busca minuciosa de materiais bibliográfico que serviriam de embasamento teórico. Após a fase da delimitação e escrita, o

projeto de pesquisa foi enviado para ser examinado pela professora Drª. Rosane Seluchinesk, que o aprovou. Os dias que se seguiriam foram dedicados ao planejamento da nova fase de estudo que viria a seguir.

Nesse contexto, a pesquisa partiu da problemática da pesquisa, objetivo geral e específico, justificativa e a metodologia. Elencamos os critérios de inclusão e exclusão, os riscos da pesquisa, desfecho primário e secundário, além da fundamentação teórica, cronograma, e por fim, as considerações finais. Salientamos que toda pesquisa parte do princípio de respeito e ética com os sujeitos pesquisados, neste sentido, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa - CEP sob o número 6.831.776.

A pesquisa se dividiu em três etapas. A primeira consistiu na revisão bibliográfica, com leituras em artigos científicos, teses de mestrado e doutorado e livros da área, a fim de encontrar fundamentação teórica que pudesse explicar os questionamentos que surgiram no decorrer do processo. Este momento da pesquisa, foi importante pois "[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica realiza-se pelo:

> [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

A leitura exploratória contribuiu para desenvolvermos o balanço de produção. De acordo com Barros et al (2020), o balanço de produção consiste em:

> um procedimento metodológico que vale como importante instrumento a ser utilizado na fase inicial da pesquisa científica. Possibilita identificar produções que abordam a temática pesquisada, com isso é possível fazer um mapeamento das publicações sobreo tema a ser estudado (Barros et al 2020, p. 5.5455).

Foi realizado uma busca minuciosa nas plataformas digitais, UNEMAT e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com os descritores "professoras pedagogas aposentadas", "história de vida de professoras", relatos autos biográficos de professoras aposentadas", e o tema da pesquisa "a trajetória de professoras pedagogas aposentadas: relatos autobiográficos de pedagogas no interior de Mato Grosso". Ao todo foram encontrados 19 dissertações, 13 teses sendo que após a leitura dos resumos, 5 dissertações e 2 teses, nos quais,

pudemos encontrar embasamento teórico de trabalhos científicos que correlacionam com a temática almejada.

Nesta perspectiva, abordamos a história de vida de professoras pedagogas aposentadas, não com o intuito de procurar receitas que ditem uma forma de trabalho pedagógico, mas antes com o intuito de observar e identificar os principais desafios enfrentados por elas frente no contexto educacional e social.

Na segunda etapa, tomamos como análise de estudo, a presença de professoras graduadas em Licenciatura em Pedagogia que não estão mais atuando, com intenção de observar e identificar suas histórias de vida, ações e práticas exercidas durante o magistério. Estas docentes, lecionaram nos municípios vizinhos de Salto do Céu, Rio Branco e Lambari Doeste, no interior do Estado de Mato Grosso, sendo uma região conhecida como "rota das águas", por ser rico em diversidade de paisagens naturais e recursos hídricos.

Na terceira etapa, foram entrevistadas professoras pedagogas aposentadas que trabalharam nas escolas urbanas, estaduais e/ou municipais. Para referenciar as professoras utilizamos nomes fictícios de flores, como Primavera, Amarílis, Girassol, Margarida, Gérbera, Perpétua e Hortência. A entrevista, segundo Junior e Junior 2011,

> [...] é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico (Junior e Junior 2011, p.237).

Três professoras entrevistadas lecionaram nas escolas municipais de Salto do Céu, enquanto no município de Rio Branco foi entrevistada uma professora, em Lambari D`Oeste foram entrevistadas três professoras, duas lecionaram nas escolas municipais e uma na estadual.

As entrevistas iniciaram no dia 08 de maio de 2024 e foram encerradas no dia 26 de novembro de 2024, totalizando sete meses de pesquisa. O horário era alternado conforme a necessidade e disponibilidade das professoras que se comprometeram em participar da pesquisa, considerando que se trata de mulheres com idades avançada. Foi respeito o seu horário para tomar medicamentos, consultas médicas, estado de saúde física e mental, além das atividades diárias desenvolvidas por elas.

Todas as professoras entrevistadas são efetivas nos seus respectivos municípios. Algumas são concursadas nas localidades vizinhas, mas decidiram continuar residindo no mesmo lugar e deslocar-se diariamente para o trabalho. Duas professoras moram em Rio Branco-MT, mas compartilham suas experiencias como professoras pedagogas no município

de Lambari D´Oeste. As professoras narram suas histórias desde o processo de formação inicial, atuação profissional à aposentadoria.

A pesquisa foi conduzida com base em alguns critérios de exclusão e inclusão. Foram excluídas as professoras pedagogas que não se enquadram nos requisitos previamente estabelecidos para coletas de dados, como as mulheres que não se enquadravam no quadro de professoras pedagogas, que não residem em alguns dos munícipios, Salto do Céu, Lambari e Rio Branco e que não fossem aposentadas. Foram incluídas as professoras pedagogas que residem nos municípios citados, que atuaram como professoras pedagogas que se aposentaram nos últimos dez anos.

As entrevistas com as professoras pedagogas aposentadas, deu-se por meio de entrevista semiestruturada, cujas perguntas encontra-se no apêndice A. As mesmas foram gravadas por meio do celular, para que as transcrições fossem posteriormente analisadas na íntegra.

Foi utilizado um diário de campo para anotar dados relevantes da pesquisa e organizar as atividades que seriam desenvolvidas, além de tirarmos fotografias de algumas paisagens naturais e cenários relevantes para a pesquisa. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, a fim de respeitar as narrativas das professoras, porém, em alguns trechos foi retirado vícios de linguagem para dar mais clareza e fluidez ao texto. Este instrumento de registros, como afirma Pezzato & L'abbate (2011),

> A utilização de diários de campo como ferramenta de pesquisa possibilita visibilizar aspectos da implicação do(a) pesquisador(a) com o campo estudado. Tal modalidade de escrita compreende a descrição dos procedimentos do estudo, do desenvolvimento das atividades realizadas e também de possíveis alterações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, além de servir como uma narrativa textual das impressões do(a) pesquisador(a). No diário se traz para o debate os conhecimentos e saberes dos(as) pesquisadores(as), propostas e ações, suas angústias, desejos, avanços e dificuldades (Pezzato & L'abbate, 2011, p.466).

Diante do exposto, o diário de campo foi de fundamental importância para a apreensão da essência das narrativas das professoras pesquisadas.

4.3 Pesquisa científica no campo educacional: Balanço de Produção

O trabalho de balanço de produção, tem como finalidade realizar um levantamento de produções científicas de acordo com os objetos de pesquisa que foram investigados, disponíveis nos bancos de dados. “A opção pelo balanço de produção justifica-se por permitir que o pesquisador possa compreender com base nos trabalhos publicados em que medida esse tema

vem sendo pesquisado, bem como quais meios de divulgações são apresentados" (Ribeiro; Silva; Martínez, 2021, p. 6).

Por essa razão, o termo balanço de produção se faz necessário na atualidade, por fornecer subsídios para que o pesquisador encontre o melhor caminho a ser percorrido através do embasamento científico de autores renomados que passaram pelo processo de construção do conhecimento e obtiveram êxito em seus trabalhos de pesquisa. Neste sentido, catalogamos teses e dissertações que apresentam como enfoque a temática, "a trajetória de professoras pedagogas aposentadas: relatos autobiográficos de pedagogas no interior de Mato Grosso".

Com intuito de responder indagações referentes à temática abordada, percorremos pelo caminho da pesquisa metodológica e exploratória na plataforma de dados, sendo selecionados cinco descritores que enfatizam a historicidade e autobiografia de professoras pedagogas aposentadas.

Quadro 1 - Descritores utilizados na pesquisa

1º	Professoras Pedagogas Aposentadas;
2º	Feminização no magistério;
3º	História de vida de professoras;
4º	(Auto) Biografia de Professoras Aposentadas;
5º	A Trajetória de Professoras Pedagogas Aposentadas: Relatos Autobiográficos de Pedagogas no Interior de Mato Grosso.

Fonte: A autora. 2023

As consultas iniciaram no dia 20 de maio de 2023, por meio digital nas plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

A busca pelos descritores, iniciou-se no período temporal entre os anos de 2015 à 2018. Iniciamos o balanço na plataforma BDTD, foi selecionado o termo de busca avançada: inserimos todos os campos, escolhemos para o tipo material, dissertação.

Após essa etapa, elencamos todos os descritores citados e fizemos uma filtragem a fim de distinguir de maneira mais criteriosa as produções que poderiam dar subsídios ao nosso trabalho de dissertação. Na Biblioteca da UNEMAT utilizamos os mesmos critérios que na plataforma BDTD, pesquisamos em acervo, selecionamos todos os campos e efetivamos a busca.

Na etapa de seleção dos trabalhos, fizemos um panorama para apresentar de maneira concisa os resultados, que foram da seguinte forma: a) Identificamos as dissertações de acordo com cada descritor; b) Destacamos as produções de maior relevância e semelhança como o objeto de pesquisa; c) Descrevemos os dados quantitativos dos descritores selecionados.

Os critérios de inclusão: 1) Foram selecionadas produções que correlacionam com o objeto de pesquisa; 2) pesquisas relevantes para este estudo, num recorte temporal; 3) pesquisas disponíveis ao acesso público.

Critérios de exclusão: 1) publicações que não condizem com o tema de pesquisa abordado; 2) que não estejam num recorte temporal entre os anos de 2014 à 2018; 3) publicações que não estejam disponíveis de acesso ao público.

Em nossa busca pelos descritores na plataforma BDTD, obtivemos alguns resultados em razão da quantidade de artigos, teses, dissertações publicadas nesta biblioteca digital. Contudo, a maioria não remeteu ao nosso objeto de pesquisa, demonstrando que existem poucas publicações referentes a temática desejada, sendo: em relação ao descritor "Professoras Pedagogas Aposentadas", o texto de Karla Veruska Azevedo, "Você quer me ouvir?"

Narrativas (auto) biográficas de professoras da rede municipal de Vitória/Es aposentadas por invalidez (décadas de 1980 a 2000), dissertação de 2015, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Em relação ao descritor "Feminização no Magistério", o texto de Ana Cláudia Uchôa Araújo, "A feminização do magistério na educação a distância em perspectiva comparada: entre a professora tutora e a professora do passado", dissertação de 2015, da UFC. Em relação ao descritor "História de vida de professoras", o texto de Maria Bernadette Peterson Herrlein, "Professoras uma lição de vida", tese de 1995, da Universidade Federal de Rio Grande do Sul – UFRGS. Em relação aos descritores "(Auto) Biografia de Professoras Aposentadas" e, "A Trajetória de Professoras Pedagogas Aposentadas: Relatos Autobiográficos de Pedagogas no Interior de Mato Grosso", não foram encontrados resultados.

Em nossa busca pelos descritores na plataforma da UNEMAT, obtivemos alguns resultados em razão da quantidade de artigos, teses, dissertações publicadas, sendo: em relação aos descritores "Professoras Pedagogas Aposentadas", "Feminização no Magistério" e "(Auto) Biografia de Professoras Aposentadas" e, "A Trajetória de Professoras Pedagogas Aposentadas: Relato Autobiográficos de Pedagogas Aposentadas no Interior de Mato Grosso" não foram encontrados resultados satisfatórios.

Em relação ao descritor "História de vida de professoras", foram encontrados dois textos, sendo um sobre "História de vida de professoras do campo na região de Cáceres nas

décadas de 1970 a 1980", dissertação de 2015 de Geize Rodrigues de Miranda e, "Histórias de vida de uma professora do município de Cáceres", Dissertação de 2018 de Dilma Almeida Camilo.

Após uma busca minuciosa pelos descritores nos bancos de dados selecionados, evidenciamos duas teses e três dissertações que se correlacionam com a proposta deste trabalho de pesquisa científica. Na BDTD três, na Unemat foram encontrados dois descritores, entre os anos de 2015 e 2018.

De acordo com o exposto, a respectiva incidência de pesquisas científicas voltadas para a história de vida de professoras pedagogas, é algo positivo para a sociedade acadêmica. De maneira sucinta, o seu crescimento demonstra que a mulher tem recebido maior ênfase no decorrer da história. Estes escritos serviram de subsídio para o desenvolvimento do respectivo trabalho de pesquisa, no qual este balanço de produção se propôs a realizar.

No entanto, precisamos despertar para a necessidade do aumento de pesquisas que enfatizem a trajetória de professoras pedagogas e o desafio enfrentado por elas em todo o processo educacional. Evidenciamos que através de nossa busca pelos descritores, identificamos inúmeros trabalhos voltados apenas para o gênero masculino. Mesmo que a mulher tenha sido primordial para a transformação da educação no Brasil, o homem continua sendo enfatizado como protagonista.

A primeira análise que iremos retratar, pertence à autora Karla Veruska Azevedo, que tem por título "Você quer me ouvir"? Narrativas (auto) biográficas de professoras da rede municipal de Vitória/Es aposentadas por invalidez (décadas de 1980 a 2000).

Este trabalho de dissertação faz uma narrativa sobre a vida das professoras das séries iniciais aposentadas por invalidez nas décadas de 1980 a 2000 no Ceará. O intuito da autora é compreender como suas experiências de vida se relacionam com a escola e sociedade no período em que o patriarcado predominava na sociedade. Além de tentar identificar como os processos de saúde e doença, sujeição, prestígio, paz e sofrimento surgem a partir das práticas vivenciadas na sua atuação enquanto professora regente.

A pesquisadora teve como embasamento teórico os seguintes autores, Abrahão (2006), Catani (2003), Souza (2006), Dermatini (2006), Mignot (2003), Ferrarotti (1988) e Pineau (2006).

Estes autores retratam a história de vida das professoras como uma ferramenta perspicaz, pois, "parte do pressuposto de que a narrativa das professoras possibilita a oportunidade de oferecer elementos para serem analisados que indiquem aspectos relacionados ao espaço escolar e suas relações com a produção de trabalho, bem como seus possíveis

desdobramento em sua vida profissional" (Veruska, 2015, p. 24). Neste sentido, as narrativas fornecem elementos históricos culturais que irão contribuir para prática educativa transformadora e humanizada.

O segundo trabalho de pesquisa é uma tese de doutorado, escrita no ano de 2015 pela autora Ana Claúdia Uchôa Araújo, intitulado "A feminização do magistério na educação a distância em perspectiva comparada: entre a professora tutora e a professora do passado". Esta autora aborda os processos de feminização do magistério na educação a distância nos anos de 2007 a 2012, e a sua correlação com o fenômeno de 1920, a precarização do trabalho docente no Brasil.

O referencial teórico, teve como embasamento estudiosos que retratam o processo de feminização no magistério, bem como, Almeida (1998), Campos (2002), Perrot (2005), D'incão (2005), Braudel (2002), Cavalcante (1998), Holanda (2000), Dallabrito (2009), Nóvoa (2009),

Bereday (1972), Holanda (2012), Chodorow (2002), Litto (2009) e Bruno, Lemgruber (2009).

Para efetivação deste trabalho de pesquisa foi utilizado como metodologia a pesquisa qualitativa de cunho genealógico que se ancora na teoria de Foucault (1982).

A autora faz alusão à feminização no magistério com a precariedade da profissão docente. No decorrer de toda a história da humanidade, a mulher recebeu inúmeras atribuições sociais, a sua inserção no espaço educacional foi mais uma tarefa subsidiada pela sociedade com o intuito de perpetuar para as próximas gerações o controle sobre a mulher. A partir deste novo ciclo, se inicia inúmeras responsabilidades, entre estas, cobranças, jornada dupla de trabalho. Tudo isso acarretou o adoecimento na profissão docente, levando-as a terem como recurso a aposentadoria por apresentarem problemas graves de saúde, tanto no quesito física como mental.

Araújo (2015) destaca que mesmo diante de toda essa problemática vivenciada pela mulher, ainda tem o agravante de não poderem usufruir dos mesmos direitos trabalhistas delegados aos homens. Desta maneira, a feminização no magistério foi mais um processo discriminatório que negligencia os direitos da mulher e faz com que a profissão docente seja tão desvalorizada.

A terceira pesquisa analisada pertence a Maria Bernadette Peterson Herrlein (1995), que escreveu uma tese de doutorado com o título "Professoras uma lição de vida", no ano de 1995. Sua pesquisa enfatiza a história de quatro professoras, com o intuito de compreender como a sua prática pedagógica se correlaciona com a sua experiência de vida no âmbito familiar.

Segundo a referida autora, o conhecimento desses esquemas é o que orienta a relação da prática pedagógica.

Esta pesquisa teve como embasamento teórico os autores, Enguita (1991), Louro (1989), Bruschini e Amado (1988), Mello (1987), dentre outros. Esses autores focalizaram na especificidade e atuação de professoras como objeto de pesquisa.

A metodologia utilizada foi através de gravador de voz e a transcrição dos dados para uma unidade amostral. Essas unidades foram organizadas pela autora em um quadro, que emergiram na leitura destes documentos.

Herrlein (1995) se ancora no teórico Vygotsky (1993), por considerar que o meio cultural é a condição indispensável para o desenvolvimento do indivíduo. Pois, ao analisar a história do ser humano, percebe-se que todos resultam das experiências que se estabelecem socialmente. E por isso nossas práticas são o reflexo das interações estabelecidas uns com os outros. De acordo com Herrlein;

> Ora, estas funções especificas do ser humano, que não são naturais, são mediadas pelo grupo social de origem do indivíduo. Esta mediação é então realizada, nos primeiros anos de vida da criança, sobretudo no interior e na dependência familiar. Cabe, assim, a família mediar a inter-relação da criança com o seu 'espaço social', permitindo-lhe internalizar, no cotidiano, a parcela de acervo cultural característico do grupo social a que pertence (Herrlein, 1995, p. 56).

Neste sentido, a autora analisa a história de vida das pedagogas, com o intuito de compreender as diversas facetas dos processos pedagógicos, entre estes como a educação vive o desprestígio social e qual a correlação entre a prática pedagógica e as experiências de vida intermediada pela sociedade.

A quarta pesquisa aborda a "História de vida de professoras do campo na região de Cáceres nas décadas de 1970 a 1980", esta dissertação foi escrita no ano de 2015 com autoria de Geize Rodrigues de Miranda.

De acordo com Miranda (2015), esta pesquisa científica destaca o processo de formação de professoras entre a década de 1960 e 1980 com o intuito de apresentar o contexto histórico que ocorreu nesse período e a importância dessas educadoras para a formação pantaneira.

A autora faz uma análise reflexiva da luta dos camponeses pelo direito de conquistar o seu pedaço de terra e uma educação digna para os seus filhos, uma vez que o descaso e abandono por parte dos governantes é perceptível em suas falas. O diálogo irá tecer o contexto histórico a partir do olhar dos envolvidos com essa problemática. Possibilitando uma visão mais ampla da educação do campo e consequentemente a transformação na prática pedagógica.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, documental, entrevista com as professoras e processo de análise dos dados. O presente estudo teve a contribuição de Aranha (2006), Bueno (2002), Gentil e Costa (2011), Machado e Vandramini (2013), Mészaros (2006),

Molina (2006), Pimenta (1996), Souza (2006), Zart (2011). Dessa forma foi possível reunir embasamento teórico para dar subsídios para esta pesquisa.

Ao realizar esta pesquisa a autora buscou levantar alguns pontos primordiais relacionados ao contexto da educação e os principais desafios enfrentados pelas educadoras, bem como suas conquistas vivenciadas neste período. Miranda (2015), ressalta que o processo de escrita possibilitou a sua aprendizagem de maneira mais rica, por sentir as emoções expressas na fala das educadoras.

Por meio do trabalho de pesquisa de Miranda (2015), compreendemos que falar sobre si é um método que possibilita maior conhecimento de mundo, mesmo que não tenhamos vivenciado de maneira prática, conseguimos nos adentrar na história do outro ao ouvir sobre ela.

A última pesquisa enfatizada neste balanço de produção, tem como autora Dilma Almeida Camilo (2014), com o título, "Histórias de vida de uma professora de Cáceres", escrito no ano de 2014, para a defesa do seu TCC. Este trabalho de pesquisa traz um vislumbre da trajetória de uma professora, desde sua formação acadêmica até a sua regência em uma escola pública na região de Cáceres.

Buscando refletir sobre a sua história, não apenas como educadora, mas mãe, tia, mulher, amiga, médica, psicóloga, que durante anos dedicou parte da sua vida para construir outras histórias através do ensino que ministrava em sala de aula, perpetuando o seu legado.

O procedimento metodológico utilizado por Camilo (2014), foi abordagem qualitativa, com aplicação de entrevista (semiestruturada), com a professora em questão, visando obter informações relevantes através da sua narrativa sobre a sua prática cotidiana e formação. Alguns dos autores utilizados como embasamento teórico, foram (Nóvoa, 1992), Aguiar e Scheibe (1999), Ramalho e Nunez (2003), Pereira (2002), Freire (1996), Kerber (1988), Coutinho

(2007), Bradley (1996), Weeks (1990), Norton (2000), Saviane (2007).

De acordo com Camilo (2014) ao relatar sobre sua história de vida, a educadora apresenta um certo saudosismo desse período, aos quais se constitui como profissional da educação e pelo reconhecimento. Segunda a autora, a professora pesquisada enfatiza que nesse período o professor era valorizado e reconhecido socialmente pelo seu trabalho. "Podemos observar que ao longo da história, a profissão de professor passou por diversas representações sociais, oscilando entre o prestígio e a figura secundária, e a nossa entrevistada teve o privilégio

de vivenciar este momento histórico no qual o professor era valorizado e respeitado" (Camilo, 2014, p.30). Em suma, a pesquisa da referida autora demonstra, que a professora era reconhecida por sua contribuição na formação de sujeitos e por seu compromisso social.

4.4 Lócus da Pesquisa

Para analisar os fenômenos educacionais nas práticas pedagógicas das professoras aposentadas, delimitamos a pesquisa nos municípios de Salto do Céu, Rio Branco e Lambari D´Oeste, cidades denominadas como rota das águas. Inicialmente investigamos três professoras residentes da cidade de Salto do Céu, uma em Rio Branco e três em Lambari D´Oeste.

Paraíso das Cachoeiras

A pesquisa foi conduzida inicialmente no município de Salto do Céu, conhecido por sua rica biodiversidade, esta cidade abrange mais de 40 cachoeiras, a principal delas, encontra-se dentro da cidade, é considerada como um dos principais pontos turísticos da região.

Segundo informações do IBGE (2020), Salto do Céu tem cerca de 4 mil habitantes, e por meio do censo, foi possível perceber que sua população se considera como sendo branca, preta, indígena e amarela, refletindo as diversidades étnica e racial presentes em nosso país. Esse município que valoriza a pluralidade cultural, está situado à 135 km de distância da cidade de Cáceres-MT.

De acordo com relatos dos habitantes de Salto do Céu, os primeiros residentes foram os povos indígenas Bororos, eles se estabeleceram na região devido a extração de poaia e borracha. No entanto, tiveram que migrar para outras regiões devido à escassez dessas plantas.

Posteriormente, incentivados pela agricultura e cultivo da terra, pessoas de outros estados começaram a se estabelecer na região com o objetivo de obter propriedades. Neste contexto, João Augusto Capilé, decidiu explorar a região de barco, saindo de Rio Branco (cidade vizinha), ele descobriu uma queda d'agua de 18 metros de altura. Este acontecimento atraiu outras pessoas, que começaram a residir em Salto do Céu. No dia 13 de dezembro do ano de 1979, Salto do Céu foi desmembrado da cidade de Cáceres-MT, tornando-se um município independente. IBGE (2020).

Rio Branco

O município de Rio Branco tem esse nome em homenagem ao rio que corta o meio da cidade e devido à colônia instalada pelo Estado de Mato Grosso, essa colônia, iniciou-se por meio de João Augusto Capilé, que também desbravou a cidade vizinha, Salto do Céu, que fica localizada cerca de 17 km de distância de Rio Branco. IBGE (2020).

Rio branco possui aproximadamente 5 mil habitantes de acordo com os últimos dados do IBGE. Por ser considerada por seus moradores com baixo índice de criminalidade, esta cidade é considerada ideal para aqueles que buscam o aconchego e a serenidade de uma cidade pequena. O município apresenta diversos pontos turísticos. Dentre eles, se destaca a Brisa da Mata, mais conhecida por apresentar colunas de pedra e pelo rio de água cristalina, outro ponto de interesse é o rio do Roncador manifesto por sua extensão territorial de pedreiras, e o poço azul, é outro ponto turístico que se destaca por suas águas apresentar diferenças em sua coloração de acordo com a estações do ano. Em certos momentos azul celeste e em outros verde esmeralda, e pelas enormes pirâmides de pedra. IBGE (2020).

Lambari D`Oeste

A cidade de Lambari D´Oeste, começou a se estruturar em meados dos anos de 1956, com a participação de Luíz Vitorazzi, até então, a área era conhecida como Gleba Cerejeira. Ao explorar a região, Vitorazzi encontrou um pequeno riacho repleto de peixes lambari, este evento o inspirou a denominar aquele lugar com o nome de Gleba Lambari. Somente no ano de 1991 que Lambari se torna um município, e para diferenciar de outra cidade localizada também no país, foi acrescentado o termo D´Oeste. IBGE (2020).

Na atualidade a cidade de Lambari D`Oeste, tem aproximadamente 4 mil habitantes conforme salienta o último censo do IBGE. Esta cidade é reconhecida pela presença da cooperativa Cooperb, que é a maior geradora de rentabilidade da região, oferecendo empregos, inclusive para as circunvizinhas. Em razão da presença da cooperativa, o município apresenta diversos hectares com plantio de cana-de-açúcar, que produzem toneladas de açúcar e álcool para exportação dos diferentes estados do Brasil. Porém, a cooperativa tem gerado o desmatamento e poluição devido às toneladas de canas que são cortadas e moídas diariamente, favorecendo o aquecimento global. IBGE (2020).

A população Lambariense constitui-se em sua maioria por imigrantes que vieram de outros estados na tentativa de melhoria de vida. Essas pessoas vieram para o município para cortar cana na época da safra. Devido ao avanço tecnológico, os trabalhadores rurais foram substituídos pela tecnologia, deixando os imigrantes desempregados e levando alguns a voltar para a sua terra natal. IBGE (2020).

4.4.1 Sujeitos da Pesquisa

A tabela 1 apresenta algumas características das professoras aposentadas que participaram da pesquisa.

Tabela 1- Perfil das participantes da Pesquisa

Nome	Idade	Município	Ano de aposentadoria
Primavera	72 anos	Salto do Céu	2014
Girassol	70 anos	Salto do Céu	2014
Amarílis	54 anos	Salto do Céu	2018
Margarida	62 anos	Rio Branco	2012
Gérbera	55 anos	Lambari D'Oeste	2018
Perpétua	56 anos	Lambari D'Oeste	2018
Hortência	56 anos	Lambari D'Oeste	2018

4.4.2 Categorias de Análises

Severino (2007), menciona que a pesquisa bibliográfica é realizada por meio de:

> [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Martins e Lavoura (2018) ressaltam a relevância de entender as interconexões e relações entre os diversos elementos que formam um objeto ou fenômeno na sua totalidade. Eles sublinham a importância de apreender as relações entre as determinações mais simples, que constituem a unidade mínima de análise, o que possibilita uma explicação abrangente do objeto em estudo. Esse processo ocorre através de um movimento dialético que alterna entre o todo e suas partes.

Adotando essa abordagem, é possível analisar o objeto de pesquisa em suas múltiplas dimensões. A análise qualitativa tem características específicas, sendo especialmente útil para desenvolver deduções sobre eventos ou variáveis bem definidas, em vez de generalizações amplas. Essa metodologia é aplicada a conjuntos menores, permitindo a criação de categorias mais precisas, já que não se baseia em frequências elevadas, como acontece na análise quantitativa. As categorias são escolhidas de acordo com os objetivos da pesquisa em questão. (Severino, 2007).

Entretanto, essa abordagem traz desafios na seleção de índices relevantes, pois a escolha é feita sem uma análise exaustiva de todo o conteúdo. Isso pode levar à exclusão de elementos significativos ou à inclusão de aspectos menos relevantes, exigindo precisão e abrangência na análise. A categorização será um aspecto central, conforme descrito por Bardin (2011).

A autora define a categorização como um princípio que envolve classificar os elementos de um conjunto, diferenciando-os e agrupando-os segundo critérios previamente estabelecidos e características comuns. As categorias atuam como classes que agrupam elementos semelhantes sob um título genérico. Nesse tipo de análise, as categorias reúnem unidades de registro com base em atributos compartilhados.

Os critérios para categorização podem variar, sendo semântico, sintático, léxico ou expressivo. No critério semântico, as categorias são organizadas por temas. No critério sintático, a classificação é baseada em aspectos gramaticais, como verbos e adjetivos. O critério léxico classifica palavras de acordo com seus significados, incluindo sinônimos e sentidos próximos. Por fim, o critério expressivo considera variações na linguagem, como peculiaridades de expressão. Bardin (2011), e é nesse contexto que a pesquisadora organizou as categorias de análise, conforme o quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Categorias de análises

Categorias de Análise	**Descrição**	**Exemplos**
História de Vida	Identidade pessoal e profissional	Como visualizam a trajetória de vida tanto nos aspectos pessoais como profissionais.
Gênero	Mulher professora	Desafios enfrentados em função do fato de ser mulher e professora.
Racismo	Se já sofreu discriminação em função da cor.	Já sofreu algum tipo de preconceito?
Saberes Mobilizados para desenvolver as práticas pedagógicas	Metodologias de ensino.	Como se organizavam para atuar sem a formação em Licenciatura em Pedagogia.
Questões atuais da Educação	Educação como mecanismo de transformação de vidas.	Como visualiza o reflexo da educação na vida das pessoas.
Conflitos geracionais	Reflexo das práticas na vida dos alunos	Dificuldades de lidar com os alunos, Rebeldia.
Efetivação das Políticas Públicas	Inclusão Social.	Contribuições diante do cenário e frustrações

Aposentadoria	Como lidam com a aposentadoria	Foi algo planejado que traz satisfação ou não.

Fonte: elaborado pela pesquisadora – 2025

Ao abordar o tema, Wachowicz (2001, p. 05) destaca a relevância da categorização respaldada por análises sob uma perspectiva dialética. Segundo ele, as categorias metodológicas são aquelas que formam a teoria que orienta a maneira como o pesquisador investiga seu objeto.

Se o pesquisador optar por examinar seu objeto na relação que se estabelece entre os aspectos pelos quais ele o considera e perceber que essas relações apresentam uma tensão, então ele terá adotado uma abordagem dialética. Esta concepção possui como leis principais as categorias metodológicas: contradição, totalidade e historicidade.

Portanto, considerando a dialética como um processo de diálogo no qual ideias são contrastadas para gerar novas concepções, optou-se por empregar este método com o intuito de estimular reflexões que possibilitem avaliar as hipóteses relacionadas ao objeto e ao problema delineados na proposta de pesquisa, conforme segue:

O fazer pedagógico das professoras pedagogas aposentadas têm sido esquecido ao longo do tempo pela sociedade.

5. VIDAS DE PROFESSORA: LEMBRANÇAS DE PEDAGOGAS

Nesta sessão abordamos a importância das narrativas tanto para sociedade acadêmica, quanto para formação profissional e pessoal de cada sujeito da pesquisa. Em seguida, apresentamos a história de vida das professoras pedagogas aposentadas, desde sua infância, formação acadêmica, até o processo de aposentadoria. Ao explorarmos suas histórias de vida, buscamos compreender os processos histórico social que influenciaram a educação ao longo das décadas, evidenciando como esses processos têm moldado as identidades das depoentes.

5.1 As Narrativas e suas Considerações Epistêmica

A história de vida das professoras pedagogas aposentadas é uma fonte de conhecimento enriquecedora que contribui significativamente, não apenas no espaço educacional, mas para toda a sociedade. Suas narrativas exercem um papel fundamental para a transmissão de conhecimentos presentes no âmbito escolar e social. Além de perpetuar saberes constituídos ao longo de suas práticas educativas, possibilitando tanto o conhecimento de mundo, quanto o autoconhecimento. A retomada da história de vida das professoras pedagogas via método biográfico é uma ferramenta de análise que contribui para o aperfeiçoamento do fazer pedagógico.

> Portanto, a utilização do método biográfico no ambiente escolar, significa romper com a lógica tradicional da educação, visto que esse valoriza experiências que perpassam a cada sujeito compreendendo-as como elemento formativo, além de possibilitar a percepção do método como dispositivo sociológico e histórico. Outro importante aspecto acerca dessa modalidade de pesquisa, é que a mesma contribui, significativamente, para pensar a prática de humanizada na educação (Dantas e Cardoso, 2017, p. 4).

A história de vida das professoras pedagogas, bem como suas lutas, desafios e conquistas, propicia uma prática mais humanizada, fundamentada nos elementos históricos culturais existentes na sociedade. Para Dantas e Cardoso (2017), o conhecimento da história de vida das professoras recria estratégias de ensino. O falar sobre si, é um processo que contribui no reconhecimento do sujeito sobre os pontos negativos do passado e a transformação do futuro. Bueno (2002), ao analisar o uso do método biográfico, fala sobre o quanto é importante o resgate de experiência de ensino, que possam influenciar positivamente os docentes em formação. O reconhecimento da história de vida das professoras é o método de pesquisa que

tem sido muito utilizado por sua importância no meio acadêmico. Em conformidade com o pensamento de Bosi (1994),

> Um mundo social que possui riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos à memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiencia profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de antes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (Bosi, 1994, p. 82).

Fica evidente que as narrativas são uma ferramenta de ensino e aprendizagem que promove o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Isso ocorre por meio da relação entre diferentes culturas, que buscam preservar os saberes de nossos ancestrais. Essa herança de conhecimento deixado pelos antepassados é crucial para que as futuras gerações compreendam o passado e, a partir de então, busquem a transformação social.

Ainda Eclea Bosi (1994) nos auxilia a compreender como a memória das professoras não apenas recupera suas trajetórias pessoais, mas também ilumina as condições sociais e históricas que moldaram sua atuação, de forma que a contribuir para essa compreensão entre a relação entre memória e identidade, uma vez que a memória se apresenta como um componente essencial da identidade. As narrativas das professoras não são apenas relatos individuais, mas refletem a construção de suas identidades em um contexto social e histórico específico.

Também no que diz respeito à contextualização histórica tendo em vista a importância de situar as memórias dentro de um quadro histórico mais amplo. Na prática, as experiências das professoras são influenciadas por eventos sociais, políticos e culturais de suas épocas, permitindo uma análise mais rica das condições em que atuaram.

Bosi (1994) argumenta que as memórias individuais se entrelaçam com as memórias coletivas de grupos sociais. Ao resgatar suas trajetórias, as professoras revelam não apenas suas vivências, mas também as lutas e desafios enfrentados por suas comunidades, oferecendo uma perspectiva mais abrangente sobre a educação.

A autora por meio da obra realiza uma crítica às narrativas dominantes que marginalizam as experiências de grupos como as mulheres e as professoras. Ao valorizar suas memórias, Bosi (1994) contribui para uma reavaliação das histórias que moldam a sociedade, destacando a importância do papel das educadoras. Desta forma, mediante as memórias, as professoras refletem sobre o impacto de suas práticas educativas na sociedade. Bosi (1994)

mostra como essas lembranças podem ser um meio de entender as transformações sociais e os desafios enfrentados na educação.

A memória é uma forma de resistência. Ao contar suas histórias, as professoras afirmam suas experiências e contribuições, desafiando narrativas que tentam silenciá-las, o que significa afirmar que é de fundamental importância entender como as memórias das professoras são essenciais para a construção de uma narrativa mais inclusiva e crítica sobre a educação e suas interações com a sociedade.

No entanto, é necessário evitar abstrair todos os conceitos como verdades absolutas. Deve-se analisar cuidadosamente a teoria apresentada pelo narrador. Constantemente moldamos nossas teorias com base nas experiências adquiridas ao longo da vida e de acordo com a cultura regente. É preciso ter em mente que a sociedade atravessa diferentes períodos históricos, influenciando mudanças culturais e propiciando práticas pedagógicas distintas para cada uma delas.

> A história resulta da necessidade de reconstituirmos o passado relatando os acontecimentos que decorrem da ação transformadora dos indivíduos no tempo por meio da seleção (e da construção) dos fatos considerados relevantes e que serão interpretados a partir de métodos diversos como veremos. A preservação da memória, porém, não foi idêntica ao longo do tempo, tendo variado conforme a cultura (Aranha, 2006, p.20).

A história recontada, é o exercício de reconstruir fatos, ou seja, ações que ocorreram no passado e são consideradas importantes para determinado indivíduo. A maneira como é conservada essas memórias, podem variar ao longo do tempo. Considerando que somos moldados pela cultura, frequentemente interpretamos os eventos influenciados por ela. O professor crítico, ao refletir sobre sua prática, deve considerar tanto os aspectos de continuidade, quanto a ruptura em relação aos métodos de ensino de seus antepassados. De acordo com Aranha (2006), “é indispensável que o educador consciente e crítico seja capaz de compreender sua atuação nos aspectos de continuidade e de ruptura em relação aos seus antecessores, a fim de agir de maneira intencional e não meramente intuitiva e ao acaso” (Aranha, 2006, p. 20). Esta reflexão demanda compreensão das tradições e conceitos educacionais, como a capacidade de adaptar-se às diferentes realidades no contexto educativo.

Quando utilizamos narrativas em nossa pesquisa, devemos compreender que ao narrador recontar sua própria história, pode reavivar lembranças do passado que causaram sofrimento e dor. Apesar do exposto, ouvir as narrativas das professoras pedagogas aposentadas não desconsidera o valor desses saberes históricos. Foram as práticas dessas pedagogas que fundamentaram o processo educacional e possibilitaram que diversos indivíduos

desempenhassem suas profissões na atualidade. “Pensar no passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundem as raízes do presente” (Aranha, 2006, p. 19). As autobiografias das professoras pedagogas, têm como princípio compreender o passado sob a perspectiva de mudança na educação tanto na atualidade quanto para as futuras gerações.

Salientamos que os educadores não têm o poder de mudar todos os problemas existentes no mundo, mas, podem contribuir grandemente com o desenvolvimento e a transformação da sociedade para que se torne mais justa e igualitária.

> Você, e eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave de transformação do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós a força e o serviço dos nossos sonhos (Freire, 2003, p. 126).

Ainda que a educação não consiga solucionar todos os problemas existentes no mundo, ao atuar em sala de aula, o professor tem influência significativa para transformar a realidade dos educandos, e a sociedade ao seu redor. Mas isso só será possível se o professor desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva frente às demandas em sala de aula para atuar como facilitador da aprendizagem e não reprodutor de conceitos. Deste modo, ele precisa manter o diálogo com seus alunos, a fim de conhecer sua realidade e especificidade. “Quando o professor entra na sala de aula deve estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da que tenho de ensinar e não a transferir conhecimento” (Freire 2017, p. 47). Esta relação entre professor e aluno é essencial para o desenvolvimento do pensamento humano, possibilitando que o sujeito tenha alteridade para agir em todas esferas sociais.

Consideramos que as autobiografias das professoras pedagogas é uma ferramenta de análise para os futuros professores e aqueles que estão lecionando, repensem algumas de suas ações, desenvolvam o apoio mútuo, compartilhem saberes pedagógicos, de maneira que contribuam com o desenvolvimento de um ambiente colaborativo e propício para a aprendizagem dos educandos.

5.2 Histórias Narradas de Professoras Pedagogas aposentadas

Nesta sessão, iremos apresentar as narrativas de professoras pedagogas aposentadas que se dedicaram à prática pedagógica. Elas sentiram em suas histórias de vida, tanto a recompensa, quanto os desafios apresentados no trabalho educativo.

Ao analisar as narrativas das professoras pedagogas aposentadas, pretendemos compreender as representações que essas educadoras construíram ao longo de suas carreiras, e como elas sintetizam essas experiências na atualidade. Os relatos autobiográficos dessas mulheres demonstraram que as lembranças do passado permanecem vivas em suas memórias e quando instigada, aflora sentimentos que estavam a muito tempo esquecidos.

5.2.1 Professora Primavera

Com o intuito de preservar a privacidade das professoras não iremos citar suas identidades. Em vez disso, utilizaremos nomes fictícios, como nomes de flores. Esta professora será chamada de Flor de Primavera, em homenagem à planta na varanda de sua casa. Em razão da distância de nossas residências, enviei uma mensagem de WhatsApp para a professora Flor de Primavera, perguntando se ela estaria disponível na segunda feira, do dia 20 de maio do ano de 2023, às 15:00 horas. Alguns minutos depois, ela responde afirmativamente. Para a entrevista, utilizei o caderno de bordo e gravei sua fala utilizando o celular como ferramenta principal.

Primavera mora em uma fazenda um pouco afastada da cidade. Para a efetivação da pesquisa, foi necessário deslocar-me até a sua residência, que fica a cerca de 8 km de distância. Durante o percurso, apreciei as paisagens naturais presentes na região, no caminho havia uma ponte, onde passa um pequeno rio e vivem alguns animais silvestres. Mais adiante, apreciei o verde das árvores mesclado ao capim seco, evidenciando a escassez das chuvas. Enquanto seguia viagem, comecei a refletir sobre a dedicação desta professora, que todos os dias, com sol ou chuva, fazia o mesmo percurso para ministrar sua aula. Sua casa fica numa área privilegiada, cercada por serras e uma pequena reserva natural, mais adiante, em cima da serra, é possível encontrar uma cachoeira, todo este cenário forma uma paisagem fascinante.

Ao avistar sua casa, presenciei o aconchego e a simplicidade mediados pela vida no campo. A casa laranjada, com a flor de primavera em destaque na varanda, era o cartão postal que me convidara do quintal para adentrar em sua casa. Ao me ver, a professora Primavera me deu um abraço e pediu que me assentasse na cadeira, ao lado da mesa. O conforto daquele local, somados a suave brisa deslizando em meu rosto, me transportou de volta aos tempos de infância, especificamente ao sítio de minha avó.

A professora Primavera sentou-se de frente para mim, sua pele clara e seu cabelo cor de mel destacavam a cor dos seus olhos, ainda que os óculos tentassem esconder, era possível observar sua beleza, que em certos momentos, alternavam entre verde e azul. Iniciamos um diálogo sobre minha presença ali, expliquei a ela a razão e a importância da entrevista, tivemos o privilégio de ter outros encontros, mas aquele era primordial para sanar todas as suas dúvidas e nos aprofundarmos na pesquisa. Em cada fala, seu rosto refletia o esforço em compreender minhas palavras, em diversos momentos, a educadora sorria timidamente, confirmando o que lhe dizia.

No começo da conversa, senti que a professora estava um pouco apreensiva, mas à medida que prosseguimos, ela demonstrava maior confiança. Perguntei à professora, sua idade, ela me relatou que tem 72 anos. A partir de então, ela começou sua narrativa sobre sua história de vida.

> Nós morávamos em Minas, casei-me e com dois anos de casada, vim pra cá, o meu sogro comprou umas terras aqui. E depois que nós compramos mudamos para o Cristalino (Salto do Céu). Na época só morava aqui os meus tios. Viemos, num pau de arara. Você sabe o que é? Viemos em cinco, deixa eu contar, era nós, a família da tia, um tal de, (pausa), esqueci o nome dele, ele morreu, morava aqui e depois foi para Rondônia. Deu Três? Meu cunhado e meu sogro, todo mundo junto, num pau de arara. Nós parávamos na estrada, fazia comida, naquela época eu era bem novinha, não tinha filhos. Depois que eu me casei, morávamos lá, lá eu perdi um filho, deu eclampsia. Fiquei ruim mesmo, não tinha vacina, hoje tem, antes não tinha, a gente sofria muito, mas meu filho morreu não teve jeito, morreu com seis meses (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Ao relatar sobre o falecimento do seu primeiro filho, a professora demonstrou profunda tristeza em seu olhar. Em certos instantes, seus olhos pareciam se perder na imensidão do horizonte. Ao falar sobre seu filho, ela ficou por alguns minutos inerte, tentei prosseguir nossa conversa e trazê-la de volta. Perguntei para ela como era essa região naquele período?

> Quando cheguei aqui, senti vontade de voltar na mesma hora, era só mato, tudo fechado, queria ir embora no mesmo carro que me trouxe. Fui morar numa barraquinha tampada de mulungu e cercada de mulungu também, as tabuinhas, ainda velhas, que vazavam toda a água da chuva e molhava os nossos colchões. Não me lembro de ter pernilongo, mas tinha muita mutuca. Eu morava antes de vir pra cá no Barro Preto. Depois que cheguei aqui, tive minha primeira filha, passou mais três anos tive outro filho, ele faleceu, já grande, quando comecei a faculdade (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Ao retratar da morte do seu terceiro filho, preferi não me aprofundar no assunto. Em outros instantes, ouvi relatos da dimensão de sua dor e os esforços que têm feito para superar a

sua ausência. Considero as narrativas como meio de nos conduzir ao contexto em que os fatos ocorreram, falar novamente sobre o acidente na cachoeira, onde, em diversos momentos foi o palco de sua alegria, representou o cenário do trágico acidente, comentar sobre o ocorrido, lhe causaria ainda mais sofrimento. Percebi sua voz trêmula, ao enfatizar que no período em que concretiza o sonho de graduar em Licenciatura em Pedagogia, teve que lidar com tamanha dor.

No decorrer do discurso, a professora Primavera compartilhou suas vivências sobre o período em que atuou como professora pedagoga. Ela retratou que nesta fase, não possuía o curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia, somente o ensino fundamental I incompleto. Posteriormente cursou o magistério e só então realizou a faculdade de Licenciatura em Pedagogia a distância.

> Desde quando cheguei aqui na cidade de Salto do Céu, comecei a trabalhar como professora pedagoga. Eu concluí até a quinta série, de primeiro falavam assim, hoje não é assim mais. Eu comecei a fazer o magistério e depois de três anos, fiz o curso de pedagogia a distância. Os professores vinham de mês em mês, até o Salto, para dar aula. Neste período tinha várias pessoas que também estudavam comigo (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

O compromisso com a educação implica que os professores busquem continuamente a aprendizagem. O educador não deve estagnar-se, pois a educação requer conhecimento abrangente dos mais variados fenômenos presentes na prática educativa. A busca pela formação acadêmica não se limita apenas ao autoconhecimento, e na aprendizagem dos educandos, que por si, seria suficiente. A formação docente reflete no comprometimento do educador com a aprendizagem dos seus alunos.

A professora Primavera continuou seu diálogo retratando como foi o período em que trabalhava nas escolas de Salto do Céu. Ela enfatiza que nesse período não foi fácil para ela ter que conciliar a sua vida pessoal com a profissional e ainda lidar com o sentimento tão doloroso como a perda do seu filho.

> A faculdade foi difícil, não foi fácil, eu gostava de estudar, dizer que é fácil, não é, você tem que trabalhar, você tem que estudar, trabalha na área de professora, trabalha em casa e estuda, então não é fácil. O mais difícil foi perder o meu filho, até hoje. Eu trabalhei na roça, eu andava muito, trabalhava lá na Boa Vista. Eu não tinha feito o curso de pedagoga ainda, tinha escolas na roça que ia a pé. Tinha uma escolinha depois da ponte, eu também dei aula lá. Eu trabalhei em várias escolas, conheci a realidade dos meus alunos, vários deles que estão formados hoje, eu dei aula para eles (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A professora Primavera retratou que teve a oportunidade de conhecer de perto a realidade de seus educandos, graças ao fato de ter lecionado em várias escolas na região de

Salto do Céu. Ela presenciou inúmeros de seus alunos concluindo o ensino superior e se estabelecerem profissionalmente. No entanto, a professora enfatiza que seu percurso enquanto profissional da educação, não esteve isento de desafios, ela teve que caminhar por um longo percurso, na maioria das vezes, a pé para conseguir ministrar sua aula.

A professora relatou ainda que no período da aposentadoria, a parte mais difícil foi se despedir de seus alunos. Ela disse que guardou as cartinhas que recebia dos seus alunos em uma caixinha para se lembrar deles.

> Para conseguir me aposentar não foi difícil, levei meus documentos na secretaria de educação e em poucos dias estava aposentada. O mais difícil foi ter que me despedir da turminha do quinto ano, eles eram tão carinhosos, me escreviam várias cartinhas e eu guardei todas elas. Quando fui me despedir, não queriam que fosse embora (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A professora retrata que se apegou com a turma que estava lecionando, para ela ter que se despedir foi muito difícil. Ao ser indagada se sentia saudades daquele período, ela diz não haver saudades. Seu trabalho como pedagoga deixou marcas profundas que ela carrega até hoje, como a sua voz rouca, simbolizando que teve sérios problemas de garganta. Esta professora é uma mulher independente, mesmo com 72 anos, dirige a sua caminhonete, faz pilates e todos os seus afazeres domésticos, além de contribuir e acompanhar o seu esposo.

A professora tem uma pequena horta em seu quintal e todos os dias ela rega as suas verduras, de manhã e à tarde. Ao término da pesquisa, ela se dirigiu até a cozinha e preparou alguns pães de queijo e um delicioso chá, uma vez que dia estava um pouco frio, chá quente foi propício para aquela ocasião, após o lanche da tarde, nos despedimos e seguir de volta para casa.

5.2.2 Professora Girassol

A escolha do nome girassol ocorreu devido a resiliência, vitalidade e força dessa planta. A professora que irei apresentar, tem as mesmas características, ela vivenciou vários processos que poderiam deixá-la indiferente frente às diversidades da vida, mas optou por enfrentar os obstáculos com resiliência.

Esta entrevista ocorreu no dia 19 de junho do ano de 2024, em uma quarta-feira, às 16:00 horas na residência da professora Girassol. Apesar de morar a poucas quadras de sua casa, e termos tido outros encontros, enviei uma mensagem, perguntando se estaria disponível naquele dia e horário. Havia tentado marcar a entrevista em outro dia, mas a professora tinha alguns

compromissos pessoais e não poderia me receber. Ela confirmou a mensagem, relatando que poderíamos realizar a entrevista naquele dia.

Ao sair de casa, virei na esquina onde mora a professora Girassol. Sua residência fica em um lugar alto e centralizado, de frente para a cachoeira. Da varanda de sua casa, ela pode contemplar a imagem da cachoeira e ouvir o som das águas em harmonia com o canto dos pássaros. Ao vislumbrar a presença do sol, a despontar no horizonte, fiquei maravilhada com aquela imagem, ao ponto de registrar com uma fotografia.

A rotina da professora Girassol se resume aos trabalhos domésticos, e, aos cuidados com a sua família. Todos os dias, ela se levanta às 06:00 da manhã, faz o café e começa os serviços de uma dona de casa, limpar, lavar, passar e cozinhar. No período da tarde, ela se dedica à arte do crochê, com o intuito de distrair sua mente e passar o tempo.

Girassol mora sozinha, ela perdeu o seu esposo para o câncer a dois anos atrás, seus filhos, filhas e netos, são pessoas autônomas, construíram a sua vida e seguiram seu caminho. Alguns deles moram em outra cidade, enquanto, outros residem perto de sua casa.

A Professora retrata que a tarde faz algumas guloseimas para receber seus familiares, ao saírem do trabalho, eles buscam passar algum tempo com ela. Ela é uma mulher forte e resiliente, ela relatou que apesar de ter perdido o seu companheiro e ter que lidar com a solidão, não faz nenhum uso de medicamentos, sempre ocupa sua mente, com algumas atividades, seja com crochê, no pilates, idas ao supermercado ou na igreja, que fica poucos metros de sua casa. Sua aparência é de uma jovem senhora que está em pleno vigor, tem amor pela vida e busca sua autonomia. Sempre que necessário, ela mesmo se dirige de carro para outras cidades, algumas vezes, sozinha.

Ao passar algum tempo com a professora, percebi seu carinho e a dedicação com a sua família. Ela completou 70 anos de idade há alguns dias e, em comemoração do seu aniversário, ela e seus familiares se reuniram em Chapada dos Guimarães-MT para passar esta data festiva e sentir a calmaria deste lugar. Ao entrar em sua casa, percebi sua preocupação com o seu neto, Girassol estava preparando um lanche para ele, pois estava indisposto, precisando dos cuidados da avó. Ela me pediu para me assentar na cadeira e esperar por alguns minutos, até terminar o preparo do alimento. Seu neto havia tirado alguns dias de férias da faculdade e veio passar uns dias com sua avó. O amor e aconchego daquela senhora é perceptível, desde a chegada ao portão, ela preparou um cantinho especial na varanda para receber seus familiares. Após alguns minutos, ela se sentou na cadeira de frente para mim e demos início à entrevista.

> Eu morava em Minas, mudei para o Salto do Céu e fiquei algum tempo morando no Rio Negro, logo comecei a trabalhar como professora, trabalhei na escola daquela região por 2 anos. Depois mudei para o Salto e comecei a Trabalhar em uma escola chamada Bororó que ficava lá na Cohab, trabalhei no Salto das Nuvens também, em uma escola que era o antigo colégio agrícola. Eu pegava o ônibus todos os dias para ir até a escola (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

Neste tópico, a professora Girassol retrata um pouco do seu trajeto, enquanto esteve lecionando na cidade de Salto do Céu. Ela enfatizou que morou em uma comunidade chamada Barro Preto, nesse período passou por algumas situações difíceis para conseguir ministrar sua aula, a sua casa ficava afastada da escola e por isso precisava fazer esse trajeto todos os dias, durante dois anos. Mas ao se mudar para o município de Salto do Céu, ficou mais fácil, havia ônibus para transportar os alunos até a escola e este foi um dos principais meios de locomoção utilizado pela professora. Ao ser questionada, como era ministrar sua aula nesse período, ela retrata que:

> No começo, quando comecei a trabalhar como professora, era mais fácil, os alunos respeitavam, mas no período, perto de me aposentar, as coisas começaram a ficar mais difíceis. As crianças não respeitavam o professor. Teve uma ocorrência na escola que foi necessário chamar a avó do aluno. Pelo menos os pais compreendiam e davam razão aos professores. Hoje está mais difícil trabalhar na sala de aula (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

De acordo com a narrativa da professora Girassol, dar aula no período em que antecedia a sua aposentadoria, ficou mais difícil do que no começo de sua atuação como professora. Para ela, os alunos deixaram de ter respeito e admiração pelo educador, o único apoio que recebiam era da comunidade escolar. No entanto, com o decorrer do tempo, os pais deixaram de reconhecer a importância do educador na sala de aula.

Ao terminar a entrevista, continuamos nossa conversa sobre a educação e as práticas pedagógicas. Percebi que a professora Girassol tem intensa necessidade de ouvir e ser ouvida, talvez pela falta do companheiro de longos anos que a deixou devido a um câncer. Depois de algum tempo ela me agradeceu por estar ali, disse a ela o quanto estava aprendendo com esta pesquisa, pois suas narrativas me levaram a um mundo de descobertas e encantamentos.

Encantamento pela arte de ensinar que não se restringe ao ensino sistematizado na sala de aula, mas na aprendizagem dos educandos que irá repercutir em toda a sua existência.

5.2.3 Professora Amarílis

Para efetivar a pesquisa com a professora Amarílis, foi necessário deslocar-me por 6 km, em uma estrada rural, no município de Salto do Céu. Na primeira vez que marcamos o

encontro, não conseguia encontrar sua casa devido às várias estradas que dão acesso às fazendas. Como não conhecia muito bem o caminho, precisei me localizar com a ajuda dos moradores locais.

Para dar continuidade à pesquisa, enviei uma mensagem para a professora Amarílis, para marcar nosso próximo encontro. Ela confirmou que poderíamos realizar a entrevista no dia 26 de junho de 2024, em uma quarta-feira, a partir das 15:00 horas. Para a entrevista, organizei os materiais que iria utilizar como recursos metodológicos, um caderno de bordo, e o celular que seria usado como gravador durante a entrevista.

No dia marcado, me dirigi pelo caminho que daria acesso a sua residência, comecei a prestar a atenção no trajeto e percebi que era diferente do que havia passado a alguns dias atrás, o que indicava que mais uma vez, estava perdida. Voltei pela mesma estrada no intuito de compreender a rota para chegar na hora marcada da entrevista. Ao passar por uma pequena igreja, localizada em um sítio de difícil acesso, senti um certo alívio, estava no caminho certo.

Mais adiante, encontrei um lago com alguns metros de extensão, resolvi parar naquele local para refletir sobre a imagem. Observei o azul do céu, com o sol reluzente, as serras com o verde das árvores, mesclada a grama seca, o gado mais adiante, quase em cima de serra e uma casa ao meio, esse cenário me deixou deslumbrada. Olhei para o relógio e vi que teria que correr, faltavam poucos minutos para nossa entrevista, ao olhar para trás, no retrovisor do carro, percebi que a poeira encobria o caminho, escondendo a bela paisagem.

Na entrada do sítio, não havia porteira, entrei e estacionei o carro em frente ao curral. A professora me esperava da varanda de sua casa, nos cumprimentamos e sentamos nas cadeiras que estavam separadas para nós, uma ao lado da outra. Chegando em sua residência, observei a simplicidade da vida no campo, acompanhada pelo frescor do vento que passava entre as árvores e tocava no meu rosto.

Ao observar a professora Amarílis, fiquei impressionada com a sua aparência, sua pele jovem, refletia a vitalidade e beleza da mulher negra. Ao analisar o perfil da professora, percebi que compartilha os mesmos aspectos da flor Amarílis, ela é dotada de uma beleza incomparável, chama a atenção por sua cor reluzente e graciosidade.

A professora Amarílis é uma típica dona de casa que acorda todas as manhãs, realiza os afazeres domésticos, e serve o almoço para os seus familiares. No entanto, ela se destaca por um detalhe: todos os dias a professora prende os bezerros no curral, cuida das galinhas e demais animais do sítio, além de ajudar o seu esposo a vacinar o gado. Este trabalho é considerado impróprio para uma mulher devido a sua fragilidade.

Tal perspectiva vem ao encontro do que propõe Cristina Bruschini (1999), que ressalta que as transformações observadas estão ligadas às mudanças nos padrões culturais e nos valores relacionados ao papel social da mulher. Essas mudanças ocorreram simultaneamente ao aumento no acesso à educação e à entrada das mulheres nas universidades. Tais fatores contribuíram para o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho e para a alteração do perfil dessa força de trabalho.

Na década de 1970, especialmente, ocorreram transformações significativas nas áreas de profissões tradicionalmente masculinas, como engenharia, medicina, arquitetura e direito, permitindo a inserção das mulheres nesses setores. Assim, profissões que antes eram predominantemente masculinas começaram a contar com uma proporção crescente de mulheres em suas fileiras. Bruschini (2007).

Como mencionado anteriormente, a professora em questão se diferencia das demais senhoras aposentadas, ela apresenta o mesmo vigor e determinação de uma jovem. Ao retratar sobre sua chegada no município de Salto do Céu, ela enfatiza:

> Eu cheguei aqui no Salto do Céu muito jovem, tinha apenas 22 anos, vim embora de Minas Gerais. Nesse período eu não era casada, tinha apenas um irmão que morava aqui e o meu pai resolveu sair de lá e mudar para cá. Ao chegar aqui, conheci uma nova realidade. As casas eram feitas de mulungu, em Minas Gerais, essas casas eram das pessoas mais pobres. Aqui, quem tinha uma casa de mulungu, eram as pessoas ricas, geralmente as casas era de lasca de coqueiro, então, quem tinha uma casa de mulungu era considerada rica. Só tinha mato nessa região, para mim, foi tudo diferente, estranhei muito ao encontrar um plantio de arroz no morro, em Minas a gente plantava no brejo (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Ao relatar sobre o processo histórico da sua chegada no Estado de Mato Grosso, a professora evidencia que, se deparou com realidades distintas, tanto nos aspectos culturais quanto regionais. Ao ser indagada sobre o processo de inserção na educação infantil, ela enfatiza que:

> Quando cheguei aqui, tinha o quarto ano primário. No ano de 1986 eu comecei a trabalhar como professora. Fiquei substituindo outra professora que pegou licença, e depois fiquei trabalhando até a aposentadoria. Passou alguns anos, fiz um curso de pedagogia a distância. Nós fazíamos por módulo, estudávamos em casa e tinha os dias de fazer as provas presenciais. Vinha um professor na cidade de Salto do Céu de seis em seis meses. Tínhamos que apresentar o seminário, em outras regiões, mas o polo era Jauru (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Referente ao período em que a professora estava cursando Licenciatura em Pedagogia, ela precisava se deslocar no final de cada semestre para realizar o seminário em outros

municípios. Nesse período a professora conheceu outros educadores que também atuavam na educação e assim como ela, buscavam aprimorar seus conhecimentos. Ao retratar sobre a sua experiência como professora, ela enfatiza que:

> No começo, dar aula foi muito difícil, mas depois fui me adaptando, tinha alunos que eram da minha idade. Mesmo assim, era respeitada por eles, onde me encontram, me cumprimentam, se tornaram meus amigos, eles me visitam até hoje. Eu senti muito diferença dos alunos do período que comecei a trabalhar, daqueles alunos mais recentes. Eu lecionei em salas multisseriadas, tinha alunos que já eram grandes e outros pequenos eles estudavam juntos. Eu levava todos os alunos para tomar banho no rio. Os grandes e pequenos, eles não brigavam, ficavam brincando juntos o tempo todo. Quando chamava para ir embora, não reclamavam, se pedisse para não entrar no lugar fundo, eles me obedeciam. Hoje não é assim mais, faz seis anos que parei de dar aula e já era difícil, imagina nos dias de hoje (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

A professora destaca que o ensino naquele período, se diferenciava da atualidade. Apesar de ter uma sala multisseriada[2], com alunos de idades distintas, não era difícil para ela ministrar sua aula. Os alunos eram reverentes e obedientes, ao contrário dos educandos na atualidade. Quanto à participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, a professora considera que eram participativos e preocupados com a aprendizagem dos seus filhos:

> Naquele período, os pais iam nas reuniões escolares, eles não iam na escola brigar com os professores, mas para saber como estava os seus filhos. Hoje está mais difícil trabalhar, nem tanto pelos alunos, mas por causa dos pais. Devido os grandes direitos, que deram, os pais estão tendo muita liberdade. Você vai conversar com o aluno, ou passa uma atividade, a criança não sabe explicar direito, no lugar do pai ir conversar com você, ele vai na secretaria, no diretor, ou até no prefeito, sem saber o que realmente aconteceu. Se fosse preciso voltar a trabalhar hoje, não voltaria mais (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Ao discutir sobre a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, a professora enfatiza que não voltaria a atuar como educadora. Ela sente que seus direitos foram infringidos devido ao excesso de privilégios concedidos aos pais dos alunos, o que para ela representa um retrocesso na educação. Ela acredita que este retrocesso tem contribuído significativamente para que os alunos não desenvolvam os processos de aprendizagem requeridos em cada ciclo da vida, primordiais para o desenvolvimento humano.

[2] "Escola multisseriada" refere-se à tradução de "multigrade school", ainda que as experiências de cada país possam carregar concepções e práticas pedagógicas diferenciadas. O termo inglês "grade" está sendo compreendido como tradução de graduação/nível, ou melhor, ano/série/idade. "Multigrade", portanto, como multissérie/multiidade/multigraduado. Apesar disso, ver-se-á que traduzir o termo multigrade como multissérie é significativamente diferente de traduzi-lo como multiidade, a depender de contextos específicos. (parente 2014,p.61).

Para a professora Amarílis, aposentar-se foi um dos principais benefícios adquiridos ao longo do percurso enquanto pedagoga, principalmente nos anos que antecederam sua aposentadoria. De acordo com a professora, aposentar-se não foi um processo doloroso, ela encaminhou os documentos necessários na secretaria de educação, em poucos dias a professora estava desfrutando do sossego da vida no sítio e com a almejada aposentadoria. Após a entrevista com a professora Amarílis, nos despedimos e segui no caminho de volta para casa.

5.2.4 Professora Margarida

Nesta entrevista, exploramos a narrativa da professora Margarida, uma senhora de 62 anos que reside no município de Rio Branco. O nome Margarida, é derivado de uma da espécie de uma flor, conhecida e apreciada por sua facilidade de cultivo e por embelezar os jardins. Mesmo sendo tão pequena, esta planta é caracterizada por sua simplicidade, ingenuidade e leveza. Muitos adeptos desta flor a denominam como a "flor do sol", pois, durante a noite ela se fecha, e no amanhecer, se abre novamente com o despontar do sol. Este ciclo simboliza um novo dia que se inicia, como se a noite escura e fria não tivesse existido para ela. A flor margarida se fecha para a escuridão da noite, e se abre para o sol, exalando seu perfume e beleza a cada novo amanhecer.

Ao refletir sobre a narrativa desta professora, compreendi que, apesar das noites escuras que Margarida presenciou em sua história de vida, ela não se abateu, preferiu voltar-se para o sol e permitir que ele tirasse o melhor de si para poder viver em cada novo amanhecer e embelezar a vida dos seus familiares.

Para efetivação da entrevista, foi necessário me dirigir até o município de Rio Branco que fica 17 km de distância de Salto do Céu. Assim como a sua cidade vizinha, Rio Branco apresenta diversas belezas naturais, este município é cercado por serras. Após conversarmos sobre o melhor horário para a pesquisa, concordamos que seria às 8:00 horas da manhã em uma segunda-feira do dia 29 de julho do ano de 2024. Havíamos tentado marcar na semana anterior, mas devido os seus netos estarem de férias escolares em sua casa, entramos em comum acordo que ficaria mais viável em outra data.

No dia marcado para a entrevista, levantei-me mais cedo do que o habitual para deslocar até a sua residência. Ela mora em um bairro calmo e tranquilo, na chegada da cidade de Rio Branco. Sua casa fica em uma esquina, com o beiral verde e a grade marrom escuro, combinando com a fachada da casa, que é na cor verde com os tijolos aparentes no tom marrom acobreado. Do outro lado da esquina, tem algumas casas e ao fundo passa um córrego que dá acesso ao rio Paraguaio.

Ao chegar em sua residência, a professora me recepcionou e me conduziu até a varanda dos fundos, onde fica a sua cozinha e lavanderia. Sentamo-nos nas cadeiras da mesa, uma de frente para a outra, para iniciarmos a entrevista. Foi neste instante, que pude compreender um pouco sobre a realidade da professora Margarida, enquanto ela compartilhava sua história de vida, entendi o porquê da dificuldade para iniciarmos a entrevista.

A professora Margarida vive com o seu esposo, todos os seus filhos e filhas são casados, e moram em outras cidades. Seu esposo sofreu a alguns anos atrás um Acidente Vascular Cerebral - AVC, e devido a sua debilidade, tornou-se quase que totalmente dependente dela.

Margarida realiza os afazeres domésticos de sua casa sozinha e cuida do seu esposo. A partir das 9:00 horas da manhã, ela se dirige até a casa de sua mãe, que mora perto de sua residência. Em razão da idade avançada, sua mãe precisa de auxílio constante para preparar o almoço, realizar as atividades domésticas, fazer consultas médicas, dentre outras atividades que sua limitação física não lhe permite.

Além disso, a partir das 13:00 horas a professora Margarida cuida dos sítios juntamente com seu filho, ela tem três sítios, em lugares diferentes. Eles precisam deslocar-se para cuidar do gado, contar os animais, e quando necessário, comprar medicamentos para a vacinação, bem como outros materiais requeridos para a manutenção de um sítio e ração para o gado.

Durante o período da noite, ela e seu filho cuidam da sua netinha de um ano e poucos meses para que sua nora consiga terminar a faculdade de letras que ela tem cursado na cidade de Cáceres-MT. Sua rotina é uma verdadeira maratona, equilibrando o trabalho doméstico de uma dona de casa, o trabalho no sítio e os cuidados com seus familiares. Em alguns instantes raros, a professora Margarida encontra tempo para realizar bordados em ponto cruz e costurar. Com tantas atividades, e em meio a sua rotina agitada, priorizei ser o mais breve possível, pois cada minuto de seu tempo é valioso. Ao narrar sua história de vida, a professora Margarida enfatiza sobre a sua trajetória para chegar no Mato Grosso;

> Eu vim do Espírito Santo com apenas três anos de idade, meus pais buscavam melhores condições de vida, e com a promessa de conquista da terra, ele achou melhor mudar para o Mato Grosso. Nós viemos num pau de arara, com mais quinze famílias, completei três anos de idade na estrada. Foi uma viagem muito difícil, quando chegamos aqui, não tinha ponte, precisamos transportar a mudança até o outro lado do rio para conseguir passar por causa da ponte e chegar no outro lado da cidade. Eu cresci aqui, sou quase mato-grossense, vim com meus cinco irmãos, alguns se casaram e foram embora. Morei praticamente a vida toda na mesma rua. Desde quando vim morar aqui nunca mudei de cidade, casei e criei todos os meus filhos aqui, depois, eles seguiram o seu caminho (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

Ao refletir sobre a vinda da professora Margarida do Espírito Santo para este estado, percebi seu profundo patriotismo pelo Estado do Mato Grosso e pelo município de Rio Branco. Apesar das dificuldades enfrentadas por causa da mudança de um estado para o outro, ela se sentiu acolhida, e tornou-se uma das primeiras moradoras do município.

A ponte que a professora menciona quando da chegada a Mato Grosso, é crucial para o transporte entre as duas margens, essa ponte divide a cidade, sem ela, é quase impossível a travessia, especialmente, com a mudança em um caminhão de pau de arara. Seus pais tiveram o trabalho de descarregar o caminhão e seguir viagem para o outro lado com toda sua mudança a pé para atravessarem o rio, e se estabelecerem em sua nova residência.

> Eu vim para cá, e logo depois o meu marido também veio do Espírito Santo, viemos praticamente juntos, nossas famílias se conheciam naquela época. Começamos a namorar, nos casamos e logo depois tivemos nossos filhos. Quando estava no terceiro ano do ensino médio fui chamada para dar aula. Depois fiz o concurso do estado e fui aprovada, para conseguir fazer a faculdade de pedagogia foi muito difícil (Margarida, entrevista, 29 de julho de 2024).

De acordo com o relato da professora Margarida, quando ela começou a lecionar no ensino fundamental I, não possuía um curso específico nesta área de ensino. Naquela época, concluir o ensino médio era extremamente difícil, sendo o mesmo que cursar uma faculdade, poucas pessoas obtinham esta conquista. Ao continuar sua narrativa sobre sua trajetória acadêmica, a professora enfatiza que;

> Depois que estava trabalhando conseguir fazer o magistério, nesse período, quem tinha o magistério poderia dar aula, era um curso profissionalizando que nos dava essa possibilidade. Fui fazer o curso de pedagogia somente no ano de 1992, sabe onde? Em Jales, estado de São Paulo. Em Cáceres não tinha faculdade, fomos uma das primeiras turmas a ter o curso de pedagogia dentro da cidade de Rio Branco. Era muito difícil, para conseguir ir até Jales, a cada dois meses tínhamos que ir de ônibus. Nós íamos em uma turma de Rio Branco, ficamos uma semana estudando e depois de dois meses, precisávamos voltar de novo. Na época, minha filha era uma bebê que ainda mamava no peito, precisei deixar ela com a minha irmã, quando voltava da faculdade, minha filha, não queria mais saber de mim, queria ficar com a minha irmã (Margarida, entrevista, 29 de julho de 2024).

Ao retratar sobre o período em que fez o curso de Licenciatura em Pedagogia, percebi em seu olhar, mesmo embaçado pelos óculos, que ela tinha conseguido realizar o seu sonho de cursar o ensino superior. A professora Margarida encontrou vários percalços pelo caminho, dentre todas as suas dificuldades, deixar uma filha, ainda bebê que amamentava foi a parte mais difícil. No entanto, ela nunca perdeu a esperança de alcançar os seus objetivos e desistir não era uma opção. Mediante a inúmeros dificuldades, a professora precisou lidar com o patriarcado.

Ao ser questionada se o seu esposo contribuiu com o seu processo de formação, ela enfatiza que;

> Quando decidimos que iríamos cursar a faculdade de pedagogia, um professor formado em matemática, tentou nos desmotivar, falando que o dinheiro que iriamos gastar com a faculdade não compensaria, pois nosso salário não iria aumentar muito, se tivesse dado ouvidos a ele ou ao meu esposo, jamais teria feito a faculdade. Na verdade, se tivesse dado ouvidos ao meu marido, não teria nem trabalhado, depois de seis meses de casada comecei a dar aula na escola, ele não queria de jeito nenhum. Para ele fazer faculdade então, foi a morte, ele tentou me impossibilitar de conquistar meus objetos impondo empecilhos, mas eu persistir e lutei para realizar o meu sonho. O meu esposo não me apoiou na parte financeira, gastávamos muito nas nossas viagens para Jales, chegamos até a ficar hospedados em igrejas, dividíamos as coisas de comer para não gastar muito. O nosso salário era pouco, nossa sorte foi um vereador que na época nos apoiou e nos ajudou com recursos para a viagem.

Graças à sua persistência e força de vontade a professora Margarida, conseguiu conquistar a tão almejada graduação em Licenciatura em Pedagogia. Durante esse período, ela enfrentou inúmeros desafios, incluindo a falta de recursos financeiros e o apoio do seu marido, que não foi o suporte necessário naquele momento. Além disso, o professor que havia concluído a alguns anos antes a faculdade de licenciatura em matemática, foi desmotivador com as mulheres que também desejam estudar. Diante do fato de lidar com o patriarcado arraigado na sociedade, Margarida precisou de determinação, coragem e persistência para alcançar seus objetivos e se tornar uma profissional qualificada, e reconhecida por tamanha dedicação em toda a cidade.

5.2.5 Professora Gérbera

A escolha pelo nome desta professora ocorreu devido à sua semelhança com a flor Gérbera. Essa flor, se destaca por apresentar coloração vermelha, amarelo, laranja, rosa pink e rosa bebê. A flor Gérbera é semelhante ao girassol, ela é associada aos sentimentos amor, otimismo, alegria, sucesso, luz e jovialidade.

A professora em questão apresenta as características da flor Gérbera. Foi minha colega de trabalho durante o período em que lecionei na Escola Estadual Padre José de Anchieta, no município de Lambari D´Oeste, mas por pouco tempo, somente até a sua aposentadoria. Trabalhar com esta professora tornava nossos dias mais alegres, sua leveza para resolver os dilemas enfrentados no cotidiano da escola, contribuiu para que desenvolvêssemos maior resiliência em nossa prática pedagógica.

Durante o intervalo, e na sala dos professores, a professora Gérbera chegava esbanjando bom humor, fazendo brincadeiras e piadas sobre acontecimentos da escola. Seu sorriso largo, e sua voz estrondosa podia ser ouvido no outro lado do colégio, todos que passavam na rua, sabiam que aquela era a professora Gérbera, sua gargalhada era inconfundível. Nossos intervalos eram mais alegres com a sua presença, ela tinha soluções inusitadas para resolver qualquer dificuldade.

Ao entrar em contato com a professora Gérbera para convidá-la para ser uma das professoras entrevistadas, percebi que era a mesma pessoa do período em que trabalhamos juntas. Ela foi uma das professoras entrevistadas que mais demonstrou entusiasmo com a pesquisa, aceitando prontamente o convite.

Marcamos a entrevista para o dia 27 de agosto de 2024 na residência da sua mãe, na cidade de Rio Branco. Gérbera mora ao lado da casa da sua mãe, uma senhora debilitada fisicamente. Ela é irmã da professora Margarida, e as irmãs se revezam nos cuidados com a mãe, mas Margarida tinha outro compromisso para aquele dia e não poderia auxiliar com as atividades diárias requeridas por um cadeirante. Além de estar cuidando da mãe sozinha, a professora Gérbera estava recém-operada, não podendo ficar muito tempo sentada, tentei ser o mais breve possível na entrevista.

Quando cheguei na residência da mãe da professora, encontrei o portão aberto à minha espera. A professora Gérbera estava sentada na varanda conversando ao telefone. Cumprimentei a mãe da professora, uma senhora simpática que apesar das suas dificuldades de locomoção, mantém-se mentalmente saudável e feliz. Sentei-me na cadeira e esperei por alguns segundos para que a professora terminasse a conversa. Rapidamente Gérbera terminou sua conversa no telefone celular, e entramos no assunto da pesquisa.

Como relatei anteriormente, a professora Gérbera é irmã da professora Margarida, e suas histórias de vida são similares, especialmente no que diz respeito à vinda de sua família para o Mato Grosso. No entanto, a professora Gérbera, diferentemente de sua irmã, nasceu no município, no período denominado de colônia de Rio Branco, Gérbera tem 55 anos de idade. Sua família foi um dos primeiros habitantes a estabelecer-se no município. Em relação ao processo de escolarização, a professora enfatiza que;

> Sem dúvida, a minha mãe foi a principal responsável para que conseguíssemos estudar. Não tínhamos condições financeiras, ela lavava roupas para conseguirmos o dinheiro, e pagar os gastos com os estudos. Além de ter que pagar uma taxa escolar, tínhamos que comprar os uniformes de conga para podermos entrar na escola. Dessa forma eu estudei, sempre no Rio Branco, a escola tinha o nome de Barão de Rio Branco, anos depois se tornou a Rangel

> Torres, estudei nessa escola até o terceiro ano (entrevista, Gérbera, 27 de agosto de 2024).

O relato da professora Gérbera pode ser ouvido por sua mãe, que estava sentada na cadeira de rodas à nossa frente. O semblante da mãe mudou ao ouvir o relato da sua filha, ao mesmo tempo em que refletia a certeza de que tamanho sacrifício valeu a pena para que seus filhos pudessem estudar, ela demonstrava certa apreensão ao relembrar os dias de lutas vividos no passado. Tal atitude da mãe da professora Gérbera, não apenas promoveu a formação educacional dos seus filhos, mas também incutiu em suas mentes a importância do estudo na vida do sujeito para que desenvolvam sua autonomia, no crescimento pessoal e profissional.

A professora relata:

> Terminei o período escolar no ensino fundamental II e comecei a cursar o terceiro ano do ensino médio. Ao ingressar no terceiro ano, também iniciei o magistério, não tínhamos outra opção. No período em que ingressei no terceiro ano, foi a última vez que teve a possibilidade de cursar o terceiro ano e o magistério ao mesmo tempo.
> Através do magistério consegui trabalhar em uma escola como professora substituta na educação infantil. Alguns anos depois, fiz o concurso no munícipio de Rio Branco, e fui aprovada. Fiquei trabalhando nesse munícipio do ano de 1990 até o ano 1994 (entrevista, Gérbera, 27 de agosto de 2024).

A professora destaca a importância para o seu processo de formação, o estudo no magistério, que lhe propiciou experiência para lecionar no ensino fundamental I. Alguns anos depois, ela foi aprovada no concurso do município de Rio Branco, e posteriormente, no concurso do estado na cidade de Lambari d`Oeste.

> Fui aprovada no concurso público do estado, e trabalhei por seis meses na cidade de Pontes de Lacerda. Depois desse período, pedi a transferência para lecionar no munícipio de Lambari D´Oeste, na Escola Estadual Padre José de Anchieta. No começo foi muito difícil, pois, fazia este percurso todos os dias de carona, demorei um bom tempo para comprar uma moto. Acordava às 5:00 horas da manhã, e antes do sol nascer, ia para a BR, na saída do Rio Branco para pedir carona. Na maioria das vezes, não conhecia os motoristas, mas Deus enviava verdadeiros anjos na minha vida. Durante esse tempo, foram pouquíssimas vezes que cheguei atrasada na escola, acredito que umas três vezes apenas, e de dez a quinze minutos de atraso apenas (entrevista, Gérbera, 27 de agosto de 2024).

A partir do relato da professora Gérbera compreendemos as dificuldades que ela enfrentou para se deslocar até o seu trabalho no município de Lambari. Como não tinha moto, sua única opção era se arriscar pedindo carona às pessoas desconhecidas, com o objetivo de sustentar sua família. Ela sempre foi uma mulher guerreira e autônoma que não desistiu dos seus sonhos apesar dos inúmeros obstáculos.

A professora é mãe solteira, sua realidade é a mesma de muitas mulheres que lutam arduamente para sustentar os seus filhos. Gérbera tem um único filho, fruto de uma relação passageira que teve na juventude. Sua vida se tornou ainda mais difícil depois que foi aprovada na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

> Quando comecei a estudar na Unemat, as coisas se tornaram ainda mais difícil para mim. Deslocava-me todos os dias para Cáceres, viajava por quase 100 km, numa estrada muito ruim. Chegava em casa quase às 2:00 horas da manhã. No outro dia, era o mesmo processo, ir para a BR para pedir carona, ir para o trabalho, voltar para casa correndo, esperar o ônibus, e ir para a faculdade. O meu filho era muito pequeno, ele tinha apenas quatro anos, quem cuidava dele era minha sobrinha e minha mãe. Era muito difícil conciliar tudo isso, tinha que ser ninja para conseguir (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

Apesar de todos os obstáculos enfrentados durante o tempo em que trabalhou na escola, teve que conciliar os estudos e a vida familiar. A professora Gérbera é uma mulher muito ativa que conseguiu vencer na vida. Agora aposentada, ela tem colhido os frutos dos seus esforços. A professora conseguiu formar o seu filho no curso de direito. Embora nunca tenha se casado, devido a prioridade na educação do seu filho e seu trabalho na escola, ela nunca deixou de viver a vida com leveza. Gérbera sempre apreciou as festividades da escola, as brincadeiras com os alunos, e dos momentos de lazer nos fins de semana com os amigos.

Após finalizar a entrevista, conversamos por alguns instantes. Ao nos despedir, ela relatou que havia gostado muito da entrevista. Em seguida, mencionou se gostaria de colher alguns cajus do pé, ela me deu uma sacola e fomos ao quintal de sua casa. Apesar de insistir que aquela quantidade que havia pegado era suficiente, a professora Gérbera insistiu para colher mais um pouco.

Naquele mesmo dia, ao chegar em casa, os cajus que ganhei da professora, foram transformados em suco e num delicioso doce de caju, apreciado pelas visitas que recebi em casa. Nos despedimos, e ela me acompanhou até o portão, ressaltando que estaria disponível sempre que precisasse.

5.2.6 Professora Perpétua

A entrevista com a professora Perpétua ocorreu na sua residência na cidade de Rio Branco, embora a professora era efetivada no município de Lambari D`Oeste, onde percorria 15 km durante os anos que lecionou como professora, e posteriormente diretora na mesma escola. O contato com a professora para a realização da entrevista foi estabelecido, e a entrevista foi agendada para o dia 26 de julho de 2024, a partir das 13:00 horas em diante.

Durante o trajeto de Salto do Céu a Rio Branco, muitas lembranças passaram em minha mente, pois a entrevista com a professora Perpétua seria diferente das demais participantes da pesquisa. Embora todas as entrevistas fossem importantes para a realização do estudo a que me propus desenvolver, era diferente, porque esta professora teve um significado especial na construção da minha história de vida, tanto profissional como pessoal.

A professora Perpétua foi uma das minhas primeiras professoras no ensino fundamental. Anos depois, tive a primeira oportunidade de trabalhar como docente na mesma escola em que ela atuava como diretora. Após concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia, trabalhei por um ano na Escola Municipal Fernão Dias Paes, uma instituição localizada na zona rural (Lambari D`Oeste), mas com um currículo urbano. Ao retornar àquela escola, não era mais uma menina amedrontada no cantinho da sala, mas uma mulher determinada, acreditando veementemente que poderia transformar a realidade da educação, consequentemente o mundo.

Durante o intervalo das aulas, íamos até a sala dos professores, onde nos sentávamos nas cadeiras da mesa de madeira de cerejeira para discutirmos a educação e as principais dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Atuei como professora das crianças do quinto ano, nesta sala os alunos apresentavam realidades distintas, a maioria era sitiante. Alguns vinham de outras regiões, uma pequena comunidade denominada Argeu, eles saíam de casa antes do amanhecer, mal tinham tempo de se alimentar. Os alunos chegavam na escola no horário do almoço, e as merendeiras aguardavam com uma merenda preparada especialmente para eles. No término das aulas, os alunos pegavam o ônibus de volta para casa, mas só conseguiam regressar por volta das 20: 00 horas da noite.

A estrada percorrida até a escola, era de difícil acesso, e o ônibus não conseguia percorrer o trajeto durante o período de chuvas devido o rio transbordar na ponte, e os alunos precisavam ficar alguns dias sem ir para a escola. Entretanto, no período da seca, tinham de enfrentar a poeira deixada pelos caminhões de cana, algumas crianças ficavam doentes devido às dificuldades enfrentadas no caminho. Essa realidade, contribuiu com a dificuldade de aprendizagem de alguns alunos. Eu me sentia despreparada para atuar naquela sala de aula, e já não era mais como no início do ano letivo, meu engajamento como docente foi gradualmente substituído pelo medo de não conseguir desenvolver uma prática pedagógica que contribuísse com a aprendizagem daquelas crianças.

Quando comecei a atuar nesta instituição, a professora Perpétua estava próxima da aposentadoria. Sua experiência como professora da educação infantil, lhe propiciou um amplo conhecimento de mundo. Durante o período do recreio, seus conselhos foram fundamentais

para me fazer compreender a necessidade de conhecer as especificidades dos alunos, para então desenvolver métodos de ensinos que fossem condizentes com a sua realidade. Comecei a desenvolver atividades de ensino eficazes para os alunos. Durante as aulas, passava vídeos educativos e músicas diversificadas, levava os alunos à biblioteca para realizar leituras, e realizávamos pesquisa nos computadores da escola.

Os anos se passaram, e a professora Perpétua se aposentou, enquanto eu segui o meu caminho na educação. Trabalhei em cinco escolas diferentes no município de Lambari D´Oeste e, ao me casar, mudei para a cidade de Salto do Céu, acarretando a perda de contato com os colegas de trabalho da antiga escola.

Ao chegar na residência da professora Perpétua para a entrevista, fui recepcionada no portão da casa. Ela estava assistindo a última partida dos jogos Olímpicos de Paris. Em seu rosto, vislumbrava alegria e ao mesmo tempo ansiedade pela entrevista. A professora perguntou onde gostaria de realizar a entrevista, se dentro de casa ou na varanda? Respondi que seria melhor na varanda mesmo. Não queria que parecesse apenas uma entrevista, mas sim um diálogo informal entre professora/aluna, e colegas de trabalho. Meu principal objetivo era que a professora Perpétua se sentisse à vontade para relatar seus anseios e que nossa conversa pudesse fruir da melhor maneira possível.

Depois de conversarmos um pouco sobre o rumo que nossas vidas tomaram, comecei a prestar a atenção na professora. Observei o seu rosto em busca de mudanças, seja na sua fala ou expressões, mas tudo parecia igual, àquela professora que entrava na sala de aula, com vontade de ensinar. Ela sempre estava em movimento, de uma carteira a outra, ensinando os alunos, parecia difícil para ela se assentar. A única diferença que notei foi no tom do seu cabelo, antes eles eram pretos e cacheados, em contraste com sua pele clara, agora estavam coloridos em um tom acobreado.

Depois de minha rápida análise, entramos no assunto da pesquisa, perguntei para a professora sobre sua história de vida, ela relatou que veio para o Mato Grosso no ano de 1993, do estado de Minas Gerais na região de Açucena.

> Quando eu vim de Minas Gerais, não era casada ainda, mas já era formada em magistério, me formei no ano de 1989. Naquele período, não lecionava como professora, trabalhava em uma loja, que acabou fechando. Depois que fiquei desempregada, meu cunhado e minha irmã me convidaram para vir morar no Rio Branco. Eu pensei, não tenho mais nada a perder, então vamos embora. Depois de uma semana que cheguei aqui, uma pessoa que trabalha na escola, tinha acabado de passar em um concurso no banco do Brasil e deixou as aulas na escola. Naquele período era difícil encontrar um professor formado em magistério, o diretor me convidou para assumir aquelas aulas e eu aceitei (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Assim como as outras professoras, Perpétua veio de outro estado, a convite de sua irmã e cunhado. Ela não imaginava que aquela oportunidade seria o início de sua jornada na educação, e que posteriormente se tornaria diretora da escola. Depois de algum tempo atuando como professora no Rio Branco, o município de Lambari D´Oeste, desmembrou-se de Rio

Branco e Cáceres. Em 1991, Lambari D´Oeste tornou-se um município, e o primeiro prefeito da cidade, Carlos Batista teve que fazer um concurso de urgência para preencher as vagas disponíveis. No ano de 1993, Perpétua é efetivada na cidade de Lambari. Ela decidiu continuar residindo no Rio Branco e fazer esse percurso de moto. A professora enfatiza que no começo foi muito difícil conciliar sua longa jornada de trabalho, a família e a faculdade.

> Continuei trabalhando por um tempo no município de Lambari só com o magistério. No ano de 1996 surgiu a nova lei da LDB, que impunha que os professores com magistério fizessem o curso de licenciatura em pedagogia no prazo de até dez anos. Essa lei, foi uma motivação para que corrêssemos atrás do curso de licenciatura em pedagogia. Eu já tinha alguns colegas que haviam começado, um foi puxando o outro. Eu fiz o vestibular em pedagogia na Unemat, na primeira tentativa fui aprovada, então comecei a luta. O meu filho era pequeno, com apenas 11 meses e meio, ele já tinha desmamado, e a menina com apenas 4 anos, era uma luta muito difícil, eu não conseguia ver meus filhos durante a semana. Saía às 6:00 horas da manhã para trabalhar na escola, e de lá, ia até o Lambari para pegar o ônibus, e só conseguia chegar em casa às 1:30 horas da madrugada. Não tinha como ir em casa ver eles, nem no horário do almoço, nem depois, só mesmo nos finais de semana (Perpétua, entrevista 29 de julho de 2024).

Devido às dificuldades de deslocamento entre os municípios, e ao fato de ter filhos muito pequenos, a professora Perpétua enfrentou diversos desafios para conseguir concluir o ensino superior e se formar em Licenciatura em Pedagogia. Ao analisarmos seu relato, podemos compreender o esforço que ela fez para estudar na Unemat. O trajeto até a universidade era longo e exigia viagens de ônibus por estradas de chão, além de ter que lidar com a saudade dos seus filhos. Quando questionei a professora sobre o apoio do seu esposo, ela retrata que;

> O meu esposo, sempre foi o meu maior estímulo, ele simplesmente falava para mim, vai estudar que irei cuidar das crianças. Ele foi um parceiro e tanto, gosto de brincar com ele que eu estudei, mas o diploma é nosso. Só foi possível concluir a faculdade porque recebi o apoio do meu esposo, se não fosse sua ajuda, não teria conseguido. Não é qualquer marido que faz isso, eu fui privilegiada, ele nunca foi um cara machista, nunca quis me prender dessa forma, de não deixar estudar, sempre esteve ali me motivando a conquistar os meus objetivos. Se hoje estou aqui, também devo a ele (Perpétua, entrevista 29 de julho de 2024).

Por meio dos relatos da professora Perpétua, compreendemos a imensa gratidão que ela sente pelo companheirismo e incentivo de seu esposo. Enquanto alguns homens teriam

colocado diversos empecilhos, ele sempre esteve do seu lado, incentivando-a e impulsionando-a para ir em busca dos seus objetivos. Se não fosse o apoio do seu esposo, o caminho teria sido muito mais difícil para a professora Perpétua conseguir estudar naquele momento de sua vida.

Perguntei para a professora, como foi lecionar na Escola Fernão Dias Paes, onde estudei desde a educação infantil I, até o nono ano. Essa escola está localizada na comunidade do Pingador. A professora atuou nessa instituição de ensino, praticamente todo o tempo de profissão.

> A escola do Pingador, é uma escola rural, tem todas características de uma escola rural, mas funciona como uma escola urbana. Trabalhar no Pingador era um paraíso, o maior desafio foi a Boa União. Eu trabalhei na escola da Boa União durante dois anos, no mesmo ano que entrei na faculdade. Foi muito complicado, porque ficou mais longe e difícil o acesso. Eram 18 km de estrada de chão, muito ruim. Hoje não é mais assim, as estradas não são tão ruins, mas naquele período, de 2000, ela era praticamente intransitável. Foi o pior lugar que já trabalhei, não pelos alunos, eles eram maravilhosos, a equipe escolar também. A maior dificuldade mesmo, era conseguir chegar até a escola e sair de lá. Quando estava chovendo não conseguia chegar a tempo para pegar o ônibus para ir para a faculdade. Eu tinha que chegar até as 17:00 horas no ponto de ônibus, algumas vezes, já tinha passado e perdia a aula na faculdade. Um percurso que conseguiria fazer com 30 minutos, com as chuvas, gastava uma hora. O barro era tanto que atolava, quando não caia pelas estradas (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

A professora remeteu a escola localizada na comunidade da Boa União, como um local de difícil acesso, apesar de contar com alunos maravilhosos, e com o companheirismo da gestão escolar. Essa escola atende crianças da educação infantil I até o quinto ano, e é bem equipada, com materiais didáticos, cantina e uma quadra esportiva. Algumas crianças vêm de lugares distantes, em fazendas perto do município da Barra do Bugres-MT, tornando o trajeto tão sofrido para os professores como para os alunos.

Questionei sobre o período em que a professora atuou como diretora, sobre a diferença de realidade entre estar na direção da escola e ser educadora, oportunidade em que a Professora Perpétua destacou que:

> Quando entrei na coordenação como diretora, não notei diferença no comportamento dos alunos. Eu acredito que pelo fato de serem crianças, não adquiriram ainda a capacidade de serem hipócritas, assim como os adultos. Eles são muito sinceros e honestos com o que acreditam e com os seus sentimentos. Mas os pais e os colegas de trabalho mudam o comportamento e a forma como te veem. Alguns colegas passam a me admirar mais, enquanto outros, nem tanto. O meu maior desafio como diretora foi me manter coerente com o meu pensamento. Eu sempre coloquei na minha cabeça que jamais daria uma ordem que não acataria, como professora, sempre fui uma pessoa muito crítica. Quando chegava uma ordem que não concordava muito, eu questionava, antes te propor alguma mudança, pensava se conseguiria aceitar

> se estivesse na posição de professora. Eu estive no cargo de diretora, mas nunca deixei de pensar como uma professora. Na faculdade da Unemat, conheci as teorias de Paulo Freire, e o livro pedagogia do oprimido me chamou muito a atenção, busquei utilizar seus ensinos em minha prática. Tentei não ser a opressora quando estive no cargo de diretora escolar (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

A professora Perpétua, sempre foi uma mulher firme, determinada e ativa, buscando manter seus princípios ao longo de sua carreira. Algo que marcou minha passagem naquela instituição, foi a busca da professora Perpétua por recursos para melhoria da qualidade da educação. Ela organizou várias festas na escola, como as quadrilhas, cuja arrecadação era destinada para a unidade escolar. Além disso, utilizávamos um pouco do dinheiro da arrecadação para levarmos os alunos para passeios culturais, como o que fizemos no Lago Azul, na cidade de Mirassol D`Oeste. Ao ser questionada sobre as promoções de danças de quadrilhas nas festas juninas, ela ressalta que;

> Meu intuito, era aproximar os pais dos alunos com a comunidade escolar, para que os pais pudessem conhecer nossa realidade e o local que seus filhos transitam diariamente. Muitos pais iam apenas nas reuniões escolares, queria que houvesse maior aproximação, entre pais, alunos, coordenação, professores e funcionários da escola (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

As festas de quadrilha realizadas pela escola do Pingador, sob a direção da professora Perpétua, transformaram-se em uma festividade comunitária, aos longos dos anos, pessoas de outras regiões vinham prestigiar a quadrilha. Bandas do próprio município eram contratadas para tocar na escola. Os professores ficavam responsáveis pela venda de pastéis, quentão, tapioca dentre outros alimentos típicos da festa "julina"[3]. Além de fazer premiações na semana cultural com o dinheiro arrecadado na quadrilha.

Perguntei para a professora, como era compreendida por seus colegas de trabalho, ao se tornar diretora da escola;

> Quando fui diretora, senti que alguns dos meus colegas de trabalho, ficaram imensamente felizes com a minha conquista, outros não senti muita sinceridade. Eu senti mudança no comportamento dos professores na forma de me olhar. Eu percebi isso, ao voltar na posição de professora. Era como se naquele momento eu não existisse, fiquei na direção por seis anos. Quando era diretora, minha voz era ouvida. Como professora não tinha mais voz, por mais que estivesse tentando dizer o fato mais importante. Eu senti como se não fosse mais importante. Na posição de diretora, era procurada para lutar por nossos direitos, tanto dos alunos como dos professores, conquistei algumas coisas para a educação. Ao voltar a posição de professora novamente, e preste

[3] O termo diz respeito à festa que ao invés de ser realizada no mês de junho, era realizada no mês de julho.

> a se aposentar, fui esquecida por alguns dos meus colegas de trabalho (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Após ocupar o cargo na direção da escola durante seis anos, e faltando apenas um ano para se aposentar, Perpétua decidiu voltar a atuar como professora. Nesse processo, ela sentiu-se desnecessária na educação, como se sua luta, junto com seus colegas de trabalho estivesse ficando no esquecimento.

Ao término da entrevista, desliguei o gravador de voz. No entanto, a professora continuou o seu relato sobre a educação e como tem sido o processo de aposentadoria, que deveria ser vista como um aspecto integrante da trajetória profissional e do trabalho, além de ser um resultado do processo de desenvolvimento pessoal dos indivíduos (Bressan 2011).

Pedi que aguardasse um momento para recomeçar a gravação. Ela fez um desabafo sobre como se sentia, nesse instante de sua vida. Seu breve relato, fez com que meus olhos lacrimejassem, comecei a imaginar como estaria daqui a alguns anos.

> O meu maior desejo era me aposentar, eu estava tão feliz com a aposentadoria, queria apenas descansar. Pensava que conseguiria dormir até mais tarde, pois não tinha mais o compromisso de acordar cedo. Os dias foram se passando, comecei a sentir um vazio enorme. E hoje, vou dormir, mas acordo às 5:00 horas da manhã, e não tenho mais para onde ir. Os dias são todos iguais. Cumpri o meu papel na educação, conquistei tudo o que havia planejado, mas a sensação de vazio acontece porque a maior parte da minha vida, eu fiquei dentro da escola. A escola foi o meu lar, ali, foi onde constituí os laços mais forte de amizade, eu almoçava com os meus colegas, conversarmos no intervalo das aulas. Das 7: 00 horas da manhã até as 5:00 horas da tarde eu ficava na escola. Depois de um ano, me aposento e volto naquela instituição, e percebo que está totalmente diferente, fria, eu já não tinha mais aquele afeto de antes. Quando às crianças me viam, corriam para me abraçar. Os meus filhos foram criados por outras pessoas para poder me dedicar aos filhos dos outros. Tive o privilégio de trabalhar com duas gerações, os meus alunos constituíram família, e eu também dei aula para seus filhos. Quando volto para casa, os meus filhos foram embora para estudar, e o meu lar estava vazio. Na escola, eu já não tinha mais importância nenhuma, pois me aposentei. Quando o professor aposenta é como se toda a história que ele constituiu na educação também se aposentasse, ninguém mais lembra. Esse esquecimento é o pior de tudo, é o que mais machuca (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Ao refletirmos sobre o relato da professora, percebemos o sentimento de abandono e apagamento vivenciado por ela, após anos de dedicação e cuidado com o outro. Tendo em vista que a aposentadoria está associada ao processo de envelhecimento do indivíduo. Então, é provável que, para muitos, “aposentar-se signifique ter envelhecido, pois a chegada da aposentadoria concretiza o momento em que se percebe que o tempo passou e é necessário finalizar o ciclo de trabalho” (Pereira, Moraes, Pereira & Costa, 2016, pp. 53-54).

Neste instante de sua vida, ela sente que não obteve o reconhecimento necessário, tanto como professora, quanto diretora. Seu desabafo me fez compreender que a nova geração, talvez não saiba que muitos recursos pedagógicos, o planejamento- político pedagógico ou até mesmo leis educacionais, foram adquiridos através de lutas de professores que passaram pela escola antes deles. No entanto, acredito veementemente que todos os alunos que vivenciaram a prática pedagógica e participaram da luta pelo avanço educacional, não se esquecerão dos seus percursores que tornaram o âmbito escolar um espaço melhor.

Neste sentido, esta pesquisa aborda o legado deixado por aqueles que não estão mais presentes no espaço escolar, mas cuja marca deixaram na história da educação. Como aluna dessas e de outras professoras, tenho como objetivo perpetuar o legado deixado por elas, seja por meio deste estudo, ou por meio da minha prática pedagógica. Ao nos despedirmos, a professora Perpétua relatou que sente orgulho do seu trabalho na educação, pois, como aluna do mestrado, sou o reflexo dele.

Ao escolher o nome fictício para essa professora, considerei a flor Perpétua. Seu caule é fino e alto, tem aproximadamente 30 cm de altura, enquanto, as suas flores são pequenas e arredondadas, variando nas cores, roxa, amarelo e branco. É uma flor notável por perpetuar sua beleza durante um longo período, para todos aqueles que buscarem apreciá-la. Da mesma forma, o legado deixado por essa professora e pelos demais educadores, deve ser perpetuado. A luta pela educação deve ser vista como uma chama acesa que precisa ser perpassada de geração em geração.

5.2.7 Professora Hortênsia

Nesta segunda entrevista realizada na cidade de Lambari D'Oeste, abordo as narrativas da professora Hortência. Sua influência impactou significativamente minha vida, além de contribuir com o meu autoconhecimento e aperfeiçoamento profissional.

A professora Hortência é a mesma educadora mencionada no início de minha pesquisa, em minha história de vida. Ela foi responsável por me alfabetizar, no terceiro ano da educação infantil I, nesse período acreditava que não conseguiria progredir como os demais alunos. A chegada da professora Hortência mudou o prognóstico de fracasso escolar do qual eu estava fadada.

Ao analisar o perfil desta professora, considerei pertinente denominá-la com o nome da flor Hortência. Essa flor possui características peculiares, sua cor varia entre azul e lilás, tornando-a única, e chamando a atenção de todos aqueles que a encontram pelo caminho. Além

disso, a Hortência simboliza amizade, coragem, determinação, devoção e gratidão pelas conquistas. Esses sentimentos correspondem a eterna gratidão que tenho por esta educadora.

Para conseguir agendar um horário com a professora Hortência para realizarmos a entrevista, tive certa dificuldade. Pois, ela continua dedicando seu tempo à educação mesmo após a aposentadoria. Enviei uma mensagem pelo WhatsApp para saber qual horário seria conveniente para ela, e após, analisarmos, chegamos à conclusão de que a entrevista ocorreria às 10:00 horas da manhã. A professora Hortência atende crianças com dificuldades de aprendizagem por meio de aulas particulares de reforço. Essa dinâmica tem tornado o seu dia bastante corrido, e com pouco tempo para realizar outros compromissos.

Quando cheguei à casa da professora Hortência, aguardei algum tempo para que ela pudesse tomar o café da manhã antes de me atender. Quase no horário agendado, me dirigi até sua casa, e estacionei o carro embaixo de um pé de manga, de frente ao local onde ficam estacionados os caminhões da prefeitura. Chamei-a antes de entrar, pois seu cachorro grande e branco como a neve, da raça Kishu, foi o primeiro a me receber no portão.

A professora pediu para entrar e me conduziu até a sua varanda, no fundo da sua casa. Assentamo-nos nas cadeiras da mesa, o mesmo cantinho onde ela se dedica às aulas particulares. Sobre a mesa, estavam seus materiais pedagógicos utilizados nas aulas, ela acabara de atender alguns de seus alunos.

Meu olhar se dirigiu para a professora Hortência, parecia que o tempo não havia passado para ela, mesmo sendo mãe de três filhas, uma in memoriam, e ter netos, ela quase não envelheceu, sua fala continuava firme e com altivez, sua aparência permanecia a mesma da época em que me deu aula. Ela é uma mulher de pequena estatura, sua roupa e o seu batom na cor rosa chiclete me lembraram uma adolescente, e seu cabelo loiro, com dois coques preso no pregador de cabelo, um de cada lado, evocava ao penteado de uma menina.

Hortência continua sendo a professora forte e ativa que conheci no tempo de escola. Durante o período em que estudei na escola em que lecionava, ela tinha uma tatuagem de golfinho nas suas costas, ao andar pela sala, fixava meu olhar naquela imagem. Atualmente ela tem outras tatuagens maiores espalhadas pelo corpo. Tentei focar meu olhar nos seus olhos verdes, na perspectiva de manter minha concentração na entrevista, evitando que minha mente vagasse para o tempo em que era aluna, e ela, estava ali, na minha carteira me ensinando a ler e escrever. Ao entrarmos no assunto da pesquisa, perguntei sobre sua história de vida, como ela veio para o Mato Grosso.

> Eu vim de Minas Gerais com 12 anos, viemos em seis pessoas, meu pai, minha mãe e meus três irmãos, toda a minha família. Como a família por parte de mãe, moravam aqui no Mato Grosso, meu pai veio primeiro para conhecer o estado, e depois voltou para nos buscar. Teve um corte na empresa em que trabalhava, deixando-o desempregado, por isso, ele veio, para tentar trabalhar como agricultor, mas não tinha conhecimento sobre plantação, e não teve êxito na colheita. Logo em seguida, a indústria da Cooperb, começou a contratar funcionários, como meu pai tinha experiência nessa área, começou a trabalhar como carpinteiro. Ele foi um dos primeiros funcionários da Cooperb, trabalhou desde sua construção. Nesse período, Lambari pertencia ao munícipio de Rio Branco, a maioria dos funcionários eram de lá, inclusive meu pai (Hortência, entrevista, 6 de agosto, de 2024).

Quando a professora Hortência chegou no estado, Lambari D`Oeste, pertencia a Cáceres e Rio Branco, neste período, era uma pequena comunidade denominada de Gleba Lambari. Somente no ano de 1991, se tornou município, adquirindo a capacidade de caminhar sozinho. Seu pai contribuiu com a fundação da Cooperativa Agrícola de Produtores de Cana de Rio Branco - Cooperb, uma indústria de cana-de-açúcar que tem crescido e se tornou um dos principais meios de rentabilidade do município e de emprego para a circunvizinhança.

Ao ser questionada sobre o período de escolarização, a professora Hortência ressalta que;

> Quando cheguei no Mato Grosso, estava cursando o ensino fundamental II, hoje é o nono ano. Em Minas, estudei em escola militar, depois passei para escola municipal. Minha mãe sempre teve a nossa educação como prioridade. Apesar de nossas condições financeiras serem mínimas, ela lavava roupas para comprar materiais escolares, todos os nossos materiais eram comprados, desde os livros. Os que tinham maiores condições financeiras compravam livros novos, no outro ano, vendia para nós. Ao chegar na cidade de Rio Branco, nos deparamos com outra realidade, viemos em setembro e as aulas já haviam começado. A escola não pegou nenhum de nós, mesmo com todos documentos necessário para continuarmos estudando. Foi muito difícil, quando minha mãe percebeu que a escola Rangel Torres, até então, a única escola da região não nos aceitou, ela queria voltar para Minas Gerais (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

A professora narra que devido à negligência da escola, perdeu um ano letivo. A instituição de ensino estadual Francisco Rangel Torres, alegou que não poderia matriculá-la, bem como seus irmãos, porque o ano letivo já estava em andamento. A justificativa foi que deveriam aguardar até o ano seguinte para iniciar novamente o nono ano, junto com os demais alunos. Nessa época, as escolas tinham total autonomia para decidir sobre a educação dos alunos. Após concluírem o período de escolarização, a professora e os seus irmãos deram início ao Curso Técnico de Magistério no município de Rio Branco, esta era a única opção. Graças a dedicação e aos esforços de sua mãe, eles conseguiram terminar o ensino médio e cursar o magistério.

> Eu fiz o magistério de quatro anos, a minha filha mais velha, era bebê. Enquanto cursava o magistério, comecei a trabalhar em uma instituição celetista filantrópica, na parte burocrática. Para que essa escola funcionasse, o estado ajudava com uma parte dos recursos, o munícipio e a população também contribuíam. Quando faltava professores, eles me mandavam para sala de aula, me tornei o quebra galho da escola, com isto, fui adquirindo experiência. Depois de um ano de formada no magistério, a coordenação da escola Manoel Tavares, me convidou para trabalhar como professora na educação infantil, pedi para não me colocarem na alfabetização, pensava que não conseguiria alfabetizar as crianças menores. Apesar da diretora atender meu pedido, a professora que dava aula antes de mim, recorreu e pediu a minha sala de aula, tive que ir para a alfabetização. Nesse tempo, não tinha internet, nem os teóricos que conhecemos hoje, mesmo assim fui pesquisar para atuar com estas crianças. Realizei dois anos do curso o homem natureza, era um projeto grande de formação pedagógica que começou a surgir no Brasil, são as tendências pedagógicas de Lev Vygotsky e de Jean Piaget, o construtivismo. Através deste curso, comecei a compreender mais sobre o processo de alfabetização. Mas também, não posso me esquecer dos professores que já lecionavam, eles me ajudaram muito (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

No começo da sua carreira, a professora Hortência temia não conseguir atuar na sala de aula com crianças na fase de alfabetização. Apesar das dificuldades encontradas no começo, ela não deixou que o medo a paralisasse. Em vez disso, buscou aperfeiçoar-se por meio de cursos de formação pedagógica. Seu estudo aprofundado, levou-a ao conhecimento de teóricos renomados, cujas obras são de extrema relevância para o processo de alfabetização. Seu esforço e dedicação resultaram em um bom desempenho na sala de aula.

> Para realizar um dos primeiros concursos públicos em nível nacional, estudei muito para ser aprovada. A prova foi em três etapas, na primeira, a escrita, na segunda à prática, nessa etapa tivemos que preparar a aula para apresentar aos professores, e por último a contagem de títulos. Apesar de ter sido aprovada, o novo prefeito do munícipio de Rio Branco, não reconheceu o concurso e nos mandou embora. Alguns anos depois, o munícipio de Lambari emancipou, e o prefeito Carlos Batista, teve que realizar um concurso público, pois, o nosso munícipio era extenso, com várias escolas na zona rural, e não conseguiu preencher todas as vagas disponíveis. Fui aprovada nesse concurso, e decidi vir embora com minhas filhas pequenas, com a cara e a coragem. Aqui o trem foi feio, quando fui escolher a escola para trabalhar, a secretaria de educação me colocou na pior escola da região, na Boa União. Quase desisti, aí uma pessoa me falou que deveria procurar os meus direitos. Fui novamente na secretaria de educação e pedi uma sala de aula na escola da Salobinha, porque a professora que estava atuando não era efetiva. Ela não teve alternativa, a não ser aceitar. Nessa instituição de ensino, não havia matrículas suficiente para abrir uma sala, chamei alguns dos alunos para irmos procurar essas crianças e realizarmos as matrículas. Saímos de casa em casa, eu mesma fiz a matrícula de cada um deles. Eu ia trabalhar de carona, a dona do restaurante perto da Cooperb, conhecia alguns caminhoneiros, ela pedia para me levar até o Lambari, no outro dia, voltava para a BR, e começava tudo outra vez para chegar na escola. Fiquei um ano lecionando nessa escola, depois fui trabalhar

> na escola do Pingador, Fernão Dias Paes (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

A professora Hortência relatou sobre a sua atuação nas escolas de Lambari D`Oeste, uma região com vários desafios, devido a localização das escolas. Para atuar na escola da Saloba, a professora precisou lutar pelos seus direitos, e enfrentar a realidade de que, na época não havia a obrigatoriedade para que os alunos estudassem, eram os pais que decidiam se os filhos poderiam frequentar a escola. Além disso, Hortência teve que buscar os alunos na sua casa para garantir sua frequência na escola. Os alunos da escola da Saloba, moravam na região do Canaã, perto da Cooperativa Agrícola de Produtores de Cana de Rio Branco- Cooperb, eles precisavam ir a pé até a escola, dificultando ainda mais o trabalho da professora para garantir a presença desses alunos na escola.

> Depois de um período lecionando na escola do Pingador, me mandaram para a escola da Boa União, que fica uns 18 km de Lambari. Para chegar nessa escola, é preciso andar por uma estrada muito ruim e perigosa. Diversas vezes, encontrei policiais saindo do meio do mato, eles ficavam à espreita dos bandidos foragidos. Os policiais me parabenizavam por minha coragem, aquela região era praticamente intransitável, muitos homens não teriam a mesma coragem. Trabalhei nessa escola por dois anos, na mesma época que comecei a estudar na Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso). Não foi fácil conciliar, o meu trabalho na escola da Boa União com os estudos. Não conseguia chegar no horário para esperar o ônibus da faculdade. Resolvi conversar com o secretário de transporte para ver a possibilidade de o ônibus passar uns quinze minutos mais tarde. No entanto, os próprios colegas de trabalho não aceitaram. O único recurso, foi ir até a prefeitura de Rio Branco para conversar com o Antônio Milanezi, até então secretário de transporte e professor da Unemat. Consegui a vaga no ônibus do munícipio vizinho, mas a exaustão de viajar por estradas de chão, levaram-me a desistir dos estudos. Ao Milanezi ficar sabendo, pediu para não desistir, pois havia conseguido recursos financeiros para comprar um ônibus maior e confortável. Voltei para a faculdade e nunca mais parei, o seu incentivo contribuiu para que concluísse o curso de pedagogia. (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

A professora Hortência vivenciou inúmeras dificuldades para estudar, especialmente porque, naquela época, as estradas não eram asfaltadas. Os estudantes chegavam em casa de madrugada, mal tinham tempo para descansar, e teriam que voltar para o trabalho no dia seguinte. Esse processo árduo vivenciado pela professora, quase fez com que desistisse dos estudos. Entretanto, seu companheiro de jornada a incentivou a persistir, e concluir a faculdade de Licenciatura em Pedagogia na Unemat. Solicitei que a professora Hortência narrasse um pouco sobre os anos que estudou na Unemat.

> Achei difícil a metodologia que os professores utilizavam na Unemat. No entanto, sempre fui uma pessoa que buscava dedicar-se ao máximo, na faculdade não foi diferente. Tentava abstrair os conteúdos que os professores

> transmitiam. Alguns professores me marcaram profundamente, como a Berenice, ela era uma professora muito boa, o professor Benedito de filosofia, Emília de didática e a Graciela de psicologia da educação. Nos três primeiros semestres, estudei sobre Piaget, Vygotsky, e Wallon, já no sexto semestre estudei sobre Paulo Freire, Saviane, Emília Ferreiro e Montessori (Hortência, entrevista, dia 06 de agosto de 2024).

De acordo com a professora Hortência o conhecimento adquirido durante o tempo em que esteve na Unemat, foi fundamental para o desenvolvimento de sua prática pedagógica e para sua atuação como professora alfabetizadora.

A percepção da professora nos leva a refletir sobre duas questões de fundamental importância: como a criança aprende e também como deve ser o papel docente dentro da sala de aula.

Conforme Libâneo (1994),

> A dimensão educativa do ensino implica que os resultados da assimilação de conhecimentos e habilidades se transformem em princípios e modos de agir frente à realidade, isto é, em convicções, requerem do professor uma compreensão clara do significado social e político do seu trabalho, do papel da escolarização no processo de democratização da sociedade, do caráter político-ideológico de toda educação, bem como das qualidades morais da personalidade para a tarefa de educar. (LIBÂNEO, 1994, p.74)

Fica evidente a importância de o professor, na sua função de mediador, deve empenhar-se em realizar pesquisas e participar de cursos de formação para reestruturar suas práticas pedagógicas e repensar as abordagens de ensino, sempre levando em conta o contexto dos seus alunos. É essencial que o educador reconheça sua função e responsabilidades, uma vez que uma alfabetização adequada é a base para que as crianças desenvolvam seus pensamentos e assimilarem o conhecimento adquirido.

Ao terminarmos a entrevista, busquei respostas para minhas indagações desde o período em que estudei com a professora Hortência. Acredito que o autoconhecimento é fundamental para transformarmos nosso futuro. Assim, olhei profundamente nos seus olhos, e perguntei sobre a sua percepção para a minha dificuldade para ser alfabetizada. Sem rodeios, ela explicou que provavelmente tinha déficit de atenção e uma timidez excessiva. Recordei o dia em que uma aluna negra, que também não tinha amigos e vivencia o segregacionismo na escola, fomos incentivadas pela professora para sentarmos juntas para desenvolvermos afinidade e uma possível amizade. Tal atitude da professora foi o catalizador para resgatar nossa autoconfiança, permitindo-nos ir além do que acreditávamos ser capaz.

6. DESVELANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: MULHERES EM ATUAÇÃO

Nesta sessão, abordamos as análises das professoras pedagogas aposentadas. Em seguida, destacamos a percepção de Paulo Freire (2005), sobre os processos educacionais, na qual, ele questiona o sistema educacional dominante, que visa oprimir o educando. Em contrapartida, Freire (2005) propõe um ensino humanizador, compreendido como prática de liberdade. Também discutiremos o processo de aposentadoria que envolve tanto os aspectos financeiros quanto emocionais.

Professora Primavera

A professora Primavera, nasceu em Minas Gerais, se casou e mudou-se para o município de Salto do Céu na perspectiva de melhores condições de vida. Ela relata que ao chegar no estado de Mato Grosso se deparou com uma realidade diferente do que até então havia vivenciado na sua cidade natal.

> Nesse tempo morávamos no Barro Preto, sabe onde mora a minha menina? Então, é lá. Quando cheguei aqui, era tudo fechado de mato, minha casa era de mulungu, quando chovia a água escorria entre as paredes e molhava os colchões (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Primavera relata que ao chegar no munícipio de Salto do Céu sua vida se tornou ainda mais difícil. Vindo Minas Gerais à espera de seu primeiro filho, devido as condições de vida precárias, sofreu um abordo em decorrência de uma eclampsia. Algum tempo depois a professora teve sua segunda filha, e mais tarde, outro filho que infelizmente acabou falecendo na sua juventude em decorrência de um acidente na cachoeira. Após o acontecimento com seu filho, teve uma forte depressão. Contudo, ela prosseguiu sua vida se dedicando ao trabalho, e mesmo sem ter uma formação específica, pois possuía apenas o 5º ano do ensino fundamental I, foi convidada para lecionar no município de Salto do Céu. Com o decorrer dos anos, foi efetivada no concurso, tendo que conciliar os estudos e trabalho.

Primavera menciona que:

> Naquela época eu estudei na faculdade remota, tínhamos que ir no polo fazer uma avaliação de seis em seis meses. Os professores marcavam a prova e nos deslocávamos até o local. Era muito difícil ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Eu escolhi pedagogia porque já trabalhava nessa área, até que gostava de dar aula, mas perto de me aposentar, os alunos foram ficando rebeldes. O meu marido nunca me questionou o fato de querer estudar, até porque já trabalhava antes (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Diferentemente de alguns homens, o esposo da professora Primavera não questionava o fato dela optar por trabalhar fora de casa. Livre de condutas excludentes que regiam na época, ele a incentiva a buscar seus objetivos e concluir os estudos de Licenciatura em Pedagogia. No entanto, a cultura de inferiorização e segregação das mulheres tem suas vertentes na desigualdade de gênero, ou seja, o patriarcado. A cultura patriarcal sustenta a crença que os homens devem ocupar uma posição privilegiada na sociedade, relegando as mulheres ao papel de subordinação e inferiorização. Neste contexto, a mulher é vista como objeto que deve satisfazer os desejos masculinos, tendo seus direitos negados na sociedade.

De acordo com Hooks (2020), desde cedo, as crianças do gênero masculino internalizam a ideia de que as mulheres são suas inimigas e uma ameaça ao poder masculino. À medida que se desenvolvem, aprendem que devem dominar as mulheres por meio da força. Essa percepção de mundo foi constituída no decorrer da história da sociedade e perpassada de pai para filho, afetando sobre maneira diversas mulheres. Elas eram obrigadas a desistir dos estudos por não receber o devido apoio do marido, deveriam dedicar-se somente à família. O direito a educação não era previsto para elas, seus sonhos eram relegados a segundo plano.

A história de vida da professora Primavera foi marcada por lutas e desafios. Um dos principais obstáculos era a locomoção até o local de trabalho, pela distância entre sua casa e a escola, e por não possuir nenhum meio de transporte, ela caminhava vários quilômetros diariamente na companhia dos seus alunos.

Apesar da distância, calor, chuva, frio, poeira, a caminhada se tornava um meio de diversão. As crianças iam brincando, cantando e sorrindo, pois, sua principal preocupação era aprender os conteúdos que a professora iria ministrar. Eles buscavam não se concentrar nas adversidades do trajeto, aquele era um espaço de encontros, entre professora e alunos, onde se estabelecia o dialógico e laços de amizade. À época, a professora era vista como membro da família, desde a saída de sua casa até chegar na escola, era a tutora responsável pela segurança do aluno.

Masschelein; Simons, (2014, p. 60), enfatizam que “[...] o pedagogo era, em primeiro lugar, a pessoa que acompanhava as crianças de casa para a escola e, uma vez lá, muitas vezes permanecia ao seu lado durante todo o dia”. O pedagogo exerce um papel fundamental na sociedade, não apenas alguém que possibilita a aprendizagem, mas também acompanha o aluno em diferentes etapas da vida, onde se estabelece o apoio mútuo e a relação de interação, que contribui para o desenvolvimento do educando.

Primavera narra que:

> Trabalhei em quase todas as escolas do munícipio, era várias escolas em localidades diferentes, algumas ficavam longes e outras perto. No começo da minha atuação, tinha que andar todos os dias a pé com os meus alunos. Enfrentávamos a distância, poeira, chuva e calor para conseguirmos chegar na escola da roça, sem contar que os professores tinham que comprar alguns materiais para ministrar a sua aula. Mas isso aconteceu devido a mudança de prefeito, o último que saiu deixou o município sem nada, aí fazer o quê? Tínhamos que comprar materiais para trabalhar (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

No caminho da escola, era possível se aproximar da cultura do outro, onde a aprendizagem ocorria sem que percebessem. Tal perspectiva vem ao encontro do que destaca Freire (1997, p. 19) ao afirmar que "O ensinar se faz partilha pela comparticipação dos conhecimentos como bens produzidos pelas companheiras e companheiros de jornada e leitura de mundo que vão construindo".

Dessa forma a aprendizagem não se limita ao espaço educacional, mas envolve uma troca de saberes e uma aproximação com a cultura do outro. Salientamos que a escola é essencial para o desenvolvimento do aluno, mas existe saberes que vai além dos conteúdos redigido na lousa. São conhecimentos que se produzem por meio da vivência com o outro, seja por meio das brincadeiras ou rodas de conversas.

Neta direção, o ambiente escolar não deve ser visto apenas como um espaço de transmissão de conhecimento formal, mas um espaço para a construção coletiva do saber, promovendo novos encontros e a aproximação de diferentes identidades que permeiam o âmbito educativo.

No caminho da escola, ocorre a aproximação com a cultura do outro, os alunos aprendem sem que percebam. Neste contexto, a escola se torna um espaço de abertura para o mundo. O professor deixa de preocupar-se apenas com os conteúdos programáticos com o objetivo de não sobrar tempo livre para o aluno fazer o que deseja, tornando a aula metódica. Quando o ensino se limita a esta perspectiva, o aluno se torna mero ouvinte, enquanto o professor é o detentor do saber, não existe diálogo e nem outro tipo de conhecimento.

Masschelein; Simons, destacam a importância do "tempo livre" para o desenvolvimento do aluno. A sua principal prioridade deixa de ser apenas a realização de atividades, e se torna a troca de saberes através do diálogo. "Escola, como já dissemos, significa tempo livre ou indeterminado. Esse tempo não é ou não precisa ser produtivo; é tempo que permite alguém se desenvolver como um indivíduo e como cidadão [...] (Masschelein; Simons 2014, p. 60). O ensino escolar deve ter como função desenvolver nos indivíduos a capacidade de analisar e questionar a sociedade no qual está inserido.

A falta de materiais e o longo trajeto até o local de trabalho são, sem dúvidas algumas das principais dificuldades enfrentadas, não apenas pela professora Primavera, mas diversos educadores que dedicam parte de sua vida à educação. Entretanto, a professora destaca que sua principal limitação não foi a longa jornada exaustiva de trabalho, nem a falta de materiais, mas sim a mudança comportamental dos alunos.

> Minha maior dificuldade na escola é a rebeldia dos alunos e a falta de apoio dos pais na educação dos filhos. Basta falar uma coisinha do aluno para eles que vira um balaio de gato. A mãe, nossa, acha que você quer matar o filho. Posso dizer que essa foi a minha maior dificuldade na educação. Às vezes, chegava em casa com a cabeça doendo. Você fica pensando no aluno o dia todo e na hora de dormir também. Para os pais os alunos que aprendem são inteligentes e não precisam do professor, mas os que não conseguem aprender de jeito nenhum, é porque o professor é incompetente. A gente perde o sono, fica bolando na cama, dorme e acorda pensando no aluno. Por isso que tem tantos professores com depressão, a vida inteira é com essa preocupação, imagina né? São trinta anos que eu dei aula (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Se antes eram obedientes e respeitavam o educador, com o tempo, se tornaram rebeldes deixando de enxergar o professor com o mesmo respeito e carinho. “Desperta a saudade dos tempos em que as professoras eram muito valorizadas e tinham certo status social” (Freire, 1997, p. 15). O aumento da indisciplina dos alunos tem se tornado um tema decorrente no ambiente educacional. este comportamento indisciplinar não apenas dificulta a implementação de práticas pedagógicas, mas em casos extremos, faz com que alguns professores desistam de atuar na educação.

Esta é uma questão que deve ser analisada sob diferentes perspectivas, considerando o contexto cultural em que o aluno está inserido. Embora não exista uma justificativa aparente, o comportamento irreverente, pode estar interligado à problemas psicológicos, falta de apoio dos pais, dificuldades para se sentir aceito na sociedade dentre outros fatores. É essencial compreender o comportamento do aluno além do apresentado na sala de aula, reconhecendo que existe diversos fatores que pode influenciar o educando para tal atitude.

Conforme pode-se constatar a seguir, para a professora Primavera a rebeldia dos seus alunos tem sua causa na falta de apoio familiar.

> Minha maior dificuldade na escola é a rebeldia dos alunos e a falta de apoio dos pais na educação dos filhos. Basta falar uma coisinha do aluno para eles que vira um balaio de gato. A mãe, nossa, acha que você quer matar o filho. Posso dizer que essa foi a minha maior dificuldade na educação. Às vezes, chegava em casa com a cabeça doendo. Você fica pensando no aluno o dia todo e na hora de dormir também. Para os pais os alunos que aprendem são inteligentes e não precisam do professor, mas os que não conseguem aprender

> de jeito nenhum, é porque o professor é incompetente. A gente perde o sono, fica bolando na cama, dorme e acorda pensando no aluno. Por isso que tem tantos professores com depressão, a vida inteira é com essa preocupação, imagina né? São trinta anos que eu dei aula (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

O estresse ocasionado pelo comportamento dos alunos e a falta de apoio familiar contribuiu para que a professora perdesse diversas noites de sono, agravando seu quadro de depressão. Esse relato evidencia a problemática que tem se tornado cada vez mais comum no âmbito escolar, o desgaste na relação entre professores, pais e alunos. Esta questão afeta não apenas o desempenho acadêmico dos alunos, mas também o bem-estar físico e mental dos professores. As dificuldades presentes no ambiente educativo prejudicam a educação como um todo, principalmente no quesito ensino aprendizagem.

O estresse no ambiente de trabalho, também conhecido como estresse ocupacional, é definido como a interação entre as condições do trabalho e as características pessoais do indivíduo, resultando em situações em que as demandas superam a capacidade de lidar com elas (Gomes; Pereira, 2008). Para os professores, a maior parte das experiências profissionais ocorre na interação com os alunos, o que pode gerar tanto estresse quanto recompensas e satisfação (Zaffari et al., 2009).

Neste contexto, a professora Primavera se preocupava com aprendizagem dos estudantes. Por isso, desenvolvia método de ensino diferenciado e personalizado com o objetivo de superar as dificuldades daqueles que apresentavam algum tipo de limitação.

> Os professores tinham o dia certinho para ir fazer os planos de aula na escola, nós escolhíamos os livros que iriamos utilizar e rodávamos as atividades nos mimeógrafos. Naquele tempo não existia essas coisas digitais que tem hoje, era tudo na mão mesmo, era bem complicado. Tínhamos que fazer o plano de trabalho de acordo com a aprendizagem do aluno, na maioria das vezes, fazíamos separados, até três planejamento diferentes para trabalhar no dia. Ficávamos oito horas na escola, duas vezes na semana. Saia de casa bem cedo, e voltava depois das quatro horas da tarde. Corrido né? Então, eu rodava o mimeógrafo, fazia os planos para a semana inteira. A maioria dos meus alunos aprendiam, alguns deles tinham mais dificuldades para aprender, a gente sabe a realidade da escola, os alunos são diferentes, alguns aprendem mais rápido e os outros são devagar. Para esses alunos dava aulas de reforço, era mais fácil para conseguir aprender, porque atendia cada um individualizado. Antes de passar o conteúdo no quadro explicava a matéria para eles, ia de mesa em mesa. A gente fala bastante né? Deu até pedra nas glândulas por conversar muito na sala de aula. O médico disse que foi devido ficar muito tempo sem tomar água, quase virou um câncer, chegou a ficar enraizado, falava muito e ficava por horas em pé (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A professora relatou o processo de ensino e aprendizagem dos alunos destacando as dificuldades enfrentadas por alguns deles. Ao observar que esses estudantes apresentavam

avanços mais significativos através de um ensino específico e individualizado, buscou adequar seu planejamento de acordo com suas necessidades. Para isso, é necessário conhecer a realidade cultural no qual este aluno está inserido, fazendo adaptações tanto nos materiais pedagógicos quanto na prática de ensino.

Compreender o aluno e suas particularidades permite ao professor captar suas motivações, práticas e, assim, o seu estilo de aprendizagem. Essa compreensão leva o educador a adotar uma postura mais respeitosa em relação às diferenças, reconhecendo que cada aluno aprende em seu próprio tempo. O processo de ensino-aprendizagem não deve ser padronizado, uma vez que cada estudante possui ritmos, dificuldades e facilidades distintos (Cohn, 2005).

A adaptação de materiais metodológicos é uma ferramenta essencial no processo de ensino aprendizagem, pois, promove a inclusão de alunos com condições físicas, intelectuais, econômicas e culturais desfavorecidas. Essa prática contribui para que todos tenham os mesmos direitos à aprendizagem, tornando o espaço escolar mais justo e inclusivo. Correia (2019) afirma que a adaptação curricular é de fundamental importância para a Educação em uma perspectiva inclusiva.

Os materiais utilizados pelo professor são instrumentos essenciais no processo de ensino e aprendizagem. São inúmeros, os recursos pedagógicos que podem ser utilizados para tornar a sala de aula um ambiente mais dinâmica e atrativa, como por exemplo os meios tecnológicos, materiais didáticos tradicionais e os artefatos culturais.

Neste sentido, o artefato cultural é destacado por Garcia e Maldonado (2023), como um instrumento produzido por indivíduos com o propósito de levar conhecimento sobre uma determinada cultura. Os artefatos como livros, meios tecnológicos, celular, filmes, músicas, dentre outros, possibilitam maior compreensão do conteúdo que está sendo ensinado pelo educador. Além de desenvolver habilidades, como desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, aproxima a escola da cultura no qual o estudante está inserido, ressignificando a prática pedagógica. “Ao enfatizar essa questão, queremos apontar que ao tornar determinados artefatos acessíveis para as crianças, estamos constituindo sujeitos infantis [...], operando em suas condutas, escolhas, forma de agir, pensar e significar o mundo a sua volta” (Garcia; Maldonado (2023, p. 4).

A professora Primavera enfatiza que devido o tempo excessivo dedicado à explicação dos conteúdos, na maioria das vezes de forma repetitiva, não lhe sobrava tempo para beber água. Sua rotina exaustiva resultou em sérios prejuízos para sua voz, ao ponto de quase lhe causar um câncer na garganta. Durante nossa conversar percebi que sua voz era rouca, evidenciando o impacto negativo que os esforços prolongados para ensinar tiveram em sua vida.

Nesse contexto, aposentadoria seria o único meio de descansar e dar a devida atenção à saúde física e mental que foram comprometidas pela falta de tempo e a exaustão causada pela rotina do trabalho. Ao lhe questionar como foi o processo de aposentadoria, ela enfatiza que:

> A gente dedica tempo para a educação, na maioria das vezes esquecemos de nós mesmos, não parava para tomar água, a minha maior preocupação era ensinar os alunos. Segurava o xixi para não perder tempo indo no banheiro, o dia era tão corrido que cada minuto era precioso. Todo o tempo na sala de aula era gasto passando as atividades no quadro, corrigindo cadernos, explicando os conteúdos, fazendo as coisas para os alunos. No final da história, quem ficou doente foi eu. Quando não damos atenção para nossa saúde, adoecemos. O doutor me perguntou se era professora, eu disse que sim, mas que estava quase me aposentando. Ele me falou que a aposentadoria seria a melhor coisa para mim naquele momento. Não tive nenhum trabalho para me aposentar, quando deu o tempo de serviço, já estava com trinta e um anos de contribuição. Então fui ao INSS com todas as minhas documentações e me aposentaram. Nesse período passamos por várias situações, perdi a minha mãe, e quando estava terminando a faculdade perdi o meu filho, foi sofrido (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A vida da professora Primavera é cercada de altos e baixos, com acontecimentos que transformaram profundamente sua trajetória de vida. Entre eles, se destaca o falecimento de pessoas importantes de sua família, especificamente seu filho. Apesar da dor e das dificuldades encontradas no meio do percurso, percebemos seu desejo de que todos os alunos progredissem nos estudos e alcancem o mesmo nível de aprendizagem. Contudo, os anos que antecederam sua aposentadoria, foi ainda mais desafiador, devido ao comprometimento de seu estado emocional, não obteve o mesmo desempenho do começo da carreira, ela estava cansada e sobrecarrega, por longos anos de dedicação à educação.

Quando questionada sobre a percepção que tem de seu trabalho pedagógico e se acredita ter recebido o reconhecimento merecido por sua atuação, a professora reflete que apesar de seu esforço, não obteve o devido mérito. De acordo com a sua narrativa, muitos alunos acabam esquecendo que os educadores são fundamentais no progresso dos seus estudos. Contudo, nem todos tem a mesma percepção, alguns alunos se lembram do rosto daqueles que tantas vezes seguraram sua mão, ou passaram horas em pé para garantir que todos compreendessem os conteúdos ministrados.

A eficácia do ensino em sala de aula está intimamente ligada à autoridade do professor, uma perspectiva bem aceita nas áreas de psicologia e pedagogia contemporâneas. A natureza da autoridade docente é ambígua; por um lado, ela depende das qualidades pessoais e profissionais do educador. A gentileza natural do professor, juntamente com sua habilidade pedagógica, desempenham um papel crucial na maneira como ele conquista sua autoridade de

forma simples e eficaz perante os alunos. Por outro lado, a percepção que os alunos têm do professor e suas características psicológicas também influenciam essa autoridade. Portanto, além das qualidades individuais do educador, é fundamental considerar como os alunos o enxergam (Kondratiev, 1987).

A falta de reconhecimento pode impactar negativamente a percepção que os educadores têm do seu trabalho pedagógico, levando-os a acreditar que poderiam ter feito mais, mesmo quando precisaram renunciar várias coisas importantes em sua vida em prol do avanço da educação.

Professora Primavera assevera:

> Eu acredito que as atividades que utilizei na sala de aula ajudou na aprendizagem dos alunos, foram muitos que passaram por minhas mãos, a maioria deles conseguiu aprender. Esses me deixavam feliz por saber que meu trabalho tinha valido a pena, por outro lado, os alunos que não obedeciam, me deixavam triste, e ainda falava aqueles palavrões a gente querendo o bem para eles. É complicado né? Você trabalha por tantos anos na escola e quando sai parece que não fez nada. Muitas vezes fiquei sem dormir, mas tudo o que você faz não está bom, as pessoas não reconhecem (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Além da falta de reconhecimento pelo trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula, a professora destaca outra problemática, a falta de incentivo dos órgãos governamentais e a falta de políticas públicas voltadas para melhoria da educação. Ela observa que os professores ficam à mercê de leis implantadas na educação que, na prática, não beneficiam o aprendizado do aluno. Uma destas leis se refere ao fato de o professor não poder reprovar o estudante, mesmo quando este não conseguiu aprender o conteúdo transmitido.

> Com o passar do tempo, ficou mais difícil para dar aula devido as leis que surgem na educação. Você tem que passar o aluno mesmo quando ele não sabe de nada, quando chega lá na frente, não consegue ler nem escrever. Tem muita gente hoje que não sabe por isso, porque passaram sem saber e o professor fica como culpado, as pessoas não entendem que o professor é obrigado (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Reprovar o aluno não é a melhor alternativa, esta prática pode gerar diversos transtornos como o sentimento de inferioridade ao ser inserido em uma sala com colegas de idades diferentes de sua faixa etária. Além disso, pode reduzir o potencial do estudante, considerando que cada estudante aprende em ritmos diferentes. Neste contexto, a reprovação é um dos principais fatores para a estagnação no processo de aprendizagem. O ideal seria que os órgãos governamentais desenvolvessem políticas públicas que priorizasse a aprendizagem do aluno, com recursos tecnológicos e metodológicos que enfoque na sua especificidade.

As Políticas Públicas Educacionais têm uma relação direta com a qualidade da educação e seu papel fundamental na formação da cidadania. No Brasil, a busca por uma escola cidadã é marcada por intensas lutas e por uma história repleta de desafios e desilusões. Azevedo (2007).

Atualmente, a professora Primavera vive numa localidade afastada da cidade, onde encontra refúgio na monótona vida do campo. Na perspectiva de cuidar da sua saúde física e mental, dedica-se ao pilates e atividades domésticas como cuidar de uma pequena horta e das plantas ao redor de seu quintal. Apesar desses esforços para ocupar seu tempo e a mente, ainda utiliza diversos medicamentos para controlar a ansiedade. Pude constatar que não se libertou totalmente da depressão, ao observar a quantidade de medicamentos que faz uso diariamente. A ansiedade e a depressão apresentam uma série de características complexas e estão profundamente enraizadas na sociedade contemporânea (American Psychiatric Association, 2014). De acordo com Castillo et al. (2000), a ansiedade se manifesta como uma sensação difusa e desagradável de medo e apreensão, caracterizada por tensão ou desconforto gerados pela expectativa de perigo ou por algo desconhecido.

Professora Girassol

A professora Girassol morou com sua família no Estado de Minas Gerais. No ano de 1985, ela, o esposo e cinco filhos, três homens e duas mulheres resolveram mudar-se para o Estado de Mato grosso. Atualmente, seus filhos estão casados e tem uma vida bem estruturada, alguns residem em Salto do Céu e os outros em cidades mais afastadas. Um de seus filhos chegou a ser prefeito no munícipio, enquanto sua filha caçula trabalha como secretaria de saúde.

Girassol tem vários netos(a), e está à espera da sua primeira bisneta. Sua família faz questão de estar sempre ao seu lado e cuidar das suas necessidades, toda a tarde eles aparecem para tomar um café, comer um bolo e passar um tempo de qualidade ao lado da matriarca. Há três anos, Girassol perdeu seu esposo vítima de um câncer, desde então ela mora sozinha.

A velhice é uma fase da vida que requer maior cuidado e atenção. Para isto, é necessário desenvolver alguns hábitos de vida saudável, como cuidados com a alimentação, exercícios físicos e principalmente, ter o apoio mútuo dos familiares e da sociedade em geral. Na maioria das vezes, a pessoa idosa se sente incapaz de exercer atividades que quando eram mais jovens, tinha maior facilidade.

Ao contribuir com uma melhor qualidade de vida do idoso, estamos preservando fatores históricos e culturas, que eles guardam em suas memórias. Os idosos carregam consigo um rico acervo de conhecimento e experiencia adquiridas ao longo da vida. São histórias que ajudam a constituir a identidade da sociedade e revela quem somos. É através do conhecimento dos

velhos que podemos identificar fatos que ocorrem na sociedade que de outra maneira não seria possível. Ao ouvi-los estamos perpetuando não apenas saberes sociais, mas revisando o passado para transformar o futuro, como afirma Bosi (1994, p. 18) “Poque temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...]”. Através das narrativas das pessoas idosas conservamos não apenas saberes e tradições que foram significativas na sociedade, mas preparamos o futuro ao revisar o passado.

A professora Girassol é uma mulher ativa que mantém o vigor, e vontade de viver, além de estar cercada pelo amor e proteção dos seus filhos, noras, genros e netos. Todos os dias ela acorda às 6:00 horas da manhã, vai ao mercado sozinha, três vezes na semana dedica-se ao pilates, realiza atividades na igreja e quando lhe sobra algum tempo, faz do crochê seu Robby.

Quando ainda morava em Minas Gerais, a professora Girassol lecionou por onze anos na educação básica, mesmo não tendo o ensino superior, sua formação era o 4º ano do ensino fundamental I, o magistério. Girassol mudou-se para o Mato Grosso e continuou atuando na educação.

Girassol menciona que,

> Eu trabalhei em várias escolas no munícipio, algumas próximas, outras vários quilômetros de distância da minha casa. A escola do Rio Negro, por exemplo ficava doze quilômetros. Todos os dias levantava de madrugada e preparava o café, em seguida chamava meu esposo para arriar o cavalo na charrete. Era assim que nos deslocávamos até a escola. Porém, essa rotina durou pouco, logo depois a prefeitura disponibilizou um ônibus. Quando cheguei de Minas Gerais ao munícipio, disse ao meu esposo que não iria mais trabalhar na educação, mas acabei voltando por falta de opção, o município tinha cerca de doze mil habitantes e uma única professora. No ano de 1986 comecei a lecionar na escola, e no ano seguinte resolvi parar. Minha única alternativa era ajudar o esposo na roça ou voltar para educação. O que pesou na decisão foi o fato de ser formada em magistério e quase não ter profissionais na área. Assim, decidi voltei a dar aulas e permaneci até o dia de me aposentar (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

A professora relata que decidiu dar uma pausa na sua carreira, mas diante da dificuldade de encontrar profissionais qualificados na área e da escassez de trabalhos que não estivessem relacionados ao manejo da terra ou ao trabalho doméstico, ela percebe que a melhor alternativa era retornar ao cenário educacional, no qual permaneceu até a sua aposentadoria. Pereira (2002) argumenta sobre a necessidade que a pessoa possui de se sentir útil, produtivo, capaz de interagir com o meio e levar conhecimento de sua experiência de vida para o seu trabalho, se sobrepõe à necessidade financeira.

Em certo momento da vida, é feito o questionamento se a profissão escolhida seja a almejada ou escolhemos apenas por pressão social. Primavera vivenciou esse momento em sua vida, decidindo dar uma pausa na carreira, com o objetivo de descobrir se era realmente o que desejava. Consideramos que a escolha pela profissão não é uma tarefa fácil, pois, irá impactar nossa maneira de agir e pensar.

Elevado número de profissionais da educação, pensaram ou pensam em desistir de lecionar na educação. “Do ponto de vista pessoal, 61, 1% das entrevistadas admitiram a hipótese de abandonar o ensino, valor porcentual e que poderá ser assintomático de um certo mal-estar profissional que parece ter-se instalado no ensino primário” (Nóvoa; Huberman; Goodson; Moita; Gonçalves; Fontura; Bem-Peretz, 2012, p. 160). Não existe um fator específico que ocasiona a desistência da profissão docente, porém é certo que a maioria dos professores que desistem de atuar, acabam regressando em algum momento de sua vida, como nos afirmam os autores. Os profissionais que deixam a docência, 4 (9,6%) acabam voltando a atuar na educação em algum momento de sua vida.

Assim como a professora Primavera, Girassol enfrentou o desafio da distância, o local de trabalho ficava vários quilômetros de sua casa. Para conseguir se deslocar até a escola, contava com seu esposo, que arriava o cavalo na charrete e a acompanhava no trajeto. Esta atitude, contrasta com a visão de mundo arraigada ao patriarcado, que enxerga a mulher como dependente do marido, e limitada aos afazeres domésticos. A professora relata que seu esposo sempre confiou nela e que durante os anos de educação, nunca vivenciou nenhum tipo de preconceito nem de gênero ou racial, mesmo convivendo com homens. A professora relembra que os poucos profissionais da educação que atuavam como pedagogos eram respeitados e admirados por toda a comunidade escolar, ainda que fossem do gênero masculino ministrando aulas para crianças.

Conforme Girassol:

> Eu nunca enfrentei nenhum tipo de preconceito na escola. Tem alguns homens que ficam com ciúmes da mulher trabalhar fora de casa, e o meu marido sempre confiou em mim e eu nele. Precisava andar longe para participar das reuniões escolares, ia de carona no caminhão de leite, com conhecidos ou a pé, acabava chegando muito tarde em casa. A gente convive com muitas pessoas, tinha alguns professores homens e mantínhamos uma relação de amizade (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

A professora destaca que, na época em que atuava na educação não havia muitos recursos pedagógicos disponíveis, o que tornava o trabalho mais desafiador. Sem acesso aos recursos tecnológicos como internet, televisão, computador, tablet e celular os professores

precisavam escrever todos os conteúdos no quadro, e utilizar o mimeografo para fazer algumas atividades. Contudo, a professora relata que as aulas eram mais produtivas e os alunos demonstravam maior facilidade para aprender.

> Naquele tempo, ensinar os alunos era mais fácil, não existia internet nem redes sociais como hoje, parecia que aprendiam com mais facilidade. Os conteúdos eram passados no quadro, e os livros fornecidos pela prefeitura, selecionávamos os que seriam utilizados naquele dia. Muitos materiais pedagógicos eram custeados pelos professores. Para elaborar as atividades utilizávamos o mimeógrafo, era mais demorado, ficávamos um bom tempo rodando as atividades até serem impressas, o cheiro de álcool impregnava a sala. Cheguei a trabalhar com salas multisseriadas por algum tempo. Para facilitar a minha vida e contribuir com a aprendizagem dos alunos, dividia a sala de aula, como o quarto ano sabia um pouco mais, deixava os alunos em um lado da sala e no outro o terceiro ano, o quadro também tinha que ser dividido (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

Segundo relatos da professora, as atividades eram mais demoradas devido à falta de recursos disponíveis. Seu método de ensino, baseava-se principalmente em passar atividades no quadro, muitas vezes, seguindo o livro didático e elaborar trabalhos, provas e outras tarefas no mimeografo. Apesar das limitações da época, ela se sentia com maior liberdade para ensinar. Não havia a rigidez do sistema que impõe regras, e as redes sociais para tirar o foco dos alunos durante a aula. Conforme Saviani (1991),

> Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente (Saviani, 1991. p.18).

Na atualidade, os profissionais da educação têm questionado o uso inadequado de tecnologias dentro da sala de aula. No entanto, os meios tecnológicos na educação, é uma ferramenta essencial no processo de ensino e aprendizagem, se introduzidos de maneira correta. Eles podem auxiliar o educador a tornar a sua aula mais dinâmica e produtiva. Assim, contribuem para que o aluno compreenda os conteúdos de maneira eficaz.

Os profissionais da educação se sentem incapacitados de utilizar a tecnologia devido à falta de formação adequada. Contudo, devemos considerar que a tecnologia é um instrumento familiar para o aluno, e saber equilibrá-las com a metodologia pedagógicas tradicionais é fundamental para o avanço da educação.

O uso das tecnologias no cenário educativo é um artefato que foi desenvolvido na perspectiva de facilitar o processo de ensino aprendizagem. Vivemos na era do mundo globalizado e não podemos ignorar a influência das inovações tecnológicas na educação. De

acordo com Garcia; Maldonado (2023, p. 4) “O mundo é globalizado e possui demandas que precisam ser atendidas. Vivemos a era digital, momentos em que os artefatos não são apenas físicos, mais culturais, virtuais e tecnológicos, resultando assim no modo de estar no mundo”. Quando utilizamos as ferramentas digitais de maneira correta, potencializamos o ensino educacional, contribuímos com o desenvolvimento de habilidades e ampliamos o conhecimento de mundo do educando. Os meios digitais, aproximam o estudante de um mundo globalizado e plural. Neste contexto, a aprendizagem ocorre por meio da interação entre professores e alunos e a troca de informações.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pela professora foi conciliar planos de ensino para séries diferentes em uma mesma sala de aula. A solução encontrada, foi dividir a turma em grupos para que pudesse assimilar o conteúdo transmitido. Mesmo com as limitações, como escassez de recursos didáticos, salas lotadas de alunos e conteúdos diferenciado para cada turma, os professores buscavam superar as adversidades e contribuir com a aprendizagem dos educandos. Além disso, acreditam que havia maior rendimento na sala de aula e principalmente, respeito pelo profissional da educação.

A professora declara que:

> Naquela época era mais fácil trabalhar. Os alunos tinham mais respeito e obedeciam ao professor. Embora fosse uma professora autoritária, acredito que não foi isso que fez a diferença. A comunidade escolar via o professor como um profissional importante, e isso gerava respeito. Os meus filhos por exemplo, eram travessos, mas até hoje, com mais de quarenta anos de idade, pedem benção para professora. Os pais apoiavam o trabalho dos professores, e não iam à escola somente para brigar. No final do ano, reclamam da nota do filho, mas não buscam saber como é o comportamento do filho na sala de aula. Quando havia reunião para os pais, nós professores, podíamos relatar sobre o comportamento dos alunos. Sempre tem aqueles mais rebeldes, a diferença é que os pais compreendiam a postura adotada pelo professor (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

Ao analisarmos a narrativa da professora, percebemos inúmeras dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação. Eles lidavam com a falta de formação específica, de recursos pedagógicos, e salas de aulas superlotadas, essas são algumas das principais problemáticas enfrentadas no ambiente educativo. “Os professores nem sempre conseguem estimular, motivar e incentivar o aluno e utilizar recursos e ferramentas pedagógicas nesta área de ensino; ou seja, o professor das séries iniciais não se sente preparado para lançar mão de metodologias na área de ensino” (Ribeiro, Adams e Nunes 2022, p 03).

A educação atual não é a mesma vivenciado pelos educadores no passado. “De um ponto de vista mais pragmático forçoso é constatar que atualmente o professor não é a única

autoridade em matéria de cultura: a televisão, a rádio, os jornais, a publicidade, as viagens são rivais, a considerar como transmissores de cultura”((Nóvoa; Huberman; Goodson; Moita; Gonçalves; Fontura; Bem-Peretz, 2012, p. 175). Muitas vezes, eles estão presos ao método tradicionalista, que considera o professor como único detentor do saber e o aluno precisa apenas abstrair os conceitos, sem questionar tal metodologia. Este método não está em sincronia com o espírito curioso e investigativo de estudantes que estão imersos nas tecnologias digitais e buscam constantemente se apropriar do conhecimento. A educação que se baseia apenas no método tradicionalista, torna o espaço educativo metódico e enfadonho, consequentemente os alunos não se sentem motivados para aprender o conteúdo transmitido pelo educador e isso reflete no comportamento indisciplinar na sala de aula.

A educação fundamentada no método tradicionalista vê o professor como autoridade máxima na sala de aula, acreditando que ele deve manter o controle utilizando o autoritarismo e reprimindo o aluno. Segundo Freire (2003) o professor precisa exercer sua autoridade na sala de aula. Nessa abordagem, a verdadeira autoridade não se constrói pelo medo, mas com respeito, e diálogo. Em contrapartida, o autoritarismo coloca o professor como o centro absoluto do saber, sem abertura para opiniões divergentes a sua opinião.

O autoritarismo tira a liberdade do aluno de exercer sua autonomia, de pensar criticamente ou até mesmo lutar por seus ideais. O autoritarismo evoca nos educandos o sentimento de inferioridade, ao considerar que sua opinião não importa no cenário educativo. “O outro erro é esmagar a liberdade e exacerbar a autoridade do professor. Nesse caso, você não terá mais liberdade e sim autoritarismo, e o professor passa a ser aquele que ensina. O professor é quem sabe. O professor é quem guia. O professor é quem faz tudo” (Freire, 2023 p. 178). Sobre essa perspectiva, consideramos que o comportamento indisciplinado do aluno, pode ser em resposta a prática autoritária do educador. Ao se sentir inferiorizado, o educando pode buscar formas de resistência, demonstrando sua insatisfação através da indisciplina.

Com o passar do tempo a educação demandava novas metodologias de ensino. Para desenvolver práticas pedagógicas inovadoras, os educadores precisaram aprofundar seus conhecimentos por meio de cursos de formação específica. O governo estabeleceu um prazo para aqueles que possuíssem apenas o magistério se especializassem, cursando Licenciatura em Pedagogia. Foi neste contexto que a professora Girassol e os demais educadores, iniciou a faculdade de pedagogia.

> Os educadores que possuíam apenas o magistério, foram obrigados a fazer o curso de pedagogia. Naquela época, tinha mais de 50 anos de idade, e não foi fácil voltar a estudar. Como estava atuando na área da educação, não tive outra

> opção, se não fizesse a faculdade, perderia o concurso. Estudei tanto presencial como a distância, enquanto continuava trabalhando na escola. A cada seis meses, viajávamos para outra cidade para realizar a avaliação com os professores tutores. Foi um período muito difícil (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

A professora retrata a dificuldade para conseguir voltar a estudar com idade mais avançada, e ter que conciliar sua jornada tripla, o trabalho, a família, e cursar licenciatura em pedagogia. Os educadores não tinham um local específico para realizar as provas, precisavam se deslocar para outras cidades, algumas eram mais distantes que as outras, o que demandava mais tempo para chegarem no destino de estudo. Além disso, ficavam vários dias longe de casa para cumprir seus compromissos acadêmicos.

Durante sua trajetória como educadora, a professora Girassol lutou pelo que acreditava ser correto. Seu principal objetivo era ter autonomia para desenvolver sua prática pedagógica em sala de aula, mesmo que isso lhe custasse a exoneração do seu trabalho. Ela precisou enfrentar gestores que tentaram limitar sua alteridade no ambiente escolar.Conforme destaca Luck (2011), não se pode implantar autonomia e gestão democrática por decreto, a prática para a construção da autonomia é um aprendizado.

Em conformidade com a professora:

> Eu acredito que a educação tem passado por uma crise devido os órgãos governamentais. Olha a experiencia que tive com a secretária de educação. Ela queria mudar os conteúdos que estávamos trabalhando com os alunos. Precisávamos fazer um curso que não estava de acordo com a realidade dos meus alunos. Nós precisávamos sair para fazer pesquisa campo, os alunos anotavam algumas coisas, eu achei difícil porque não tinha conhecimento suficiente para trabalhar daquela forma. Quando chamei ela na minha sala e falei, não vou mais trabalhar do jeito que você está impondo, se você quiser pode me mandar embora, é só levar as documentações na prefeitura, que depois passo lá e assino. Este trabalho é muito bonito, porém os alunos não estão aprendendo (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

Na vida em sociedade, a atuação das professoras de modo geral tem sido essencial para que inúmeros educandos alcançassem êxito nos estudos. Apesar de sua importância na sociedade, em um determinado momento na vida é preciso dar uma pausa na carreira acadêmica. A aposentadoria representa o encerramento de um ciclo da vida marcado por desafios e conquistas e o despontar para uma nova jornada, em que o educador não tem a obrigatoriedade de cumprir normas e compromissos educacionais. Agora, podem dedicar mais tempo para a família e realizar atividades do seu interesse pessoal. A aposentadoria simboliza um momento significativo na vida do educador, o merecido descanso após anos de dedicação a

educação. Contudo, pode ocasionar os sentimentos de incapacidade, solidão e o esquecimento social, à medida que o profissional se adapta a nova rotina.

As memórias dos dias de trabalho ainda ecoam em suas mentes, mas para sociedade capitalista, é apenas uma página virada. Em uma cultura que supervaloriza o sujeito que produz. "A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas também o trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista" (Bosi, 1994 p. 21). Toda a trajetória e o legado deixado pelo professor são esquecidos, pois, para sociedade capitalista, a educação é vista sob a lógica da produção e da lucratividade, deixando de lado, aqueles que ajudaram a construi-la.

Sobre essa questão Girassol declara que:

> Eu trabalhei por 33 anos, é cansativo né? Só em Minas, foram onze anos que não contaram como tempo de contribuição para a aposentadoria. No município do Salto não tem elevação, por isso o meu salário foi reduzido. Hoje as coisas estão um pouco melhores. Apesar de ter perdido meu companheiro, não me vitimizo. Procuro sempre melhorar, faço pilates, tento ocupar a minha mente e evito ficar pensando nos problemas para não ficar doente e dar trabalho para os meus filhos e netos. Em alguns momentos são mais difíceis. No dia 21 por exemplo, fez dois anos e onze meses que meu marido faleceu, sempre me lembro dele. Minhas amigas me falavam que quando me aposentasse, não era para me isolar, achavam que poderia entrar em depressão. Sempre fui uma mulher mais ativa, e hoje, fico mais em casa. Mas felizmente, a minha família é grande e tenho fé em Deus que não vou entrar em depressão. Tudo o que vivi até aqui foi bom, mas agora minha vida segue de outro forma. Depois que me aposentei, não voltei ad trabalhar fora de casa, faço crochê e costuro para passar o tempo mais rápido (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

A narrativa da professora Girassol, nos convida a uma profunda reflexão sobre a importância de dar um sentido à nossa existência, mesmo diante dos desafios que a vida nos apresenta. Girassol não se deixou abater pela depressão, ela luta diariamente para seguir em frente, encarando a dor deixada pela ausência do falecimento do seu amado esposo. Os familiares da professora Girassol tem sido sua principal rede de apoio, seus filhos e netos, buscam estar presentes na sua vida auxiliando-a em todos os momentos. Em conformidade com Brito e Koller (1999), a existência de vínculos e relações, possibilita que a pessoa se desenvolva tanto emocional e socialmente e obtenha mais recursos para sua satisfação e saúde mental.

Os profissionais da educação dedicam parte da sua vida para contribuir com o avanço social e formar cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. Ao analisar as narrativas das professoras, compreendemos que essas mulheres lutaram para a construção de uma sociedade

mais justa e igualitária. Mesmo com as lutas e os desafios, elas não desistiram de lutar por um futuro melhor.

Professora Amarílis

A professora Amarílis, iniciou sua trajetória na educação ainda muito jovem, aos 22 anos de idade. Assim como as outras professoras, Primavera e Girassol, ela veio do estado de Minas Gerais, mais precisamente de uma região chamada São Sebastião da Barra. Sua mudança para o Mato Grosso foi motivada por informações de seu irmão, que já residia na região. Ao chegar em Salto do Céu, ela se depara com a diferença cultural e econômica do munícipio.

> Quando cheguei aqui, percebi que era uma realidade bem diferente da que estava acostumada em Minas. Lá, as pessoas com menos condições financeiras moravam em casas barreadas de sapé, enquanto no Mato Grosso, quem tinha essas casas eram as pessoas com melhores condições. A maioria das casas eram feitas de cascas de mulungu, tábua e pau-a-piquê. A região era cercada por vastas áreas de mato, e houve muita derrubada nesse período. Foi diferente, ver um plantio de arroz no morro, em Minas é plantado no brejo. Imagina, ver um plantio de arroz em cima do morro! Diferente né? (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

A professora relata sua experiencia ao chegar no município de Salto do Céu, destacando as diferenças culturais e regionais. Em Minas gerais, as moradias eram mais estruturadas, enquanto no Mato, mesmo as pessoas com melhores condições financeiras, moravam em casas feitas de mulungu. Durante o período chuvoso, as casas eram enxarcados pela água devido sua fragilidade. Além da diferença econômica, a professora destaca a mudança regional. Em sua terra natal, o arroz era cultivado em áreas de brejos, enquanto no Salto do Céu, os plantios eram feitos nos morros. Ela ficou admirada ao ver os morros cobertos por plantações de arroz. Ao relatar sobre sua inserção no ambiente acadêmico, ela destaca que;

> Quando cheguei no município de Salto do Céu, tinha apenas 22 anos de idade. Havia concluído a quarta série primária, como tinha uma única professora para atuar com quatro turmas diferentes, e ela pegou licença no final do ano, o prefeito me chamou para assumir o seu lugar. No começo foi difícil, mas depois fui me adaptando. Eu trabalhei numa escola aqui perto de casa por quatro anos, depois a prefeitura dividiu por blocos, dificultando um pouco mais, porque a escola ficou longe, tinha que ir de ônibus ou de moto, me deu desgaste na coluna, e a única opção foi mudar para o Salto do Céu. Depois disso, passei no concurso e comecei a fazer a faculdade de graduação em pedagogia de maneira remota, as avaliações eram realizadas na cidade de Jauru, enquanto a pós-graduação foi realizada em Cáceres (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

De acordo com a fala da professora Amarílis, ela começou a lecionar muito jovem. Na época, a professora que ocupava o cargo precisou se ausentar e o prefeito a convidou para assumir a função de professora pedagoga. Devido à sua inexperiência como educadora, pois, Amarílis possuía apenas o quarto ano do ensino primário, ela precisou aperfeiçoar seus conhecimentos. Primeiramente cursou Licenciatura em Pedagogia e depois realizou uma pós-graduação.

Através de seu relato, podemos compreender a importância de o educador aperfeiçoar seus conhecimentos com cursos de formação. A prática docente exige domínio de diversos elementos que compõe o processo de ensino aprendizagem. O professor, antes de tudo deve ser um pesquisador, pois, sua prática educativa, terá impacto nos alunos, à medida que compreender seu papel como formador de sujeitos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. enquanto continuo buscando e procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago" (Freire, 2017, p.30). Neste sentido, a sua metodologia deve estar embasada numa prática humanizadora, que vise a formação integral do educando, e isso só poderá ser desenvolvido quando nos tornarmos pesquisadores.

O professor pesquisador tem um amplo conhecimento de mundo, e sua aula se torna interativa e dinâmica, incentivando os alunos a buscarem novos saberes. Além disso, o pesquisador não se conforma com as regras impostas pela sociedade vigente, mas busca analisar criticamente e incorporar essa perspectiva em sua ação educativa. É fundamental que o professor tenha em mente a importância de aprimorar seus conhecimentos e introduzir a pesquisa no ambiente educativo. Ao questionar a professora sobre seu cotidiano após a aposentadoria, ela enfatiza que;

> Eu cuido dos afazeres doméstico sozinha, e ainda ajudo o meu esposo. Pela manhã, limpo a casa, lavo roupas, faço almoço. À tarde, aparto os bezerros para no outro dia o meu esposo tirar o leite das vacas. Temos uma ordenha, e isso ajuda muito. Faço praticamente tudo aqui no sítio, só não tiro leite das vacas, mas se precisar arriar os pés, também faço (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Percebemos através de seu relato, a vitalidade e a força da professora Amarílis. Destemida, ela sai em meio a plantação de capim para prender os bezerros, para que no outro dia o seu esposo possa tirar o leite das vacas. Esse trabalho é considerado pesado para muitas mulheres, devido a sua estrutura física. No entanto, ela se diferencia das demais. Como já havia mencionado, a professora Amarílis é uma mulher jovem, de beleza marcante, força e vitalidade. Sua pele, revela a coragem e resiliência da mulher negra, que mesmo sendo subjugada no

decorrer da história da sociedade, consegue superar as diversidades. Amarílis, nunca sofreu nenhum tipo de preconceito devido a cor de sua pele. O município de Salto do Céu, é uma região que respeita a diversidade étnica e racial. Os primeiros habitantes foram os povos originários indígenas Bororo, que devido a diminuição de recursos de subsistência, precisaram migrar para outra região. No entanto, sua história é preservada até hoje, uma das principais escolas do município leva o nome Simão Bororo, destacando o respeito pela diversidade cultural da região.

Conforme destacam Brito e Carvalho (2022),

> os impactos que a relação entre a educação e a diversidade cultural causa na instituição escolar contemporânea e na formação do sujeito permeia uma pedagogia diferenciada que inclui no objetivo da escola oferecer a todos uma boa base cultural e conseguir que todos os alunos tenham acesso a essa cultura e dela se apropriem, além de obter um papel social mais abrangente (Brito e Carvalho 2022, p 15).

Embora o munícipio de Salto do Céu, considere a pluralidade presente em nosso país, sabemos que esta não é a realidade vivenciada em muitos lugares. Ao longo da história, as mulheres eram tratadas como objeto sexual ou de menor valor do que um utensilio de uso doméstico. Elas foram abusadas sexualmente, e subjugadas como ser irracional, em sua passividade não poderiam reivindicar sua liberdade, deveriam se conformar com as imposições e infames da sociedade patriarcal, se quisessem sobreviver.

De acordo com Hooks (2020) a mulher negra era considerada pela sociedade patriarcal, como objeto sexual destinado a satisfazer os desejos do homem branco. Diferentemente das mulheres brancas, que possuíam certos benefícios, a mulher negra era tratada como bem comercial, cuja função era satisfazer os prazeres do homem branco e gerar filhos que seriam explorados e servir como mão de obra para enriquecer seu senhor. O corpo da mulher negra, é visto como objeto sexual desde os tempos de nossos antepassados. A desigualdade de gênero tornou-se ainda mais brutal quando o patriarcado começou a vender as mulheres negra como mercadoria.

De acordo com Rezende; Tárrega (2021), as mulheres escravizadas não vivenciaram apenas o terror psicológico nos navios negreiros, mas a brutalidade da violação dos seus corpos. Os abusos sexuais eram práticas recorrentes para lembrá-las que deveriam se submeter aos atos mais promíscuos, sem ao mesmo lutar por sua liberdade. o trajeto até a senzala tinha como objetivo desumanizar os escravos, garantido a sua submissão e passividade. Para essas mulheres, a vida era ainda mais cruel, vendidas como mercadoria, seus corpos eram expostos nas praças para serem avaliados como objetos. Elas perdiam sua identidade à cada olhar abusivo

e de desdém do homem branco. “Ao chegar no Brasil, e ao longo de todo o período da escravocrata, o corpo da mulher serviu como base para a exploração sexual. Sua exploração ocorria em campos de trabalho doméstico, como reprodutora e como objeto de crimes sexuais [...]” (Rezende; Tárrega, 2021 p. 230). Elas eram vistas como animais selvagens, o que tornava os abusos sexuais cometidos contra elas, justificável.

Essa concepção de mundo continua arraigada em nossa cultura, que de maneira suscinta discrimina a mulher negra ao objetificar seu corpo. A violação do corpo da mulher no período colonial trouxe impactos negativos na atualidade, as mídias e outros meios de comunicação tem disseminado a discriminação e objetificação do corpo feminino, ao expor a mulher negra como escrava, sem cultura, e selvagem. Os livros didáticos também influenciam ao expor a negra como trabalhadoras domésticas e as mulheres brancas como profissionais atuantes em diversas áreas na sociedade. “A literatura brasileira reforçou o lugar social de gênero e etnia através da apresentação da imagem da mulher negra, quando não são invisibilizadas, aparecem em imagens nas quais são construídas como um corpo-objeto ou relacionadas a um passado escravocrata” (Caimbra; Lousada, 2013 p. 1).

Muitas vezes, é exposto nos livros de literatura a mulher branca, enquanto a luta da mulher negra para obter seus direitos é esquecido. A representação da mulher de cor na sociedade, tem sido descrita através de estereótipos negativos, que ao serem retratadas, evidencia seus papéis subalternos. A concepção dicotômica de igualdade racial e de gênero, na realidade, reflete os papeis atribuídos ao gênero masculino e feminino. Contudo, a representação da mulher negra na sociedade é marcada pela subalternização. A ela não é dado o direito de ter sua identidade, e sua voz é silenciada em uma sociedade dominada pelas régias condutas patriarcal.

Na atualidade, as mulheres negras têm lutado arduamente para serem reconhecidas. Na maioria das vezes, elas são esquecidas, especificamente no meio acadêmico. Como destaca Hooks (2020), o meio acadêmico ainda resiste à aceitação e o reconhecimento da mulher negra como sujeito de direitos, reforçando a exclusão e invisibilizando dessas vozes. Para mudarmos a realidade, é fundamental proporcionar que essas mulheres tenham um lugar de fala, garantindo que suas identidades sejam reconhecidas em todos os cenários, principalmente no meio acadêmico. Este se caracteriza como espaço que respeita as multiplicidades de saberes, deve permitir que suas vozes sejam ouvidas. Para isso, é necessário que seja implantado políticas de inclusão para que possam participar de maneira ativa de debates e lutas para o reconhecimento da mulher negra na sociedade.

Ao prosseguirmos sobre sua história de vida, perguntei para a professora Amarílis sobre a suas práticas pedagógicas, ela enfatizou que;

> Eu fui daquele tempo que não tinha nem mimeógrafo, todas as atividades eram passadas de caneta no caderno. As salas de aula eram multisseriadas, precisávamos fazer dois planejamentos. Para facilitar, formava grupos, o terceiro e o quarto ano num período e o primeiro e segundo em outro horário. Não era fácil, tínhamos que planejar muitas atividades diferenciadas. Sobre os materiais para trabalhamos com os alunos, as vezes a prefeitura cedia algumas coisas, quando não tinha, nós acabávamos comprando. O lápis, borracha e o caderno era responsabilidade dos pais, se faltasse, nós professores tínhamos alguns de reserva para suprir a necessidade para suprir a necessidade do aluno. A gente sempre tinha maço de folha sulfite para passar as atividades no caderno. Depois veio os livros, né? Eles tinham o desejo e vontade de estudar, andavam vários quilômetros de pé, além disso, eram prestativos e obedientes (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

De acordo com o relato da professora, compreendemos que ministrar aula em uma sala multisseriada e com falta de recursos pedagógicos é um fator que pode impactar negativamente a aprendizagem dos educandos e ocasionar esgotamento físico e mental tanto nos educadores, quanto nos alunos. Nesse contexto, o professor precisa gerenciar o tempo para conseguir atender individualmente os alunos, o que é quase impossível, pois, mesmo que o educador busque se aperfeiçoar e desenvolver atividades adequadas, a própria dinâmica da sala pode impedi-lo de atender plenamente todas as crianças. Conforme destaca Xavier (2013), “A gestão do tempo no espaço de sala de aula é de responsabilidade do professor, que determina o que vai ser feito, quando e como. É ele quem propõe o modo de viver o tempo das atividades de ensino e aprendizagem” (p.1.088).

Apesar da professora ter relatado suas dificuldades para atuar na sala multisseriada a algum tempo, essa é a realidade de muitos profissionais da educação na atualidade. As salas multisseriadas surgem sobre a perspectiva de atender estudantes da educação do campo, oportunizando um ensino voltado para a sua realidade e na localidade em que reside. Isso, possibilita que progridem nos estudos e diminuindo a evasão escolar, como assegura o Ministério da Educação – MEC, (2009 p. 14) “[...] a educação do campo, defendida pela conferência, tratou da luta popular pelo acesso e permanência e direito à escola pública de qualidade no campo, as pessoas que têm o direito de estudar onde vivem [...]”. Apesar das salas multisseriadas ter como objetivo oferecer um ensino à população que residem em lugares distantes e com falta de acessibilidade à educação, não têm cumprido a função pela qual foi formulada. Observa-se que os profissionais da educação precisam equilibrar o ensino a ser trabalhado com muitos alunos, e a falta de materiais adequados.

Nesse contexto, a educação não tem apresentado resultados satisfatórios. Pelo contrário, os alunos que estudam em salas multisseriadas apresentam inúmeras dificuldades de aprendizagem e não conseguem alcançar os mesmos resultados se comparados aos alunos da educação urbana. Isso tem ocorrido, na maioria das vezes, devido a negligência das políticas públicas que apesar de ampliar o acesso, não têm garantido a qualidade da educação do campo.

De acordo com Aranha (1996), as salas multisseriadas foram inicialmente desenvolvidas na Inglaterra, e posteriormente, implantadas no Brasil. Demonstrando descaso com a educação, uma vez que são um educador para atender inúmeros alunos ao mesmo tempo. O autor ressalta que, embora as salas multisseriadas diminuam os gastos dos órgãos públicos, não tem contribuído com a melhoria na educação.

Apesar da importância da educação no campo para os educandos que residem em localidades remotas, as salas multisseriadas não têm sido implementadas da maneira correta. Esse modelo tem sido um meio para silenciar as camadas populares, pois, além de solucionar o problema de imediato, também reduz os custos na educação. No entanto, o educador se vê obrigado a utilizar recursos próprios para aquisição de materiais pedagógicos, quando deveria ser responsabilidade dos órgãos governamentais. O método de educação multisseriada que melhor atenderia as necessidades do aluno, é aquela que busca profissionalizar os educadores para atender as crianças do campo, que disponibiliza materiais pedagógicos, amplia o número de salas, capacita um maior número de profissionais, e proporciona o aumento de salarial para os educadores que precisam deslocar-se de sua residência para ministrar aulas na escola do campo. Conforme destaca Silva (2011),

> A ausência de uma proposta pedagógica específica para a realidade das salas multisseriadas é fortalecida pelas Secretarias de Educação, quando definem encaminhamentos pedagógicos e administrativos padronizados sem considerar a diversidade dessas escolas (SILVA, 2011, p.306).

Mesmo diante das limitações imposta pelas salas multisseriadas, falta de materiais adequados e da longa distância até chegar à escola, a professora Amarílis relata que, sentia maior facilidade para lidar com os alunos. Segundo ela, eles eram obedientes e prestativos, e demonstravam vontade de aprender, mesmo precisando caminhar vários quilômetros até chegar à escola. No entanto, Amarílis enfatiza que os educandos na atualidade se tornaram rebeldes e não conseguem compreender a importância do professor na sala de aula.

> No final da minha atuação como professora, a maior dificuldade foi a ampla responsabilidade para a aprendizagem do aluno, porque ficaram muito sem limites. O mais difícil é que ficava extremamente agressiva, mesmo trabalhando com o aluno, ele só piorava. Quando chamávamos os pais,

> descobríamos que tinham mais problemas do que a própria criança. Foi muito sofrido, por isso, nem uma das professoras colegas de trabalho tem vontade de voltar para a educação (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

A professora Amarílis enfatiza sua atuação como professora pedagoga, destacando o comportamento indisciplinado do aluno. Ela relata que buscava trabalhar com eles para contribuir com a melhoria da sua conduta. No entanto, não obteve êxito e, ao chamar os pais na escola, percebeu que o comportamento dos alunos refletia sua relação familiar. Diante da indisciplina e a falta de apoio dos pais, a professora Amarílis e suas colegas de trabalho acabaram desistindo de voltar a lecionar na educação.

Compreendemos que as dificuldades vivenciadas no ambiente educacional, são inúmeras. No entanto, observa-se que as professoras relatam maior dificuldade para atuar na educação, principalmente devido o comportamento dos alunos e à falta de apoio dos pais. Na maioria das vezes, a culpa pelo fracasso escolar recaí sobre o educador, ignorando completamente a responsabilidade dos pais na formação do seu filho. Fatores como a falta de tempo, separação dos pais, a ausência de diálogo, dentre outros pode desencadear a indisciplina do aluno no ambiente escolar. Os autores Nóvoa; Huberman; Goodson; Moita; Gonçalves; Fontura; Bem-Peretz (2012), enfatiza que, o ambiente familiar no qual o aluno está inserido, reflete o seu comportamento no espaço escolar. Alguns pais, podem não estar dando a devida atenção para a educação dos seus filhos e isso tem impactado negativamente no seu desenvolvimento intelectual. Pois, a família é primordial não apenas para o bem-estar físico do seu filho, mas também no processo de aprendizagem.

A indisciplina do aluno e o fracasso escolar são temáticas que não podem ser analisadas de forma isolada, pois estão interligadas e requer maior atenção por parte da comunidade escolar. A participação dos pais na vida acadêmica do seu filho contribui se sintam motivados a buscar novos conhecimentos, além de possibilitar a identificação precoce de problemas que possam surgir. A escola precisa estar inserida no contexto no qual esse aluno está vive, e os pais precisam fazer parte da educação de seus filhos. É fundamental que tanto a escola quanto a família compreendam o seu papel e importância na formação do aluno, garantindo o seu desenvolvimento de maneira gradativa e significativa. A percepção de Caetano (2014) é a de que, na construção da relação escola e família, o professor se apresenta como o elemento mais importante no processo de aprendizagem.

Ao prosseguirmos na pesquisa, perguntei para professora Amarílis como ocorreu o processo de aposentadoria, ela relatou que não teve dificuldades para conseguir aposentar. Ela foi no INSS, depois de poucos dias estava aposentada.

> Eu levei a minha documentação no INSS, e com 35 dias estava aposentada. Aqui no município de Salto do Céu, não tinha o plano de carreira, pelo menos quando trabalhei. Faltando uns três anos para me aposentar, veio uma advogada do sindicato, fez um plano de carreira, mas o prefeito que estava na época não quis assinar. Quando o atual prefeito entrou, ele assinou o plano de carreira, mas nós já tínhamos aposentado. As professoras que se aposentarem, terão um salário melhor que o nosso, porque elas têm o plano de carreira e nós não (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Ao analisarmos a fala da professora, percebemos seu desapontamento referente a sua aposentadoria. Apesar de ter dedicado parte da sua vida à educação, ela não conseguiu se aposentar com um salário superior ao atual, uma vez que o gestor municipal não aceitou assinar o documento do plano de carreira para a educação. O fato de o prefeito não ter assinado o plano de carreira demonstra o descaso com o profissional da educação, em que infringe seus direitos de se aposentar com um salário digno, condicente com os anos de dedicação à educação.

Esta é uma realidade comum na educação, em que o professor se empenha na formação de sujeitos e na construção da sociedade melhor, mas seus direitos, muitas vezes, não são respeitados, impactando significativamente sua vida futura. Na maioria das vezes, o salário do professor é a única fonte de renda familiar, e a diminuição desse recurso, pode acarretar prejuízos à sua subsistência. Freire (2012), em seu livro denominado "Professora sim, tia não", destaca a importância da luta dos profissionais da educação por um salário digno. O autor, argumenta que o profissional da educação não deve se conformar com as regras impostas pelo capitalismo, que busca limitar o trabalhador. Pelo contrário, o professor deve lutar por seus direitos e buscar melhores condições de vida.

Professora Margarida

A professora Margarida reside na cidade de Rio Branco e ministrou aulas em diversas escolas do munícipio. Sua trajetória começou no Espírito Santo, onde nasceu, mas, aos três anos de idade, seus pais resolveram se mudar para o Mato Grosso, em busca de conquistar sua terra própria. Durante o trajeto, eles enfrentaram várias dificuldades.

Margarida e sua família percorreram longas distâncias em um caminhão de pau de arara[4], enfrentando as estradas de chão e as densas vegetações do estado. Como os recursos eram escassos, a jornada durou vários dias, parando no meio do caminho para preparar os alimentos, antes de seguir o caminho novamente.

[4] A expressão designa os caminhões que transportavam retirantes nordestinos, fugindo da seca em direção ao Sul, particularmente, São Paulo.

> Nasci no Espírito Santo, e quando tinha apenas três anos de idade, meus pais resolveram se mudar para o Mato Grosso. Naquele tempo, muitas famílias vinham para cá na busca por terras próprias, e esse foi o principal motivo do meu pai querer se mudar. Nós viemos em um caminhão de pau-de-arara com mais quinze famílias. Foi uma viagem muito difícil. A minha mãe conta que ao chegar no Rio Branco não havia ponte para atravessar o rio. Então, tiramos a mudança do caminhão e atravessamos de balsa. Faz mais de 60 anos que moro aqui. Completei três anos de idade na estrada, e apesar de ter nascido no Espírito Santo, me considero meio mato- grossense, porque era muito novinha quando chegamos no município de Rio Branco (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

De acordo com o relato da professora, sua trajetória para chegar no município de Rio Branco foi muito difícil, devido à escassez de recursos na época, tornou o trajeto longo e exaustivo. No entanto, sendo apenas uma criança de três anos de idade, não compreendia o porquê da mudança repentina de estados e nem a viagem sofrida que estava vivenciando.

Após um período ela resolveu continuar os estudos fazendo o curso de Licenciatura em Pedagogia na cidade de Jales- SP, onde enfrentou diversos desafios para conquistar seus objetivos.

> Terminei o terceiro ano, logo em seguida me casei, e fui chamada para trabalhar na escola. Naquele tempo, podia trabalhar só com o magistério, porque era um curso profissionalizante. Ao concluir o terceiro ano, saia formada em magistério, atualmente não é mais assim. Alguns anos depois fui efetivada na prefeitura, e resolvi voltar a estudar. Tínhamos que ir até Jales, localizada no Estado de São Paulo. Foi muito difícil (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

A professora descreve sua trajetória na educação como processo muito difícil. Durante anos, precisou se deslocar até Jales-SP para cursar Licenciatura em Pedagogia. Nesse percurso, enfrentou diversos desafios, como a longa distância, ter que deixar sua bebê aos cuidados de parentes, e principalmente, ter que lutar contra o patriarcado. Seus esforços resultaram em uma grande conquista, Margarida foi uma das primeiras pedagogas formada da região, ela concluiu seus estudos no ano de 1992.

> Com seis meses que terminei o magistério, comecei a ministrar aulas. Depois de um tempo, senti vontade de cursar licenciatura, naquela época, não tinha nenhuma faculdade na região, foi quando decidimos ir para Jales. Fomos a primeira turma de pedagogia no Rio Branco. Antigamente, era muito complicado para conseguir estudar. Mesmo sem dinheiro, saíamos de ônibus a cada dois meses, demora vários dias para chegar porque as estradas eram muito ruins. Além do gasto com a viagem tínhamos que pagar uma professora substituta para dar aula no nosso lugar. Ao chegar em Jales, não tínhamos um lugar específico para ficarmos estalados, às vezes, íamos para as igrejas, levávamos as coisas no ônibus para economizar, ia colchão, fogão, imagina, era quase uma mudança. Foi essa luta a cada dois meses, minha menina era bem pequena, ela mamava ainda no peito. A minha mãe e irmã cuidavam dela,

> quando saia ela ficava chorando, ao voltar, não queria mais saber de mim (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

Através do relato da professora Margarida, identificamos o esforço e dedicação que muitos profissionais da educação fazem para aperfeiçoar seus conhecimentos e ofertar uma educação de qualidade. As dificuldades incluem, longas viagens de ônibus, a falta de dinheiro, ter que pagar um professor substituto para ocupar o seu lugar, e a falta de apoio familiar. Esses desafios vivenciados no passado, ainda se faz presente na atualidade. A realidade vivenciada pela Professora Margarida, vem ao encontro do que Almeida (2017, p. 6), chama a atenção ao afirmar que "a extensão da escolaridade foi marcada por improvisos e precariedade, oferta insuficiente de vagas, baixo rendimento educacional dos que conseguiram frequentar a escola e restrições ao acesso de acordo com o pertencimento de classe social do indivíduo"

Além disso, a professora relata que era obrigada a deixar sua bebê que ainda mamava com seus familiares. O impacto negativo desse afastamento é evidenciado na rejeição da sua filha ao retornar para casa, tornou sua trajetória acadêmica ainda mais desafiadora e, ao mesmo tempo inspiradora.

Assim como a professora Margarida, muitos profissionais da educação enfrentam inúmeros desafios com o objetivo de transformar a educação. Mesmo sacrificando parte de sua vida, esses profissionais não são reconhecidos pelos anos de dedicação à formação de indivíduos. Muitas vezes, são lembrados apenas quando estão em exercício, ao se ausentarem da educação, a sua história e experiência de vida são esquecidos. Aliada a esta questão soma-se a inadequação do ambiente, o grande número de alunos em sala, a inexperiência, a agitação típica dos adolescentes e em alguns casos a ausência do laboratório. (Vale 2006).

Salientamos que é fundamental não apenas reconhecer o protagonismo do educador passou pelo chão da escola, mas também garantir que suas experiências de vida sejam eternizadas. Por meio de suas narrativas, aqueles que um dia irão trilharão o mesmo caminho poderão se inspirar nas trajetórias das professoras pedagogas.

Além disso, as pessoas idosas têm um vasto conhecimento de mundo, capaz de ressignificar o processo educativo. Ouvir os velhos, é uma experiência enriquecedora como afirma Bosi (1994, p. 22), "[...] a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desconfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte". As lembranças do passado carregam consigo o sentimento de pertencimento, evidenciando que as professoras pedagogas um dia estiveram inseridas no processo educativo. Por meio de suas práticas pedagógicas, contribuíram com a transformação do fazer educativo.

Diante de todos os empecilhos enfrentados, a professora Margarida destaca a dificuldade para conciliar os estudos, o trabalho e a família devido à desaprovação do seu esposo. Essa resistência estava enraizada ao sentimento de posse da visão patriarcal de subalternização da mulher.

> O meu marido era muito preconceituoso, ele não aceitava que sua esposa poderia trabalhar, e estudar ao mesmo tempo. Para ele, a minha função era apenas cuidar dos afazeres domésticos. Se eu tivesse dados ouvidos, não teria nem trabalhado, muito menos estudado. Bati o pé e ia mesmo assim. Naquela época, os homens não aceitavam a mulher trabalhando fora de casa, eles ficavam na cabeça do meu marido falando que ele era doido de deixar sua esposa trabalhar fora de casa. No ano de 1994, eu e outra professora fizemos psicopedagogia em Araxá, Estado de Minas Gerais, ficamos um mês certinho para estudar. Hoje é muito mais fácil para conseguir estudar, mesmo assim as pessoas não ligam. É só entrar na internet, para fazer a prova, ainda colam. Antigamente era muito mais difícil. Temos que valorizar os professores que querem realmente estudar. Quando formamos um grupo para fazer faculdade em pedagogia, um professor de matemática tentou nos desmotivar, ele falou que o dinheiro que iriamos gastar, seria melhor aproveito com outras coisas, já que o nosso salário não iria aumentar. Contudo, fomos perseverantes e fomos estudar (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

Os relatos da professora Margarida, evidenciam como o patriarcado estava enraizado a visão de mundo de muitos homens. Acreditava-se que as mulheres não poderiam estudar e nem trabalhar em ambientes que não fosse doméstico. Essa postura do esposo da Margarida reflete como a sociedade era, e em muitos aspectos, ainda é controlada pelo poder patriarcal. Contudo, a fala do professor de matemática é ainda mais alarmante, ao afirmar que cursar pedagogia seria um desperdício de dinheiro, e não obteriam nenhum retorno. Essa visão é contraditória, justamente por vir de um professor que teve a oportunidade de conquistar uma graduação.

Hooks (2013), em seu livro intitulado “Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade”, propõe uma reflexão profunda sobre a educação como um meio de libertação social, que oprime e inferioriza as mulheres. Embora essa concepção de mundo tenha dominado a sociedade no passado, se faz presente na vida de muitas mulheres na atualidade.

Em concordância com as ideias de Paulo Freire (2005), a educação como prática de liberdade tem como objetivo promover uma educação emancipadora, num ambiente educativo em que rompe as barreiras que impedem a interação e o reconhecimento das diferentes identidades presentes no contexto educativo. As vozes femininas, frequentemente são silenciadas, ao mesmo tempo seu protagonismo é apagado da história da sociedade. É fundamental que o cenário educativo aborde questões de gêneros, e raças promovendo debates que deem voz aos indivíduos silenciados pelo poder opressor do patriarcado.

Ao retratarmos sobre sua prática pedagógica, a professora Margarida, ressalta que:

> Quando ia ministrar aulas, priorizava as turmas com crianças menores, como por exemplo: o primeiro, segundo e o terceiro. Naquele tempo, os alunos eram diferentes de hoje, deve ser o jeito do professor trabalhar né? Esses dias atrás, estava me lembrando que a gente pegava os nossos cadernos e fazíamos planos de aula, era tudo desenhado, se fosse sobre alguma espécie de plantas, fazíamos as plantas, se fosse animais, desenhávamos também. A coordenadora passava para corrigir nossos cadernos, ela olhava o que trabalhamos durante aquela aula e, todos os dias dava um visto. Nosso caderno era todo bonitinho. No meu tempo, não tinha mimeógrafo, se quiséssemos fazer uma mensagem, precisava procurar no livro, revistas, para dar um desenho para a criança pintar, primeiro passávamos no papel. Eu acredito que a educação regrediu muito. Antigamente ensinávamos o aluno, ele conseguia aprender. Os pais apoiavam, todos tinham a mesma meta, contribuir com a aprendizagem do aluno. Atualmente, está muito complicado para dar aula, você fala uma coisinha e os pais vão em cima do professor para brigar (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

Segundo os relatos da professora, não havia recursos midiáticos disponíveis para facilitar o planejamento e o desenvolvimento das atividades. No entanto, evidenciamos em suas palavras que ela sentia prazer em preparar as atividades, mesmo tendo que desenhar à mão no caderno e, depois transcrever novamente no quadro. Ela acredita que as limitações da época, não impedia os alunos de compreender os conteúdos trabalhados pelo professor, além de terem maior participação dos pais na educação de seus filhos. A família é vista como o primeiro agente educacional do indivíduo, desempenhando um papel crucial na formação de vínculos afetivos e de confiança. Essa base sólida é fundamental para fortalecer a dinâmica familiar e, assim, contribuir para a educação dos filhos no contexto escolar (Soares, 2000).

Evidencia-se que a sociedade passou por um momento de transição, impulsionado pela introdução de recursos tecnológicos, o que facilitou o trabalho dos educadores. Embora tenha contribuído para dinamizar as aulas, os professores observam que os alunos apresentam menor rendimento ao do passado.

Compreendemos que a rebeldia dos educandos tem sido um dos temas mais discutidos no meio educacional. Os educadores não têm conseguido lidar com a rebeldia dos alunos. No entanto, Arendt (1996), aborda essa questão, destacando que a rebeldia é um aspecto comum na vida do indivíduo e necessário no processo educativo. Ela argumenta que os educandos não podem ser robotizados. Eles precisam pensar e questionar de maneira crítica e reflexiva, o que se deve considerar é a rebeldia mal orientada.

Para a autora, o educador deve encontrar o equilíbrio entre a autoridade e liberdade. Pois, o aluno precisa expressar-se livremente no ambiente educativo. “Contudo, choca-nos como algo realmente estranho que de tal dano ao desenvolvimento da criança, seja a educação moderna [...] os métodos do passado não levaram em consideração a natureza íntima da criança

e suas necessidades" Arendt (1996, p. 11). Apesar da educação moderna ter facilitado a prática educativa, impactou negativamente a educação. Isso porque, não considerou os aspectos subjetivos da infância e suas necessidades.

No período em que ministrava aulas, Margarida, destaca que teve muitas dificuldades para conseguir se adaptar ao sistema.

> Quando saí da escola estava difícil trabalhar com o governo, imagina agora? Muita cobrança. Éramos obrigados a participar das reuniões, para não perder pontos. Ter que fazer aquilo tudo de relatório, é muita moagem e estressante, o pior que piorou um pouco. Você fica ali, entretido com os relatórios, perdendo tempo que poderia ser mais bem aproveitado se fosse gasto com planejamentos ou na sala de aula, ensinando o aluno. O que o governo faz, é uma tremenda perca de tempo (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

A professora Margarida expressa sua indignação com um desabafo sobre a forma que o governo direciona a educação. Ela retrata que o educador não tem alteridade para elaborar atividades da maneira desejada. Por ficar muito tempo presa ao sistema, não lhe sobrava tempo para desenvolver um planejamento que poderia contribuir com o desenvolvimento de habilidades do aluno.

A maneira que o governo tem direcionado a educação tem impactado negativamente a aprendizagem dos alunos. Os professores enfrentam uma carga exaustiva de trabalho, com pouco tempo para planejar as atividades e serem desenvolvidas na sala de aula. Isso ocorre, porque precisam atender as exigências do governo, que visa restringir e vigiar os passos do educador no ambiente escolar.

Por medo de perder seu emprego, o educador é enredado pela burocracia do sistema que inferioriza e o aprisiona. Freire destaca que "[...] quando começamos a ser envolvidos por medos concretos, tais como perda de emprego, ou não ser promovidos, sentimos a necessidade de colocar certos limites a nosso medo" (2007, p. 125). Ainda Freire (2007) assevera que o medo é um sentimento inerente ao ser humano, no entanto, não devemos deixar que o medo o paralise. É preciso controlar o medo para luta pela liberdade e autonomia do professor no espaço educativo.

Em relação ao processo de aposentadoria, Margarida destaca que;

> O processo de aposentadoria foi fácil e rápido, como tinha tempo de serviço, levei toda a minha documentação e, com 50 anos estava aposentada. Graças a Deus, não tive sequelas, não fiquei com depressão, tive apenas um bigarro na garganta, mas não posso garantir que foi devido meu trabalho como professora (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

A professora ressalta que não obteve dificuldades para conseguir se aposentar, ela tinha todas as documentações que comprovavam o tempo de serviço. Com 50 anos de idade, ela conseguiu se aposentar. Margarida é uma mulher ativa, ela busca conciliar os afazeres doméstico aos cuidados com seus familiares. Sua rotina frenética não permite que tenha muito tempo para desenvolver gostos pessoais. No entanto, ela segue a vida com leveza e resiliência.

Em geral, o professor planeja seu futuro. Tal atitude é identificada por Huberman (2000) como característica da fase de desinvestimento, recuo e interiorização, que ocorre entre os 35 e 40 anos. Normalmente, nesse período, as pessoas adotam uma visão positiva em relação ao desinvestimento profissional, permitindo-se gradualmente afastar do trabalho sem arrependimentos, para dedicar mais tempo a si mesmas e a interesses fora do ambiente escolar.

Professora Gérbera

A professora Gérbera, atuou na escola estadual no munícipio de Lambari D'Oeste até a sua aposentadoria. Ela é uma mulher autêntica e extrovertida e, seu sorriso cativante reflete sua alegria e amor pela vida. A sua jornada acadêmica foi um processo árduo e ao mesmo tempo inspirador. Gérbera é uma mãe solteira, que precisou conciliar os cuidados e educação do filho e trabalho como professora.

> Se hoje tenho uma faculdade, devo isso a minha mãe, ela lavava roupas para pagar nossos estudos. A escola onde estudava cobrava uma taxa, além de termos que pagar os uniformes, nós chamávamos de conga e os materiais didáticos. Estudei sempre na mesma escola, na Rangel Torres, antigamente se chamava Barão de Rio Branco, só mudou o nome. Continuei na Rangel até o meu terceiro ano. Depois de um tempo, a escola parou de cobrar as mensalidades, ficou mesmo só os uniformes. As aulas de educação física eram realizadas as madrugadas. Foi dessa forma que estudei (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

De acordo com Gérbera, ela conquistou o curso de graduação, graças ao apoio e incentivo de sua mãe, que se sacrificou ao lavar roupas para pagar as mensalidades escolar e uniformes. A professora conta que as aulas de educação física eram ministradas em contraturno, por algum motivo específico, aconteciam durante as madrugadas.

> Naquela época, o terceiro ano do ensino médio era integrado ao magistério, o que permitia, ao terminá-lo estar apto para atuar como professor. A minha turma foi a última a seguir esse modelo no estado de Mato grosso, no ano de 1988. Concluí o terceiro ano em 1988 e, em março ou abril, não me recordo agora, comecei a lecionar como professora substituta. Quando saiu o concurso do município de Rio Branco, fui efetivada, mas permaneci apenas nos anos de 1990 até o ano de 1994. Tempos depois, fui aprovada novamente no concurso, mas agora do estado, na cidade de Pontes de Lacerda. Permaneci por um

> tempo, até pedir transferência para o município de Lambari D`Oeste. Não optei por Rio Branco, apesar de morar aqui, porque fiquei com medo de não ter vagas para pedagogos, a maioria eram efetivos. Também, porque era completamente apaixonada pela escola Estadual Padre José de Anchieta. Aquela escola era a minha vida (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

No período que a professora Gérbera estudou o terceiro ano do Ensino Médio, era integrado ao Curso Profissionalizante de Magistério possibilitando que os professores tivessem uma formação específica e rápida para atender a exigências educacionais da época.

Conforme Pereira e Cervi (2018), a formação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental tinha como lócus formativo o nível médio. No entanto, em 1996, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9.394/96), essa modalidade extinta.

Outro ponto relevante, é que a professora aprovada no concurso do munícipio, em Rio Branco e no estado na cidade de Pontes de Lacerda. Optando pelo estado, se mudou-se para outra cidade até conseguir sua transferência. O que nos chama a atenção é o fato dela não ter escolhido sua cidade natal. Mesmo enfrentando diversas dificuldades devido à distância e falta de locomoção, preferiu atuar na escola de Lambari D`Oeste, demonstrando seu afeto e compromisso pela educação e pelos indivíduos em formação.

A professora destaca que teve inúmeros empecilhos lecionar na escola de Lambari D`Oeste, o pior deles foi a falta de locomoção. No entanto, mantinha o seu compromisso de chegar no horário na escola.

> Todos os dias, acordava às 5:00 horas da manhã, tomava o café e ia para a estrada pegar carona. Tinha que chegar na escola às 7:00 horas da manhã. Se eu falar para você que durante todo esse tempo, se cheguei atrasado foi uma, duas ou três vezes (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

Ao se questionada sobre como era ministrar aulas na Educação Infantil, a professora Gérbera destaca que essa foi uma das melhores experiência de sua vida. Ela acredita que existe uma pureza e ingenuidade na criança, que impede de usar máscara, diferentemente dos adultos.

> Ah, eu gostava de ensinar desde pequenininha. Quando me perguntavam o que gostaria de ser quando crescesse, minha resposta era professora. Nas minhas brincadeiras, ensinava as outras crianças a ler e escrever. Acredito que já estava no sangue. Sempre gostei muito de atuar, toda a minha vida, ser professora é a minha paixão. Escolhi trabalhar com as crianças, porque elas têm uma inocência, não consegue esconder nada, são realistas. Além disso, você consegue orientá-los para tornar a sociedade um pouco melhor (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

Desde criança, atuar na educação sempre foi o maior sonho de Gérbera. Suas brincadeiras de faz-de-conta, remetia ao ensino ministrado na sala de aula, onde seus coleguinhas, se tornavam seus alunos. Ela os ensinava de tal maneira, que conseguiam compreender o que lhes ensinava. As brincadeiras das crianças demonstram claramente suas vontades, seus desejos, suas dúvidas, seus medos. No tocante às brincadeira, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p. 27) afirma que,

> nas brincadeiras, as crianças transformam o conhecimento que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com as quais brincam. [...] No ato de brincar a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disso e generalizando para outras situações.

A partir de então, a professora Gérbera dedicou-se à educação como meio de transformação social. Ela acredita, que devido a inocência de uma criança é possível incutir valores e inspirá-las a lutar pela construção de uma sociedade melhor, justa e igualitária.

Gérbera acredita que a educação é um meio de transformação social. No entanto, para que ela atinja seu objetivo principal, é necessário pensar num currículo que atenda às especificidades de cada educando e tenha com intuito a educação como meio de liberdade social.

O currículo deve pensar na educação inclusiva para estudantes que não fazem parte da hierarquia de constituição da classe dominante, e por isso, evidenciaram os processos hegemônicos em suas histórias de vida. Sob a perspectiva o conhecimento de mundo presente em culturas, que fazem parte de sua vivência, é de suma relevância para o desenvolvimento societário e para minimizar o fracasso escolar das identidades subalternizadas.

Neste sentido, “[...] o multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para “os problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante” (Silva, 1999, p. 85). A intersecção entre o currículo escolar e o multiculturalismo é o princípio fundamental para que a educação se desvencilhe de práticas de ensino alicerçadas na inferiorização e exclusão de determinadas classes sociais.

O currículo multiculturalista é o principal componente para que a aprendizagem seja efetivada. Possibilitando a intersecção entre o conhecimento empírico com a experiência de vida do aluno. Ao adentrar a sala de aula, o professor assume o compromisso e a responsabilidade de desenvolver um método de ensino que valorize a identidade cultural de cada educando.

Em relação ao comportamento dos alunos, Gérbera destaca que;

> Menina, quando vou no Lambari, Misericórdia! Eu recebi um monte de abraço dos meus alunos. Fico muito Feliz. É gratificante! A relação de amizade continua, não sou mais professora, agora sou amiga deles. Sempre tem aqueles mais danados. Certa vez levei um empurrão de um aluno, contei até 50 mil, para não dar a mão na orelha dele. Só esse aluno que fez isso, mas xingar, isso é normal. Temos que nos segurar para não perder o emprego. Saía de casa de manhã e chega só à noite. Largava tudo para trás, mas nunca cheguei com mau humor na escola, se tivesse algum problema era dois minutos e estava tudo certo. Com tudo tenho 90% de amizade com meus alunos. Pode colocar isso, 90% de amizade (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

Gérbera relembra algumas situações vivenciadas na educação, destacando, principalmente sua relação de amizade com seus alunos. Outro momento marcante em sua experiência, foi um incidente em que um menino a empurra pelas costas. Essa situação fez com que Gérbera mantivesse a calma. Como mãe solteira, seu emprego era a principal prioridade naquele momento. A realidade de Gérbera é igual a da maior parte das mães que trabalham fora enfrenta a tripla jornada: cuidar dos filhos, administrar a casa e a vida profissional e o desafio é ainda maior para as mulheres que são mães solo (Giddens, 2005).

Após a aposentadoria, a professora Gérbera tem se dedicado às reuniões familiares. Sua atividade predileta é festejar aos finais de semana e aproveitar a vida. Ela mora no fundo da casa de sua mãe, e junto com sua irmã, reveza os cuidados com sua mãe, uma senhora de idade avançada que enfrenta diversas debilidades.

Atualmente, ela mora sozinha e sua aposentadoria é o único meio de sobrevivência. Seu único filho formou-se em direito graças aos seus esforços, pois, ela lutou arduamente para que obtivesse uma graduação.

Ao relatar sobre as políticas públicas, Gérbera enfatiza que;

> O professor tem que estar sempre atualizado, conforme as exigências do sistema. Acredito que poderia ter trabalhado melhor, se não fossemos o sistema. Porque, eles têm mania de colocar tudo muito lindo no papel, mas na prática é muito diferente. Eles colocam no sistema e não dá assistência, o professor que tem que se virar (entrevista, Gérbera 27 de agosto de 2024).

A narrativa da professora Gérbera, denota sua indignação com os órgãos governamentais, que impõe um sistema para o aperfeiçoamento do professor, mas oferece o suporte necessário. Dessa forma, o educador se vê no meio de obrigações sem o preparo necessário para cumpri-las.

Na maioria das vezes, as políticas públicas formulam diretrizes sem conhecer a realidade presente na sala de aula. O educador precisa conciliar as imposições dos órgãos governamentais, ao mesmo tempo desenvolver um ensino condicente com a especificidade do educando.

Conforme Cazetta (20220,

> A burocracia dificulta o trabalho docente e a gestão escolar dificulta consequentemente o aprendizado do (a) aluno (a), a melhora dos índices escolares, o avanço da educação como referência para o desenvolvimento humano e científico, e a democratização de um ensino de qualidade (Cazetta 2022, p.20).

São inúmeras as barreiras impostas pelos órgãos governamentais. Nesse malabarismo, o educador precisa atender às exigências e, ao mesmo tempo desenvolver uma prática pedagógica que seja condicente com a especificidade de cada educando. Mesmo diante dessas imposições, o professor tem conseguido contribuir com o avanço educacional.

O teórico da educação Foucalt (1987), em seu livro denominado "vigiar e punir", enfatiza sobre o poder exercido pela classe dominante com o intuito de manter o controle social dos grupos subalternizados. Esse poder busca dominar os corpos dos indivíduos por meio do que ele chama de poder disciplinar. Algumas instituições como prisões, hospitais, escolas e hospícios são apontadas como principais mecanismos de opressão.

A escola é vista como um mecanismo de opressão, pois, a classe dominante busca legitimar seus próprios conhecimentos de mundo, desvalorizando os saberes das camadas populares como enfatiza Foucalt, "[...] um saber, técnicas, discursos, "científicos" se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir" (1987, p. 26). Para o autor, o poder de vigiar e punir pode estar interligado ao conhecimento científico, que corporifica algumas práticas de controle social. Neste contexto, tanto o educador quanto o aluno são entrelaçados em um emaranhado de normas e valores de mundos tidos como primordiais para o progresso social, mas que na verdade reflete os saberes epistêmico da classe dominante.

Professora Perpétua

A professora Perpétua residia no estado de Minas Gerais, numa região chamada Açucena. Ela mudou-se para o Mato Grosso no ano de 1993, a convite de sua irmã e cunhado. Como estava desempregada, sentiu que esse seria uma ótima oportunidade, ela poderia atuar na educação, uma vez que era professora formada em magistério, mas não lecionava.

> Eu vim da cidade de Açucena, de Minas Gerais, no ano de 1993. Nessa época, era solteira e desempregada. Minha irmã e meu cunhado me fizeram a

> proposta de vir para o Mato Grosso, como não tinha nada a perder, eu aceitei o convite (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Diante da proposta de sua família, Perpétua vislumbrou novas oportunidades. O Estado de Mato Grosso passava por profundas transformações e um crescimento populacional significativo. Acompanhando esta evolução, o munícipio de Rio Branco e necessitava de profissionais qualificados para atuar na área da educação. Neste contexto, a professora encontrou um campo fértil para aplicar seus conhecimentos adquiridos no Curso Profissionalizante de Magistério.

> Apesar de nunca ter trabalhado na educação, fui convidada para ministrar aulas após o pedido de afastamento de uma professora para assumir o concurso do Banco do Brasil. A partir de então, comecei a desenvolver minha prática na educação e nunca mais parei. Anos depois, constituí minha própria família, mas não parei de trabalhar. Quando surgiu o concurso do munícipio de Lambari D'Oeste, decidi me escrever e fui aprovada. Como o governo impôs um prazo para os profissionais da educação que tinham apenas o magistério, fazer o curso de graduação em pedagogia. Isso foi até um incentivo, os professores que estavam estudando foi puxando os outros. Ao prestar o vestibular na UNEMAT, e fui agraciada com a aprovação. Olha não foi fácil, tinha duas crianças pequenas, a menina com quatro anos e o menino com um ano, ele ainda manava no peito. Foi muito difícil, conseguia ver os meus filhos apenas nos finais de semana (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Ao longo de sua trajetória na educação, a professora Perpétua enfrentou inúmeras desafios. Sua formação não foi um processo fácil, pois precisava conciliar a jornada de trabalho, a distância para chegar no local de trabalho, e a dificuldade de deixar seus filhos pequenos em casa, podendo vê-los apenas nos finais de semanas. Apesar dos obstáculos, Perpétua se destacou na educação. Atuou por anos como professora e por um período, como diretora, deixando um legado a ser seguido pelos demais profissionais da educação. Durante sua gestão, buscou ampliar os conhecimentos de mundo dos educandos, proporcionando saberes que seriam a base para sua formação profissional e pessoal. Tal perspectiva vem ao encontro do que propõe Nóvoa (1995, p. 26) ao afirmar que "[...] o desenvolvimento de uma nova cultura profissional dos professores passa pela produção de saberes e de valores que deem corpo a um exercício autónomo da profissão docente."

Nessa caminhada de lutas e desafios, Perpétua contou com a parceria de algumas pessoas em especial, como os seus colegas de trabalho que a incentivam a estudar na UNEMAT. Entretanto, a professora relata que seu principal estímulo veio do âmbito familiar, especialmente do seu esposo, que não apenas a incentivou, mas também acompanhou em toda sua formação acadêmica.

> Durante quatros anos levei roupas para tomar banho no Lambari e de lá, ir para a faculdade. Deixava a moto na padaria, pegava o ônibus e seguia para Cáceres, na volta pegava minha moto às 1:00 hora da manhã e voltava para Rio Branco de madrugada. Só conseguia ver os meus filhos aos finais de semana, quando retornava para casa eles já estavam dormindo. Ao sair no outro dia, eles ficavam dormindo também. Se não fosse o meu marido não teria conseguido. Eu falo para ele, quem estudou foi eu, mas diploma é nosso, porque ele foi muito parceiro. Sempre me apoiou em tudo. Quando dizia que estava difícil, ele me respondia: "Pode ir amor, eu cuido das crianças para você, quatro anos passa rápido". Não é qualquer marido que faz isso, logo num período em que os homens eram tão machistas, eu fui privilegiada (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Ao analisarmos a narrativa da professora Perpétua, consideramos os seus esforços e dedicação para alcançar seus objetivos, e concluir o curso de licenciatura em pedagogia. Nesse processo, foi necessário fazer vários sacrifícios, e apesar de ter que renunciar coisas significativas, como estar na presença de sua família, não desistiu de lutar por seus ideais. Foi a partir de sua formação que ela pode desenvolver uma prática pedagógica humanizada, buscando a formação integral do educando. Além disso, a professora levou os conhecimentos adquiridos no período de estudos como subsídios para transformar a educação.

> Quanto a subdireção, a gente percebe que não pode fazer tudo, mas podemos fazer muita coisa. De acordo com nossas possibilidades temos um leque de possibilidades. Algumas pessoas não fazem por comodismo, ou preguiça mesmo. A minha experiência como diretora foi muito válida, pois pude colocar meus ideais em prática. Sempre fui audaciosa, é lógico que algumas coisas que coloquei em pauta nos projetos foram negados. Porém a minha vida pode mostrar que a gente consegue muita coisa, basta querer. Acho que todo mundo deveria passar por essa experiência, a gente não pode fazer tudo, mas podemos fazer muita coisa. Certa vez, eu li uma frase de Paulo Freire que dizia, o professor não pode mudar o mundo, mas ele pode contribuir com a mudança ao seu redor. Isso significa que podemos ampliar os horizontes, ensinar as pessoas a pensar, e andar com suas próprias pernas. Minha proposta como professora foi fazer os alunos a pensarem com sua própria cabeça (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

A trajetória da professora Perpétua reflete a coragem e determinação de uma mulher que, enquanto esteve à frente da educação lutou por seus ideais. Ela não se limitou às possibilidades que lhe foram impostas, mas ampliou os horizontes, desenvolvendo projetos e buscando recursos para melhoria da educação. Seu principal objetivo era fomentar uma mentalidade crítica e reflexiva nos educandos para que não se conformassem com a realidade presente, mas buscasse a transformação social.

Este pensamento, idealizado pela professora Perpétua, está em conformidade com a teoria de Freire (1967), que destaca a importância de o educador desenvolver métodos de ensino que conduzam o sujeito a racionalidade de sua condição enquanto ser social, somente por meio

da prática reflexiva será possível alcançar a sua humanização. O papel do professor é desenvolver uma mentalidade reflexiva para que o indivíduo seja capaz de intervir no mundo ao seu redor. ser educador não diz respeito a transmitir métodos, mas levar os educandos a uma racionalidade profunda de sua condição de ser inacabado para que busque sua emancipação.

A prática educativa deve ser conduzida para se alcançar o princípio da reflexão e criticidade.

A professora destaca que sempre teve uma boa relação com os alunos. No entanto, sentiu uma mudança significativa da forma como os pais compreendem o papel do educador na sala de aula.

> Quando comecei a trabalhar no ano de 1993, na escola da Salobinha, chamada Monteiro Lobato, que atualmente, não existe mais. Na época, percebi que os alunos eram mais rebeldes, principalmente porque não queriam estudar e os pais praticamente obrigavam a irem para a escola. Por outro lado, na Escola do Pingador e da Boa União, percebi que o comportamento dos alunos era bem tranquilo. Os alunos não mudam, o que realmente muda é o comportamento dos pais em relação aos seus filhos e a forma com vê escola. Porque no início os pais admiravam mais os professores. Quando saí da educação, não senti mais esse respeito (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Diferentemente das demais professoras, Perpétua não acredita que o comportamento dos alunos tenha mudado, mas sim os dos seus pais. Para ela, o respeito dos pais pelos professores diminuiu ao longo do tempo. Embora os professores incentivem a participação dos pais na escola, muitos deles demonstram desinteresse pela educação dos filhos, transferindo toda a responsabilidade para a instituição. Essa perspectiva dos educadores "apenas busca culpar a vítima e reflete uma visão pessimista das relações entre escola e pais" (Marques, 1999, p. 15), o que dificulta a adoção de medidas construtivas para melhorar a interação entre família e escola.

Vale ressaltar que essa perspectiva da professora pode ser compreendida a partir de duas concepções. A primeira é que a professora sempre deu aulas em escolas do campo, em que as mães passam mais tempo com seus filhos, pois não tem a obrigatoriedade de trabalhar fora de casa. Por um lado, a forma como os pais compreendem a escola e a forma com analisam o papel do educador, pode refletir no comportamento indisciplinar dos seus filhos. Ao deixar de cumprir suas obrigações como responsável pelo desenvolvimento dos seus filhos, eles transmitem a concepção de que a educação e a formação integral do educando não têm tanta importância.

Conforme destaca Coelho,

> O que justifica, dá vida e sentido à escola, à relação pedagógica, ao trabalho de docentes e discentes, são o processo de formação humana que aí se realiza e a relação de professores e estudantes com a cultura, com o pensamento, com o saber vivo, instigante e que a cada momento se produz, se interroga e se recria (Coelho 2009, p. 16).

Em relação ao processo de aposentadoria, a professora destaca que não foi difícil para conseguir se aposentar. Porém, ela tinha outra percepção de como seria estar aposentada, nesse momento de sua vida.

> A questão da aposentadoria, ela entrou na minha vida como um sonho. Eu almejava me aposentar porque estava me sentindo cansada, são 30 anos de sala de aula. No entanto, depois que ela veio, foi um desespero. No primeiro momento, é aquela alegria, me aposentei, não tenho mais a obrigação de me levantar às 5:00 horas da manhã, vou dormir até mais tarde. Só que todos os dias acordo nesse horário, e fico na cama até mais tarde, não tenho mais para onde ir, a sensação que vem é de vazio, incompletude. Você se aposentou, cumpriu o seu papel, e conquistou tudo aquilo que tinha planejado, mas a sensação de vazio acontece porque passei mais de 20 anos da minha vida dentro de uma escola. Durante todo esse tempo, esse ambiente foi o meu lar, foi lá que constituí as minhas amizades, os laços mais fortes foram constituídos ali dentro, nós almoçávamos juntos. Depois de um ano, voltei na escola, era tudo tão diferente daquela que frequentei por anos da minha vida, um ambiente frio, sem empatia. As crianças não correram para me abraçar, porque as que me conheciam, já estavam crescidos e não estavam mais ali. Quando eu volto para casa, os meus filhos já não estavam mais ali, haviam crescido, e seguido sua vida. Agora estava de volta em casa, mas ela estava vazia. Eu volto para escola e já não tinha importância nenhuma, eu me aposentei, e quando o professor aposenta, é como se toda a sua história fosse esquecida junto com ele, ninguém mais lembra. Uma vez ou outra, encontro um aluno na rua, eles me dizem: oi professora, lembrei de você, que tempo bom aquele, estou com saudades. As amizades verdadeiras que fiz na escola, permanecerão comigo para sempre (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

O sentimento da professora Perpétua, reflete o de muitos profissionais da educação. A aposentadoria pode ser compreendida como um momento de alívio, mas também de incompletude ao olhar para trás e ver o legado construído. Essa sensação de vazio evidencia uma caminhada de longos anos na educação, exaustiva e desafiadora que muitas vezes é pouco valorizada pela sociedade.

O professor se dedica não apenas em ensinar conceitos, mas também a formação de sujeitos. Ao se aposentar, o educador se sente que não tem mais o mesmo valor e que anos de dedicação a educação foram todos em vão. Neste contexto, Bosi (1994), enfatiza que a sociedade capitalista busca apagar a história constituída por nossos antepassados.

As pessoas aposentadas deixaram um legado que deve ser perpetuado, especificamente no meio educacional. Para a autora, a sociedade capitalista oprime os velhos por diversas

maneiras, uma delas é pela força de poder. Elas precisam sobreviver em meio a sociedade capitalista que oprime, segrega e julga as pessoas de acordo com o que elas são capazes de produzir no meio social. Ao serem reduzidos a dependência de uma aposentadoria, na maioria das vezes, os aposentados são tratados como peças descartáveis, pois perdem sua importância social, enquanto estavam ativos.

Bosi (1994, p. 18), problematiza tal perspectiva ao indagar:

> Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutelagem, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de ma-fé que na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos, as "pesquisas" que demonstram incapacidade e a incompetência sociais do velho.

Após a aposentadoria, a professora Perpétua passou a dedicar-se a família, assumindo os serviços domésticos e ajudando seu esposo aos cuidados com sua mãe. Por um certo período, ela passou a vender marmitas na perspectiva de aumentar a renda familiar e ocupar sua mente. Porém, devido ao desgaste no seu braço ocasionado por anos de profissão, fez com que desistisse. A professora busca se manter ativa ocupando sua mente e visitando seu neto.

Ela relata que apesar de todos os desafios vivenciados, atuar na educação ampliou seu horizonte de possibilidades. O que lhe deixa mais feliz é ver o progresso de seus alunos e que muitos deles desempenham alguma atividade de notoriedade na sociedade.

Professora Hortência

A professora Hortência é natural de Minas Gerais. Sua família veio para o Mato Grosso com a intenção de adquirir um pedaço de terra para sobreviver por meio do plantio. Ela relata que naquele tempo, o governo do Estado de Mato Grosso, incentiva as famílias oferecendo um campo para que pudessem usufruir, em troca, os moradores deveriam desmatar toda aquela região. No entanto, ao chegar no Rio Branco se depararam com outra realidade, seu pai não tinha conhecimento para o manejo da terra. Diante das dificuldades para conseguirem se adaptar ao novo estado, cogitaram voltar para Minas. Porém, uma proposta fez com que mudassem de ideia. A cooperativa chamada Cooperb, estava sendo construída, e o pai de Hortência, tinha conhecimento na área da construção civil, ele foi um dos primeiros trabalhadores que auxiliaram na fundação da cooperativa de cana-de-açúcar.

> A cooperb foi fundada, no período que pertencia à Rio Branco, Lambari é o munícipio mais recente a ser desmembrado. A maioria dos trabalhadores viam de Rio Branco. Quando cheguei aqui, tinha doze anos de idade. Minha mãe tentou nos matricular em uma escola no município de Rio Branco, porém, mesmo com as documentações em dia, não aceitaram a nossa matrícula. Ela ficou muito chateada, porque era muito dedicada com a nossa educação. Ao ficar sabendo que não poderíamos estudar naquele ano, queria voltar imediatamente (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

Hortência relata sua dificuldade que enfrentou para conseguir estudar no ano em que sua família veio de Minas Gerais. Como a escola estava em andamento, não quiseram aceitar sua matrícula e de seus irmãos, fazendo com que perdessem aquele ano de letivo. Sua mãe, era muito dedicada a formação dos seus filhos, e não queriam que ficassem o resto do ano sem concluir os estudos. Naquela época, não havia leis que regulamentasse a matrícula de estudantes vindos de outra região. Além disso, a escola era celetista, o que dificultava ainda mais a matrícula de Hortência e seus irmãos.

> Em Minas Gerais, estudei em uma escola militar. A minha sempre teve preocupação com nossos estudos, essa era a sua maior prioridade. Mesmo tendo condições mínimas, não faltava os materiais escolares. Naquela época, tínhamos que comprar todos os materiais, até os livros didáticos. Os pais que tinham maior condições financeiras, compravam novos, como não tínhamos dinheiro suficiente, comprávamos os livros usados. Somos em quatro irmãos e minha mãe lavava roupas para custear os gastos com a escola (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

Hortência enfatiza os esforços de sua mãe para garantir uma educação de qualidade aos seus filhos. Na época em que a professora estudou, todos os materiais escolares deveriam ser custeados pelos pais ou responsável pelo aluno. Como sua família tinha recursos financeiros limitados, sua mãe trabalhava lavando roupas para conseguir uma renda extra e garantir a formação educacional de seus filhos. No tocante ao trabalho feminino, em relação à ocupação de emprego, as maiores incidências das profissionais ainda estão concentradas nas atividades relacionadas à educação, saúde, serviços sociais e serviços domésticos (Rocha-Coutinho, 2011)

A professora relata que na época, o ensino médio era integrado com o magistério. Devido à escassez de profissionais qualificados na área educacional, essa alternativa foi adotada para formar maior número de professores. Não havia opções para escolher outro curso de formação, ao concluir o ensino médio o estudante saiu habilitado para ministrar aulas. O currículo do magistério tinha duração de três anos. No entanto, quando a professora Hortência estava preste a concluir o curso, a grade horária foi ampliada para quatro anos, obrigando a professora a estudar por mais tempo.

> Naquele tempo, não tinha legislação que amparasse o aluno como tem hoje. Mesmo assim, minhas notas eram excelentes, eu e os meus irmãos progredimos nos estudos. Na época, o único curso disponível, era o magistério, que era integrado com ensino médio. Ou seja, fazíamos o ensino médio e o magistério ao mesmo tempo. Concluí o magistério com minha filha mais velha no colo. Justamente no período que estava estudando, mudaram a grade curricular. O curso que antes era três anos foi ampliado para quatro. Se não tivesse perdido um ano na escola, teria conseguido me formar com três anos (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

O fato de a professora Hortência ter perdido um ano de estudo ao chegar de Minas Gerais, fez com que precisasse estudar por mais um ano. Segundo seus relatos, esse atraso nos estudos, contribui para que tivesse maior dificuldades para se formar. Além disso, ela enfrentava o desafio da maternidade, tendo que conciliar com os estudos.

Após concluir o Curso de Magistério a professora Hortência, começou a trabalhar na secretaria de uma escola financiada pelo governo e pela população de Rio Branco. Depois de um ano, ela começou a trabalhar na escola municipal Manuel Tavares.

> Embora não ganhasse como professor, eu já comecei a trabalhar em uma sala de aula. Depois de um ano de formada, abriram a escola Manuel Tavares. Eles foram agrupando os professores que trabalhavam na zona rural. Depois de formada, comecei a atuar como professora, não tinha muita experiencia, por isso comecei a fazer vários cursos de formação (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

A professora relata que para desenvolver sua prática pedagógica, precisou fazer alguns cursos de formação. Além disso, alguns colegas de trabalho que ministravam aulas, foram o apoio necessário para que a professora desenvolvesse uma boa prática pedagógica. Conforme Franco (2015), “as práticas pedagógicas devam se estruturar como instâncias críticas das práticas educativas, na perspectiva de transformação coletiva dos sentidos e significados das aprendizagens” (Franco 2015, p.605).

A professora Hortência, se esforçou grandemente para ver seus alunos progredirem nos estudos. Sua luta incansável era com a aprendizagem de todos, inclusive aqueles que apresentassem maior dificuldade de aprendizagem. Para isso, ela percorria a sala de aula visitando cada aluno individualmente. Quando percebia que alguém estava atrasado em relação ao conteúdo, retornava a matéria, e em muitas vezes adaptando os conteúdos para que melhor atendesse a realidade de cada estudante. A ação de Professora Hortência vem ao encontro do que propõe Beyer (2006):

> O desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum e válida para todos os alunos da classe escolar, porém

> capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas (Bayer 2006, p. 76).

No entanto, mesmo tendo se esforçado grandemente com a educação e formação de seus alunos, ela acredita que tenha falhado em alguns aspectos;

> Embora, tenha horas que me questiono por ter sido muito dura com meus alunos, fico com dó deles. Eu falo para eles hoje, gente do céu, eu fui muito exigente com vocês. Na verdade, eu sou uma pessoa exigente, até hoje. Sempre tive comigo, que na sala de aula é o lugar de aprender, eu ensino para os meus alunos da maneira que gostaria que fizessem com os meus filhos. Por isso, não dou moleza, eu não deixo os alunos fazerem o que querem. Essa gurizada faz corpo mole, a escola é o lugar de sugar todo o potencial do aluno, porque eu sei que eles têm potencial de ir mais longe, assim como você chegou. Esses dias encontrei um rapaz que foi meu aluno, ele era do quarto ano e não sabia ler. Eu pensei, o que vou fazer com esse guri que não sabe ler, eu não posso simplesmente fazer de conta que ele não existe. Coloquei perto da minha mesa e disse: agora somos nós dois. Tive que voltar os conteúdos para ele, porque não tem como prosseguir se não sabe de nada (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

Apesar de seu método tradicionalista e de sua rigidez com o ensino, Hortência demonstra seu compromisso e dedicação com a educação e a aprendizagem dos alunos. Ao entrar na sala de aula, a professora buscava nivelar a aprendizagem dos alunos, com metodológicas de ensino que se adaptassem a realidade de cada um.

A maneira pela qual, a professora lidava com a aprendizagem demonstra sua busca pela inclusão na educação, ofertando oportunidades iguais de aprendizagem e progresso no meio acadêmico. Ao se deparar com a dificuldade de aprendizagem dos alunos, desenvolvia métodos de apoio individualizado e especializado. Segundo Gil (2005, p. 24), "[...] a educação inclusiva pressupõe que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades de acesso, de permanência e de aproveitamento na escola, independente de qualquer característica peculiar que apresente ou não". Frequentar o ensino regular, não garante que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

O compromisso com a educação inclusiva, vai além da garantia de que o aluno esteja inserido no ambiente educativo. É possibilitar que desenvolva os aspectos, intelectual, moral, social e físico, respeitando suas especificidades e limitações. Neste sentido, a prática pedagógica deve visar a equidade no ensino, nem todos os alunos conseguirá desenvolver suas habilidades no mesmo ritmo dos demais educandos. Porém, o professor deve propiciar um espaço educativo que tenha em vista a adaptação de metodologias para melhor atender suas necessidades, tanto cognitivas, quanto físicas.

Mesmo após o período de aposentadoria a professora a professora Hortência, não consegue se distanciar da educação. Ela busca passar seu tempo livre ministrando aulas particulares de reforço em sua residência.

> Depois da aposentadoria, tenho pensado seriamente em ir embora de Lambari D`Oeste, estou achando esse lugar tão ruim. Queria muito voltar para a educação. Eu sou uma pessoa muito proativa, esse é o meu jeito. Esses dias atrás, vou ter uma conversar com a secretaria de educação, para ver se poderia fazer alguma coisa na escola, tem vários projetos, que poderia ser útil. O que você faz nessa casa? Gente, eu fico o dia inteiro mexendo com uma coisa e outra e não faço nada. Depois de me aposentar dei aulas por cinco anos no estado, quando era efetiva no município buscava me dedicar apenas em um lugar, nunca fui de trabalhar em dois lugares ao mesmo tempo. Não tem cabeça que aguente, só de imaginar que teria que participar de duas festas juninas, reuniões, dentre outros eventos que tem na escola, não conseguiria conciliar. Eu sou dedicado com aquilo que me proponho a fazer, gosto de ter um compromisso e honrar com o prometido (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

Apesar de estar aposentada, a educação continua presente na vida da professora. Atualmente, ela mora sozinha no município de Lambari D`Oeste, enquanto suas duas filhas constituíram suas próprias famílias.

A aposentadoria e a solidão fazem com que Hortência não veja muitas perspectivas de voltar a atuar na educação por meio de projetos. Mesmo tendo solicitado por meio de projetos para secretaria de educação, não obteve retorno. Por isso, a professora tem ministrado aulas particulares como uma alternativa para passar o tempo ocupando sua mente com o que realmente gosta de fazer, ensinar e contribuir com o desenvolvimento dos educandos.

6.1 Práticas Pedagógicas Instituídas Pelas Professoras Pedagogas

Estudos voltados para a educação evidenciam a necessidade e importância de o educador atuar como profissional crítico e reflexivo capaz de desenvolver ações que promovam a aprendizagem do educando, e gerem transformações no meio social, político, educacional e cultural. Freire (2005),

enfatiza que essa atuação requer um compromisso com grupos sociais subalternizados ao longo da história. Nesse contexto, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental no cenário educativo, especialmente como professoras pedagogas, ao desenvolver metodologias de ensino voltadas para as múltiplas identidades presentes na sociedade.

Salientamos que o ato de ensinar é uma ação complexa que requer conhecimento de variados métodos de ensino para que alcance a sua principal função, a aprendizagem dos alunos.

Essa complexidade ressalta a necessidade da formação docente e sua influência na aprendizagem do estudante, e no ambiente escolar. Como enfatiza Freire, "[...] quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade" (Freire, 2017, p. 26). Portanto, a educação vai além do conteúdo transmitido em sala de aula, exige um comprometimento aprofundado dos educadores na construção da sociedade almejada, em que todos irão progredir nos estudos.

Neste contexto, enfatizamos a atuação das professoras pedagogas aposentadas, trazendo a priori lembranças do passado que se mantêm vivas nas suas memórias. "Quando olhamos para trás podemos localizar os marcos do nosso tempo biográfico no tempo solar decorrido. Mais que os astros, pode o tempo social, que recobre a passagem dos anos e das estações" [...] (Bosi, 1994, p. 416). Suas narrativas não são meras falácias, mas o resgate de experiências que emergem em sua consciência e transcendem o tempo, perpetuando saberes necessários para educar e formar sujeitos críticos e reflexivos, que irão transformar a sociedade. Desta maneira, a retomada da história de vida das professoras é uma importante ferramenta de estudo, capaz de inteirar sobre o passado, mas também, transformar o futuro e promover novos encontros e possibilidades. A professora Primavera, evidencia por meio de sua narrativa os desafios da educação.

> Eu dei aula por trinta anos, não é brincadeira não, eu trabalhei por um bom tempo na escola rural do munícipio de Salto do Céu. Lecionei na escola da Boa Vista, nessa época, tinha apenas a quinta série da educação infantil. Todos os dias, caminhávamos a pé, eu e os meus alunos. Enfrentávamos a distância, poeira, chuva e calor para conseguirmos chegar na escola da roça. Não foi fácil, teve um período que os professores precisavam comprar alguns materiais, porque a escola não fornecia (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A professora enfatiza sua jornada educacional como um processo árduo, todos os dias, caminhava lado a lado com seus alunos, enfrentando situações adversas como sol, poeira, calor e chuva, além das dificuldades impostas pela falta de materiais pedagógicos. Muitas vezes, esses materiais pedagógicos não eram fornecidos, levando os professores arcarem com despesas que deveriam ser custeados pelo governo.

Observa-se que o ato de ensinar, não revela apenas a beleza da educação, mas também, descortina a coragem, amor e dedicação das professoras pedagogas pela profissão. Afinal, o salário que recebiam não seria suficiente para custear todos os gastos e dificuldades que teriam ao longo do processo educativo.

A trajetória da professora Primavera evidencia a realidade de muitos profissionais da educação, diariamente enfrentam diversos desafios na busca por uma educação de qualidade. A falta de recursos pedagógicos é um dos principais obstáculos, ao impedir que os professores desenvolvam atividades efetivas em sala de aula, forçando-os a comprarem recursos com intuito de suprir as necessidades dos educandos, uma responsabilidade dos órgãos governamentais.

Porém, a escolha pela profissão docente, surge na vida das professoras pedagogas de diversas maneiras, podemos constatar essa realidade ao analisarmos os fatores que influenciaram a inserção da mulher no campo educacional, bem como os aspectos históricos, sociais e culturais. Sobre essa perspectiva, Nóvoa; Huberman; Holly; Moita; Gonçalves; Fontoura; Bem-Peretz (2012, p. 162) enfatizam que essa escolha pode variar entre vocação, ou pela falta de oportunidade. "O nosso estudo revelou-nos que, das 32 entrevistadas que sobre este tema se manifestam, 20 (62,8%) afirmaram ter enveredado pela carreira docente por vocação, enquanto 12 (37,3%), contrariamente, o terão feito sem vocação". No entanto, a educação foi uma das poucas profissões socialmente aceitas para elas, uma vez que o sistema patriarcal buscou restringir o papel da mulher na sociedade, conforme destaca a Professora Amarílis em sua narrativa.

> Eu cheguei no munícipio de Salto do Céu em 1984 e no ano de 1986 comecei a trabalhar como professora com apenas 22 anos, tinha concluído quarto e o quinto ano da educação infantil, naquele tempo podia trabalhar assim. O prefeito me chamou para atuar como professora substituta. O munícipio estava com defasagem de professores, tinha apenas uma professora para atuar numa turma com 4 salas diferentes. (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Como pode-se constatar por meio da narrativa da professora, a escolha pela profissão, não foi planejada, mas uma resposta a necessidade do município e a dificuldade para encontrar pessoas dispostas para o cargo de docência. Essa situação acabou se tornando uma oportunidade, fazendo com que a professora permanecesse até a sua aposentadoria.

Muitas mulheres se tornaram professoras devido à falta de oportunidade para atuar em outros segmentos que não fossem à docência. Para Nóvoa; Huberman; Holly; Moita; Gonçalves; Fontoura; Bem-Peretz (2012), a escolha pela profissão docente está intimamente ligada ao itinerário social sobre o papel da mulher, mais do que os fatores motivacionais intrínseco.

A escolha pela profissão docente também pode ser influenciada pelo meio em que o indivíduo está inserido, especialmente num contexto familiar, em que os integrantes da família são compostos por professores. Esse fator pode contribuir para que a docência seja vista como

algo natural, uma tradição familiar, ou até mesmo, pela falta de opção, conforme menciona a Professora Hortência em sua narrativa:

> Quando fui fazer o magistério, não tínhamos outra opção, ou fazia, ou fazia. Nós saíamos do ensino médio com o diploma de magistério. Todo mundo em casa tem essa formação, até o meu irmão que não quis seguir a carreira de docente, saiu como magistério, mesmo não fazendo o estágio (Hortência, entrevista, 06 de agosto de 2024).

Os relatos da professora Hortência afirmam que, inicialmente seu irmão não queria cursar o magistério, mas não teve outra opção, pois, o diploma do ensino médio era emitido juntamente com o magistério. Enquanto Hortência e sua irmã seguiram na profissão, seu irmão optou por trilhar outro caminho, diferente do magistério.

Salientamos que a profissão docente é um trabalho árduo que requer desprendimento de tempo e amor pela profissão. Por essas circunstâncias, um crescente número de mulheres tem apresentado doenças físicas, mentais por diversos motivos, especialmente devido a forma como são tratadas no âmbito educacional, onde vivenciam inúmeras situações desafiadoras, conforme assevera Professora Primavera em sua narrativa:

> Fui coordenadora por um tempo na escola da roça, tinha um menino que jogava livros no chão, ele saia derrubando tudo, nós tentávamos fazer ele se sentar, mas não tinha jeito, quando o pai e a mãe vinham na escola, era só para brigar. Eles pensavam que queríamos matar o filho deles, mas não era verdade, queríamos apenas ajudar. Durante muitas noites, perdi o sono rolando de um lado para o outro na cama, pensava o que poderia fazer pelo aluno, para que aprendesse, você dorme e acorda pensando nele. É exatamente por isso que tem tanto professor depressivo, a vida inteira com essa preocupação. Imagina, são trinta anos, não são trinta dias, não é brincadeira, é uma vida (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

De acordo com os relatos da professora Primavera atuar como coordenadora de uma escola no município onde reside, foi um grande desafio, um dos alunos da sua escola, em particular, apresentava comportamento hostil. Apesar dos pais atenderem ao pedido da coordenação de comparecerem à escola em busca de uma solução, mostravam indiferença ao apoiar o comportamento do filho. O professor se depara com realidades distintas no meio educacional, enquanto alguns alunos conseguem desenvolver seus aspectos físicos e cognitivos, muitas crianças não alcançaram o mesmo êxito. Frequentemente, essas crianças apresentam características distintas, dentre estes, se destacam o abandono familiar, falta de diálogo transtornos, dificuldade para se adaptar ao meio. Estas questões têm afetado a relação entre professor, alunos e os pais, desenvolvendo um ambiente escolar prejudicial para todos.

A percepção de Baker (2006), é a de que a qualidade da relação professor-aluno é um e indicador significativo de adaptação escolar, em especial para crianças que apresentam problemas comportamentais em sala de aula.

As professoras entrevistadas têm refletido sobre o processo que antecedeu sua aposentadoria, e compartilham da visão de que trabalhar com os alunos do passado era mais fácil. Segundo elas, os estudantes nutriam respeito e admiração pelos educadores. Ao analisarmos a realidade da educação atual, evidenciamos que a falta de respeito dos alunos em relação ao professor tem sido um dos maiores desafios para atuar na educação. Os professores relatam que seus alunos, antes, obedientes e passivos, hoje, muitos se tornaram irreverentes, tendo menos empatia e respeito do que no passado. Essas professoras afirmam que não voltariam a atuar na educação, se caso fosse necessário.

> A maior dificuldade que tive para atuar na sala de aula, foi a falta de limites das crianças. As coisas pioraram de um tempo para cá, elas se tornaram agressivas e irreverentes, antes elas eram mais obedientes. Se falássemos que deveriam fazer algo, eles faziam sem questionar o professor (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

A professora Amarílis destaca a realidade da educação atual, assim como as demais pedagogas entrevistadas. Lecionar na atualidade se tornou um processo árduo, principalmente, devido à dificuldade para estabelecer relações com os alunos. As professoras, se sentem incompreendidas, pois, no passado os alunos as viam como referência, na atualidade, essa não é mais a realidade vivenciada por essas profissionais, o que torna o trabalho pedagógico desafiador. Professora Primavera chama a atenção para este cenário em sua narrativa.

> É minha filha, trabalhar com alguns alunos não foi fácil, teve uma época que começaram a ficar muito rebeldes. Teve um aluno que levou faca para a escola, quando isso ocorreu, eu chamei os pais e a secretaria da escola, mas eles não resolveram, até o conselho teve que intervir. Foi muito difícil, nada resolvia (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Em relação à percepção das educadoras de que ensinar se tornou ainda mais difícil no decorrer dos anos, é importante destacar os processos que retrocederam a autonomia do educador em sala de aula. Contreras (2002), afiança que "a autonomia do professor em sala de aula, com qualidade deliberativa da relação educativa, se constrói na dialética entre as convicções pedagógicas e as possibilidades de realizá-las, de transformá-las nos eixos reais do transcurso e da relação de ensino" (p.198).

Ao inserir no contexto educativo como detentor do saber, o educador se torna o centro da educação. Porém, com o passar do tempo, novas formas de ensinar foram surgindo,

desmistificando teorias do passado para dar lugar a uma nova realidade no ensino, que é mais dinâmico e interativo. Nesse contexto, surgiram novos ensinos adaptados à realidade da sociedade moderna. A maioria das educadoras entrevistadas, destacaram que não conseguiram acompanhar o avanço tecnológico que impactou a educação. Allan, ao analisar este contexto menciona que:

> A tecnologia digital, que estimula o compartilhamento do saber, representa um grande desafio para uma geração de professores que estudou e aprendeu a ensinar em uma era pré digital, sem recursos de interação e colaboração capazes de conectar mestres, estudantes e a sociedade civil de uma forma geral, independentemente de formação, cultura ou nação onde vivem (Allan, 2015, p. 40).

Não podemos desconsiderar o papel fundamental desempenhado por essas educadoras na construção da sociedade atual, que mesmo diante das mudanças de paradigmas na educação, elas forneceram subsídios para que seus educandos pudessem progredir no âmbito acadêmico, profissional e social. Outra questão levantada pelas professoras pedagogas entrevistadas, é a falta de apoio por parte dos pais dos alunos.

> Eu trabalhei até o ano de 2018, faz seis anos que parei de lecionar na escola, naquele tempo já estava difícil trabalhar com esses alunos, imagina hoje? No final da carreira como professora, os alunos começaram a ficar mais agressivos, xingando e brigando. Vou falar uma coisa que muitas pessoas não vão entender, mas está mais difícil trabalhar na sala de aula por causa dos pais e não dos alunos. Quando comecei a lecionar os pais iam na escolar, se preocupavam com a vida escolar dos seus filhos, ao ser chamados, os pais não iam para brigar, eles compreendiam o professor e corregia seus filhos. Hoje não, o pai vai na escola para brigar com o professor, isso tem ocorrido devido os grandes direitos que dão para os pais, os pais estão tendo muita liberdade na escola. Você dá uma atividade para o aluno, quando chega em casa não sabe falar direito, em vez do pai conversar com você, ele vai na secretária, no prefeito. Então o problema não é as crianças, mas os pais, se tivesse que voltar a trabalhar hoje, eu não voltaria (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

A falta de diálogo entre os professores e os pais dos alunos, tem sido um agravante no processo educacional, a relação entre a família e a escola é um importante elo que intensifica o engajamento do aluno para aprender e possibilita o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Essa ruptura entre a escola e a família tem acarretado baixa estima e dificuldades de aprendizagem dos alunos. Esses fatores comprometem a saúde física e emocional de algumas das professoras entrevistadas, como tem relatado a professora Primavera.

> Eu preciso tomar vários remédios ao longo de minha carreira como pedagoga, tenho trocado os remédios pelos chás naturais, eles têm me ajudado muito. Os remédios têm efeitos colaterais, por isso tenho trocado pelos chás caseiros que plantei no quintal, não é fácil não (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Apesar das dificuldades enfrentadas no processo educacional, as pedagogas têm persistido na educação, dedicando-se ao processo de ensino até sua aposentadoria. A dedicação e compromisso dessas mulheres vai além do simples ato de ministrar aula, elas buscam formar indivíduos comprometidos com as suas comunidades. Conforme salienta Nóvoa; Huberman; Holly; Moita; Gonçalves; Fontoura; Bem-Peretz (2012, p. 139), "[...] elas veem na profissão um meio privilegiado de contribuição no sentido de mudança e por isso empenham-se nela fortemente".

A riqueza da influência dessas mulheres transcende os conteúdos programáticos transmitido na sala de aula, mediante suas práticas pedagógicas, elas almejam incutir na mente dos educandos a importância da transformação social. Alguns alunos reconheceram a importância dessas mulheres em sua história de vidas.

> Certo dia, estava em Cáceres, cheguei numa farmácia, uma menina que trabalhava lá, me abraçou e perguntou se lembrava dela, respondi que não. Depois, ela me falou que havia sido minha aluna. Alguns reconhece o nosso esforço, enquanto outros nem se lembram mais de tudo o que fizemos por eles. Passei várias noites em claro, pensando nas atividades que iria passar para eles e ainda assim, muitos alunos se esquecem do nós (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

Importante destacar que o método autobiográfico surgiu para dar voz às pessoas frequentemente silenciadas, permitindo que compartilhem suas experiências, muitas vezes marcada pelo sofrimento. Essas mulheres precisam ser ouvidas e compreendidas, pois, têm muito a dizer sobre si mesmas e seu mundo. Ao expor seus sentimentos, elas desenvolvem a percepção de pertencimento, reconhecendo que um dia fizeram parte da história social.

As autobiografias das professoras pedagogas representam o marco histórico da sociedade e ilustram seu processo de constante evolução, em que elas estiveram inseridas no contexto educativo. Nesse processo, as professoras caminharam lado a lado com seus alunos, contribuindo para que um dia eles fossem capazes de alçar seus próprios voos, até mesmo voar para longe, e mais alto do que elas próprias.

Nesta direção, Fernandes e Freitas (2007, p. 23), chama a atenção para o fato de que,

> a escola, portanto, não é apenas um local onde se aprende um determinado conteúdo escolar, mas um espaço onde se aprende a construir relações com as "coisas" (mundo natural) e com as "pessoas" (mundo social). Essas relações devem propiciar a inclusão de todos e o desenvolvimento da autonomia e autodireção dos estudantes, com vistas a que participem como construtores de uma nova vida social.

Consideramos que ser educador é buscar possibilidades para que seus educandos possam ir além do que um dia foi. Para professora Girassol, poder olhar para o passado e ver que seus alunos progrediram na vida, é recompensador;

> Eu tive excelentes alunos. Alguns são professores hoje, tem aquela menina que trabalha na escola do Estado Vila Nova, foi minha aluna. Tem outro que é policial, que hoje dá aula numa faculdade. Onde me encontram, eles me reconhecem, falam olá, minha primeira professora? Tem dois irmãos que moram em Aripuanã, eles fizeram questão de vir aqui em casa me ver. Um deles que era mais levado me falou: me perdoa professora, sei que dei muito trabalho na sala de aula. Eu respondi para ele: tudo bem, era coisa de criança, não tem por que não te desculpar. Tem outro aluno que mora em Quatro Marcos, sempre que vem para o Salto, ele passa aqui em casa. O reconhecimento dos meus alunos é recompensador (Girassol, entrevista, 19 de junho de 2024).

As histórias narradas pelas professoras pedagogas demonstram a importância que tiveram na vida de seus alunos, e como a relação entre professor e aluno é essencial para que a aprendizagem aconteça, além de possibilitar o desenvolvimento de aspectos emocionais no estudante. A prática pedagógica desenvolvida pelo educador na sala de aula, não apenas nutri o desejo pela apropriação do conhecimento, mas fomenta o engajamento do aluno. Assim, o educador se torna mais do que um simples transmissor de conteúdos, torna-se motivador impulsionando-o em busca de novas conquistas.

O ambiente escolar, por sua vez, é dinâmico e interativo, propício para o estabelecimento de relações em um contexto intercultural e pluralista, sendo fundamental para que o aluno desenvolva sua potencialidade no meio acadêmico. Assim, na pesquisa autobiográfica é primordial ouvir com respeito e rigor os investigados. Os dados obtidos por meio das entrevistas são de grande importância, pois a fala do sujeito entrevistado reflete sua vida e revela sua disposição para se abrir. De acordo com Nóvoa; Huberman; Goodson; Moita; Gonçalves; Fontura; Bem-Peretz (2012, p. 71) “[...] ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, ‘a vida’, é de grande interesse quando os professores falam de seu trabalho. [...] Considero surpreendente, se não francamente injusto, os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes”. No âmbito escolar, muitas pedagogas percorreram pelo caminho educativo idealizando projetos, e vivenciando emoções. Elas lutaram para que as futuras gerações, conquistassem seus direitos e tivessem uma educação de qualidade. Seria incoerente se suas falas não fossem compreendidas de extrema significância para a pesquisa acadêmica.

A professora Perpétua ressalta sua luta pela construção de uma educação de qualidade. Em sua atuação como diretora e professora, ela desenvolveu projetos, às vezes em parcerias,

em outras vezes individualmente, para que a escola onde trabalhava adquirisse novos recursos financeiros e pela emancipação do sistema que oprime o indivíduo.

> Quando eu saí da faculdade pensava que poderia mudar o mundo, noventa porcento dos professores estavam formados ou cursando o ensino superior, e a gente tinha que ser submetido a um secretário de educação que era um técnico de contabilidade, querendo discutir pedagogia com a gente, nós nos sentíamos humilhados. A nossa maior briga foi para a valorização da educação, e a implementação da gestão democrática na escola. Acredito que essas foram as contribuições que deixamos. Tive diversas frustações, mas não abaixamos a cabeça, lutamos e brigamos, pela educação. Isso contribui muito para o nosso olhar crítico sobre nós mesmo e o outro. Ser professor nos obriga a refletir sobre isso, a pensar, questionar, essa postura foi ensinada na faculdade (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

A professora Perpétua é uma mulher determinista que esteve à frente de movimentos sociais na busca pela emancipação. Seu principal objetivo era garantir o reconhecimento de seus direitos e da comunidade escolar. A professora destaca que seu pensamento crítico e reflexivo foi desenvolvido durante os anos de faculdade, influenciado por teóricos que enfatizam a luta dos subalternizados por sua liberdade. Para ela, é fundamental questionar e contestar a gestão que impõe e condiciona o sujeito.

Essa postura da professora, frente às injustiças sociais, gerou a sua rebeldia, considerada imprescindível na busca pelo futuro almejado para si mesma e as futuras gerações. Freire (2012, p. 76), destaca que "[...] a rebeldia enquanto denúncia precisa ser alongada até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança de mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua emancipação [...]". Para Freire, o espírito rebelde, é fundamental na atuação do educador. Como agente de mudanças, ele precisa estar engajado nas lutas sociais, problematizando e questionando situações que o inferiorizam.

Ao refletirmos sobre a história de vida das professoras pedagogas aposentadas, analisamos não apenas aspectos subjetivos que marcaram sua existência, mas também de um marco atemporal, que inclui seus educandos e a comunidade ao redor. As narrativas das professoras, embora remetam ao passado distante para muitos de nós, permanecem vivas através de seu impacto na sociedade. Elas se empenharam grandemente para que seus alunos progredirem nos estudos, e conquistassem suas formações, hoje, muitos atuam em diversas áreas nas comunidades em que residem. Sobre esta perspectiva, a professora Margarida enfatiza que:

> Tem um dos meus alunos que mata vaca para nossa despesa. Um dia ele me chamou, não me lembrava mais da sua fisionomia, faz muito tempo que dei

> aula, para ele. Não tinha certeza se era realmente era o meu aluno, pois, ficou muito diferente, naquela época era um menino tímido, não era bagunceiro, e me respeitava. Sentia pena dele, por ser um menino humilde. Depois de algum tempo descobri que era meu aluno, demorei para descobrir, as pessoas o chamam por outro nome. Também dei aula para uma fisioterapeuta que veio fazer massagem no meu marido. A vida dá voltas, um dia eu ensinei, hoje eles me ensinam. As coisas que eles fazem hoje, eu não posso fazer (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

A professora Margarida destacou que alguns dos seus alunos, tem atuado no município de Rio Branco, enquanto outros foram embora para aperfeiçoar seus conhecimentos e obterem melhores condições de vida. Para ela, é recompensador descobrir que eles têm se destacado em suas respectivas profissões, mesmo aqueles que não conseguiram cursar o ensino superior, têm desempenhado alguma função de notoriedade na sociedade.

Contudo, Margarida considera estranho que, um dia, tenha ensinado seus alunos, hoje, eles lhe prestam serviços. A educação é um processo de trocas de saberes, de uma maneira, ou de outra, todos sairão ganhando com sua prática pedagógica. "Não há docência sem discência, [...], quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender" (Freire, 2012, p. 25).

Essa troca de saberes, reflete uma educação humanizada, que visa um ensino voltado para o sujeito e suas múltiplas dimensões. O ensino humanizado, compreende que o aluno é o protagonista da sua aprendizagem, reconhecendo suas necessidades, tanto emocionais como cognitivas. Alguns teóricos da educação impactaram de maneira significativa a vida dessas professoras. Apesar de estar afastada do cenário educativo há algum tempo, a professora Primavera consegue recordar de teóricos relevantes no seu processo de formação.

> Eu não me recordo de muitas coisas que estudei, mas uma frase ficou marcada em minha memória, não me recordo do nome dele, mas ele diz que: "quem ensina, também aprende". Essa frase me ajudou porque a gente anda aprendendo né? A gente ensina e aprende ao mesmo tempo, eu acredito que estes sejam os pontos positivos da educação (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A frase relatada pela professora Primavera, tem perpassado o tempo e inspirado diversas gerações de educadores, ao ressaltar que a educação é um processo dinâmico e interativo, no qual ocorre trocas simultâneas de saberes entre professor e aluno. Esse processo dialético é primordial para que o ensino-aprendizagem aconteça de maneira significativa.

Para Freire (2017), o educador deve oferecer caminhos de aprendizagem ao aluno, possibilitando que ele se sinta parte integrante no processo de ensino. Neste contexto, o educador busca compreender as especificidades dos educandos, em vez de desenvolver métodos de ensino homogeneizadores. Essa abordagem promove uma educação que valoriza as diversas

identidades presentes no meio escolar, focando na singularidade de cada estudante, e no seu desenvolvimento integral.

Ao se relacionar com os educandos através da prática pedagógica dialógica, o professor passa a compreender a especificidade do educando, podendo desenvolver laços afetivos no período de escolarização, mas que perduram por toda a vida. A professora Hortência retrata a relação de amizade com seus alunos.

> Até hoje eu almoço na casa dos meus alunos, sempre que alguns deles me encontram na rua, correm para me abraçar. Quando dava aula no Pingador, os pais me convidavam para almoçar em suas casas, sempre tive uma boa relação com os pais e com os filhos, até hoje é assim. Conheci de perto a realidade de cada aluno, a partir do momento que passei a conviver com eles (Hortência, entrevista, 6 de agosto, de 2024).

A prática pedagógica perpassa os muros da escola, como a professora Hortência enfatiza, é necessário ter uma inter-relação com a comunidade escolar para que o educando desenvolva múltiplos saberes. A escola precisa estar no contexto cultural do estudante. Só será possível desenvolver esta relação quando a educação se tornar dialógica. Ao invés de o professor ser o detentor do saber, ele se torna o mediador da aprendizagem para o aluno.

Salientamos que a prática pedagógica que se limita a transferir conhecimento, não é capaz de formar sujeitos autônomos. Freire (2017, p. 24) enfatiza que "[...] desde o princípio, mesmo de sua experiencia formadora, assumindo-se como sujeito também de produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção". Uma educação bancária resulta em indivíduos alienados, incapazes de agir ou pensar criticamente. Por outro lado, as práticas pedagógicas voltadas para o sujeito e suas múltiplas dimensões contribui com a aprendizagem e conhecimento de mundo do educando, considerando que a escola e o ensino ministrado em sala de aula não são o único conhecimento adquirido pelo aluno.

Ao ser inserido no meio educacional, o educando traz saberes permeados por sua cultura. É fundamental que o educador crie possibilidades para sua aprendizagem, pois sua prática pedagógica orientará as ações futuras dos educandos.

O ato de aprender exige uma série de pressupostos primordiais para sua efetivação, e um deles é os conteúdos que estão sendo trabalhados junto ao educando. Quando os conteúdos estão conectados com a sua realidade, o processo educacional se torna mais atrativo e significativo, favorecendo o engajamento, tornando a aprendizagem mais relevante e significativa. Dessa forma, é possível desenvolver no âmbito escolar um espaço inclusivo, que respeite as diferenças culturais presentes na sala de aula. No campo educacional, evidenciamos

uma pluralidade de saberes, com alunos que vivenciam realidades distintas e que se diferem em diversos aspectos. No entanto, o sistema escolar tem buscado padronizar o ensino, desconsiderando as diversidades étnica e cultural presentes na sala de aula.

De acordo com Freire (2017), na prática educativa, se faz necessário o desmascaramento de vertentes que buscam transmitir conteúdos voltados para a homogeneização dos indivíduos, a educação dialética, por sua vez, é contraditória a esse tipo de ensino, desmascara a ideologia dominante ao ensinar o educando a pensar e agir criticamente. Sobre este pensamento, a professora Perpétua ressalta que:

> Quando me tornei diretora percebi que não poderia fazer tudo o que gostaria, pois a gestão me limitava. Mas descobri que poderia fazer muita coisa, existe um leque de possibilidades, que as vezes não é feito por comodismo ou por preguiça mesmo.
> Então, tentei colocar as teorias que havia aprendido em prática. Com um pouco de audácia, fiz diversos projetos para a educação, alguns foram negados, por outro lado, conquistei muita coisa, para provar que podemos fazer acontecer se realmente acreditamos na mudança. Eu acho que todo mundo deveria passar por essa experiencia, não podemos fazer tudo o que queremos, mas podemos fazer muita coisa. Certa vez li uma frase de Paulo Freire, que dizia: "O professor não pode mudar o mundo, mas pode contribuir com a mudança ao seu redor". Nós podemos ampliar as ideias das outras pessoas, sempre defendi que devemos ensinar o aluno a andar com suas próprias pernas, o pressuposto que tive enquanto educadora é ensinar os alunos a pensar por si mesmo (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

A professora destaca ainda que enquanto esteve à frente da direção da escola e da Docência, buscou incutir na mente de seus alunos a importância de desenvolverem sua autonomia e refletirem de maneira crítica. Para ela, essa mentalidade é possível quando os educadores não se acomodam, e nem se intimidam com a realidade imposta pelos órgãos governamentais, mas o sujeito busca essa mudança através do reconhecimento enquanto classe oprimida. De acordo com Freire (2005), ao se identificar como classe oprimida, o sujeito deve lutar por sua emancipação. Neste sentindo, o ensino que deve ser considerado em sala de aula é aquele que contribuiu para o educando a pensar criticamente.

> Como diz o ditado popular, o professor não deve ensinar o aluno, apenas a apertar parafusos, mas a refletir sobre tal ação. Sempre propus aos alunos o questionamento, eu acredito que essa foi a maior contribuição para a formação dos meus alunos. Devemos questionar, não aceitar tudo como regra, pronta e acabada, até porque as regras podem ser mudadas, assim como mudamos de opinião. Quando questionamos, melhoramos como pessoa, faz parte do crescimento profissional e pessoal. Eu tenho humildade para reconhecer que não estou sempre certa, mudei de pensamento muitas vezes, mas até que me provem que estou errada, vou defender meu ponto de vista. Esta é a minha questão de opinião, descobri isso ao atuar como professora alfabetizadora. Ao ingressar na escola, a criança aprende a ler es escrever, o papel do professor é

> fazer com que o aluno compreenda o real sentido desses fatores em sua vida. Enquanto o aluno não se perguntar a razão de estar fazendo a leitura e escrita, não estará alfabetizada, mas codificando e decodificando, ela vai passar o resto da sua vida sem compreender o sentido da sua vida. Ou seja, ela vai passar pela vida, mas a vida não vai passar por ela (Perpétua, entrevista, 29 de julho de 2024).

Após a análise dos dados adquiridos por meio das entrevistas com as diferentes professoras que se colocaram à disposição para fazer parte desta pesquisa, é importante destacar que as mesmas conseguiram fazer da educação um mecanismo de transformação de vidas. No livro Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1987), enfatiza que a emancipação e transformação da realidade ocorrem quando o indivíduo tem consciência da sua condição de oprimido, e se tornar um agente de mudanças. O autor enfatiza que se as massas se associam ao processo histórico e desenvolvem um pensamento crítico, sobre sua realidade, se torna uma ameaça para a classe dominante, pois pode gerar uma possível revolução. Nesse contexto, o principal objetivo da elite dominante é impedir a conscientização dos oprimidos, ao adquirir, eles deixam de ser subjugados.

Fica perceptível que a escola desempenha um papel fundamental nesse processo ao promover um currículo que desenvolva a criticidade nos educandos. A educação é um dos principais meios para promover a equidade no currículo multiculturalista. Ainda que a escola seja influenciada pela elite dominante, ela é o principal, se não for o único meio para que a equidade ocorra ao desenvolver um currículo multiculturalista.

As diferentes narrativas das professoras evidenciaram que pensar num currículo como prática libertadora é um desafio, que pode ser superado ao integrar conhecimentos diversos e experiências cotidianas ao ensino, rompendo o conhecimento hegemônico da classe dominante.

Embora as professoras não tivessem conhecimento teórico a respeito, elas desenvolviam o currículo multiculturalista, que consiste em uma temática discursiva que paulatinamente vem sendo enfatizada nas práticas pedagógicas dos profissionais da educação, dada a emergência de incluir classes sociais que ao longo de sua história tiveram sua identidade fragmentada através dos processos hegemônicos. Seu principal objetivo é eliminar as barreiras que impedem o acesso dessa população a uma educação de qualidade que respeite suas especificidades. Além disso, busca desconstruir a visão de mundo hierárquica constituída ao longo da história pela cultura dominante e que contribui significativamente com o preconceito e exclusão social.

Apesar dos avanços, a implementação do currículo multiculturalista ainda enfrenta desafios significativos. As instituições ideológicas muitas vezes desenvolvem práticas de ensino, cujo enfoque é a perpetuação dos saberes hegemônicos. Neste contexto, Ferreira (2013),

destaca que essa violência ocorre por meio de conteúdos, programas, avaliações pedagógicas e métodos de trabalho dentre outros.

Para que o currículo multiculturalista cumpra a sua função transformadora, é necessário a intersecção com a pedagogia crítica. Devemos considerar que ofertar possibilidades para o acesso de identidades excluídas na escola, não significa que todos/as os/as educandos/as recebam a mesma qualidade de ensino. Para alcançarmos o quesito, currículo multiculturalista, precisamos nos remeter a pedagogia crítica que, ancorada as mudanças sociais, busque introduzir no currículo escolar as diferentes identidades. Como destaca Silva (2000), a diferença mais do que tolerada ou respeitada, deve ser permanentemente questionada e analisada no ambiente educativo.

Em síntese o currículo escolar deve ir além do que tem sido transmitido atualmente, deve promover um ensino que busque enfatizar a realidade social dos educandos e valorizando suas experiências do cotidiano de sua cultura. Desta maneira, poderemos constituir um currículo para a emancipação do indivíduo.

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras indicam que o desenvolvimento do pensamento crítico é primordial para que o aluno busque sua mudança pessoal e do meio no qual está inserido, permitindo-lhe questionar certos padrões e condutas que compõem a sociedade regente. Para que isso aconteça, o educador precisa constantemente aprimorar seus conhecimentos, pois o ato de ensinar pressupõe que o educador obtenha conceitos éticos e morais que são desenvolvidos por meio do aperfeiçoamento contínuo de sua prática pedagógica. Esse processo não contribui apenas com a formação do aluno, mas também contribui com a construção de uma sociedade mais reflexiva e crítica.

Somos seres inacabados, por isso, precisamos constantemente rever nossa prática para melhoria tanto da educação como da sociedade. “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como um processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis à medida que se reconhecem como seres inacabáveis” (Freire 2012, p. 57). A construção de uma sociedade melhor é possível quando o indivíduo compreende que é um ser inacabado e que necessita aperfeiçoar seus conhecimentos através dos cursos de formação. Os cursos de formação não se limitam apenas ao aprimoramento técnico, mas também moral, étnico e social.

> Quando comecei a trabalhar na alfabetização, não tinha muita experiencia, naquela época não existia os referenciais teóricos que temos hoje. Aprendi muita coisa através do projeto o “homem natureza”, um projeto grande que veio para as escolas do Brasil, através dele conheci as teorias de Jean Piaget. Ao iniciar a faculdade comecei a estudar sobre outros teóricos da educação,

> como Emília Ferreiro, Vygotsky e Paulo Freire. Nos dois primeiros semestres foi Piaget e Vygotsky. Também estudei história da educação, que analisa todas as escolas. Mas quando você chega nas didáticas e nas metodológicas, aí comecei a estudar Dermival Saviani, o Pedro Vasconcelos, Moacir Gadotti, eles são mais contemporâneos. A Emília Ferreiro, na parte da alfabetização, a Maria Montessori, você estuda na educação infantil. Outros teóricos falam sobre as avaliações (Hortência, entrevista, 6 de agosto, de 2024).

A narrativa da professora Hortência, retrata a importância do conhecimento que obteve no decorrer de sua carreira acadêmica para o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica. Os teóricos que ela estudou no curso de Licenciatura em Pedagogia na UNEMAT, foram fundamentais para a constituição da sua metodologia docente. Ao se aprofundar nas teorias de autores como Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e Emília Ferreira, dentre outros, ela foi capaz de utilizar suas teorias como embasamento para ministrar sua aula. O que contribuiu para alfabetizar inúmeros educandos que passaram por sua vida. O estudo das teorias pedagógicas possibilitou que a professora Hortência desenvolvesse uma prática de ensino humanizado, tornando sua aula mais didática, reflexiva e transformadora.

Ao analisar a didática das professoras pedagogas, compreendemos que elas buscavam desenvolver metodologias de aprendizagem que fossem condizentes com a realidade de seus alunos. Essas educadoras estavam inseridas num contexto de limitações, devido à escassez dos materiais pedagógicos. Mediante essas dificuldades, elas se adaptaram a sua realidade, utilizando os materiais disponíveis de maneira criativa, como enfatiza a professora Amarílis.

> Naquele tempo, o ensino era diferente, eu trabalhava com uma sala multisseriada, do primeiro ao quinto ano. Era assim, eu tinha alunos pequenos e alunos grandes. Quando chegava o mês das crianças, levava eles para um piquenique no rio, do grande ao pequeno. Alguns materiais pedagógicos era responsabilidade do professor, se chegássemos na sala de aula e o aluno não tivesse, nós tínhamos que comprar. Depois veio os livros, mas o lápis, borracha, o caderno do aluno era responsabilidade dos pais, as vezes faltava, e nós professores tínhamos de reserva. Eu trabalhei num tempo que não tinha nem mimeógrafo (Amarílis, entrevista, 29 de junho de 2024).

Salientamos que além da escassez de materiais pedagógicos, as professoras pedagogas entrevistadas vivenciaram um período em que não tinha os meios tecnológicos que temos hoje, e isso contribuiu significativamente para que seu trabalho se tornasse mais extenso e demorado, pois eram confeccionados manualmente, exigindo mais esforço e dedicação por parte dos educadores. Outra problemática evidenciada nesse período foram as salas multisseriadas, uma realidade presenciada por inúmeros educadores que foram desafiados a desenvolver métodos de ensino condizentes com a realidade distintas em diferentes faixas etárias. Nessas salas, o professor precisava ensinar de forma individualizada, passando conteúdos na lousa para grupos.

Para facilitar sua locomoção na sala de aula, o professor agrupava os alunos de acordo com seu nível de aprendizagem.

As salas multisseriadas, ainda é uma realidade vivenciada por inúmeros educadores, especialmente, os que vivem em lugares remotos, com acesso precário à educação. Essa dinâmica acaba se tornando uma sobrecarga para o educador que precisa atender às necessidades de seus alunos simultaneamente. Tais salas exigem dos educadores um planejamento diversificado e criterioso em resposta a especificidade de cada aluno. Isso pode acarretar o aumento de carga de trabalho e dificuldade de aprendizagem dos estudantes. Tal perspectiva vem ao encontro do que menciona Hage, ao afirmar que (2014, p.1173), "Essas escolas se constituem geralmente na única alternativa para os sujeitos estudarem nas comunidades rurais em que vivem, encontrando-se expostos a um conjunto de situações que não favorecem o sucesso e a continuidade dos estudos".

Contudo, ao analisarmos as narrativas da professora Margarida, percebemos seu carinho e amor pelo fazer artístico. Apesar dos inúmeros desafios para ministrar sua aula, ela se comprometia com a aprendizagem dos educandos, não deixando passar despercebida datas comemorativas. Essas datas, além de possuírem um valor simbólico, enriquecem o conhecimento cultural dos estudantes.

Ao correlacionar o conhecimento de mundo do aluno com a realidade que estava vivenciando na sala de aula, a professora Margarida conseguia criar um espaço colaborativo de aprendizagem, respeitando, valorizando e reconhecendo seus saberes culturais a partir de suas experiências e vivências, contribuindo com o fortalecimento entre a comunidade escolar e o conteúdo abordado.

> Os alunos daquele tempo eram diferentes do de hoje, mas também tudo mudou. Ao fazer meus planejamentos diários, desenhava nos cadernos, e se fosse dar aulas de plantas, desenhava as plantas. Nosso caderno era todo desenhado, a coordenadora dava visto no nosso caderno, todos os dias ela passava para conferir o que havíamos trabalhado. O nosso caderno era todo bonitinho. Não tínhamos mimeógrafo na época, tudo se fazia manualmente, se fosse para comemorar o dia dos pais precisamos procurar uma frase, você tinha que pegar e escrever no quadro, era muito mais difícil do que hoje. As vezes tínhamos que comprar algumas coisas, para fazer lembrancinha no dia dos pais, dia das mães. A escola tinha todo o cuidado de fazer essas coisas, mas os professores tinham que investir também. As vezes fazíamos festas para arrecadar dinheiro para a escola. A educação para mim caiu muito. Porque na minha época, quando comecei a trabalhar, era totalmente diferente. Os meus alunos estuavam, aprendiam e nos respeitavam como professores (Margarida, entrevista 29 de julho de 2024).

O planejamento escolar orienta a prática docente do professor, neste sentido, o planejamento é imprescindível para a atuação do educador. A partir dele, o professor terá subsídios para atuar em sala de aula, desenvolvendo atividades múltiplas para seus alunos. O planejamento escolar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sem ele a aula se torna metódica e desestimulante, ocasionando consequências notórias na vida acadêmica do educando.

Conforme Silva et al (2024),

> O planejamento educacional tem como principal objetivo direcionar ações alinhadas com as necessidades previstas, buscando a realização de seus objetivos. Qualquer empreendimento demanda um planejamento prévio, com o registro de intenções, mapeamento do percurso e propostas indicativas de metas. Trata-se de um instrumento que confere racionalidade às ações humanas, permitindo a dinâmica social com fundamentação política para orientar e organizar processos sociais, evitando ações aleatórias sem destino claro (Silva et al 2024,p. 2289).

Dentre os componentes que devem estar inseridos no planejamento, destaca -se as atividades estimuladoras e interativas, integrando conhecimentos de mundo e de acordo com a especificidade do aluno. A professora Primavera enfatiza que enquanto esteve lecionando na educação, tinha o comprometimento de desenvolver planejamentos de acordo com a especificidade de cada aluno.

> Não tínhamos livros suficientes, os professores que escolhiam o livro e o dia certinho para utilizá-lo, nesse período utilizávamos o mimeógrafo para fazermos trabalhos, tudo era muito complicado. Eu fazia minhas atividades baseadas na aprendizagem do aluno, específico para cada um, eles tinham aprendizagens diferenciada, por isso, as atividades precisavam acompanhar o seu ritmo de aprendizagem. Fazia o planejamento separado, alguns alunos aprendem mais rápido, enquanto outros demoram mais para aprender. O planejamento de ensino, tinha vezes que prepara em casa, em outras na escola, quando fazia na escola, ficava oito horas, quatro horas eram específicos para trabalhar na sala de aula e duas horas eram voltadas somente para as atividades que seriam trabalhadas com os alunos. Ia de manhã para a escola e voltava depois das quatro horas, corrido né? Eu rodava o mimeógrafo, fazia os planos todinho. A maioria dos meus alunos aprendiam, mas alguns tinham muita dificuldade e não iam de jeito nenhum, os alunos são diferentes, enquanto uns aprendem mais rápidos, os outros são lentos para aprender, tinha que falar mil vezes. Para ajudá-los, dei muitas aulas de reforços, e quando estava trabalhando individualmente, tentava compreender a realidade de cada um, era mais fácil para eles conseguirem compreender o conteúdo. Antes de passar os conteúdos no quadro, explicava primeiro a matéria, (Primavera, entrevista, 20 de maio de 2024).

A professora Primavera compartilha suas aventuras e desventuras no processo de ensino-aprendizagem, destacando as dificuldades de ensinar alguns alunos. Para lidar com essa

realidade, ela opta pelas aulas de reforço, ensinando individualmente. A didática desenvolvida pela professora ensinando um aluno por vez, é considerada fundamental, pois, permite a identificação das reais necessidades apresentada pelo educando, e possibilita um atendimento eficaz, ao suprir suas carências cognitivas.

De acordo com Nóvoa; Huberman; Goodson; Moita; Gonçalves; Fontura; Bem-Peretz (2012), o percurso formador dessas pedagogas, foram marcadas por sua autonomia pedagógica, engajamento para ensinar a partir dos recursos que lhes eram fornecidos, ou seja, essas mulheres tinham uma visão ampliada do seu papel enquanto profissionais da educação, uma percepção clara das suas responsabilidades com o ato de ensinar.

As histórias de vida das diferentes professoras evidenciam que a relação entre inclusão e prática docente no contexto educativo é fundamental e multifacetada. Nesta direção, a fala das professoras pesquisadas revelam que a inclusão reconhece e valoriza a diversidade de estudantes, abrangendo diferenças de habilidades, culturas, etnias, gêneros e contextos socioeconômicos. Nesta direção, a prática docente deve ser democrática e inclusiva, considerando essas variáveis para atender às necessidades de todos os alunos, uma vez que trata-se de um:

> processo de conhecimento, da educação democrática fundando-se no respeito ao educando, à sua linguagem, à sua identidade cultural de classe, da explicação teórica da defesa da educação que desoculta, que desvela, que desafia; exílio que resultou sobretudo da posta em prática de uma tal compreensão da educação (FREIRE, 2001, p. 60).

A inclusão implica que os professores adotem abordagens personalizadas de ensino. Isso pode incluir a modificação de métodos, materiais e avaliações, garantindo que todos os alunos possam participar ativamente e aprender de maneira significativa. Para que a inclusão seja efetiva, a prática docente deve promover um ambiente de aprendizagem que seja acessível e acolhedor. Isso envolve não apenas a adequação física do espaço, mas também a criação de uma cultura de respeito e valorização da diversidade.

A prática inclusiva deve fomentar habilidades sociais e emocionais, promovendo a empatia e a colaboração entre os alunos. Isso é necessário para a construção de um ambiente escolar harmonioso e solidário. Para implementar práticas inclusivas, os docentes precisam de formação contínua. Isso inclui capacitação em metodologias de ensino diversificadas, estratégias de gestão de sala de aula e compreensão das especificidades dos alunos com necessidades especiais.

A inclusão envolve a colaboração com as famílias e a comunidade. A prática docente deve buscar construir parcerias que fortaleçam o suporte aos alunos, integrando diferentes contextos no processo educativo. Ou seja, a prática docente deve incluir métodos de avaliação que considerem as diversas formas de aprendizagem e expressão dos alunos. Isso permite uma avaliação mais justa e representativa do progresso individual, tendo em vista que. "[...] a mudança das práticas de avaliação é então acompanhada por uma transformação do ensino, da gestão da aula, do cuidado com as crianças e os adolescentes em dificuldade" (Leal, Albuquerque e Morais, 2007, p. 101).

Os educadores devem estar abertos à reflexão crítica sobre suas próprias práticas e preconceitos. A inclusão requer um compromisso constante com a autoavaliação e a busca por melhorias na abordagem pedagógica. Nesta direção, as narrativas das professoras pesquisadas revelam que a inclusão e a prática docente estão interligadas de forma a garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, respeitando suas individualidades e promovendo um ambiente de aprendizado equitativo. Tal relação é essencial para formar cidadãos críticos e conscientes em uma sociedade plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa permitiu o descortinar de uma realidade que nem sempre é mostrada, uma vez que a sociedade valoriza o indivíduo "ativo". Ao se aposentar a pessoa é relegada a segundo plano. Deu sua contribuição à constituição do mundo, mas agora é colocada à parte. O conhecimento permite que histórias como as relatadas aqui sejam mostradas e revelem as pessoas por trás das professoras.

As trajetórias desenhadas a partir das entrevistas revelam mulheres fortes, que se constituíram a partir da luta cotidiana, travada por elas, por suas famílias de origem e pelas famílias que constituíram. São trajetórias marcadas pela adversidade, pelas tragédias, mas especialmente pelo inconformismo, pelo não querer permanecer no lugar que ocupavam. São mulheres que se ergueram e se reergueram em busca da realização de seus sonhos de aprendizagem e que a partir desse sonho, concretizaram muito de seus objetivos profissionais, muitas vezes, às custas de seus objetivos pessoais.

O processo de realização da pesquisa partiu do desejo de conhecer um pouco dessas mulheres/mães/profissionais e o que aconteceu em suas vidas a partir da aposentadoria como pedagogas. Como vivem hoje, mulheres que contribuíram para que transformações sociais importantes ocorressem? De que maneira a sociedade trata o presente de pessoas que no passado dedicaram parte importante de suas vidas à educação de crianças, jovens e adultos? De que maneira esse seu fazer pedagógico, que durou 25 anos ou mais, interferiu em suas vidas?

Tratam-se de questionamentos que foram desenvolvidos ao longo do processo de realização das entrevistas. Cada uma delas descortinando um universo de vivências, de sofrimentos, com a luta cotidiana, a perda do convívio com os filhos, da perda física de alguns desses filhos, das doenças que foram aparecendo em suas vidas e na de suas famílias. Um universo marcado especialmente pela busca constante de aprimoramento pessoal e profissional. De como algumas assumiram funções de professora, tendo pouco estudo, mas que na época era suficiente e, de como foram buscando se constituir pedagogas a partir das oportunidades de estudo que foram surgindo.

Essa constituição se deu especialmente a partir da luta daquelas que assumiram o inconformismo de não poderem estudar porque eram meninas, mulheres, numa sociedade que valorizava o masculino. Foram essas que fizeram o Curso de Magistério, que realizaram os cursos vagos, que se deslocaram para outros estados em busca de sua formação e/ou que fizeram o caminho diário para a cidade de Cáceres-MT, em busca da materialização do sonho em prol da realização do Ensino Superior.

São histórias de vida que descortinam o universo familiar no qual se encontravam e/ou se encontram inseridas, num processo por vezes muito doloroso. Foi possível perceber em algumas falas, o quanto o afastamento da vida “útil” foi difícil. O convívio familiar perdido, a saúde perdida, a doença de familiares, os cuidados diários com pessoas que precisam de atenção plena e, mais uma vez, é possível perceber que essas professoras pedagogas, que já deram tanto do seu tempo ao exercício da profissão, aos cuidados com os filhos de outros e que não puderam cuidar dos seus, hoje tem novamente seu tempo dedicado aos cuidados de pessoas da família que necessitam de sua atenção.

As experiências pedagógicas desenvolvidas e experienciadas pelas professoras mencionadas, em diferentes cidades do interior do estado de Mato Grosso, não refletem apenas as particularidades de sete professoras aposentadas da rede pública. As memórias aqui compartilhadas revelam interações entre o conteúdo e o construtivismo, o tradicional e o contemporâneo, além de aspectos singulares e plurais no espaço de aprendizagem. É possível considerar os impactos de leis e projetos, assim como observar práticas que demonstram a aplicação de metodologias diferenciadas advindas da realização do Curso de Licenciatura em Pedagogia, facilitando o trabalho das professoras.

Esses trajetos profissionais em educação contribuem, entre outros aspectos, para uma reflexão sobre "[...] o caráter produtivo das tecnologias que, entre seus diversos efeitos, criam novas normatividades e modos de atuação política" (Fonseca; Jardim; Schuch, 2016, p. 28). As narrativas dessas sete mulheres abrangem, além do espaço geográfico, um vasto território temporal, onde as subjetividades se constroem, moldam e transformam. Na prática, o trabalho educacional provocou e continua a provocar movimentos em múltiplas direções.

Os desafios na carreira educacional são muitos. O trabalho com crianças, a alfabetização, a parte burocrática que também é responsabilidade do professor, e a necessidade de um retorno constante aos processos para as famílias e a equipe diretiva da escola representam grandes obstáculos. Isso exige organização e competência, capacidade muito bem desenvolvidas pelas professoras.

Cada professora, de maneira singular, destacou diferentes aspectos em suas trajetórias, ora influenciadas pela dinâmica de vida, pelo funcionamento da estrutura escolar, pela legislação específica, e em outras ocasiões, por ajustes e desajustes nas práticas pedagógicas. É importante notar que cada mulher interpretou esses movimentos com base em sua própria visão do campo de trabalho e da vida. Mesmo assim, muitos dos deslocamentos vividos encontraram eco nas experiências coletivas.

É fundamental ressaltar que essas recordações podem servir para uma reflexão profunda e para dar visibilidade a momentos únicos que constroem a escola. Assim como a cultura, a escola não existe sem as pessoas. Aqueles que circularam nesses espaços ao longo do tempo têm a capacidade de trazer clareza a questões relevantes, como a humanização desse ambiente de conhecimento.

A pesquisa evidenciou diferentes cenários relativos às tessituras de vida das professoras, de forma a demostrar a complexidade dos desafios que os educadores enfrentam na construção de novas humanidades que procuram ser mais paulofreireanamente afirmando.

A prática pedagógica de cada uma das professoras pesquisadas evidencia que toda a busca de emancipação e autonomia pressupõe riscos e dúvidas. Contudo, quando a intenção consiste em construir uma educação de possibilidades, inexistem certezas.

O importante é, a exemplo das professoras que compõem o jardim deste texto dissertativo, contribuir com a criação de caminhos libertadores e das orientações da pedagogia dos oprimidos, de forma a levar em consideração a hegemonia de processos bancários na educação e do controle dos processos institucionais que afiançam a continuidade de configurações conservadoras, condição que a educação precisa enfrentar.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. N. Memórias de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. Revista Educação, Porto Alegre, mai/ago. 2021.

ALMEIDA, Sara Caetano de. É preciso ter paixão para ser professora? História de vida. Porto Alegre, 2015.

ALLAN, Luciana. Escola.com. 1. Ed. Barueri, SP: Figurati, 2015.

ARENDT, Hannah. A crise na educação: entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia. – 3. ed. – São Paulo: Moderna, 2006.

ALVARENGA, Marcia Soares de. Sentidos de cidadania: políticas de educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AZEVEDO, Karla Veruska. "Você quer me ouvir?" Narrativas (auto) biográficas de professoras da rede municipal de Vitória/Es aposentadas por invalidez (décadas de 1980 a 2000). Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Espírito Santo – UFES, Espírito Santo, 2015.

AZEVEDO, Nair Correia Salgado de; SBRISSA, Leda. Mulher e pedagogia: questões históricas e de gênero ligados à educação brasileira. Campo da história, 8(1), 729-748 https://ojs.campodahistoria.com.br/ojs/index.php/rcdh/article/view/141/118. Acesso em 31 de julho de 2024.

AZEVEDO, José Clovis de. Educação pública: o desafio da qualidade. Estud. av. v.21. n.60. São Paulo. May/Aug. 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (DSM-5): Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (5ª ed.). Artmed. 2014.

ALMEIDA, Wilson Mesquita. Desigualdades Educacionais. In: ZIMERMAN, Artur (Org.). Os 'Brasis' e suas Desigualdades. 1a . ed. São Bernardo do Campo: Editora da UFABC, 2017, p.03-26.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.
BAKER, J. A. Contributions of teacher: child relationships to positive school adjustment during elementary school. Journal of School Psychology, 2006.

BARROS, E. C. P. G., SGUAREZI, S. B., CARDOSO, K. E. H., FROEHLICH, A. G., RAMBO, J. R., LAFORGA, G., SOUZA, W. J. DE, & COSTA, M. DE O. (2020). Balanço de produção científica: operacionalização do programa nacional de alimentação escolar (PNAE) com agricultura familiar / Scaling of scientific production: operating the national school food program (PNAE) with family agriculture. Brazilian Journal of Development, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-100. Acesso em 16 abr 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Orientações pedagógicas para formação de educadores e educadoras. Brasília, MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_pedagogicas_novo1.pdf. Acesso em 03 de fevereiro de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF,1998, v.1.

BERNADINO-COSTA, Joaze. O sindicato das trabalhadoras no Brasil: teoria da descolonização e saberes subalternos. https://web.archive.org.web.2018720160605id_/http//reositorio.unb.br/bitstream/10482/2711/1/2027_JoazeBernardinoCosta.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2023.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, B. O. (2002). O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, 28(1), 11–30. https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002. Acesso em 04 março 2024.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, Alysson Massote (org.). O mundo social da criança: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRITO, Italo Antônio Amaral de; CARVALHO, Sabrine Caroline da Silva. Diversidade cultural na escola. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 33, 6 de setembro de 2022. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/31/diversidade-cultural-na-escola

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. "Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras, profissionais de luxo". Revista Estudos Feministas , ano 3, p. 9-24, 1999.

BRUSCHINI, Cristina."Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos". Cadernos de Pesquisa, v. 32, pág. 537-572, 2007.

CASTILLO, A. R. G. L., RECONDO, R., ASBAHR, F. R., & MANFRO, G. G. (2000). Transtornos de ansiedade. Brazilian Journalof Psychiatry, 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006. Acesso em 16 abr 2025.

CAETANO, L. M. Relação escola e família: uma proposta de parceria. Revista Intellectus, jul./dez. 2014.

CAMBRAIA, Cláudia; LOUSADO, Isabel. A voz silenciada na literatura brasileira. Disponível em: https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373324756_ARQUIVO_artigo-FazendoGenero.pdf. Acesso em 20 de outubro de 2023.

CARDOSO, Jaqueline Silva; DANTAS, Tânia Regina. A formação docente e o método (auto) biográfico: Reflexões sobre a educação de jovens e adultos. ALFAEJA. Bahia, 2017.

CARVALHO, Thiago Moreira de; OLIVEIRA, Luiz Guilherme de; ALMEIDA, Mariana Lima Cruz de; CARVALHO, Poliana Cristina Oliveira de. A economia solidária como um instrumento do giro decolonial do saber econômico capitalista. Revista de Estudos Pesquisas sobre a América, 12(3), 101-121. https://periódicos.unb.br/index.php/repam/article/view/20990. Acesso em 30 de julho de 2024.

CAVALCANTE, Fabiano Lopes; SILVA, Edilania de Paiva; CAVALCANTE, Jorge Jeronimo. Método (auto) biográfico e a pesquisa de formação. ATAS, Bahia, 2017.

CAZETTA, Aline Mariani. Impactos da burocracia no trabalho docente no estado de Minas Gerais sob o governo Romeu Zema. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Belo Horizonte-MG.2022. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37945/1/ImpactosDaBurocracia.pdf. Acesso em 16 abr 2022.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução Ephrain Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

COELHO, L. M. C. História(s) da Educação Integral. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 83-96, abr. 2009.

COHN, C. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORREIA, Patrícia Carla da Hora. Residência Pedagógica e Adaptação Curricular: Parâmetro para inclusão escolar. 2019.

COLASSANTI, Marina. Além do bastidor. In: Uma ideia toda azul. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979, p. 17-9.

CORRALES, Johana Barreneche. O método autobiográfico e a pesquisa social: testemunhos e história de vida. Fazendo gênero, Florianópolis. Ago, 2018.

CONTRERAS, J. D. A autonomia de professores. Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

CUNHA, M. A. A.; NUNES, C. M. F. As biografias educativas como fonte de pesquisa e estudo no campo da formação docente: notas iniciais para uma discussão teórico/metodológica. Revista Thema, v. 14, n. 2, p. 9-13, 2017. Disponível em: http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/489/346. Acesso em 04 mar. 2024.

CRUZ, Giedra Ferreira da. SOUZA, Iris Nunes de. Marcas da colonização impressas no corpo e na alma das mulheres: a implacável linguagem do padrão de beleza inalcançável. Polifonia, Cuiabá-MT, vol. 29, n. 54, p. 01 a 188, abr. - jun., 2022. Disponível em: https://periodcoscientificos.ufmt.br. Acesso em: 14 jan de 2024.

DAVIS, Ângela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DANIELLI, João Paulo; NIERDMAYER, Isabel Cristina. Método materialismo histórico dialético: apontamentos teóricos e sua contribuição para a educação. Paraná, CONEDU, 2021.

DOIMO, A. M. A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1995.

DUNN, W. Public policy analysis: An introduction. 2. ed. Englewood Cliffs, N. J.: PrenticeHall, 1994.

EYER, H. O. Da integração escolar à Educação Inclusiva: implicações pedagógicas. In: BAPTISTA, C. R. (org.). Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73-81.

FERREIRA, A. T. B. A mulher no magistério: razões da supremacia feminina (a profissão docente histórica). Recife, UFPE, 1998.

FERREIRA, Fernanda Nunes. O multiculturalismo e o currículo escolar: desafios e possibilidades para o novo milênio. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Ferreira%2C+Fernanda+Nunes. Acesso em: 17 de março de 2023.

FONSECA, Claudia; JARDIM, Denise; SCHUCH, Patrice. 2021. Tecnologias de governo: apreciação e releituras em antropologia. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 9-34. ISSN 1806-9983

FOUCALT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Maria Amelia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/gd7J5ZhhMMcbJf9FtKDyCTB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 16 de abr de 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Professora, Sim; Tia, Não: cartas a quem ousa ensinar. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. – 55ª ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. O Caminho se faz caminhando: Conversas sobre educação e mudança social. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, Claudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e avaliação. In: Indagações sobre currículo: currículo e avaliação. Brasília: MEC/SEB, 2007.

FREIDSON, E. Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política. São Paulo: EDUSP, 1998.

GADOTTI, M. A dialética: concepção e método in: Concepção Dialética da Educação. 7 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. pp. 15-38.

GIL, M (Coord.). Educação inclusiva. O que o professor tem a ver com isso? São Paulo: Impressa Oficial do Estado de São Paulo, 2025.

GIDDENS, Anthonny. Sociologia. Trad. Sandra Regina Netz. 4º ed. Rio Grande do Sul: Artmed 2005.

GOBERT, MULLER VAZ., Políticas públicas. Revista nova Atenas de educação e tecnologia. Revista eletrônica do departamento. Acadêmico de ciência da saúde Educação física e esportes – Biologia – Segurança do trabalho. v. 10, n. 1, jan./jun., p.54- 67, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresa. Mai/jul. São Paulo, 1995.

GOFFI, Maria Gabriely; PIMENTEL, Dhiener Thalia Santos; THOMÉ, Jaqueline Sockensky. O pedagogo na escola. Formação e atribuições legais e identidade profissional. Revista V CONEDU. Jun/jul. Pernambuco, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

GOMES, R. M. S.; PEREIRA, A. M. S. Estratégias de coping em educadores de infância portugueses. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 12, n. 2, p. 319-326, 2008.

HAGE, Salomão A. Mufarrej. Transgressão do paradigma da (multi)seriaçãocomoreferência para a construção da escola pública do campo. Educ. Soc. Campinas, v.35,n°.12, p. 1165 -1182, out. -dez., 2014.

HERRLEIN, Maria Bernadette Petersen. Professoras: Uma lição de vida. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 1995.

HÖFLING, E. de M. Estado e políticas (públicas) sociais. Cadernos Cedes, Campinas, v. 21, n. 55, p. 30-41, Campinas, nov. 2001.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. Eu não sou mulher? Mulheres negras e o feminismo. Trad. Bhuvi Libanio. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOLMES GROUP. Tomorrows teachers: a report of the Holmes Group. East Lansing, MI: Holmes Group, 1986.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
HUBERMAN, M. O ciclo de vida profi ssional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

JUNIOR, Francisco de Britto Júnior; JUNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/09/britto-e-feres-a-utilizac3a7c3a3o-da-tc3a9cnica-da-entrevista.pdf. Acesso em 16 abr 2025.

KONDRATIEV, Mirrail Iurievitch. Vzaimosviaz avtoriteta litchnosti i avtoriteta roli utchitelia [Interrelação entre a autoridade da personalidade e a autoridade do professor]. Voprosi Psirhologuii, n. 2, p. 99, 1987.

KOSIK, K. Dialética do concreto. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de.; MORAIS, A. G. de. Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo de reflexão. In: NASCIMENTO, A. R. do. et al.(Orgs.). Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 97-108.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. 288p.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia, e pedagogos para quê? 12ª ed – São Paulo: Cortez, 2010.

LUGOMES, María. Rumo ao feminismo decolonial. Florianópolis: Estudos Feminista, 2014.

LUSTBADER, Wendy. O que vale a pena: a sabedoria de quem viveu para aprender. Tradução Juliana G. Lacerda. – São Paulo: Jardim dos Livros, 2008.

LÜCK, Heloísa. Concepções e processos democráticos de Gestão educacional. 7ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

MARQUES, R. A escola e os pais, como colaborar? Lisboa: Texto Editora.1999

MAINARDES, J; MARCONDES, M. I. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 106, p. 303-318, jan./abr. 2009. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000100015

MASSCHELIEN, Jan; SIMONS, Maartem. Em defesa da escola: uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MATTOS, Carmem Lucia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. SciELO, Campina Grande, 2011.

MARTINEAU, S. Un champ particulier de la sociologie: les professions. In: TARDIF, M.; GAUTHIER, C. (Éd.). Pour ou contre un ordre professionnel des enseignantes et des enseignants au Québec. Québec: Université Laval, 1999.

MARTINS, Lígia Márica. LAVOURA., Tiago Nicola Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

MIRANDA, Geize Rodrigues de. História de vida de professoras do campo na região de Cáceres nas décadas de 1970 a 1980. Monografia. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres, 2015.

MINOGUE, in Cristopher; HAM e Michael HILL. N.d.p.05. The policy process in the modern capitalist state. Prentice-Hall; 2. ed. Tradução: Renato Amorim e Renato Dagnino. Adaptação e Revisão: Renato Dagnino, January 1993.

MONTEIRO, Silas Borges. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. Educ. Pesqui. [online]. 2007, vol.33, n.03, pp.471-484.

MOTA, Thiago Henrique (org). (Ensino antirracista na educação básica: da formação de professores ás práticas escolares. Disponível em: https://www.ped.ufv.br/wp-content/uploads/2021/06/182-Ensino-antirracista-na-Educac%CC%A7a%CC%83o-Ba%CC%81sica.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2023.

MUNIZ, Gardenia Oliveira; Brito, Talamira Taita Rodrigues. A trajetória docente de mulheres que lecionaram ciências da natureza: o desafio da docência. Revista diversidade e educação, Minas Gerais, 2021.

NAZARENO, Elias; CARDOSO, Ludimila Stival. Deocidentalização e decolonialidade: a mudança intercultural na política interna e externa do Brasil. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/259_trabalho.pdf. Acesso em 5 de agosto de 2023.

NÓVOA, A. Formação de professores e a profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 13-33.

NÓVOA, A. Profissão professor. 2ª ed. Porto/Portugal: Porto Editora, 1997. NÓVOA, António; HUBERMAM, Michaël; GOODSON, Ivo; HOLLY, Mary Louise;

MOITA, Maria da Conceição; GONÇALVES, José Alberto; FONTOURA, Maria Madalena; BEM-PERETZ, Mirian. Vidas professores. 2ª – Portugal: Porto, 2012.

OLIVEIRA, Lígia Ziggiotti, (org.). Educação e interscionalidades. NEAB, Curitiba, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo histórico. São Paulo: Scipione. Acesso em 13 de jun. 2024, 1997.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PARENTE. Cláudia da Mota Darós. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/DrWKHc9xpY9X9SmwK7K6wZw/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 10 fev 2025.

PASSOS, Joana Célia dos. As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/artigos/desigualdades_educacionais_eja.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2023.

PASSOS, L. A. O Emancipatório. Revista Sina. Out. Cuiabá: 2007.

PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin.

Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista. Abr. Belo Horizonte, 2011.

PEREIRA Lilian Alves e CERVI, Giseli Maria. Magistério: que lugar é esse? Unoesc. 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/3519/351964668006/html/. Acesso em 16 de abr 2025.

PEREIRA, Áurea da Silva. Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas. CRV: Curitiba, 2015.

PEREIRA, Lilian Alvez; FELIPE, Delton Apdo; França, Fabiane Freire. Origem da escola pública Brasileira: A origem do novo homem. Revista HITEDBR on-line, 2014.

PEREIRA, J. R., MORAES, P. F., PEREIRA, U. V. & Costa, J. L. R. Saúde,envelhecimento e aposentadoria. In J. L. R. Costa & A. M. M. R. Fuzaro Junior (Orgs.), O que vamos fazer depois trabalho? Reflexões sobre a preparação para a aposentadoria (pp. 45- 62). São Paulo: Cultura Acadêmica. 2026. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v20n2/a06v20n2.pdf. Acesso em 10 fev 2025.

PEREIRA, D. E. C. Qualidade de vida na terceira idade e sua relação com trabalho no grupo de terceira idade “Amor e Carinho” de Santa Terezinha de Itaipu”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

PERROT, M. Minha História das Mulheres. Tradução Ângela Maria da Silva Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. São Paulo, Afrontamento, 1991.

PORTO, M.R.S. Função social da escola. In: FISCHMANN, R. (org). Escola brasileira: temas e estudos. São Paulo: Atlas, 1987.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para dirigir os trabalhos de conclusão. Revista diálogos acadêmicos, Jan/jul./São Paulo, 2015.

PRUDÊNCIO, Gabriela. Dia da mulher negra celebra Tereza de Banguela. R7, 25, de jul de 2024. Disponível em: https://lorena.r7.com/categoria/Noticias/Dia-da-Mulher-Negra- celebra-Tereza-de-Benguela. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2025.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: Um histórico sobre a feminização do magistério. Disponível em: W.W.W. researchgate.net.com.br. Acesso em 05 de maio de 2023.

REIS, Marília Freitas de Campos Tozoni. O método materialismo histórico-dialético para a pesquisa em educação. Revista Simbio-logias, Nr, 2017.

REZENDE, Damaris Tuzino; TÁRREGA, Maria Cristina Vidotte Blanco. Colonialidade do corpo feminino negro: trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e justiça social. Disponível em: https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/158389/13.colonialidade_corpo_feminino_rezende.pdf

RIBEIRO, Djamila. O que é Lugar de Fala? São Paulo: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres na educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas. São Paulo: Arte & Ciências, 1997.

RIBEIRO, Luana Leal; SILVA, Renata Maldonado da; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Balanço de produção cientifica sobre a política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva. Educação em Revista, Belo Horizonte, 2021.

RIBEIRO, S., WELTER ADAMS, F., & MARIA TAVARES NUNES, S. (2022). Dificuldades e desafios dos professores do ensino fundamental 1 em relação ao ensino de ciências. Devir Educação, 6(1), e–536. https://doi.org/10.30905/rde.v6i1.536

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia; COUTINHO, Rodrigo Rocha. Mulheres brasileiras em posições de liderança: Novas perspectivas para antigos desafios. Revista Economia Global e Gestão, v. 16, n. 1, p. 61-79, 2011. Disponível em:< http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-74442011000100005>. Acesso em: 07 de agosto de 2018.

SAVIANI, D. Escola e democracia 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na realidade de classes: mitos e verdade. Petrópolis, Vozes, 1976.

SANT'ANA, Wallace Pereira; LEMOS, Glen Cézar. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Ludke e André. Revista Eletrônica Científica Ensino Superior Interdisciplinar. Nove, Mossoró, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologia do Sul. Disponível em:

https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf . Acesso em 10 de setembro de 2023.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, SP: Cortez, 2007. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, Tomas Tadeu da. Diferença e identidade. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

SILVA, N. V. DOS S., ROSA, V. S., NERIS, V. S. F., & SILVA, J. M. DA. (2024).

Desvendando o planejamento educacional: Uma análise da aplicação prática nos contextos do plano de ensino e plano de aula. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, 10(3), 2287–2296. https://doi.org/10.51891/rease.v10i3.12955

SILVA, Maria do Socorro. Educação Básica do campo: organização pedagógica das escolas do meio rural. In: . (org.). Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisas e práticas educativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SOUSA Angélica Silva de, OLIVEIRA, Guilherme Saramago de, ALVES. Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021. Disponível em: file:///C:/Users/IFMT/Downloads/2336-Texto%20do%20Artigo-8432-1-10-20210308%20(3).pdf. Acesso em: 16 abr 2025.

SOARES, J. M. Família e Escola: parceiras no processo educacional da criança. 2000.

SOARES, Antônia Mendes Feitosa. Autobiografia e formação docente: para a prática reflexiva. Piauí, 2011.

STERING, Silvia Maria dos Santos. O desafio da qualificação para o trabalho na perspectiva do Proeja no IFMT - Política, fato e possibilidades. Tese de doutorado. Universidade Julio de Mesquita Filho-Unesp Rio Claro. São Paulo - SP. 2015.

STASCXAK, Francinalda Machado; SANTANA, Juliana Silva; BARBOSA, Tereza Cristina Lima. A inserção e atuação da mulher no magistério: um estado em questão. Disponível em: <https://www.editorarealize.com>. Acesso em 25 de junho de 2023.

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. Educ. Soc. 2013, vol.34, n.123, pp. 551-571. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302013000200013&script=sci_arttextgt; Acesso em: 13 de out. 2024.

TELLES, Antonia Marlene Vilaca. A presença da mulher no contexto da história da educação. Revista X ANPED, Florianópolis, out. 2014.

ULIANA, Rúbia Mara Moreira Andrade Uliana. BATISTA, Raquel Aparecida. Fracasso escolar: De quem é a culpa? Cadernos da Pedagogia, v. 16, n. 36, p. 72-82, setembro-dezembro/2022. Disponível em: https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br. Acesso em 19 jan. 2024.

VALLE, Ione Ribeiro. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? In. Revista Bras. Est. Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 216, p. 178-187, maio/ago. 2006.

VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos. A cor das cotas nas Universidades brasileiras: ação afirmativa, raça e sobrerrepresentação de grupos sociais no ensino superior. https://abpnrevista.org.br/site/article/view/69. Acesso em, 20 de agosto de 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogia decolonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-xistir y re-vivir. Disponível em: https://www.educonline.openjournalsolutions.com.br/index.php/eduonline/article/view/1802. Acesso em 25 de set de 2024.

WACHOWICZ, L.A. 2001. A Dialética na pesquisa em Educação. Revista Diálogo Educacional. 2, 3 (jul. 2001), 171–181

XAVIER, Edson Luiz; LOPES Tette Marcelo. Educação feminina no Brasil: da submissão colonial: ao início de uma nova posição social. Tecnologia e desenvolvimento, out, 2014.

XAVIER, Sueli Peres. O tempo no agir docente: algumas reflexões para a formação de professores de línguas. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/tHw8ZfZT4fPRKGHqyWVBFPN/?format=pdf&lang=pt.Acesso em 16 de abr de 2025.

ZAFFARI, N.T. et al. Síndrome de burnout e estratégias de coping em professores: diferença entre gêneros. Revista de Psicologia IESB- Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2009.

APÊNDICE

1. Como chegaram no Estado de Mato Grosso?

2. Como foi o processo de formação, desde os anos iniciais a graduação no curso de pedagogia?

3. Como vivem atualmente?

4. Como está sua saúde física e mental?

5. Como foi o processo de aposentadoria?